

Anexo I

Ambições

Ana de Castro Osório

Edição Crítica

Vanessa Sofia de Sousa Domingos

I

Estamos¹ na botica duma vila de província, velho burgo acastelado, orgulhoso dos seus forais e brasões como da nobreza que em tempos dali saiu e se espalhou pelo país², deixando fortes raízes na terra, que ainda exporta fidalgos como podia exportar qualquer mercadoria.

Despoetizada pela moda que tudo confunde e baralha e pela turba de veraneadores que a procuram para refazerem os pulmões e os nervos, a que os invernos de Lisboa esgotam a energia, é ainda assim das mais típicas e formosas da província.

Afora dos muros, os campos estendem-se verdes — do verde-escuro dos pinheiros, do verde-cinzento das oliveiras, do verde-brilhante dos castanheiros... de longe em longe, manchas risonhas de pomares, salpicadas de casais brancos, com recortes de velhos campanários, fachadas enegrecidas dos antigos solares, e as ermidas caiadas nos cimos dos montes cobrindo com um leve e translúcido véu de misticismo pagão a hilariante festa da natureza.

Nada mais próprio, em verdade, para uma vilegiatura alegre, do que esse recanto de província — vale ameno entre montanhas, com o rio cachoando ao fundo, deslizando mais adiante entre salgueirais, como assustado da sua própria fúria.

Há ali de tudo para deleite dos ociosos que no Verão passeiam pelas províncias os tédios e as *toilettes* da moda.

Para os *picnics*, a sombra de velhas árvores em quintas senhoreais; o rio, com as madrugadas de pescarias alegres; e lá para Setembro a caça a rodos pelos matagais da serra; e para cúmulo as estradas bem conservadas pelo interesse que a gente da vila mostra em dar boa conta de si perante a civilização dos *pur-sangs* e dos cocheiros ingleses.

Estamos, porém,³ no Inverno, numa fria tarde de fins de Janeiro. Ora o que se há-de fazer no Inverno numa terra de província, quando a neve cobre o cimo das serras e o vento corta as carnes como vergastadas? Procura-se então um bocado de sociedade para encurtar as noites sempre grandes para os preguiçosos e os paroleiros.

⁴Vai-se para a botica, pois para onde se há-de ir?...

¹ Estamos] É [1903]

² no país] no reino [1903]

³ Estamos, porém,] Mas estamos [1903]

⁴ [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

Aquilo é o clube, o centro onde tudo se reúne e as novidades se sabem e comentam, primeiro que em parte alguma.

Toda a gente tem entrado numa farmácia e conhece mais ou menos o cheiro especial dos remédios, o feitio clássico dos boiões das pomadas, os frascos bojudos com tampas de vidro e letreiros em grossas letras sábias, os pássaros empalhados entre o aquário com peixeziños vermelhos e a balança na sua maquina de mogno polido.

Em coisa alguma saía dos antigos moldes consagrados a propriedade do Sr. Domingos José da Silva, chamada a *botica velha*, para se distinguir da *nova*: envernizada de fresco, com mobília de casquinha folheada em mogno, fabricado n'uma marcenaria do Porto.

Contudo, a velha Farmácia rotineira e modesta não perdera os fregueses antigos, como se não cansava de o apregoar o seu feliz dono, que não sofria sem verdes olhares de inveja o luxo sibarita do competidor.

Por largos anos fora o único farmacêutico numas poucas de léguas em redor e gabava-se de que não havia quem lhe levasse a palma na confecção de umas certas pastilhas contra os vermes. Essa e a dos cães danados eram muito suas e a ninguém as daria senão no último arranço.

Mas um dia — questões de política, infâmias, invejas!... — eis que lhe surge pela proa a nova farmácia, com proprietário rapaz a modos literato e suas vistas altas de quem tem um curso e faz os rótulos em latim.

Ia tendo uma apoplexia o Sr. Domingos! A cada inovação que o seu rival trazia às velhas costumeiras de botica provinciana, ele desabafava em murros no mostrador e furioso sorver de rapé.

Andou atrapalhado uns tempos. O filho aconselhava que mandasse dar uma pintadela às portas, comprasse estantes e livros encadernados, e lá enquanto aos letreiros mandava-se ao mano, que estudava no seminário, que os escrevesse.

— Que não! — berrava o velho em vermelhas guinadas de orgulho — que assim tinha vivido sempre e assim queria morrer; que levasse o diabo os modernismos!

Nestes sentimentos era apoiado pela mana Joaquina, resmungando sempre encatarroada contra as novidades e contra o reumatismo que mal lhe deixava arrastar as pernas trôpegas.

Mas o caso é que a botica nova não lhe tirou freguesia, apesar dos fumos de sabichão do farmacêutico, porque a boa gente da província gosta sempre de andar pelo seguro: — *Ná* — diziam eles —, temo-nos governado com o *sô* Domingos, e com as

suas drogas nos iremos medicando; nada de venenos, que são os remédios novos!

E batiam familiarmente nas costas do velhote, que esfregava as mãos triunfante.

Passara-lhe já a maior fúria, mas o rancor ficara latente e resmungão, como cachorro mal acostumado ao canil. Pessoa que, por acaso, ou propositadamente, entrasse na *nova* — como dizia com irónico desprezo — era certo incorrer para sempre no desagrado geral da família.

Era ao acender dos candeeiros de petróleo — não chegara ainda a civilização da electricidade a todos os cantos de Portugal⁵ —, por um fim de dia de frígido Janeiro.

Lá fora a escuridão fazia-se rapidamente, com um tremor de estrelas que anunciavam muita geada por essa noite fora.

O Sr. Domingos José da Silva, *matriculado* farmacêutico no largo da Fonte (como de si próprio dizia com grossa voz fanhosa e expedimentos de perdigotos por de mais explicativos para quem lhe ficava em frente), estava nos seus momentos felizes.

Era à hora a que os parceiros do solo e da má-língua começavam a chegar, e toda a sua grossa pessoa rejubilava festiva.

Não que ele fosse positivamente um mau homem, que não era! Mas aquele fraco por saber o que se passava na terra fazia-o esperar pela noite como pelo melhor bocadinho da sua estúpida vida, partilhada entre as tisanas, as descomposturas aos fregueses pobres, e o desvanecimento pela esperteza própria e a da família.

Não era raro ouvir-lhe contar os adiantamentos e habilidades da sua prole, n'estes e noutros discursos por igual demonstrativos.

— O meu filho *Antoino*, *cabalidade*, *cabalidade!*... Deu os riscos pró chafariz novo. Ainda os pintava melhor, a *cambra* é que não quis gastar dinheiro. Mas deixem-me ser *vérador* que o caso é *oitro*...

Tinha feriado no bestunto esse ideal supremo de labrego, que ao acaso de muito pontapé da sorte conseguira largar o cabo da enxada pela mão do almofariz.

Passeava, pois, o Sr. Domingos José da Silva ao longo e largo da farmácia, para melhor aquecer os pés metidos em tamancos forrados; esfregava as mãos vermelhas e enfrieiradas vestidas de mitenes de algodão verde-salsa; tossia para o cachene⁶ enrolado ao pescoço, e esperava os parceiros enquanto o filho *Antoino* acendia as luzes e preparava as cartas para a partida.

⁵ Era ao acender dos candeeiros de petróleo — não chegara ainda a civilização da electricidade a todos os cantos de Portugal] Mas, isto era ao accender dos candeeiros de petróleo, — não chegou ainda a civilização do gaz a todos os cantos de Portugal [1903]

⁶ cachené] *cache-nez* [1903]

Numa das voltas do passeio, que o pôs em frente da porta, deu de cara com a Engrácia da Luz, a velha criada, quase da família, de casa dos Melos.

Estacando diante daquela visita inesperada, onde farejou um princípio de intriga para o serão do padre-cura e mais fregueses, perguntou solícito:

— Que é la isso, *nhora* Engrácia? Está alguém doente lá por casa?! Parece que a vejo assim a modos assarapantada!...

— Ai! Deixe-me aqui *sô* Domingos. Eu vinha em busca do Sr. Dr. Ramalho. Disse o Zé Leandro que vira chegar umas malas grandes no carro da estação, que talvez fosse o senhor douto... E vai eu vim em cata dele, porque a minha menina está muito mal, muito mal!... — puxando a ponta do avental, num arremesso à desgraça, limpou as lágrimas que lhe corriam em fio.

— Olha que *lanzudo* aquele! Essas malas que diz são do caixeiro das amostras, que até está em casa do Brito. O bruto não sabe *cabriram* as *cambras* e o Dr. Ramalho é deputado? Que eu *tamem*, não sei o que ali anda!... Ele não pára cá em chegando o Inverno... — piscava os olhos ao filho com ar de finura lapónia, o que escancarava num regozijo a boca do rapazola. Mas, reparando no ar desinteressado da Engrácia, que se voltava já para a porta, tornou:

— Olhe cá, então o Dr. Vilhegas⁷, o doutor *novo*, não está lá sempre metido em casa, não é até o noivo da Pilarzinha?

— Pois é, é!... E não sei que lhe diga, *sô* Domingos, mas aquele casamento foi a nossa desgraça. Nem ele se faz, que a minha menina morre!...

— Ele que é médico há-de curá-la, e com remédios da *nova* a sua menina irá a melhor, verá!...

Ria num pigarro escarninho, que arrepiava.

— Olhe, *sô* Domingos, eu não sei d'essas coisas. Os senhores é que lá entendem dessas guerras! Só cá me consolava o coração que o Sr. Dr. Ramalho visse agora a minha menina. Está *finadinha* de todo. Aquilo é uma fraqueza de peito, uma canseira que nem parece a mesma! *Decoadinha* como a senhora da *Solidade*! Valha-me o Senhor dos Aflitos da igreja, que só a ele a gente se pode apegar!...

— E os pais!?...

— Ora, os pais?!... A mãe chora dia e noite e o pai anda assim como maluco, nem toma tento no que se lhe diz.

⁷ [Em ambas as edições consta «Viegas», mas crê-se que tenha sido um lapso, pois daqui em diante a personagem é sempre referida como «Vilhegas», sendo a origem do nome explicada na página 145.]

— Mas porque não mandaram vir o Dr. Ramalho?

— Todos os dias falamos nisso, mas a menina não quer, diz que está melhor e se o mandam vir é porque a acham muito mal. Até disse que se escondia, que lhe não falava. Não se há-de contrafazer uma doentinha. O Dr. Vilhegas também diz que não é preciso!... Ai, não estar ca o Joãozinho!...

— E a prima, a Candidita, o que faz?

— Está uma boa delambida, essa!... Aquilo nem parece prima da minha menina, uma soberbona, uma tola... Enfim... vou-me que tenho pressa. Adeus, *sô* Domingos, recados à *sora* Joaquina.

— Obrigado. Até outra vez, *nhora* Engrácia!

Deixou-a partir sem mais conversa, por lobrigar o gabão do padre-cura, que atravessava o largo.

— Boa noite, meus senhores — entrou dizendo e deitando para baixo a gola de peles, o padre, novo ainda, espadaúdo, cacete nas unhas, cigarro nos beiços, e grossas botas-tamancos.

— Então como vai isso, *mestre* Domingos, rijo e fero, hein? Isto por cá está hoje muito só. Estes senhores têm medo do frio, que está de rachar. Não temos parceiros para o solo, aposto! — escarrava para o chão, raspando com o pé.

— Ainda não é tarde, ainda não é tarde. O Neves não tarda por *hi*.

— Aquela que saiu não era a Engrácia dos Melos?

— Era, vinha em busca do Dr. Ramalho; imaginava que tinha vindo, porque *plos* modos a Pillarzita está a *espichar*.

— Ora adeus! A você o que o faz falar é a inveja.

— Inveja, eu?! Agora de que havia eu de ter inveja? Pois que é o *Antoio* de Melo mais *camim*? A mulher sim, não digo nada, agora ele!... Olha a grande *jaração*!

— Não é lá disso que você tem inveja, *sô* Domingos; deixe-se de cantigas! O que a você o rala é a pequena ser tratada pelo Vilhegas, que os levou para a *nova*.

— Quê?!... — rouco de fúria contida, recomeçava o Domingos o passeio nuns ímpetos de fera, vendo o padre torcer-se às gargalhadas.

Era o pratinho do cura meter ferro ao farmacêutico; e este, sabendo isso, não queria responder para não dizerem que dava o cavaco.

O padre-cura era o único a quem ele desculpava umas certas graçolas e o único que aceitava na sociedade depois de o saber frequentador da *nova*. Um pouco por medo, porque o padre tinha génio de varrer uma feira e não raro se falava de romarias em que

o seu cacete se cruzara com o dos mais *pimpões*, e um pouco, também, por curiosidade de saber o que se passava no campo inimigo.

Ainda o padre se torcia com riso quando entraram o Braga usurário e o recebedor, que, só de o verem rir, começaram também a rir, compreendendo logo do que se tratava pela cara apoplética do boticário.

O recebedor — muito vermelho, quase cego, atarracado e obeso — interveio, conciliador!

— Lá está o Domingos *a dar a casca*; deixe lá, homem, não faça caso. Ó senhor padre Matias, deixe-o lá!

— Eu pego-lhe?! Só lhe digo as verdades, e vai ele põe-se que nem uma barata.

— Pudera não! Vem cá dizer que tenho inveja da *nova*...

— Pois não tem, não!... — recomeçava o riso que endoidecia o outro.

— Ó padre!... — avançava irado.

— Deixe lá, deixe lá, aquilo é graça — amansou o Braga, lambendo-se por novidades. — Vamos a saber a que veio a história?

— Conta lá, homem, desembucha.

— É a pequena do Melo que está doente — explicou o cura, levantando-se para ir contar as cartas em cima do mostrador — e cá o mestre Domingos diz que são venenos da *nova*...

— Ó senhor padre Matias! O senhor põe-me doido, olhe que me pode meter em trabalhos. Eu disse lá semelhante coisa, credo, que *home* este, como as inventa!...

— Ora, se o não disse, pensou.

— Não pensei, não senhor!

— Então há-de pensar.

— Ora isto, isto! Mas que mal fiz eu a Deus, para aturar este *home*!

— Pois sim, diga-lhe dessas. Venham os senhores jogar uma partida enquanto ele desabafa.

— Mas conte sempre — acudiu o Braga, muito curioso.

— Não é mais nada. A pequena está doente: nem ela melhorou em termos desde a pneumonia, pleurisia ou lá o que foi...

— Aquilo foi doença do diabo, foi — comentou o recebedor.

— E depois? — apressou o usurário.

— Depois, o médico é o Vilhegas, que vai à *nova*. E o Domingos desespera-se porque não está o Ramalho, que é cá da *velha*. Vai pelo *antigo regime*...

— Não, o Ramalho não tem preferências, e lá bom médico é ele.

— Ó recebedor, você está sempre a defender todos, sem que ninguém lhe pague o sermão. Não digo que seja mau, mas muito adiantado não está, não se pode comparar com um rapaz saído da escola, conhecedor de todos os processos mais modernos.

— Não sei. Eu cá só me quero com ele. O Vilhegas será muito bom, não contesto, mas cheira-me a intrusão.

— Pois não é, fique sabendo que é um talento!

— Será!...

— Mas o que tem a pequena? — perguntou o Braga, que não estava ainda satisfeito.

— Não sabem ao certo. Dizem que é nervoso. O nervoso agora serve para tudo. Ela é fraquita. O João é que fica um bom partido...⁸

— Hum! Não lhe hão-de durar muito⁹, acostumado a viver no estrangeiro...

— Deixe lá, amigo Braga, um estudante lá fora não gasta mais do que gasta por cá; e sempre trazem outro lustro — contraditou o cura, todo de ideias avançadas e amigo do progresso.

— Há o perigo de se não darem cá depois, como sucedeu ao Pedro de Ataíde da casa da Fradosa. Veio lá de Paris com tais ideias que não podia tolerar a família — ponderou o recebedor.

— Não, esse caso foi outro. Sei-o eu melhor que ninguém, porque fui amigo do Pedro desde a escola do padre Zé. Era um bom rapaz! Generoso, franco, não podia ver uma desgraça que não a aliviasse com dinheiro, conselhos e favores, tudo! Era uma jóia. Mataram-no os beatos que se meteram lá em casa e que ele não podia suportar. Com as suas ideias livres, a sua consciência clara, era um escândalo na casa que se tornou um asilo de quantas irmãzinhas, frades e freiras, aparecem por aí. O rapaz dizia, e dizia bem, que não se importava que rezassem e jejuassem sempre que lhes apetecesse, mas que o não quisessem converter a ele, que o deixassem em paz ir para o inferno ou para o céu à sua vontade. Houve questões horrorosas entre ele e o pai, que é o verdadeiro beato da casa. Por fim descoroçoou e partiu outra vez para França. Lá morreu, ou se matou. Viram-se livre dele e agora rezam-lhe por alma. Eu sou padre, mas não gosto de beatérios. Também tenho tanta vocação para isto como para fiar na roca.

⁸ O João é que fica um bom partido...] O João é que fica um bom partido, para mais de quinhentos contos!... [1903]

⁹ Hum! Não lhe hão-de durar muito [Assim na edição de 1934. Esta fala vinha na sequência da que se encontra na nota anterior, «para mais de quinhentos contos», entretanto eliminada, não tendo o texto sido adequado à nova frase.]

— Ora, deixe se de contos, homem! Aquillo são tolices do Melo, que perdeu o juízo com o dinheiro do Brasil. Meteu-se a fidalgo, casou com a prima da viscondessa, já quer os filhos educados como príncipes.

— E soberbo!... — começou o Domingos, já serenado, visto que a *crítica* principiava. — Não há quem lhe chegue! E quer fazer *lords*¹⁰ de toda a família. Ao Vilhegas, lá porque era primo em décimo grau, emprestou-lhe o dinheiro *prós estudos*. Já se viu assim uma coisa?!

— Quem os conheceu!... — grunhiu o Braga entre uma baforada de cigarro e um solo resmungado a meia voz¹¹.

— Deixem lá, que ele é bom homem — terminou o cura, com a última carta que lhe saiu das mãos. — Só o que ele tem feito à sobrinha, que a tem em casa como filha!

— Hum! Uma boa prenda a tal menina, segundo diz a Engrácia — informou o Domingos.

— Bonita a valer. Se a vissem no Verão passado, nos anos da viscondessa!

— Então eu não estava lá? É muito bonitinha, é!

— Bonitinha! Onde tem você visto melhor, *seu* Braga?! É uma bela mulher!

— Ó cura, você parece que se lhe não dava de casar com ela.

— Se não fosse este diabo da batina, não lhes digo nada. Ainda que mulheres daquelas não são boas para pobres.

— E parece que não tem namorado — lembrou o recebedor, sempre comezinho nos comentários.

— Pois quem há por aí capaz de a tentar?! Você imagina que ela é parva, que se não conhece? Ó Braga, você é que podia casar com ela. Levava uma mulher que muitos lhe invejariam.

— Eu?!... Na minha idade, uma rapariga bonita, que há-de querer luxos... Você vê-me algum *t* na testa?!

— Não sei; ela é de fazer perder a cabeça... e você é rico... Sabe o que é ser rico? É ter tudo quanto se deseja. Se eu fosse rico como você, deixava crescer a coroa e ia até Roma para que me livrassem das ordens; depois casava com a pequena, olá se casava!... — estendia as pernas e cantarolava, esperando as cartas que o recebedor muito míope a custo despegava das mãos.

— Hum! Ela há-de pentear se para o primo.

¹⁰ *lords*] *lordes* [1903]

¹¹ meia voz] *mezza voce* [1903]

— O João, sim! Quer lá agora a Cândida sem vintém e sem educação!... — acudiu o recebedor. — Que isso lá, verdade, verdade, eu não quero nenhuma; sou casado, não há que desconfiar, mas a Pilar é *outra fazenda*. É muito fina, muito boa, não se compara...

— Pois sim, mas a Cândida é uma mulher a valer! Depois, a Pilar está noiva do Vilhegas, não há que pensar nela.

— Casar?... Se não morrer primeiro, intrometeu-se o boticário.

— Lá torna você, homem; olhe que já é mania de matar a pequena¹².

— *Nan* sei! Ele lá esta de dentro, vê as duas; talvez se arrependesse e...

— Cale-se aí, homem de Deus, não diga *barbarismos*. Lá vem o Neves.

O Neves, ainda rapaz, entrou tossindo a sua asma, magrizona, sem emprego certo, mas cheio sempre de afazeres, muito prestável e cumprimentador para os *grandes*, risonho no seu ar de pobre diabo.

— Vivam, meus senhores!

— Adeus, Neves, então o que há lá por fora?

— Não sei nada — respondeu sacudido, como se as frases lhe saíssem aos pedaços, aos arrancos, da boca embrulhada.

— Dizem que a Pilarzita está doente. É verdade? — interrogou o cura.

— Verdade, é; mas o meu primo disse-me hoje — não perdia ocasião de referir-se ao parentesco que o engrandecia, com a grandeza do Vilhegas — que não era coisa para as aflições dos pais. Noivo é ele e não vê motivo para tanta apoquentação.

— Talvez não veja bem... — disse entre dentes o farmacêutico.

— Que é lá isso, ó *sô* Domingos? Você parece que me traz *quesilha* desde que veio o meu primo. Olhe que eu não tenho nada com as suas zangas...

— Quem diz isso? É que hão-de ver muita coisa!... Eu cá sei...

— Sabe o quê? Diga aos amigos, desembuche.

— Nada, nada!...

— Está doido — rematou o cura, ainda preocupado com a beleza da Cândida.

¹² olhe que já é mania de matar a pequena.] Olhe que já é mania! [1903]

II

Era verdade. A Pilarzita havia uns tempos — depois de uma pleurisia que a tivera entre a vida e a morte — pusera-se num esmorecimento de flor que se estiola.

Não se queixava, que a doença não lhe pedia remédios nem desejos de melhorar — só os que ainda têm esperança de felicidade se apegam à vida e querem convencer-se de que o queixar-se lhes traz alívio.

A pequena, dantes tão alegre, duma vivacidade gárrula de avezinha amorosa, entristecera subitamente, e, taciturna, aborrecida, ninguém diria que era a mesma. De bondosa e tolerante que era, tornara-se impertinente e irritável, como se os nervos lhe andassem desorientados sob a pressão dum grande mal.

Essa mesma susceptibilidade mórbida, que transformara a rapariga de outrora¹³, alegre, boa e igual, numa nevrótica, minada de desejos e caprichos que logo se convertiam em saciamentos de vontade doente, dava-lhe por vezes também dias de tanta meiguice e passividade que o seu espírito não parecia ter mais energia do que o d'uma criança recém-nascida.

O noivo, o Emídio Vilhegas, tinha para desculpar estes caprichos e fases, discursos e teorias sobre as doenças nervosas, que deixavam os pais, senão satisfeitos, ao menos mais sossegados sobre a gravidade do estranho mal.

Ele e a prima da Pilar, a Cândida, que fora a sua companheira e amiga íntima desde a infância, não podiam compreender a quase aversão com que a enferma os olhava e por vezes até repelia.

No princípio da doença, quando a pleurisia se apresentara dupla e duma violência mortal, eles arvoraram-se em enfermeiros solícitos e era impossível exhibir aos seus affectos maior vigilância e cuidados. Mas desde que a febre cedera e a doente começara a reconhecê-los, afastara-os sistematicamente, com uma frieza de maneiras que mais se evidenciava pelo contraste com a mãe, a quem desejava sempre ao pé do leito, sem uma hora de repouso que não fosse substituída pela velha Engrácia.

Porquê?!... Os dois, no vão duma janela, num fugitivo momento de solidão, olhavam-se apavorados e trocavam rapidamente essa pergunta.

— Porquê?! — dizia o Emídio — terá acaso desconfiado alguma coisa?

— Parece!...

¹³ [Substituiu-se «doutroira» por «de outrora».]

— E se diz aos pais?!

— Que importa? Não o devem saber mais dia menos dia?... — murmurou a Cândida, fitando os seus olhos carregados de dúvidas nos olhos que o Emídio desviava intencionalmente, ao mesmo tempo que respondia: — Ah, mas por enquanto não... Bem vês!... Devemos-lhes tanto!... É urgente saber, custe o que custar, o que ela sabe de nós.

A conversa, cheia de reticências e subentendidos, foi interrompida pelo arrastar de passos trôpegos no soalho do corredor. Era a Engrácia que entrava para levar um caldo à doente, que no quarto ao lado se ia finando. Olhou os dois com severa desconfiança, enquanto o médico numa voz de perfeito sossego fingia dar as últimas recomendações à enfermeira¹⁴:

— Logo que venha o remédio da farmácia dê-lho de hora a hora, até que eu volte.

A Cândida afastou-se silenciosamente, enquanto o rapaz a ficava olhando embevecido. Era na verdade linda, mulher de fascinar e não de encantar, talvez, de uma beleza cheia, fria e escultural, que se impunha.

Branca como um lírio e tão branca que o seu busto triunfal mais parecia talhado no mármore de que se fizeram as maravilhas da estatuária grega. Cabeça alta e pequena levemente inclinada para trás, como que vergando ao peso dos fartos cabelos dum castanho que à luz toma reflexos oiro; a boca delgada, sempre aberta num sorriso frouxo de contemplação própria; e nos olhos negros, velados duma placidez funda de abismo, nada se poderia ler do que lhe ia na alma. Muito alta e direita, nobremente lançadas todas as linhas do seu corpo — era uma verdadeira maravilha da carne.

Nada parecida com a Pilar, que fora sempre duma graciosidade fina de intelectual; alta apenas para ser elegante; magra, sem o aspecto quebradiço dos doentes; duma palidez moreno-pérola: era em tudo o contraste da prima.

Criadas juntas, mas dissemelhantes, tanto física como moralmente, tinham-se feito mulheres e seguiam os seus gostos e inclinações, que os pais da Pilar não contrariavam na filha, que adoravam, e menos ainda na sobrinha órfã e pobre, que a bondade deles agasalhara e criara como igual aos seus.

António de Melo, o pai da Pilar, fora uma criança ainda para o Brasil, chamado por um tio que, como ele, partira havia muitos anos, deixando com lágrimas de amarga saudade os amigos e companheiros de jogos e romarias, o seu rebanho, a terra amada,

¹⁴ enfermeira] inferna [1903]

que era a sua pátria.

¹⁵Voltara anos depois — quando a morte do tio lhe dera liberdade para liquidar a fortuna — um pouco abatido pela nostalgia, mas ainda vigoroso de corpo e são de alma, como fora. Um bom coração de rapaz que adormecera na trabalhadeira mercantil, acordando já quando os outros, os que passam a mocidade em folgança, se sentem sem energia para amar sã e nobremente.

Como viera bastante rico e tinha uma finura natural, de temperamento delicado, na maneira de apresentar-se, conseguiu captar as boas graças dum velho fidalgo da terra, que tinha ao tempo uma filha para casar. Tinha a filha, o velho original, e uma pequena mas sólida fortuna ajuizadamente administrada; e uma e outra eram as paixões dos últimos anos, que queria¹⁶ entregar em mãos de homem capaz de as estimar.

— Enquanto a fidalguia — dizia a quem falava na humildade do nascimento do António de Melo — era coisa de que nunca lograra comer...

Era bonita a jovem Josefina, bonita e sadia de corpo e de alma, como quem fora criada nas serras e com a natureza aprendera a bondade natural e humana dos fortes.

Mal que a viu alegre e moça, como arbustozinho agreste que em seu tempo próprio se reveste de perfumadas flores, sem complicações de trato, nem agasalhos de estufa, amou-a António de Melo apaixonadamente. Doía-lhe no entanto recebê-la acompanhada dum valioso dote, ele que a amava com a simplicidade primitiva duma alma e dum corpo que se dão em troca de outro corpo e de outra alma por igual amante.

O homem que saíra do povo mais humilde, que arrastara uma vida trabalhosa lutando pela fortuna, encontrava ainda, no seu coração de trinta e oito anos, um crepitar de paixão e um desinteresse verdadeiramente juvenis.

Confessara-lho; e tão simples, tão honestamente, que a rapariga o ficara amando toda a vida.

Foram felizes como o podem ser dois espíritos que se ligam sem se absorver, que se estimam e compreendem, desculpando-se mutuamente.

Com a felicidade inesperada do coração, António de Melo tornara-se alegre, quase criança; era a fantasia alada que doira a existência e que um bom casal não pode dispensar, sob pena de cair na realidade banal que mata o amor.

Josefina, a boa e resignada alma, com a sua maneira serena e pacificante de encarar

¹⁵ [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

¹⁶ e uma e outra eram as paixões dos últimos anos, que queria] e uma e outra, as paixões dos últimos anos, elle queria [1903]

a vida, trazia àquela felicidade um não sei quê de intimamente religioso, que infundia respeito ainda aos mais familiares.

Dessa união tão completa nasceram dois filhos: o primeiro¹⁷, o João, que fora sempre uma bela e forte criança de boas cores e moderada fantasia, como a mãe. Alegre, pronto a defender os mais fracos, o seu espírito não se perdia nas nebulosidades dos sonhos, que atormentam as crianças precocemente, doentiamente emotivas.

Oito anos depois, quando o pequeno já bocejava sobre os livros das primeiras letras, nasceu a Pilar, de uma finura, de uma graça de estatueta. O irmãozito adorava-a e ria perdidamente, quando a via nos braços da mãe procurando o seio como um animalzinho voraz, e de farta deixá-lo depois e adormecer como um anjo. Mal entrava em casa, lá ia ele, pé ante pé, se a criança estava a dormir no bercinho, afogada em rendas e cambraias, contemplá-la com um afecto que mais parecia duma pequena mamã. E já quando maiorzinha, João servia-lhe de protector e amigo, de promotor de todos os festejos e brincadeiras que a distraíssem¹⁸. E assim, ela criou-se sob o afecto carinhoso dos que a rodeavam, como avezita frágil que um nada pode matar.

Talvez mesmo por isso, desde pequenina que os nervos lhe vibravam intensamente todas as alegrias e tristezas da alma. Inteligente e com uma grande vivacidade, a imaginação, como a do pai, viajava sempre pelos caprichosos trilhos do ideal. Não sendo positivamente bela, as suas feições eram tão finamente desenhadas, que o perfil esbatido em sombra sob a cabeleira revolta fazia-lhe uma verdadeira cabeça de modelo. Depois, quando faltava e ria, os olhos castanhos irradiavam um tal fulgor de inteligência que, incondicionalmente, a diziam bonita.

Um dia, quando era¹⁹ ainda muito criança, o pai levava-a, e ao João, a uma quinta arredada onde deixava viver um irmão, que viera encontrar na miséria, apesar do muito que do Brasil lhe mandara. Um mandrião, um vicioso, que para ali ia morrendo aos encontrões da mulher e dos filhos que o não estimavam. Só o irmão não se esquecia do desgraçado, visitando-o amiudadamente e dando-lhe tudo que necessitava²⁰.

Quando nessa tarde chegaram à quinta encontraram a família em gritaria confusa, porque o homem, num frenesi de bêbedo, caíra do patamar da escada de pedra e o sangue saía-lhe às golfadas pela boca.

Assim morreu, sem dar mais acordo de si, apesar de todos os remédios ordenados

¹⁷ filhos: o primeiro] filhos. Primeiro, [1903]

¹⁸ que a distraíssem] que distraíssem a irmã [1903]

¹⁹ quando era] quando ella era [1903]

²⁰ tudo que necessitava] tudo que elle necessitava [1903]

pelo médico, que o irmão mandara buscar imediatamente.

A Pilar sentiu uma impressão tão forte, que os seus frágeis nervos de precoce e feminino sentir conservaram eternamente a lembrança daquela espantosa cena. Chorou muito, abraçada à primita, a Cândida, que era a mais nova dos filhos do morto, mas apesar disso três anos mais velha do que ela.

Duma frieza quase hostil, a pequena torcia na boca a ponta do bibe de riscado, contemplando, com admiração inconsciente de pequena selvagem, o vestido bordado, de alvura deslumbrante, que a Pilar trazia com a indiferença do hábito.

Não querendo prolongar o espectáculo doloroso, que o acaso dera às crianças, António de Melo quis mandá-las na carruagem, enquanto ele ficava até ao fim, mas a filha, muito entusiasta e afectiva, é que já não quis partir sem levar a prima.

E foi desde essa hora amargurada que as duas ficaram inseparáveis — mais do que amigas, verdadeiras irmãs²¹.

A cunhada e os sobrinhos²² partiram para a terra, deixando-lhe naturalmente, sem quase o agradecer, o cuidado da pequena Cândida, que era um estorvo para todos, sendo na verdade *«formosa de mais para pobre»*, como dizia a mãe.

Ficaram juntas, dormindo no mesmo quarto, tendo os mesmos professores e criados, os mesmos brinquedos e alegrias.

Diziam-nas as melhores amigas, apesar da profunda dissemelhança dos caracteres; mas se da parte da Pilar havia sinceridade no afecto, o mesmo não sucedia à Cândida, que invejava a prima por tudo em que lhe era inferior.

A vaidade enchera-lhe a alma de ambições e ruins invejas e a beleza física não correspondia ao desenvolvimento das faculdades intelectuais.

Duma passividade enfermiça para tudo quanto não fosse o seu prazer, desde criança que o tempo que a prima levava a ler e a estudar o passava ela a contemplar-se ao espelho, a ataviar-se, ou a entregar-se a pensamentos de que ninguém pudera nunca conhecer o fito.

Orgulhosa, de uma susceptibilidade irritante, filha desse mesmo orgulho que a dilacerava, suportava mal a posição que a sorte lhe destinara.

Se os primos e os tios a tratavam com a confiança que dá a amizade, ela só traduzia nas suas maneiras o dó²³. Sofria porque os criados, que adoravam os filhos dos patrões,

²¹ mais do que amigas, verdadeiras irmãs] mais do que duas amigas, irmãs [1903]

²² A cunhada e os sobrinhos] Os sobrinhos, empregados; a cunhada e uma filha mais velha [1903]

²³ ela só traduzia nas suas maneiras o dó] ella lia nas suas maneiras sómente o dó [1903]

tinham sorrisos e apartes de desprezo pelos seus modos de rainha de empréstimo; sofria porque a Pilar tinha a graça e o espírito, que traz a inteligência cultivada; mas sofria principalmente e desesperadamente pela falta de fortuna que a punha naquela dependência.

E calava-se, comprimindo sob a frialdade do sorriso um fundo de entranhadas cobiças. Incapaz de procurar a independência pelo trabalho, que considerava uma coisa impossível para belezas excepcionais²⁴, como a si mesma se considerava, ia continuando a receber tudo daqueles que no seu íntimo odiava, por isso mesmo que tudo lhes devia.

Não tendo sido nunca uma criança ingênua, criada no convívio de uma família sem elevação moral, muito cedo conhecera²⁵ da vida tudo quanto ela tem de inferior e baixo. Muito precoce²⁶ no desejo de agradar e no convencimento de que só um marido rico lhe daria a superioridade que ambicionava sobre todas, a do luxo e dos fáceis triunfos que o dinheiro traz a uma mulher bela, ainda de vestidos curtos e tranças caídas²⁷, começara a olhar para o João, já então um rapaz que entrava na vida com todo o entusiasmo dos vinte anos.

Ele²⁸, ou porque realmente não gostasse da prima, ou porque a achasse criança, ou talvez por ter a cabeça cheia de outros sonhos, o que é certo é que a tratava com mais indiferença do que afecto.

A Cândida sofria com isso, tanto mais que os rapazes ricos não abundavam por ali e aos pobres não queria dar nem sequer a sombra de uma esperança; consentia-lhes apenas que a admirassem, de longe...

A Pilar é que parecia querer fazer-lhe esquecer, à força de bondade e delicadeza²⁹, a desigualdade das suas fortunas. Enchia a prima de presentes, queria-a sempre igualmente bem vestida, e muitas vezes pusera de parte jóias de valor para não magoar a amiga. E dizia-lhe ingenuamente, não vendo que irritava uma ferida que o despeito fizera: — que seria o seu maior prazer vê-la casada com o irmão.

— Por que razão não gostam vocês um do outro? Seria tão bom sermos irmãs a

²⁴ que considerava uma coisa impossível para belezas excepcionais] incapaz mesmo de considerá-lo uma coisa possível para naturezas excepcionaes [1903]

²⁵ criada no convívio de uma família sem elevação moral, muito cedo conhecera] porque o convívio d'uma família em que o pae era bêbedo e a mãe e os irmãos mal educados lhe tinha feito muito cedo conhecer [1903]

²⁶ Muito precoce] ; foi muito precoce [1903]

²⁷ ainda de] Por isso ainda de [1903]

²⁸ Ele] Mas elle [1903]

²⁹ bondade e delicadeza] bondades e delicadezas [1903]

valer!...

— Não é preciso, querida! Pois não somos nós irmãs pela amizade?... — respondia-lhe a Cândida sorridente e beijando-a.

António de Melo³⁰ era muito bom para a família e os parentes, ainda os mais arredados, vinham solicitar-lhe os maiores e mais abusivos favores. Foi assim que o pequeno Emídio, companheiro de João em instrução primária, se valera dum afastado parentesco para pedir o seu auxílio e continuar a estudar.

Conhecendo-lhe sagacidade e uma grande e tenaz vontade de subir, simpatizou com o rapaz e mandou-o para o colégio onde o filho fazia os preparatórios na mais alegre das despreocupações.

Quando vinham a férias, João apresentava o companheiro como modelo dos estudantes, não lhe regateando elogios, apesar de lhe não seguir o exemplo.

Macambúzio como um aldeão espantado, humilde, mal vestido, não despertava senão desprezo à Cândida; enquanto³¹ a prima o tratava com a afabilidade que merece o companheiro e amigo dum irmão, ela olhava-o desdenhosa, com o desprezo com que tratava os inferiores em posição, vingando-se neles da sua própria inferioridade.

Mas o Emídio não ligava importância a tal coisa; tinha, como ela um só desejo, um único horizonte se abria à sua pesada imaginativa de ambicioso vulgar — *subir*, ser *alguém*. Para isso estudava, que não para saber. Agarrara-se aos livros com a persistência estreita e contumaz dum homem que por aquele caminho tentou trepar para o futuro de gozos e de vaidades satisfeitas de que a pobreza e a humildade de posição o tinham afastado até aí. Com os olhos fitos na futura grandeza pouco se lhe dava com as humilhações da hora presente.

Assim, que lhe importava o desprezo da Cândida, tão rica como ele? O que o tentava, o que o fazia rojar-se no pó para um dia se poder erguer triunfante, era o dote da Pilar.

Teimosamente, com a paciência dum colecionador, sem descansar nem se desviar do seu fim, começara, desde os primeiros anos de intimidade com João, um cerco muito hábil à meiga criatura que lhe levaria a posição e a fortuna almejadas.

Ela que primeiro o estimara como a um bom rapaz, companheiro do irmão e a quem este fazia os mais rasgados elogios, que o admirara depois pela fama de talento que a

³⁰ António de Melo era muito bom para a família e os parentes] Como António de Melo era muito bom para a família, os parentes [1903]

³¹ ; enquanto] Enquanto [1903]

aplicação persistente às aulas lhe trouxera³² num país em que os rapazes geralmente pouca energia de vontade dispensam ao estudo, acabara por³³ enlear-se na rede invisível que ele lhe ia armando³⁴, com a sua calculada timidez e probidade³⁵, mal encobrendo um irresistível afecto, que a ingénua acreditou muito puro.

Amou-o então, sinceramente, cegamente, com tudo quanto na sua alma havia de entusiástico e nobre.

Era tão feliz na embriaguez daquele primeiro amor, que desabrochava num esbanjamento de força e perfume como na Primavera as flores nascem e crescem espontaneamente, que não soube ocultar de ninguém o absorvente anseio em que toda a sua pessoa se prendia.

Os pais, sabedores do desejo da filha, anuíram logo ao casamento — para quando o Vilhegas acabasse a formatura em medicina e ela completasse os vinte e um anos.

Porque não? Se a filha o amava tanto, e ele parecia tão bom, tão sincero, tão inteligente; por que razão se oporiam?

— Ser pobre não era motivo para recusas, pois que a pequena tinha, graças a Deus, o bastante para os dois... — dizia o pai satisfeito por ver na escolha da filha uma sinceridade e desinteresse que lhe transmitira³⁶ com o seu sangue salubre de generoso plebeu.

Pilar passara assim³⁷ do desejo à realidade, num deslumbramento de sonho, que a tornava a mais ditosa das mulheres.

A alegria radiosa dum grande amor que se julga correspondido e não tem preocupação que lhe empane o fulgor fazia dela a noiva mais adorável que um homem de espírito e de coração poderia desejar, enquanto³⁸ Emídio se mostrava duma correcção e dum entusiasmo, que talvez fossem sinceros, no seu papel de noivo feliz e enamorado

Porque, se era verdade que intimamente não sentia a paixão que aparentava, também lhe não era indiferente a rapariga, que além de rica e bem-educada tinha a inteligência e a graça que convêm à mulher dum grande político, que ambicionava vir a ser.

³² trouxera] trouxe [1903]

³³ Acabara por] começara por fim a [1903]

³⁴ ia armando] tecera e ia armando [1903]

³⁵ E probidade] de character probo [1903]

³⁶ que lhe transmitira] que toda lhe transmitira [1903]

³⁷ Pilar passara assim] De maneira que a Pillar passara [1903]

³⁸ , enquanto Emídio se mostrava] O Emygdio mostrava-se [1903]

Não sentia³⁹ ímpetos de paixão, como ainda os não sentira por outra qualquer. Porque a⁴⁰ ambição de subir, aspiração exclusivista e absorvente, parecia ter-lhe embotado toda a afectividade do seu ser.

³⁹ Não sentia] Não sentia por ella [1903]

⁴⁰ Porque a] A [1903]

III

— Porquê? — perguntara o Emídio. Por que razão os desprezava a Pilar, ela que os tinha amado tão ardentemente, que fundira a amizade pela prima e o amor pelo noivo em tão íntima comunhão, que não sabia bem como destrinçar qual ocupava maior e melhor lugar em sua alma?!...

Pressentia que os seus sonhos de grandeza desabavam, que toda a sua ambição de subir baqueava ante aquele estúpido amor que o enlouquecera. — Amar a Cândida — que loucura!... Como fora que isso se lhe metera em cabeça? Como se deixara vencer pelo capricho duma rapariga leviana enlear ingenuamente numa intriga perigosa, quando se julgava superior a bagatelas de sentimento?!...

— Oh que estúpido, que estúpido e que fraco! — dizia a meia voz, levando os punhos à frente na ânsia de arrancar do cérebro aquela ideia mortificante.

Dava-se uma situação destas quando já se via formado, quando apenas esperava que a noiva completasse os vinte e um anos para encetar a vida de prazeres que de criança vinha ambicionando com tão feroz egoísmo! Quando o triunfo lhe estava assegurado é que esbarrara nesse escolho imprevisto — a paixão por uma rapariga pobre.

Que ironia da sorte! E não poder fugir ao império que a beleza material da Cândida exercia despoticamente sobre o seu organismo, mortificava-o, por deprimente para o seu orgulho de forte. Ele, que unicamente amara o seu sonho de grandeza, vergara todo inteiro ao primeiro olhar em que essa soberba mulher o envolvera.

Sofria no cachoar de paixões, em que se sentia tão outro; escravo dum sentimento imprevisto, quem fora sempre tão senhor dos seus desejos, quem soubera guiar os seus mais insignificantes actos com a perícia e sangue frio dum hábil *sportman* guiando os cavalos de fina raça por entre o turbilhão da multidão que se acotovela. Parecia-lhe uma ilusão da sua cabeça enfebrecida; nem compreendia como isso lhe viera só agora, tendo conhecido a Cândida desde pequena.

Não compreendia, mas o problema era de fácil solução. Criados juntos, era verdade, mas afastados moralmente como se os separassem milhares de léguas, tinham-se visto sem se ver, empolgados um e outro pelos seus áureos devaneios.

Quando o João partira para a Bélgica, num súbito desejo de sérios estudos, sem ter manifestado à prima a mais leve sombra sequer de amoroso interesse, teve ela uma decepção fundíssima. O seu orgulho de mulher bonita fê-la sentir, como um insulto, a

indiferença dum homem que tinha desejado conquistar. Julgou-se vítima de injustificável perseguição do destino e o seu fundo invejoso de egoísta azedou-se mais ainda.

Desprezara o Emídio, achara-o vulgar e desatado; quando a prima lhe confessara o seu amor, tivera mesmo um mordente lisinho de troça, mas agora que o via com uma posição bastante para a tirar da dependência que a torturava, embota para viver modestamente, começara a notar que não era de todo feio aquele sólido rapaz de ombros largos, cabeça loira e rosto imberbe e rosado, sempre enfiado em colarinhos da última moda e gravatas espectaculosas desde que começara a ganhar dinheiro⁴¹. Convenceu-se de que o casamento da Pilar seria mais uma injustiça revoltante. Era um médico, afinal! Não teria sido melhor ter pensado antes nele do que no João?...

Desde que esta ideia se lhe fixara na cabeça, foi duma provocante e tenaz amabilidade, dando-se um ar quase ingénuo de fraternal carinho, a que o rapaz não soube resistir. Conhecia pouco a vida para se poder esquivar ao domínio duma formosa mulher que ia ao seu encontro, o requestava quase.

Conquistado, julgou-se conquistador — o que o envaideceu e lhe fez perder o sangue-frio.

— Talvez fosse ela quem lho dissesse — pensava o rapaz passeando inquieto pelo quarto onde se encontrara com a Cândida.

Mas não fora. Não estimava por certo a prima, odiava-a mais do que a estimava, mas tinha habilidade bastante para não comprometer o presente sem ter a certeza do futuro. Ora a certeza de que o Emídio se resolvesse a desmanchar o auspicioso casamento que tinha contratado, para a tomar como esposa, não a tinha; porque, se em conversas de amor o achava de uma eloquência de que até o julgara incapaz, logo que se tratasse de interesses e de futuro encontrava-o duma frialdade e dum mutismo muito para desconfiar. Se não era duma inteligência excepcional, era bastante fina para compreender até onde chegava o domínio exercido sobre os seus adoradores — o que de resto não é prova de talento, antes de preocupação mesquinha de quem se ocupa somente com a sua pessoa e funda as mais caras esperanças no agrado dos outros.

Não fora ela⁴², mas um simples acaso que tudo revelara à Pilar.

Uma noite já fria do último Outono, acordara altas horas, muito contra o costume

⁴¹ sempre enfiado em colarinhos da última moda e gravatas espectaculosas desde que começara a ganhar dinheiro] agora, desde que ganhava dinheiro, sempre enfiado em collarinhos da ultima moda e gravatas espectaculosas [1903]

⁴² Não fora ela] Não fôra pois ella [1903]

dos seus bons sonos de saudável e feliz. Voltara-se na cama, aconchegando a roupa, enterrando mais a cabeça na almofada macia, mas uma pálida claridade que vinha do quarto de vestir sobressaltou-a pelo inesperado. Abriu muito os olhos para se convencer de que não sonhava, sentou-se na cama e chamou a prima. Como lhe não respondesse, chamou mais alto, numa voz entrecortada de sobressalto, e só ouviu o bater do próprio coração de encontro às paredes do peito.

Não sabendo como explicar sono tão pesado em quem de ordinário pouco dormia, saltou ao chão e foi à cama acordá-la. A cama estava vazia.

Não poderia explicar o que pensou, porque há momentos em que o instinto, de ordinário contrariado⁴³ pelas conveniências, pela educação e pelo sentimento, se insurge, apodera-se de todo o nosso ser animal, impele-nos com a força bruta da natureza que se vinga, para a frente, para a verdade, para o abismo muitas vezes...

Correu ao quarto de vestir e viu que a claridade que tanto a intrigara era a do luar que entrava a jorros por essa mesma porta de vidros a que o Emídio ora se encostava, e era saída para o jardim.

Um ligeiro sussurrar de vozes veio morrer ao seu ouvido sobreexcitado.

Estaria a Cândida no jardim? E com quem?

Perguntava a si mesma, sem poder adivinhar a resposta... Talvez⁴⁴ nesse rápido instante de incerteza pressentisse⁴⁵ o derruir de todos os sonhos de ventura, arquitectados com tão amoroso entusiasmo, talvez...

Abriu a porta de vidros mal encostada, com cautela⁴⁶, o susto de quem pratica o primeiro crime, e, de súbito, encostou-se à ombreira para não cair, e ali ficou por instantes, trémula, tiritante, como assombrada.

Viu-os de costas, afastarem-se enlaçados; ouviu a voz, que sempre aos seus ouvidos tinha chegado como símbolo do amor e da verdade, murmurar blandícias aos ouvidos de outra mulher; toda a vida se lhe concentrou nos olhos e nos ouvidos, que nesse esforço de vontade adquiriram uma acuidade suprema.

Conhecia-os bem; a imagem dele, principalmente, estava gravada tão funda na sua retina de apaixonada, que o reconheceria logo, ainda mesmo que o som das suas vozes não viesse bater no ouvido como enxadadas de Coveiro que lhe estivesse abrindo a cova sob os olhos apavorados.

⁴³ contrariado] emudecido [1903]

⁴⁴ Talvez] Talvez que [1903]

⁴⁵ pressentisse] ella presentisse [1903]

⁴⁶ com cautela] com a cautella [1903]

A decepção foi duma surpresa tão triturante, tão esmagadora, que para ali se ficou como empedrada, encostando-se à parede branca de cal, como ela imóvel e lívida. Envolta em luar, a cabeça descaída, a boca entreaberta num estorcer de angustioso espasmo, apenas vestida pela camisa flutuante que só lhe descobria os pés nus, as mãos finas e a cabeça que a surpresa desvairava — era a verdadeira encarnação do desespero.

Voltavam; já as vozes se aproximavam, num murmúrio que se confundia com o tremor das folhas emurchecidas que se desprendiam das árvores que o Outono amarelecera e com o cair da água nos tanques.

A Pilar estremeceu; voltar para trás, esconder-se, fugir, foi o pensamento que a assaltou, logo seguido de outro, de muitos outros, dum tumultuar de desejos desencontrados, que a deixavam indecisa, esbugalhando os olhos para a mancha empastada das árvores onde os dois se escondiam.

A noite muito clara, numa cheia de luar, estava fria, dessa algidez penetrante que dá a proximidade das montanhas coroadas de neve.

Um estremeçamento prolongado e doloroso lhe sacudiu o corpo. O sangue batia-lhe na cabeça e punha-lhe nos ouvidos uma zoeira de atordoamento, cascalhavam os dentes uns contra os outros, todo o seu frágil organismo se debatia numa crise de nervos assustadora.

Teve medo de morrer;⁴⁷ e sob o esforço, pela pressão violenta da própria dor, conseguiu entrar e fechar a porta como a encontrara. Aos solavancos⁴⁸, desequilibrando-se, esbarrando nos móveis, chegou à cama onde se meteu mais por hábito do que pelo claro juízo do que fazia.

Quando a Cândida recolheu já não estava em estado de a sentir; e ela, nada ouvindo de anormal, julgou que mais uma vez a aventura passaria despercebida.

De manhã a febre era intensa e o delírio alucinado. O Dr. Ramalho e o Vilhegas, chamados à pressa, olharam-se preocupados, numa clara demonstração de desânimo. Ambos os pulmões estavam atacados e a pleurisia manifestava-se com a violência daquelas de que só um prodígio pode salvar a doente.

Salvaram-na com efeito, à força de cuidados e desvelos; como que a arrancaram à morte, numa luta braço a braço travada.

O Vilhegas foi o mais cuidadoso dos enfermeiros⁴⁹, não se deitando, não comendo

⁴⁷ morrer;] morrer alli, [1903]

⁴⁸ Aos solavancos] , e depois, aos solavancos [1903]

⁴⁹ Dos enfermeiros] enfermeiro [1903]

senão de pé ao canto duma mesa, ali mesmo no quarto de vestir.

A Cândida, pressentindo que a doença era mortal, teve um momento de orgulhoso triunfo, mas calara-se, fingindo esquecer o Emídio, afectando um enorme interesse pela doente. Não queria escutar os tios que a mandavam repousar e desprezava os conselhos que a velha Engrácia lhe dava, num modo arrelento de desconfiança.

— Não, minha tia, não me obrigue a desobedecer-lhe! Não deixo a Pilar⁵⁰ — dizia, abraçando a pobre mãe lavada em lágrimas de reconhecimento.

Não a deixava de facto, nem de dia nem de noite, como expiando a morte benfeitora que lhe arredaria aquele único estorvo ao seu sonho supremo.

Mas a morte foi vencida desta vez.

Quando o Dr. Ramalho e o Vilhegas participaram aos pais que o grande perigo passara, eles não souberam senão chorar, tão verdade é ser o grande contentamento quase doloroso pela intensidade do sentir.

Começou a melhorar devagarinho, num ateamento de vida que vem aos poucos, preenchendo as lacunas da memória: mas à proporção que a luz se fazia no cérebro abalado da doente, um desespero sem nome se lhe ia pintando no rosto. Os olhos tinham uma expressão de desvairamento quando se lixavam na prima e no Emídio pelos quais manifestara uma súbita aversão, que parecia desolá-los. Só os consentia no quarto, quando de todo não encontrava pretexto para os afastar. A Cândida, principalmente, causava-lhe uma irritação profunda, que roçava pela repugnância.

Os nervos, naquele organismo depauperado pela doença, tornaram-se senhores absolutos e d'uma susceptibilidade que lhe chamava lágrimas aos olhos a cada momento.

Infantil por vezes, muito tolerante para os pais e para a velha Engrácia que a acompanhava sempre como pessoa da família, que quase já o era pela quantidade de anos que servia a casa, deixava que a boa velha a entretivesse como em criança a contar histórias, visto que o Dr. Ramalho a proibira de todo o trabalho intelectual — nada que a emocionasse!...

— Conta lá, Engrácia — dizia a sorrir vagamente, os olhos esquecidos a fixar qualquer coisa —, conta aquela história duma princesa que morreu de amor...

— Ora, ora! Sempre a mesma não tem graça, menina! Agora há-de ser a do «Bernal Francês».

⁵⁰ Não deixo a Pilar] — porque eu não deixo a Pillar, dizia [1903]

— Pois sim! Essa também morre pelo amor...⁵¹ — No fim do *rimance*, que a velha entoava com modalidades de voz apropriadas:

— Filhos que dela tiveres
Ensina-lhe melhor que a mi.
Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti...

Ela sorria ainda, com o mesmo vago sorriso e o mesmo olhar fixo, a reflectir uma infinita tristeza...⁵²

⁵¹ Pois sim! Essa também morre pelo amor...] Pois sim, a que tu quizeres... [1903]

⁵² a reflectir uma infinita tristeza...] enternecidos de tantíssima tristeza...

IV

O Dr. Ramalho — homem de trinta e oito anos, mais insinuante do que belo — fora médico de partida para a vila logo ao sair da universidade⁵³, era a Pilar ainda uma criancita a quem beijava e contava contos. Vira-a crescer com o desvanecimento dum pai ou irmão mais velho, não a considerando mulher senão quando lhe confessou⁵⁴, num ímpeto de franqueza, o seu entusiástico amor pelo Emídio. Um desses⁵⁵ amores românticos de rapariga, que sente um prazer mórbido de sacrificada em oferecer ao homem, julgado infeliz, todas as alegrias e felicidades da terra. O Dr. Ramalho tentara então tratá-la cerimoniosamente, como convém, a uma senhora que já pensa em se casar, o que a fizera⁵⁶ rir perdidamente, terminando por lho proibir.

E a sua amizade continuou sempre a mesma, com a franqueza e a ternura de um pai.⁵⁷

Agora, deixando-a livre de maior perigo resolveu-se a deixá-la entregue ao noivo quando se abria o parlamento, onde tinha lugar pela vontade dos seus amigos, não pela própria ambição.⁵⁸

À despedida animara os pais, dizendo-lhes: que a pleurisia aguda estando vencida, a Pilar⁵⁹ ficava livre de perigo e bem entregue aos cuidados do colega; mas se sobreviesse qualquer imprevista recaída o chamassem logo. E terminava em confidencia: — O abalo físico foi tão forte e a fraqueza é tanta que há muito a recear um desequilíbrio nervoso, que temperamentos como o dela têm sempre mais ou menos latentes. É urgente⁶⁰ uma radical mudança em toda a sua vida... Seria bom apressarem o casamento.⁶¹ A realização desse ardente desejo do seu coração há-de acabar de a curar⁶².

Os pais concordaram de boa vontade em apressar o casamento pois tudo quanto a

⁵³ fora médico de partida para a vila logo ao sair da universidade] fora para alli logo ao sahir da Universidade [1903]

⁵⁴ quando lhe confessou] quando ella lhe confessou [1903]

⁵⁵ desses] d'estes [1903]

⁵⁶ cerimoniosamente, como convém, a uma senhora que já pensa em se casar, o que a fizera] com ceremoniosas excelências, o que a fazia [1903]

⁵⁷ E a sua amizade continuou sempre a mesma, com a franqueza e a ternura de um pai.] É que a intimidade acarreta mais vezes affeições assim ternas e simples do que traz o amôr — paixão. [1903]

⁵⁸ Agora, deixando-a livre de maior perigo resolveu-se a deixá-la entregue ao noivo quando se abria o parlamento, onde tinha lugar pela vontade dos seus amigos, não pela própria ambição.] N'esta altura abriram-se as camaras e o dr. Ramalho, que era deputado, teve que sahir para Lisboa. [1903]

⁵⁹ a Pilar] ella [1903]

⁶⁰ É urgente] Que era urgente [1903]

⁶¹ Seria bom apressar o casamento.] Que apressassem o casamento. [1903]

⁶² há-de acabar de a curar] havia de a curar [1903]

filha desejasse o fariam, para a melhorar⁶³. Mas a doente sorrindo desdenhosa à proposta e olhando o Emídio, que a fitava ansiado, e a Cândida, que se fingia desinteressada da conversa, respondeu: — que⁶⁴ não tinha pressa, que havia muito tempo... queria que o João assistisse, queria melhorar de todo...

Desde esse dia é que o Vilhegas se mortificava a procurar o motivo daquela mudança da noiva, que lhe roubava assim a fortuna ambicionada quando já⁶⁵ estava de mãos estendidas a agarrar.

Redobrou de cuidados e de medicamentos, mas a Pilar, em vez de melhorar, de dia para dia se mostrava mais enfraquecida, mais desanimada e perto da morte. Quando os pais, cheios de dor, falavam em mandar vir o Dr. Ramalho, opunha-se⁶⁶, chorava, dizia que estava melhor, e que se teimavam em chamar o bom amigo⁶⁷ é porque a julgavam muito mal, em estado desesperado...

Sabia-se condenada, e comprazia-se em ver o Vilhegas sofrer sozinho, na impossibilidade de a curar; e ele, vaidoso, preferia também ser o único a tratá-la para assim ganhar o terreno que sentia esboroar-se-lhe sob os pés. A todo o seu sincero esforço respondia a doente com o sorriso de uma ironia macabra, que fazia calafrios.⁶⁸ Ela bem sabia que a sua vingança estava na própria morte, pois à Cândida sabia bem que não o deixava.⁶⁹ Conhecia-o agora ambicioso e vulgar tal qual era, incapaz de se sacrificar por uma mulher ou por um interesse que não fosse exclusivamente seu. E morria a pobre criança⁷⁰, mais por ter visto morrer o seu ideal do que pela doença que lhe consumia o corpo.

Não lhes dizia nada, sentindo um mortal prazer em vê-los estorcer-se na incerteza e no pavor.⁷¹ Tinha dias de uma passividade dolorosa em que era impossível, mesmo à própria mãe, arrancar-lhe uma palavra ou um gemido; outros em que falava e ria, mas

⁶³ pois tudo quanto a filha desejasse o fariam, para a melhorar] ; tudo quanto a filha desejasse elles fariam para a melhorar [1903]

⁶⁴ respondeu: — que] respondeu que [1903]

⁶⁵ quando já] quando elle já [1903]

⁶⁶ opunha-se] ella oppunha-se [1903]

⁶⁷ e que se teimavam em chamar o bom amigo] e que se elles o queriam chamar [1903]

⁶⁸ A todo o seu sincero esforço respondia a doente com o sorriso de uma ironia macabra, que fazia calafrios.] Queria illudir-se, não vendo que a noiva tinha na face, quasi cadavérica, um sorriso torturado de quem tudo comprehendia; e morria vingada porque a sua morte era o castigo d'elle. [1903]

⁶⁹ Ela bem sabia que a sua vingança estava na própria morte, pois à Cândida sabia bem que não o deixava.] A Cândida sabia bem que o não deixava; [1903]

⁷⁰ E morria a pobre criança] Morria, a pobre, [1903]

⁷¹ na incerteza e no pavor. Tinha dias] na incerteza e no pavor. Crueldade verdadeiramente humana e bem desculpável a quem soffrera esse despedaçar de illusões em que corpo e alma se lhe caem esphacelados. Tinha dias [1903]

de tal maneira confrangida e amarga, que antes a preferiam nos dias de maior tristeza.

Tudo nela se transformara ou modificara. O próprio afecto pela mãe, que era dantes mais respeitoso do que carinhoso, tornara-se num grande amor apaixonado de quem se refugia, mortalmente ferido, no lugar em que a acolhida é mais amável e certa. Queria-a ao seu lado, sem fazer nada, toda embebida a olhá-la, enchia-a de carícias, e atormentava-a com as palavras de mais desconsolador desânimo.

— Mãezinha⁷² — dizia-lhe um dia —, se não fosse o João, pedia-te, e ao papa também, para morrerem comigo. Querias?!...

— Oh meu anjo, mas tu não hás-de morrer. Para que pensas nessas tolices? Não vês o que diz o Vilhegas? A tua doença tem muito de nervoso, há-de passar, verás!...

— Pois é, eu sei... mas diz: gostarias de morrer comigo?

— Oh se gostava! Que maior felicidade pode haver para uma pobre mãe?!... Não deixar neste mundo egoísta e mau os filhos do seu coração, não os ver partir levando-lhes a alma?!...

— Pensas como eu, somos bem irmãs no sentir! Se tivesse filhos... Oh! se tivesse um filho!... — os olhos enchiam-se-lhe de lagrimas, com uma grande mágoa de virgem que sente que todo o seu ser se revolta, vendo-se privada, injustamente, da maior⁷³ das alegrias femininas, o orgulho de ser mãe. — Olha, se eu tivesse um filho havia de amá-lo assim.

Ficava-se horas esquecidas deitada sobre os joelhos da mãe, não podendo sentir nem o barulho de um relógio sem gritar que lhe espetavam alfinetes no cérebro. De dia para dia piorava e a irritabilidade nervosa aumentava a ponto de a pôr a cada instante em crises de soluços e lágrimas que lhe avermelhavam a boca com o sangue que os pulmões não comportavam já.

Emídio, desanimado cientificamente, queria conservar a todo o custo uma iludidora esperança; essa⁷⁴ esperança sem base que está no íntimo de todos os seres humanos, inferiores ou superiores, eternas crianças que somos, só fortes à custa de raciocínio e vontade consciente e educada.

Mas nessa manhã desconsoladora de Inverno, vira-a tão desmudada e cadavérica, que desanimara de todo. A correr se dirigira ao telégrafo para chamar o Dr. Ramalho e

⁷² Mãezinha] Oh mãezinha [1903]

⁷³ da maior] da mais alta, nobre e bella [1903]

⁷⁴ essa] d'essa [1903]

para o lado da doente voltara logo e⁷⁵ se conservava na expectativa do grande desastre.

Os pais encaravam-se espavoridos sem manifestações⁷⁶ de sentimento, porque a dor, quando assim forte, é como anestésico para o espírito que se concentra no último reduto da esperança, no impossível, no milagre...

A noite caía com a lentidão pastosa das tardes de chuva, que se afogam em lama silenciosamente. Os criados, em bicos de pés, acendiam as luzes indispensáveis para o serviço, trocando frases a meia voz em que a palavra morte se repetia já, como um dobre de sinos, e soluços abalados se sufocavam. Por toda a casa pesava o mesmo silêncio fúnebre que se pressentia cheio de gritos prestes a explodir...

O Emídio, junto da janela, olhava inconsciente a sombra rápida que crescia no jardim, as árvores encharcadas pingando no chão já empoçado, as hastes despidas de folhagem enlaçando, numa aliança macabra, aquelas que o Inverno não pode desnudar nas suas fúrias loucas. Como era diferente o aspecto do que recordava turvamente, daquele que tinha na amorosa noite de Outono⁷⁷, a última em que estivera com a Cândida, e em que⁷⁸ a Pilar adoecera!...

Do quarto da doente vinha um murmúrio de vozes e todas⁷⁹ as vezes que a da Pilar, um pouco rouca, já estertorosa, se ouvia, ele enterrava as unhas nas palmas mãos, num desespero de vencido.

Nesse momento, deitando os braços ao pescoço da mãe, como se quisesse agarrar-se ainda à vida que lhe fugia, chorava⁸⁰:

— Sofro, sofro muito!... Vão chamar o papá! Quero ver o João... Tenho medo, mãe, tenho medo!...

— Medo de quê, filhinha? Estou eu aqui, não vês?... — respondia-lhe estrangulando os soluços a triste mãe.

— Não sei!... Tenho medo de tudo!... Queria morrer sem ver chegar a morte!...

— Não hás-de morrer, meu anjo! Deus terá piedade de nós!...

Alucinada, reerguendo-se da cama, respondeu arquejante:

⁷⁵ e para o lado da doente voltara logo e] e para alli voltara logo e alli se [1903]

⁷⁶ manifestações] manifestação [1903]

⁷⁷ Como era diferente o aspecto do que recordava turvamente, daquele que tinha na amorosa noite de Outono] Como era diferente o aspecto do jardim, n'essa amorosa noite de outomno [1903]

⁷⁸ e em que] aquella em que [1903]

⁷⁹ vinha um murmúrio de vozes e todas] vinha um murmúrio de vozes, que se diferenciavam. Todas [1903]

⁸⁰ Nesse momento, deitando os braços ao pescoço da mãe, como se quisesse agarrar-se ainda à vida que lhe fugia, chorava] Ella soluçava nesse momento, deitando os braços ao pescoço da mãe como se quizesse agarrar-se ainda á vida que lhe fugia [1903]

— Não lho peças, ouviste? Podia atender-te, e eu não quero viver, não quero!...

Vendo a angústia da mãe, caiu em si, e rouquejou um soluço de perdão.

— A Cândida? — inquiriu num cicio, daí a momentos.

— Está lá dentro. Trata-la tão mal, que a pobre menina não se cansa de chorar.

— É da doença... Trato mal todos, a ti também.

— Não digas isso.

— Trato, bem sei... Mas tudo vai mudar em breve... Serei tão boa... Vai chamá-la, que venha, que pode vir... Não lhe farei mal...

Tão amarga ironia ressumbravam estas palavras que mais pareciam o riso fúnebre duma caveira.

A Cândida entrou sob a gélida impressão de quem entra como réu avergado à culpa, num tribunal em que a consciência é juiz iniludível e implacável.

Pressentia que o momento solene das explicações chegara inapelavelmente e não podia avaliar o resultado final daquela entrevista que a podia atirar para a miséria mais desoladora, a dos incapazes para o trabalho.

A doente entreabriu os olhos, acenou à mãe e à Engrácia para saírem e ficou só com a prima. Fixou-a em silêncio, com os grandes olhos pasmados dos moribundos, vendo-a estorcer-se num suplicio, sem ousar avançar nem recuar, querendo fugir à sugestão daquele olhar que a condenava mais do que a sentença dum juiz.

— Vem... — murmurou por fim a enferma.

Deu dois passos cambaleando e foi cair de joelhos junto do leito onde a Pilar arqueja levantando-se num esforço supremo de vontade, fincando o cotovelo direito nas almofadas.

Vendo-a tão próxima de si, teve um instintivo movimento de repulsa, mas, vencendo-se logo, pôde agarrar-lhe o pulso com tudo quanto lhe restava de vida:

— Mataste-me, lembra-te disto... Sei tudo!... Vi tudo!

Num arranco trágico, gaguejava palavras entrecortadas, que nada diziam, nada do que talvez pensara dizer na última hora reservada à sua triste e vingadora revelação⁸¹. Num esforço prodigioso de energia, empurrou a prima, sentou-se na cama, e estendeu os braços no vácuo; logo a seguir retesou-se toda, caindo sobre a ruma de almofadas que lhe tinham feito suportável a cama.

O aspecto da pobrezita era terrificante, olhos escancarados como se procurassem a

⁸¹ talvez pensara dizer na última hora reservada à sua triste e vingadora revelação] ella queria talvez dizer [1903]

luz que lhes fugia, a camisa desabotoada descobrindo clavículas descarnadas, a boca aumentada pela emaciação contraída num ríctus doloroso, e a pele a que a luz da lamparina dava um tom azulado, enrugada como velho pergaminho. Os braços descaíram-lhe ao longo do corpo e as pequenas mãos transparentes arrepanhavam a roupa...

A Cândida levantou os olhos que baixara para fugir à obsessão daquele olhar condenatório, e a impressão de horror foi tal que dum salto se pôs à porta, clamando pelo Emídio, que vira no quarto próximo.

— Perdidos, perdidos — murmurou numa voz que o terror fazia trémula e soluçante como se um frio intenso a sacudisse. — Diz que a matámos, sabe tudo... vai dizer aos pais!...

O rapaz recuou, também aterrorizado, até à porta, pôs-se a considerar o pequeno volume que o corpo, que fora uma tão harmónica conjugação de linhas gráceis, reduzido à miséria dum esqueleto sem forma, fazia sob a cobertura.

Rodeada de luxo e mimos, cheia de esperança e de alegria, inteligente, boa, educada; um pequeno nada bastara para a matar — uma traição tão grosseira e vil, que n'esse instante duvidava até que a tivessem praticado...

Matara-a, bem certo que a matara, com o seu procedimento duma maldade e estupidez revoltante e com a covardia de não querer ver o mal quando talvez fosse ainda tempo de o remediar...

Tudo quanto na sua alma havia ainda de honesto estremecia de pavor e remorso; depois todos os seus sonhos de grandeza se evolavam numa debandada de desânimo. Tanto sacrifício pela Cândida... se valia a pena! Olhou-a, pareceu-lhe como nunca formosa, duma imponente formosura dramática de Madalena de Rubens, mas como nunca também, a ideia de não a esposar se apresentou nítida no seu cérebro.

Foi ela quem primeiro readquiriu todo o seu sangue-frio, abeirou-se da cama para tocar na mão que a prima conservava fora do leito, na esperança talvez de a sentir enregelada pela morte, incapaz de se levantar para a apontar como traidora.

A moribunda, como se àquele contacto fosse chamada à vida, abriu os olhos desmedidamente, que eram já como janelas rasgadas para o mistério; conheceu os dois rostos lívidos de medo que a fitavam, e sorriu, com um desprezo tão fundo, tão vincado nas pregas dessa última máscara de vida, que mais parecia petrificada.

Os dois recuaram espavoridos, apertando-se um contra o outro, procurando-se para se protegerem mutuamente desses olhos de moribunda que os fitavam, que os

perseguiam como se quisessem levar para a terra a imagem dos assassinos, bem juntos no mesmo crime, bem apavorados e martirizados por essa suprema vingança da morte.

Então, ao mesmo tempo que o corpo se lhe dobrava para trás e o queixo descaía já sem vida, soltou um gemido tão estertoroso, tão rouco e tão espantosamente exprobatório, que a Cândida fugiu a gritar, com a cabeça perdida, pondo em toda a casa o desespero que o respeito pela moribunda tinha contido até aí.

O Emídio foi cair de joelhos junto da morta, e tentava fechar esses olhos que o endoideciam.

Mas as pálpebras opunham aos seus dedos trémulos uma resistência fria de coisa morta. Carregava com força, brutalmente, com risco de estoirar as pupilas, mas quando levantava os dedos eles lá estavam envidraçados, num espanto trágico e vazio.

Era uma preocupação independente da sua vontade, uma infantilidade quase, parecia-lhe que se ficasse assim de olhos abertos toda a gente neles poderia ler o seu crime. Não ouvira tantas vezes contar, quando criança, que assim se vingavam as vítimas dos seus algozes?!... E que extraordinária vingança aquela! Conservar eternamente nas pupilas sem vida a imagem de quem lha tirara!...

Não era o médico, o homem de ciência que ali estava, hesitante, enraivecido, todo em lágrimas, era um criminoso vulgar cheio de sustos e preconceitos.

V

O sol fora inclemente em todo esse dia de Julho.

Anoitecia, e, apesar disso, nem a mais leve viração se levantara consoladora a arrepiar, num trémulo de carícia, a folhagem das árvores, que tinham o aspecto⁸² de plantas de folha pintada a que o tempo e a poeira desbotara a cor.

Na paisagem de serras e fragedos, que o homem conseguiu cultivar e explanar em socalcos sucessivos, os restolhos punham manchas de oiro no verde sombrio de agreste vegetação; e o céu, dum azul que o próprio calor velara, tornara-se vermelho sanguíneo, agora, que o sol desfalecia no poente.

Os jornaleiros recolhiam silenciosos aos casebres, sem riso ou cantiga que aliviasse penas, mortificados pela trabalhadeira rude das ceifas e malhas sob a rudeza dum sol impiedoso. Nem as raparigas na fonte gargalhavam, como de costume, enquanto a água, correndo muito lenta e diminuída, lhes enchia os cântaros de barro.

Só muito ao longe, pelas quebradas da serra, ressoavam os chocalhos dos rebanhos indo para o pasto e a flauta do pastor a guiá-los até a madrugada — que depois a calma aperta e os pobres animais, de agoniados, nem podem comer. Mais longe ainda, o chiar rangente dos carros de bois, como um longo gemido angustioso... Dir-se-ia que todas as coisas sofriam do calor asfixiante e caíam numa invencível preguiça de viver.

É pequeno o Verão nas montanhas — alguns dias de Julho e Agosto, quando muito os primeiros de Setembro — mas esses são pesados, infernalmente longos e ardentes, sem nenhuma compensação e consolo de leve aragem pelas tardinhas. Era casa abafa-se, não há sombra que resista a subida do termómetro quando o mercúrio chega à linha do Senegal, num escárnio a países temperados. Na rua, mesmo noite alta⁸³, não se sente nenhum alívio; da terra sobe uma baforada quente de fornalha, que aflige.

Abafa-se... mas é moda ir-se em Julho veranear para a serra⁸⁴, não obstante ser infinitamente mais agradável um canto de praia — onde o mar põe levezas de ar salino e um frescor de permanente banho de espumas, as gaivotas vêm à babugem da água a gritar as sonoras alegrias das coisas simples e humanas, e os olhos navegam longe, com a amplidão sugestiva das asas e das velas.

E passam na cidade — naquele afadigamento de distracções e afazeres, que chegam

⁸² que tinham o aspecto] que tinham o banal aspecto [1903]

⁸³ mesmo noite alta] noite alta mesmo [1903]

⁸⁴ veranear para a serra] para lá [1903]

a ser monótonos à força de repetidos — os que obedecem à moda por preguiça intelectual de pensar e querer, os dias criadores de Primavera. Quando⁸⁵ os caminhos lá das serras se alcatifam de musgos veludosos, as árvores se cobrem de flores e verduras tenras, e as nascentes correm mais abundantes e límpidas da rocha viva; quando as andorinhas se acasalam e toda a natureza canta o grande hino magnífico da vida é que a montanha se torna acolhedora e fala às almas, como uma boa e amorosa mãe.

Mas... não está decretado pelo hábito dos que dão a nota de elegância em todos os actos da vida, ainda os mais íntimos e graves, e por isso a vila estava radiante com os seus hóspedes de verão.

João de Melo atravessou melancólico e vagaroso o largo da Fonte e dirigiu se à botica velha, onde o Sr. Domingos José da Silva se debatia contra o calor e destilava suor em mangas de camisa, como se tivesse sobre as costas pesada armadura medieva. Soprava em bochechas de afrontado, limpava a cara ao tabaqueiro de ramagens, escancarava os braços como a arejá-los, e caía esfalfado numa cadeira para se levantar incontinente como se tivesse por assento um braseiro inquisitorial em vez de inocente palhinha.

— Oh meu querido Sr. João de Melo — berrou descompassado, mal viu assomar à porta a figura melancólica do rapaz —, quanto folgo, quanto folgo de o ver! Cuidámos que não queria nada *coa gente*.

Abraçou-o expansivo e correu dentro a chamar o filho para acender as luzes. Estava radiante com a visita do futuro herdeiro⁸⁶ da melhor casa da comarca em dinheirinho de contado e boas terras livres, sem falar nos foros que se recebiam sem conto pelo S. Miguel de cada ano. Era boa, talvez mais extensa em propriedades, a casa do visconde, mas a política como as demandas e o jogo onde entram fazem largo rombo... Estas e outras considerações continuava a expor⁸⁷ à mana Joaquina, sentados à fresca, sob a parreira do quintal.

— Muito boas noites, Sr. Domingos; eu venho... — tentou dizer o João.

— Espere, espere que já o atendo. Deixe-me cá chamar a mana, *qu'ela* está morta por o ver! *Inda onte* tínhamos falado, ora a graça! *Ó Jêquina!*... — gritou para cima, para o primeiro andar, e voltou logo a repreender o filho porque a torcida mal cortada enegrecia a manga do candeeiro de latão.

⁸⁵ Primavera. Quando] primavera — quando [1903]

⁸⁶ futuro herdeiro] feliz herdeiro de quinhentos contos [1903]

⁸⁷ continuava a expor] expunha elle [1903]

— Nós cá sabíamos que chegou na segunda-feira. Não se pode fazer moeda falsa, tudo se cá sabe... — Estrondosa gargalhada completava a frase. E depois, sem interrupção: — Disseram que ninguém lhe punha a vista em cima, *qu'anda* assim como amalucado, macambúzio... Então que vem a ser, *soidades, soidades*, hein?!...

— Olha o Sr. Joãozinho, o meu *Janequinho*! — entrou dizendo e arrastando a sua perna trôpega a Sr.^a Joaquina Rita. — Uma sua criada, para os servir e louvar a Deus Nosso Senhor — continuava ela a dizer para se apresentar.

— Vê lá que *home* aí tens, a fazer a gente velha! — dizia enfático o boticário.

— Pois está um *homezarrão*, está! Quem o conheceu e quem o vê! Faz uma pessoa velha, nem já se lembra da gente, nem das tardes que passava a cavalgar no quintal com os rapazes?! Sempre era um diabrete! Mais traquinas inda não vi! A mana é que não, sempre foi um *peringalhinho* que não prestava para nada. O que ela queria era sentar-se ao pé de mim a costurar ou a ler aquele meu livro da *Felora de Maria*, do *Renhónhó* e da *Cúruja*. Não se lembra, às vezes ao serão ao pé da braseira? Um botãozinho daqueles tinha uma pausa na leitura *caté* a gente chorava com as falas do príncipe Rodolfo.

Os *Mistérios de Paris*, com suas gravuras baratas, e a cartilha do *Mestre Inácio* eram toda a biblioteca da Sr.^a Joaquina Rita. A muita leitura de romances e casos sentimentais parece que embota o coração, pois a boa mulher possuía somente aquela enredada história que relia amiudadas vezes com a alma confrangida e os olhos destilando amargo pranto pela desgraçada Flor de Maria. Ali havia conhecimentos e tirava máximas para todos os casos da vida.

Alguém disse, e é verdade⁸⁸, que um só livro bem meditado é tesoiro inesgotável.

— Lembro me de tudo, lembro-me!... E com saudades, Sr.^a Joaquina, que só eu sei!... — e os olhos de João velaram-se de lágrimas.

— Não fales nessas coisas — repreendeu o Domingos. Isto de mulheres estão sempre a dar *co'a* língua nos dentes.

— Tens razão, tens, mano. É que sempre foi uma *disgrácia*!... Nem me vai daqui, até se me dá um nó na *greganta* quando penso naquela menina!... Mas tens razão, não falemos em coisas tristes. Ora diga-me, menino João, a mãezinha como vai, boa, sim?

— Vai vivendo. Boa não...⁸⁹

— *Dês* que lá fui dar pêsames que não a tornei a ver. Nem tornou a sair, aquilo teve

⁸⁸ Alguém disse, e é verdade] Já disse, não sei quem [1903]

⁸⁹ Vai vivendo. Boa não...] Vae indo, bôa não. [1903]

uma paixão⁹⁰! *Tamem*, não houve na terra grande nem pequeno que não chorasse.

— Lá tornas à mesma! As mulheres sempre são!...

— É verdade, tens razão, esta minha cabeça! Olhe cá, menino, então gosta de lá estar *pròs estrangeiros*?

— Gosto bastante⁹¹. Há mais instrução do que nós temos aqui.⁹² Olhe que não há por lá muito quem não saiba ler nem escrever, como cá.

— O quê? Mesmo os *travalhadores* de enxada e as criadas de servir?

— Mesmo esses. As criadas então, não há nenhuma que não leia e escreva menos mal.

— Ai, não sei que *ma*⁹³ lembra. Criadas tão *doutoras* como as amas... Não *hadem* prestar, não há nada como as nossas terrinhas e cá a nossa gente!...⁹⁴

— Cala-te aí! Aquilo nem é para *acomparar*! As mulheres não percebem nada cá no mundo. Em as tirando do canto da casa já nada lhes presta — sentenciou o boticário.

João, no meio daquele turbilhão de palavras que lhe caíam em cima como granizo, conseguiu dizer:

— Isto hoje não é visita.

— Ai não?! Ainda o diz, olha que ingrato!

— Não era hoje, mas há-de ser breve, Sr.^a Joaquina. Hei-de ir lá acima e depois passaremos uma tarde no quintal e conversaremos como dantes.⁹⁵

— ⁹⁶Ah! Cuidei que nos desprezava...⁹⁷

— Que ideia!

— Ah, eu logo disse que o Joãozinho não era desses.

— Decerto! Hoje entrei na⁹⁸ farmácia para o Sr. Domingos me fazer duas hóstias de antipirina.⁻⁹⁶

— Anti, anti, quê?!... — abria a boca e os olhos de espanto, o boticário.

— Antipirina. Não tem cá? É remédio para a dor de cabeça; não tem, não conhece?

⁹⁰ uma paixão] um sentimento [1903]

⁹¹ Gosto bastante] Muito [1903]

⁹² Há mais instrução do que nós temos aqui.] São melhores terras do que as nossas e a gente é mais bem educada. [1903]

⁹³ *ma*] me [1903]

⁹⁴ !...] . [1903]

⁹⁵ Hei-de ir lá acima e depois passaremos uma tarde no quintal e conversaremos como dantes.] Heide ir lá cima para o quintal e conversaremos como d'antes. [1903]

⁹⁶⁻⁹⁶ — Ah! Cuidei que nos desprezava...

— Não, eu vinha aqui à farmácia para o Sr. Domingos me fazer duas hóstias de antipirina. [1903]

⁹⁷ desprezava...] esquecia! [1903]

⁹⁸ Decerto! Hoje entrei na] Não, eu vinha aqui à [1903]

— voltou João impacientado.

— Talvez tenha, talvez Mas é que esses remédios *estrambólicos*, quem os arranja é o Sr. Dr. Ramalho. Como é quem⁹⁹ os receita!... Eu cá não me criei com esses venenos.

— São venenos, são, mas a gente já se não sabe curar com outra coisa e então é melhor o Sr. Domingos arranjar um praticante.

— Tem razão, já pensámos nisso, por isso é que o meu *Dominginhos* anda nos *estúdios*.

— Ai, é tão esperto! — acudiu a Sr.^a Joaquina — fez *inzâme oitro dia*.

— Ficou bem? — perguntou João por delicadeza, sem nenhum interesse.

O velho respondeu logo:

— Olhe que não sei, menino João. Ele mandou-me dizer que sim, mas cá o *mê Antoino* disse-me logo «*mê pai, não infinte em estudantes, olhe que são todos, com perdão de Vossa Senhoria, uns tratantes!*» E vai eu escrevi ao meu *cômrrrespondente* e disse-lhe assim: «eu, Domingos José da Silva, *framacêutico* matriculado no largo da Fonte, quero saber se meu filho Domingos José da Silva *Juniór* fez os *inzâmes* que disse e se ficou aprovado ou reprovado». E o *cômrrrespondente* mandou dizer «que o estudo que fora *bô* mas que a respeito de *inzâmes* se tapou a *fala nas golas* que não disse nem uma nem duas».

João olhou-o estupefacto, apesar de há muito conhecer as bernardices do boticário, não sabendo verdadeiramente se lhe devia dar os parabéns se os sentimentos, perdido de riso como estava. Livrou-o de maior maçada e do comprometimento duma resposta, o Dr. Ramalho que entrou na ocasião.

— Inda bem que chegou o senhor doutor — disse o Domingos esfregando as mãos e empurrando a irmã para dentro, sem a deixar despedir, ao que ela opunha séria resistência.

— Está alguém doente lá em casa? — perguntou o Ramalho, cuidadoso.

— Não!... Ou sim... doentes estamos todos.

— E bem doentes... incuravelmente doentes, meu pobre amigo.

Apertaram-se as mãos afectuosamente, e o médico continuou:

— Mas essa doença não se cura com remédio de botica. O que vinhas buscar?

— Umhas hóstias de antipirina. Este calor endoidece-me.

— Ah sim... O Domingos não sabia dar-te esses remédios *novos*.

⁹⁹ Como é quem] Como elle é que [1903]

Sorrindo tirou as luvas, que pôs com o chapéu e a bengala sobre uma cadeira, e foi ele mesmo escolher, pesar e meter nas cápsulas o medicamento desejado, que entregou ao João.

— Vais já para casa?

— Vou, não me interessa nada andar cá por fora; detesto tudo isto, aborrece-me.

— Acompanho-te; ontem não pude lá ir porque tive uma visita longe, amanhã vem tua prima, naturalmente também vão¹⁰⁰ à estação, e é provável que não tenha tempo de ir até lá antes da noite...

Despediram-se do Domingos e saíram conversando.

— Ainda bem que vai! Acho a minha mãe tão mudada, tão triste!...

— Não admira. A dor de teu pai foi mais violenta; quando cheguei tinha tua irmã acabado de expirar, vi-o perdido, convenci-me que endoidecia. Depois resignou-se um pouco... Tua mãe não! Não perdeu aquela serenidade mortificada, que não há meio de consolar, só sendo tu que o possas fazer.

— Pobre mãe! Eu consolá-la não poderei, sabe? Quando penso que a minha irmã, a Pilar, aquele encanto de graça e inteligência é já a esta hora um punhado de ossos ou, pior, uma horrível podridão que nos causaria náusea a nós mesmos que a adorámos em vida e que a não podemos esquecer em morta!... É horrível, é para endoidecer, doutor!

— Ó João, vê lá, sê razoável. Um desespero desses não é para uma inteligência culta como a tua, para uma razão clara.

— Não há inteligência para o sofrimento, meu amigo! Eu sei que ela já não existe, que da sua pessoa que tanto nos encantou já nada vive senão a lembrança¹⁰¹; mas vejo-a em toda a parte tal qual me dizem que ela viveu nos últimos tempos; oiço-lhe a voz arquejante, que chamou por mim; segue me, vive comigo, porque a tenho dentro do coração... Consolar minha mãe, como o poderei fazer, se ela é mais feliz do que eu porque espera uma outra vida melhor em que tornará a ver a filha querida... e eu, e nós?... De que temos a certeza? De que o corpo é matéria e a matéria se transforma... E que mais? E a parte superior do nosso ser, aquilo que nos faz amar e querer, que nós amamos nos outros porque é a parte mais essencial do nosso ser... onde está? Em que se torna? Tanto saber para se chegar à triste convicção de que a ciência que não traz consigo uma porção de indiferença a couraçar a alma, é um martírio superior à inteligência humana. Felizes os ignorantes e os ingénuos...

¹⁰⁰ também vão] também de lá vão [1903]

¹⁰¹ senão a lembrança] senão a lembrança na nossa alma [1903]

— Estás¹⁰² numa excitação doentia. Não te levo assim para casa. Entremos aqui no meu escritório e vamos conversar um pouco com mais tranquilidade.

João deixou-se conduzir passivamente, sentou-se junto à mesa, enquanto o doutor acendia a luz e se ia sentar do outro lado, no lugar onde costumava trabalhar.

— Mas o que eu não posso compreender — disse o João bruscamente daí a momentos — é o motivo por que me não chamaram logo que adoeceu¹⁰³. Foi uma barbaridade, foi até um crime. Pois será justo que lhe recebessem o último suspiro precisamente aqueles que foram, talvez, a causa da sua morte?!...

— Pelo amor de Deus¹⁰⁴!...

— Não me diga que não — e levantou-se agitado, num passear febril —, houve qualquer coisa de anormal, isso houve, tenho a certeza.

— Parece impossível! Então tu, João, um rapaz inteligente e culto, estás falando pela boca da Engrácia?!...

— E o doutor jura-me pela sua honra que¹⁰⁵ está convencido que a pobre velha desvaira? — dizia apertando-lhe o braço com força. — Diga, jura, jura?... Diga, tire-me desta dúvida, que é medonha.

— Tem sangue-frio, homem, não sejas criança!...

— Ah, não jura!... A dúvida também lhe entrou no espírito, confesse.

— Anda cá, João, vamos falar com sossego, como homens. Primeiro, factos: o que sabes, o que desconfias?

— Que a Pilar morreu vítima dum crime ou, pelo menos, de desgosto... que quase o fosse.

— Mas que crime, que desgosto?

— Não sei! É isso é que eu saberia se aqui estivesse. Lembra-se bem de todas as particularidades com que se apresentou a pleurisia, que foi o princípio da doença? O doutor esteve lá a passar a noite, achou-a como sempre alegre e bem-disposta. Vão deitar-se, e de manhã estava cheia de febre, com um delírio terrível... A causa?

— As doenças nem sempre se apresentam da mesma forma; podia bem ser que ela estive já atacada, sem nenhuma manifestação externa.

— Pode ser... Tudo pode ser nessa infame ciência que não nos dá nunca uma certeza senão a da morte.

¹⁰² Estás] Oh! Estás [1903]

¹⁰³ que adoeceu] que ella adoeceu [1903]

¹⁰⁴ Pelo amor de Deus] Ó meu amigo, pelo amor de Deus [1903]

¹⁰⁵ [Foi eliminado o «de» em «jura-me pela sua honra de que».]

— Não há mais horrorosa profissão, tens¹⁰⁶ razão — respondeu sorrindo com bonomia o médico.

— Pois sim, mas suponhamos por um instante que estava boa, como parecia, até aos seus olhos perspicazes de profissional. O que temos? Uma pessoa que se deita sã e acorda com uma pleurisia dupla. Estou falando com serenidade, bem vê. É crível que a apanhasse metida na cama?

— Não é natural que chegasse à janela, que apanhasse uma corrente de ar, que se descobrisse!?!...

— É possível que a Cândida dormindo no mesmo quarto não sentisse nada?

— Gente nova, sem cuidados, tem o sono pesado.

— Não é isso que ela diz. E depois, o que me diz você a essa pulseira da Cândida que a Engrácia encontrou no caramanchão na manhã seguinte? Já não quero dar ouvidos à opinião da velha, que diz tê-la visto corar como lacre quando lha entregou...

— Ora, coisas da Engrácia; nada mais natural do que a rapariga tê-la perdido de tarde...

— Pode ser... Pois se eu tivesse a certeza! Mas o que o doutor não sabe é que o Manuel lavrador, que saiu de noite para amanhecer na mata do rio onde ia buscar lenha, disse ter visto saltar a grade do jardim um homem com um varino. Sabe que o Emídio trouxe um de Coimbra e usa o muitas vezes, principalmente à noite. E se fosse ratoneiro, sabe que a Favorita não é para brincadeiras...

— Tudo isso são suposições...

— E o ódio que manifestou nos últimos tempos ao Emídio e à Cândida, a minha irmãzinha que os amava tanto?!...

— Ora! As doenças trazem por vezes tais desequilíbrios, uns pensamentos tão desvairados.

— Sim... e também uma lucidez mais aguda... a minha irmã estaria louca? Não o creio, nem o doutor também. Houve¹⁰⁷ qualquer coisa de anormal, e não a conhecer é o que me tortura.

— Eu nem digo que creio nem que descreio. Não sei nada!¹⁰⁸

— Mas hei-de eu sabê-lo. Os acontecimentos seguem sempre uma lógica fatal, que não iludem por muito tempo um espírito investigador. Diga-me como as coisas se

¹⁰⁶ tens] você tem [1903]

¹⁰⁷ Houve] Alli houve [1903]

¹⁰⁸ !] . [1903]

passaram tal qual as viu e observou, que eu preciso juntar às minhas as suas informações. Recusa fazê-lo?

— Não, pelo contrário, julgo que é até o meu dever, visto que no teu espírito se levanta uma dúvida. Fá-lo-ia com um indiferente, quanto mais comigo que estimo como filho¹⁰⁹; tratando-se sobre tudo da morte da Pilar, que é uma saudade vivíssima para o meu coração.

O médico concentrou-se um instante e depois começou pausadamente, como quem faz um relatório, sob os olhares ansiosos do rapaz.

— Quando cheguei de Lisboa, chamado por um telegrama do Emídio, fui directamente a tua casa. A Cândida saía¹¹⁰ do quarto aos gritos, apavorada, como louca. Eu nem reparei que teu pai desvairado se debatia nos braços dos criados que lhe não deixavam despedaçar a cabeça pelas paredes, e que tua mãe caíra como fulminada com os sentidos perdidos. Não vi nada! Corri ao quarto na vaga e disparatada esperança de a salvar ainda...

— Estava já morta¹¹¹?!...

— Ouve. A Pillar falecera nesse instante; ainda não estava completamente fria. O Vilhegas, junto dela, parecia idiotizado pelo sofrimento...

— Ou pelo remorso?!...

— Não sei; já te disse que não avento opiniões, conto-te o que vi. Tentava fechar-lhe os olhos numa preocupação de doido, que me impressionou bastante...

— Daí para diante já eu sei, nem tão poucas vezes mo tem contado a pobre Engrácia. Foi ela quem vestiu a morta; nem quis ninguém para a ajudar, que a sua menina só a ela a queria...

O João escondeu a cabeça nos braços cruzados sobre a mesa, num soluçar de angústia.

— Então que tolice é essa, João?!... — ralhou amigavelmente o Ramalho.

— Tem razão, isto não é próprio dum homem... Continue, mas deixe-me antes agradecer-lhe os cuidados e carinhos que nessa ocasião dispensou aos meus pobres pais.

— Não fales nisso, deixa-me continuar. Quando vi que não havia ali nada a fazer, corri para junto dos que mais sofriam. Nunca vi uma dor igual, e tenho assistido a bastantes!... Cheguei a pensar em mandar-te chamar, mas, perdoa se pensei mal, vi-os

¹⁰⁹ filho] irmão [1903]

¹¹⁰ saía] saíu [1903]

¹¹¹ Estava já morta] E a desditosa criança estava já morta [1903]

tão sentidos com o desgosto que julguei perigoso todo e qualquer abalo. Ver repentinamente o filho que ficava quando a outra lhe fugia para sempre era exacerbar a dor. A Natureza tem em si mesma o único calmante para as grandes mágoas, o tempo. A vida, meu caro, tem-me ensinado estas coisas. Quando o sofrimento é sincero, a própria distração o irrita e faz maior.

— Ah, mas o que eu sofri sozinho quando o soube! O que eu curti só, longe dos meus, sem um amigo que bastante o fosse para sofrer comigo!... Sem uma pessoa que ao menos me lamentasse na linguagem que o meu coração melhor podia entender numa situação daquelas¹¹²! Ah meu amigo, que eu não sei como não enlouqueci!...

— Pois sim, lá sofrias o mesmo, ou talvez mais, mas não tinhas a brutalidade destas cenas mortuárias que forçam a dor até á revolta. Eles cá se iriam¹¹³ habituando... que a resignação é hábito, filho!¹¹⁴

— Sim, convenço-me que fez bem, mas o que me tresvaria é a desconfiança de que *eles* a matassem!

— Mas com que fim? Não era o interesse do Emídio casar com tua irmã?

— Seria o dele, mas não era o da Cândida.

— Hum!... — rosnou o doutor estendendo os beiços incrédulo. — Convences-te de que tua prima quisesse o Vilhegas enquanto te visse solteiro?

— O que podia ela esperar de mim, que nunca a cortejei?

— As mulheres, quando são belas e ambiciosas como a Cândida, não se prendem com essas frioleiras...

— Não sei, digo eu agora. O que sei é que a Engrácia os surpreendeu por mais de uma vez conversando em voz baixa pelos cantos.

— Lá voltas com os ditos da Engrácia...

— A Pilar aborreceu-os a ambos. Ele parece evitar-me, acanhado... A Cândida ficou despeitada, pela minha saída para a Bélgica sem lhe declarar amor, que francamente nunca lhe tive nem terei...¹¹⁵ Isto, meu amigo, são factos. Lá em casa não se pode falar em tal, que para meus pais a Cândida é um anjo. Eu é que desconfio muito daquela bondade sonsa. Desde pequena que me persegue, e, confesso, nunca mulher nenhuma me repugnou tanto como ela, sendo aliás bonita.

¹¹² daquelas] daquelas, a minha [1903]

¹¹³ se iriam] ir-se-hiam [1903]

¹¹⁴ !] . [1903]

¹¹⁵ A Cândida ficou despeitada pela minha saída para a Bélgica sem lhe declarar amor, que francamente nunca lhe tive nem terei ...] A Cândida ficou despeitada, parece, pela minha saída para a Bélgica sem lhe declarar amor...[1903]

— Formosíssima, diz, que não lhe fazes favor.

— Não acho, não a tolero!¹¹⁶ Há naquela passividade, que quer fazer passar por bondade, uma tão grande vaidade e não sei o quê de falso que me irritou e afastou sempre.

Levantou se inquieto e começou a passear pelo escritório, murmurando palavras, como se estivesse só. De repente estacou em frente do médico:

— Só queria saber a verdade! Mas como?! Ah, que se eles se namoram, se casam!... Mato-os como cães danados, percebe?

— Ora deixa te disso, casam lá!...

— Juro-lhe que os matava por minhas mãos. É a única prova que aguardo. Até já pensei em namorar a Cândida para descobrir alguma coisa, mas quando lhe falo... estou como a Engrácia, parece que vejo a sombra da Pilar a proibir-mo!... Se ela era tão pura, como poderia querer uma mentira?!...

— Não te sabia *espiritista*...

— Não sou, não era! Que eu já nem sei o que sou! Não posso com a ideia de que minha irmã não é mais do que uma pouca de matéria que se transforma estupidamente, imundamente, na terra!... Sinto-a imaterial e bela, como era, ou mais do que era, a acompanhar-me sempre.¹¹⁷

¹¹⁶ !] . [1903]

¹¹⁷ na terra!... Sinto-a imaterial e bela, como era, ou mais do que era, a acompanhar-me sempre.] na terra!... [1903]

VI

Na botica velha, apesar do excessivo calor, iam-se já reunindo os frequentadores do costume.

Mas não entravam, porque o pequeno recinto a que os remédios davam um cheiro enjoante era pouco convidativo¹¹⁸ para tantos pulmões que reclamavam ar.

Cada um que chegava ia dentro buscar cadeira, e, formando circulo, sentava se fora da porta, abanando-se com o chapéu num desabafo de asfixiados.

Apesar disso, a palestra corria animada porque eram muitos os assuntos a discutir, e não há temperatura, por mais alta que seja, que possa fazer morrer o micróbio da *má língua*.

O padre Matias, de quinzena curta, escanhoado de fresco, e, por excepção, de colarinhos engomados e gravata limpa, dizia para o Braga:

— Você quer vir daí jogar uma partida a casa do Maximiano?

— Eu não, homem; ele não faz nada do que se lhe pede... Veja lá se arranjou pôr em praça a casa do *Barnabé*, uma coisa que era mesmo uma justiça!

— Pois compre-a você ao Bernabé, que lha vende¹¹⁹.

— Pois sim, mas que *dinheirama* não pedirá¹²⁰?!

— Você quer ter as coisas e não as quer pagar, é boa!... Eu cá, se fosse rico, é que me ralava bem com tais misérias — em querendo uma coisa, comprava-a.

— Se fosse rico, se fosse rico!... É com o que lhe dão. O que tenho custou muito a ganhar ao meu pai e a mim também, não é para agora o *esbaratar* sem mais nem menos.

— Não está mau ganho aquele — comentou o Neves ao ouvido do Domingos —, se não fosse o roubo da casa do Olival queria ver o que eles tinham!...

— E o juro a cem por cento?... — respondeu o outro na mesma — quem lhe sabe da *caronica*!...

— Oh homem, não diga tal — continuava o cura. — Se o Maximiano lhe não fizer ir a casa a praça por expropriação, ninguém lho faz.

— O visconde está agora de cima e com ele me entenderei.

— Você verá se o visconde assigna essa trapalhada! Há-de tratá-lo com muito bons

¹¹⁸ um cheiro enjoante era pouco convidativo] um cheiro enjoante era pouco convidativo, por uma noite assim quente, [1903]

¹¹⁹ que lha vende] que elle vênde-lha [1903]

¹²⁰ não pedirá] elle não pedirá [1903]

modos, mas não lho faz, tenha a certeza.

— Veremos!

— Pois veremos.

— Amanhã vou esperar o visconde e se calhar falo-lhe logo.

— Vai feliz. O visconde tem escrúpulos de mais para político; se o Maximiano possuísse o dinheiro dele, com a cabeça que tem! Ainda o havemos de ver, quem sabe?!... Talvez presidente da República!

— Pois ele está agora republicano?!

— Não, por enquanto não, mas se ela viesse!... E você não quer vir a casa do Maximiano, oh Neves? — terminou, desviando a conversa que lhe não agradava com o teimoso do Braga.

— Vou lá um bocadito.

— Então vamos, que são hora — vendo o relógio de ferro oxidado. — Já nove! Irra, estas noites de verão são uns *nicos*!

— Eu também vou — disse o recebedor.

— E eu também — acudiu o Motazinho escrevente do pai tabelião, imberbe, voz aflautada e ares importantes de janota provinciano. — Estou com curiosidade de ver como vem este ano a Hortênsia — e puxou uma fumaça do cigarro, que ainda o engasgava.

— Talvez imagine que ela fica apaixonada — casquinou irónico o escrivão de fazenda, seco e triste como um arenque fumado, apertando o estômago que a dispepsia assaltava.

— Bem podia ser, sem ser milagre!...

— Aquela não é para o seu dente, Motazinho — veio dizer do lado o cura, batendo-lhe no ombro familiarmente.

— Não sei porque não, tem-se visto coisas mais impossíveis; lá pela riqueza, também¹²¹ não tem muita — respondeu enrubescido como tímido menino o pobre do Motazinho.

— Rica não é, isso¹²² é verdade; mas a protecção do pai vale bem a fortuna aqui do Sr. Braga. E olhe que é uma rapariga educada na alta, só fala em francês!

— Pois eu ainda conheci a avó a nem saber falar português.

Uma gargalhada geral abafou o dito que o velho Dr. Pinto atirou lá do seu grupo. O

¹²¹ também] também ella [1903]

¹²² isso] lá isso [1903]

advogado, de barbas brancas e ondeantes, apesar de não ser ainda um velho, com os seus olhos negros e inquietos de pouco fiel e desconfiado, gozava todas as regalias de comentador irónico da vida provinciana.

— A pequena não tem nada com a ignorância da avó — respingou azedo o padre Matias.

— Oh homem, não se escandalize, que isto é graça, não é falar em desabono da *sua gente* — e sublinhava com uma gargalhada que lhe fazia tremer a barba sobre o peito como num soluço.

— Falem, falem, que ainda os hei-de ver lá todos caídos... Quando se convencerem que os homens ricos como o visconde, que não faz da política modo de vida, não são capazes de fazer um favor a um amigo!...

— Sim, o Maximiano para fazer favores à custa do Estado é um *barra!* Mas ainda tem tanto parente pobre que primeiro que chegue aos estranhos levará tempo¹²³ — tornou, rindo sempre, o advogado.

— Oh Neves, para onde vai você? — desviou o cura, na sua febre de movimento, vendo passar o professor.

— Vou falar ao meu primo.

Efectivamente dirigiu-se para o Vilhegas, que passava de largo, affectando não ver a gente da *velha*.

O cura foi ter com ele, aproveitando o ensejo de deixar airoosamente a roda.

— Então para onde vai, doutor?

— Um bocado até à botica nova conversar com o Teles.

— Está lá um calor de todos os diabos; porque não vem antes a casa do Maximiano? Olhe que se passa lá bem.

— Tenho poucas relações com ele.¹²⁴

— Não faz mal; vai comigo, é o bastante.

— Outro dia qualquer.

— Porque não há-de ser hoje? Venha daí.

— Hoje não, nem estou vestido...

— Deixe-se disso. Aquilo não tem as cerimónias da viscondessa. Está-se à vontade. Venha daí, ande!... — Vendo-o irresoluto, lá o foi arrastando até casa do conselheiro, seguido pelo Neves, o recebedor, o Motazinho e mais uns poucos.

¹²³ levará tempo] ainda levará tempo [1903]

¹²⁴ Tenho poucas relações com ele.] Não tenho quasi nenhuma relações com elle. [1903]

— Olha o padre-cura a arrebanhar as rezes para o sacrifício — casquinou para o grupo o Dr. Pinto.

— Aquilo sempre é um *tipo!*... — resmungou o Braga.

Em casa do Maximiano as portas e janelas abriam-se de par em par iluminando a rua da vila, pouco abundante de candeeiros municipais. As vozes que vinham de lá, o vulto do conselheiro que por momentos se debruçou na varanda atirando fora a ponta do charuto meio aceso, a aproximação enfim dessa gente que mal conhecia fizeram recuar o Emídio, que, no fundo, tinha o acanhamento daqueles que se encontram em situação desequilibrada entre o meio em que nasceram e a ambição que criaram¹²⁵. Mas o reverendo é que o não largou senão dentro da sala, pondo-o mesmo em frente do Maximiano.

— Senhor conselheiro, este senhor não queria cá vir por não estar vestido convenientemente, e não o conhecer e não sei que mais...

— E o *padre-cura* deu-lhe ordem de prisão?! Fez muitíssimo bem.

— Oh, senhor conselheiro, eu tinha o maior gosto em vir, mas, na verdade, para uma primeira visita, não venho em *toilette* competente.

— Oh, meu caro, nada de cerimónias. Esteja como em sua casa. Gosta de jogar?

— Não sei. Quase não conheço as cartas.

— Então vamos a uma partida de bilhar, que o bilhar é como o vinho: aquece no inverno e refresca no verão.

E, conversando animadamente, seguiram à sala de bilhar, donde vinham vozes alegres de gente moça.

A filha do conselheiro, acompanhada por uma velha *bonne* e meia dúzia de rapazes e raparigas, que a ouviam enlevados, fazia traquinada com as bolas, ria alto, rodava sobre os calcanhares, puxava o cinto bem abaixo para salientar a incrível cintura, e papagueava em francês com a *mademoiselle*, voltando-se logo a ver o efeito, para a roda embasbacada dos admiradores.

Quando o pai lhe apresentou o Vilhegas, curvou a cabecinha frisada em popa e murmurou com a ponta dos beiços um cumprimento ininteligível. Depois, simulando indiferença, foi para a janela arrastando os companheiros.

A sua voz¹²⁶ esganiçada sobressaía a todas as outras, e as rendas brancas que

¹²⁵ tinha o acanhamento daqueles que se encontram em situação desequilibrada entre o meio em que nasceram e a ambição que criaram] era um acanhado [1903]

¹²⁶ A sua voz] De ahí a pouco a sua voz [1903]

enfeitavam o vestido muito justo de *piquet* azul-pálido andavam num rodopio.

— Quem é aquele rapaz?— perguntou à Aurora Costa, uma vesga e morena, que abria em bico a blusa verde-couve.

— Aquele? É o doutor novo, o médico que estava para casar com a Pilar de Melo.

— A pequena que morreu tísica?!... Ah, bem sei!... Agora a quem faz ele a corte?

— Agora?! Então ainda o outro dia lhe morreu a noiva...

— E por isso não há-de namorar mais? Ora adeus! Bem se vê que és da província.

Quantos *flirts* tens tu?

— Não sei o que é...

— *Flirt* é como agora se chama ao namoro, que é uma palavra muito baixa.

— Eu?!... Nenhum.

— Nenhum?! Isso é uma vergonha, positivamente.

— Costumas ter mais do que um?

— Sempre és muito parva! Este Inverno cheguei a ter vinte e cinco ao mesmo tempo — mas a gente chama-lhe *flirtar*. É *plus distingué*, e sabe ao mesmo.

— E se te chamam namoradeira?

— *Ça m'est égal*... — cantarolou, voltando-se a meio para o Motazinho, que se curvava cerimonioso:

— *Oh Mr. Mótá, comment vous portez-vous?*

— Ganhou. Agora, visto que não gosta de outro jogo — disse o Maximiano muito amável para o Vilhegas, ao mesmo tempo que punha o taco sobre o bilhar — aqui o deixo entre a gente nova. Esteja à sua vontade, meu caro. Gosto que venham a minha casa, mas não posso ver ninguém contrafeito. Eu vou até lá dentro molhar a minha sopa — terminou em ar de graça.

Quando já ia a cruzar a porta, encontrou o juiz, que se encostava gotoso a uma forte bengala de bambu, atarracado, grosseiro, de barba sal e pimenta, e dois olhinhos de porco incertos e maus. Trauteando sempre, brutal com os inferiores, metendo-se a gracioso com as senhoras, a quem dizia insolências por amabilidades, queria dar-se uns ares de honrada isenção que muito faziam rir o Dr. Pinto.

— Olá! Então hoje por aqui? — cumprimentou expansivo o conselheiro.

— Venho vê-lo.

— Amanhã não pode decerto, seu maganão!... Já sei que vem o visconde.

— Não é por isso, é que há dois dias que o não via...

— Então não vai à estação?

— Naturalmente não posso deixar de ir. A viscondessa é duma amabilidade extrema para minha mulher; mal parece não ir, pelo menos eu, esperá-la.

— Sim, a viscondessa é muito amável e o visconde tem tanta influência no Ministério da Justiça!...

— Eu não mendigo empenhos, senhor conselheiro. Lá em cima conhecem bem a integridade do meu carácter e sabem que eu não me vendo por...

— Quem fala em tal, meu caro! Isto era brincadeira. Também eu sou amigo do visconde, apesar de adversário político; em¹²⁷ Lisboa não se levam as coisas ao trágico¹²⁸ como cá na Parvónia. Muito a sério, ninguém conhece tão bem como eu a sua honestidade e desinteresse, por isso desejaria vê-lo colocar na vaga que se vai dar com a aposentação do Dr. Saavedra.

— Sério?! Aposenta-se?¹²⁹

— Mandaram-me hoje dizer.

— Que lugarzão!... Em Lisboa, e fazendo quanto quiser!...

— Pulso livre, claro — e a meia voz lá foram conversando até á sala de entrada, onde, em volta duma grande mesa, se reuniam os jogadores de *police bank*, então em voga¹³⁰. Aos lados, em mesitas pequenas, estavam os caturras do voltarete, do *whist*, do *boston* ou do solo.

Mal o conselheiro apareceu, quase todos os lugares em volta da mesa¹³¹ se lhe ofereceram amavelmente e logo¹³² ele, untuoso, sempre risonho, com maciezas de voz e de frase muito estudadas:

— Oh, meus amigos, por quem são! Eu fico bem de pé, não se incomodem... — mas, ante o protesto geral, foi sentar-se à direita do banqueiro, o Mota tabelião, um bilioso de cabelo e bigode pintado e lunetas brilhantes à força de as limpar nas circunstancias graves. Somente a face se lhe distendia em riso de satisfação quando, como agora, as notas, as moedas de prata e as marcas de osso que substituíam o cobre se lhe amontoavam diante dos olhos avaros.

Vendo o Maximiano aceitar o lograr da direita, estremeceu. Era uma honra, na verdade, mas também um perigo, porque ninguém como ele, acostumado ao grande jogo de Lisboa e Cascais, para abafar uma banca logo à primeira. O baralho tremeu-lhe

¹²⁷ em] lá por [1903]

¹²⁸ ao trágico] a sério [1903]

¹²⁹ Aposenta-se?] Elle aposenta-se? [1903]

¹³⁰ *police bank*, então em voga] *polis banque* [1903]

¹³¹ em volta da mesa] do *polis* [1903]

¹³² e logo] ; logo [1903]

entre os dedos.¹³³

Mas o conselheiro não jogou e um sorrisinho de alívio veio desfranzir-lhe os beiços e mostrar os dentes apodrecidos. Já falava, já ria dos *pontos* que iam perdendo pequenas paradas, e pagava sem regatear às senhoras.

— Jogo! — disse do outro lado da mesa a mulher do Maximiano, que estendia sobre o pano verde as mãos cheias de anéis de brilhantes.

— O senhor conselheiro não joga no jogo da Sr.^a D. Maria Adelaide? — perguntou o Mota, cortês.

— Eu topo — insistiu ela secamente —, tire carta.

O banqueiro mordeu os beiços despeitado e começou a puxar as cartas, vagaroso, muito mole, como se lhe estivessem coladas aos dedos.

— Perdi, quanto é? — disse atirando o seu jogo à mesa e olhando com simulada indiferença para as mãos lampejantes que se entretinha a revirar para mostrar o brilho dos anéis.

— Este é o dinheiro grosso, o resto¹³⁴ não vale a pena contar.

O tabelião fazia de generoso, não cabendo na pele de regozijo.

— Conte tudo — ordenou orgulhosamente, para mostrar à pelintrice provinciana como se joga no *grande mundo*.

A não ser o conselheiro, que conversava com a maior naturalidade para as outras mesas, todos os que estavam à mesa do *police*¹³⁵ e os que de pé jogavam de fora ou, meros *mirones*, simplesmente viam e comentavam, tinham seguido ansiosamente a partida arrojada da conselheira. — O Mota estava com uma sorte! Já não faltava senão dar mais uma vez; se passasse dessa já não se desforravam com ele. Asneira tinha feito¹³⁶ em retirar metade da banca logo no princípio.

Pensavam todos o mesmo, invejosos, seguindo em silêncio o movimento do baralho.

— Falta a última, amigo Mota, e aí é que a porca torce o rabo — disse o padre Matias, de pé, com os tentos apertados na mão de mistura com cédulas já de ganho.

Quando o Maximiano tornou a receber cartas olhou-as indiferente, pô-las em cima da mesa diante de si e continuou meio voltado a conversar com o juiz.

¹³³ O baralho tremeu-lhe entre os dedos.] O baralho tremeu-lhe entre os dedos ao dar cartas ao visinho [1903]

¹³⁴ Este é o dinheiro grosso, o resto] São vinte e cinco mil réis, fora estes miúdos que [1903]

¹³⁵ *police*] *polis* [1903]

¹³⁶ tinha feito] tinha elle feito [1903]

O Mota, esperançado de que ele não jogasse, deu confiadamente o resto das cartas.

— Oh, doutor — disse o conselheiro para o juiz, que, a cantarolar um estribilho muito da sua cabeça desatinada, ia já a voltar para outro lado —, você não joga?

— Não senhor! O jogo é uma ladroeira.

— Parece-lhe?

— Pois pudera! Então parece-lhe bem que ali aquele senhor ganhasse tanto dinheiro¹³⁷ à sua esposa dum instante para o outro?

— O dinheiro fez-se para girar, meu caro. Quer que todos façam tulha de libras como o senhor?

— Eu, sim!?! Sou um *pobretana*.

— Todos os honestos dizem o mesmo. Devia jogar para enriquecer. Eu gosto do jogo porque é a imagem da vida. Os pacatos, os que seguem somente o caminho trilhado por outras pessoas mais experientes, esses não arruinam os banqueiros nem perdem as casas, quando muito perdem... a linha. Os que são capazes de arrojarem uma fortuna sobre uma carta são também capazes de tudo arriscar para chegar onde a ambição lhes pôs os olhos...

— Joga, senhor conselheiro? — perguntou, oficioso, o tabelião.

— Topo.

E a carta voltada fez-lhe passar para a mão todo o dinheiro que estava sendo a cobiça dos outros.

O Mota, a pretexto de cansaço, levantou-se a tomar ar. Estava desesperado.

Com o seu eterno sorriso de bonomia, começava o Maximiano a contar o dinheiro para pôr na banca, quando a filha entrou pelo braço do Vilhegas, dizendo com a sua vozinha aguda atirada com petulância:

— Oh papá, não imagina como o Sr. Vilhegas e eu nos entendemos bem! Sabe histórias deliciosas e lindos versos para a guitarra. — Chegando ao pé da mesa e mudando de tom: — O papá é que fez banca? Há-de ser *vaca*, sim? — E para o Emídio, torcendo-se risonha: — Aposto que também não sabe o que é fazer uma *vaca*?

— Ah, isso sei por experiência... de perder. Muitas vezes em Coimbra me pediram dinheiro para elas.

— E não ganhou nunca?

— Creio que não, porque nunca mo deram. — Respondeu já senhor de si, vaidoso

¹³⁷ tanto dinheiro] vinte e cinco mil réis [1903]

por se ver recebido com tanta expansão pela filha do grande político, cujo lendário talento era ainda ponto de fé, até para os adversários.

— Parece incrível que não saiba jogo algum. *Je ne crois pas!*

— É tão completa a minha ignorância que até me parece que serei incapaz de vir a aprender.

— Nem o *bluff*?

— Esse menos do que nenhum, nem mesmo sei o que é.

— *C'est incroyable!* É um jogo de enganar; só pelas cartas serem diferentes já tem graça. Pode ganhar-se sem ter jogo nenhum, é questão de esperteza e sangue-frio¹³⁸. Olhe, o papá ganha sempre e com jogos ordinarríssimos. Engana toda a gente.

— Realmente sou um grande ignorante. Preciso aprender algum desses jogos, já não digo todos...

— Deveras? Então eu ensino-o...

— Pois desde já prometo ser o mais submisso dos discípulos.

— A sério?

— Muito a sério.

— Oh, mas é delicioso!... Aprenderá comigo todos os jogos, sim!?!...

— Todos que V. Ex.^a souber.

— Mas se eu sei todos! Vamos já hoje começar a lição?

— Com todo o gosto.

— Mas... por qual? Ó¹³⁹ papá, o que hei-de ensinar primeiro?

— O burro, que é o que tu sabes melhor.

Toda a sala riu da graça do conselheiro.

— Bom, lá está o papá a lazer troça... Imagina que eu não sei jogo nenhum porque não tenho a prática que o papá tem?!... Ora espere, venha cá — e correu ao fundo onde estava uma pequena mesa de pé de galo. — Oh Sr. Mota, dê-me cá esses castiçais. — O Motazinho, que ia a entrar, correu a executar a ordem. — Acenda-os, faça favor. *Merci*. Agora os marcadores, as cartas do *bézigue*, bom! Sente-se aqui, Sr. Vilhegas, vou ensinar-lhe um jogo engraçadíssimo, por ser só de duas pessoas — um verdadeiro *tête-à-tête*.

— Um encanto, principalmente quando uma delas é V. Ex.^a.

— *Comme vous ates aimable, merci bien*.

¹³⁸ esperteza e sangue-frio] finura [1903]

¹³⁹ Ó] Oh [1903]

— Não digo mais de que V. Ex.^a merece.

— Sabe uma coisa? Eu gosto mais que me tratem por M.^{elle} Hortense. É assim que todos me tratam e eu estou tão habituada a faltar francês desde o colégio, que às vezes dou ordens aos criados e só quando os vejo olhar para mim com caras de parvos, é que percebo que eles não compreenderam porque falei francês. É quase a minha língua...

— Pois se *mademoiselle* deseja, falaremos também em francês.

— Pois fala?

— Alguma coisa.

— O que me espanta¹⁴⁰ é que sendo um homem tão educado e inteligente possa viver numa terra da província como esta. Viver toda a vida numa aldeia, oh que horror! — e deitava a cabeça para traz num gesto verdadeiramente de horrorizada.

— Vamos ao nosso jogo? — desviou a conversa o Emídio, vendo que todos o observavam e que no dia seguinte os próprios partidários invejosos espalhariam pela terra o acolhimento que ele tivera em casa do chefe da oposição.

— *C'est vrai. J'avais oublié! Ma pauvre tête!* Repare bem, pega-se na primeira dama e no primeiro rei que nos vêm à mão e faz-se um casamento.

— O que se chama aqui um casamento?

— É apresentar os dois juntos, é uma espécie de casamento civil...

— Que é lá isso, que é lá isso, perguntou da roda do *police*¹⁴¹ o padre-cura. — Já falam em casamento, sem me ouvirem em confissão?!... — e riu da graçola, a que o Motazinho achou muito chiste.

— Não são desses casamentos — respondeu com imperturbável serenidade M.^{elle} Hortense — são casamentos sem padres. Duram apenas o tempo da partida e dispensam bênçãos papais. Casamentos *nouveau style*. É um jogo delicioso, não acha Mr. Vilhegas?

— Divino, minha senhora!...

¹⁴⁰ O que me espanta] Oh, mas o que me espanta [1903]

¹⁴¹ *police*] *polis* [1903]

VII

Primeiro do que ninguém tinha o Dr. José Ramalho chegado à estação para esperar os viscondes, que vinham no último comboio.

Mal se começavam a reunir os empregados, bocejantes, e os guardas tinham apenas acendido os candeeiros de petróleo, com as torcidas em bicos fumarentos, que mal alumiavam a sala de espera.

— Uma boa estafa este comboio das onze da noite!

— E hoje então que a viscondessa há-de trazer *pr'ái* um *ror* de bagagens!

— Ficam *pr'amanhã*.

— Isso ficam elas!... O chefe, *antão*... Se fosse *co oitros*, não digo menos, mas *co estes* é todo *políticas*... — Conversavam dois carregadores, encostados à ombreira da porta, na espera ociosa e enfastiada que precede a hora da tabela, cortada a espaços pelo ressoar da campainha eléctrica que nos sobressalta alegremente como voz amiga que já nos fala dos que se esperam, anunciando¹⁴² a sua aproximação.

O doutor estava, contra o costume, numa disposição de espírito arrelienta, nervoso, maldisposto, com vontade de implicar e dizer mal.

Aproveitando a liberdade que o seu lugar de médico da companhia lhe dava, levantou o balcão e pela casa das bagagens atravessou para a gare, que estava ainda em profunda treva.

— Então o que é isto!? Hoje não acendem as luzes? — perguntou mal humorado aos homens que o tinham seguido.

— Ainda não deu a partida, senhor doutor.

— Ora adeus! Acendam isso que são horas — comandou enérgico, enquanto os outros, vencidos, iam de má vontade buscar um caixote para chegar aos candeeiros.

Começou de passear para acalmar os nervos e de momento a momento parava, olhava o mostrador de duas faces do relógio da estação, puxava da algibeira o seu *remontoir*, e confrontava-os, achando sempre que ambos deviam estar atrasados.

Chegava a viscondessa, causa única e involuntária daquela agitação... Para que negá-lo? Era um sonho de muitos anos, a porção incorpórea e ingénua do seu sentir, o ideal que lhe tornava suportável a vida trabalhosa, solteira de afectos. Julgavam-no egoísta, solteirão incorrigível, todo avesso a fantasias amorosas, e afinal... Desde muito

¹⁴² dos que se esperam, anunciando] dos que esperâmos, dizendo-nos [1903]

novo que esbarrara naquele sonhar impossíveis¹⁴³ que lhe fechara olhos e coração a qualquer outro sentimento.

Nunca sentira necessidade de confessar-lhe, nem a si próprio, mesmo, quanto havia de profundo amor no interesse que ela lhe inspirava.

Para quê, afinal? Era tão feliz na doçura tépida e confiante daquela amizade fraternal, que nem mesmo queria averiguar o que de vulgar e humano poderia conter¹⁴⁴.

Para que perturbar esse enlevo com a materialização dum sonho, que na realidade não passaria duma vulgar intriga?

Depois, a viscondessa era duma honestidade tão simples e consciente, e com tanta graça e tanta nobreza sustentada, que nem a sombra de uma suspeita impura ousaria roçar-lhe pela alma. E era ainda por isso que mais a estimava, que a adorava quase — porque era adoração o que sentia ao vê-la tão serena e tão boa, tão intelectual e distinta! Tinha vontade de ajoelhar, silencioso, resignado e até feliz na passividade do êxtase.

Ele, que era um tanto rude na franqueza do dizer, achava, para as suas íntimas conversas de bons amigos, frases duma tão carinhosa ternura como só as sabe ter um coração de mãe.

Tão pouco humano, tão desinteressado era aquele afecto, que não sentia pelo visconde a mais leve repulsa¹⁴⁵. Se não eram amigos, como era natural que o não fossem, sendo tão fundamentalmente díspares, era-lhe todavia dedicado bastante para o auxiliar politicamente, e para lhe ser até agradável a sua íntima convivência. Invejava lhe um pouco, talvez — criancices de amoroso —, a delicadeza do seu perfil aristocrático, a maneira requintada de vestir, a simplicidade suprema com que punha o alfinete de pérola na gravata de cetim preto, colocava uma flor na botoeira, guiava um carro ou falava sobre arte.

Amá-lo-ia a viscondessa por essas miúdas preocupações, que tornam certos homens tão queridos à maioria das mulheres?

Mas o visconde não era somente isso, e decerto a mulher, cujo espírito adquirira com a sua convivência¹⁴⁶ vibratilidades de artista, amava muito esse homem, diletante na política como na arte, coleccionador por moda, um pouco literato e um pouco *sportman*; sempre distinto, invejado e imitado.

¹⁴³ [Optou-se pela lição que consta na edição de 1903, «naquele sonhar impossíveis», em vez de «naquele sonhar, impossíveis».]

¹⁴⁴ poderia conter] ella continha [1903]

¹⁴⁵ repulsa] repulsão [1903]

¹⁴⁶ com a sua convivência] com a convivência [1903]

Casados por paixão, era evidente que se tinham amado muito e assim continuasse a suceder¹⁴⁷. E era tão natural — pensava por vezes o doutor — primos chegados, a mesma educação e tradição de família, fortunas iguais, não tendo uma recordação que pelos dois não fosse partilhada, deviam amar-se e ser felizes como pareciam, como toda a gente acreditava¹⁴⁸, apesar da delicada reserva das relações exteriores¹⁴⁹.

Pensava incoerentemente todas essas coisas, percorrendo em largas passadas regulares o restrito espaço da plataforma onde chegava a luz. Toda a tensão de nervos se lhe conhecia no mordiscar febril do charuto e no franzir da testa a cada momento.

Assim se conservava ainda, quando a gare foi invadida pelas pessoas importantes da terra, que vinham, como ele, esperar os viscondes. O Braga, azafamado, empurrando todos, grosseirão e bruto, numa grande preocupação de ser sempre o primeiro. O Neves, o Domingos, as meninas Sousas e as Costas, com vestidos dum exagero que pretendiam ser do último figurino¹⁵⁰, olhando-se invejosas por cada fita ou flor a mais que qualquer delas pusesse.

Até as Sr.^{as} Rebelos, com chapéus de repolhudas flores vermelhas atados às velhas caras rugosas, que o pó de arroz tentava amaciar; o juiz, arrastando a perna gotosa encostado ao chapéu-de-chuva e à bengala, tencionando já pedir desculpa pela falta da mulher, motivada por doença, diria, mas em verdade porque não quisera alugar carro, e assim, a meias com o delegado, o Dr. Pinto e o escrivão saía-lhe mais barato. Não, que era preciso fazer economias, desde que os emolumentos do crime se iam pela água abaixo e era uma raridade um bom inventário...

Depois,¹⁵¹ os partidários certos do visconde e aqueles que não sabiam ainda para onde se virar.

O doutor, que estava sempre disposto a aturar aquela gente com a inestancável paciência de médico e de político, não pôde nessa noite vê-los sem que o espírito se lhe confrangesse numa repulsa¹⁵² instintiva, que o fez afastar para a sombra, propositadamente, com vontade de criticar, de ter alguém com quem pudesse falar, alguém de muita confiança que o desculpasse sem tentar compreender aquele estado de espírito, que torna os homens, mais do que as mulheres, intratáveis em questões de

¹⁴⁷ era evidente que se tinham amado muito e assim continuasse a suceder] era evidente que se amariam como no principio [1903]

¹⁴⁸ acreditava] queria [1903]

¹⁴⁹ das relações exteriores] com que se abordavam [1903]

¹⁵⁰ do último figurino] a moda [1903]

¹⁵¹ Depois,] Depois, ainda, [1903]

¹⁵² repulsa] repulsão [1903]

amor.

Quando por fim o João apareceu, foi-lhe ao encontro, de mão estendida, sem se importar com os outros.

— Já cá estava, e eu fui por sua casa para o trazer no carro — disse-lhe logo o João.

— Obrigado pela lembrança; não tinha que fazer, vim a pé por aí abaixo para acalmar os nervos¹⁵³. Se soubesse que tinha tão boa companhia, esperava, decerto. Mas o agradecimento é o mesmo.

— Não tem nada a agradecer, o favor era para mim. A mãe¹⁵⁴ pediu-me para acompanhar a Cândida e como o *tête-à-tête* me não é agradável ia procurar o meu amigo para o trazer connosco.

— E vieram juntos? Desculpa a curiosidade.

— Vim a governar, e ela dentro. Espere... Venha cá — levados naturalmente por igual desejo de solidão, tinham-se refugiado na sombra, e daí vira o João chegar o Vilhegas junto da Cândida, que se endireitava soberba, em plena luz —, repare com que intimidade eles se falam!... E ainda o doutor diz que não há nada! Dava tudo por os ouvir!... — Agitadíssimo apertava o braço do médico, como se quisesse com a poderosa tensão do seu espírito apreender as palavras que os outros a distância trocavam.

A Cândida, ainda de preto — que teimava em usar porque descobrira que lhe adelgaçava o busto cheio e lhe fazia sobressair o branco esplêndido¹⁵⁵ da pele e o castanho loiro dos cabelos —, estava formosíssima.

Alta, silenciosa e grave entre a multidão remexida das pequenas provincianas, com um grande chapéu de rendas e plumas todo preto a complementar a *toilette* muito leve e custosamente simples, e com o seu glorioso ar de desdém, ela era na verdade a soberba matéria que avassala as almas.

O Emídio curvou-se rendido.

— Onde esteve ontem — murmurou incisiva, irritante, tratando-o propositadamente por senhor.

— Ontem, ontem...

— Não se canse a procurar mentiras. Sei que foi a casa do Maximiano. Falou com M.^{elle} Hortense?... — frisou, irónica.

¹⁵³ vim a pé por aí abaixo para acalmar os nervos] vim a pé por ahi abaixo [1903]

¹⁵⁴ mãe] mamã [1903]

¹⁵⁵ branco esplêndido] branco-mate [1903]

— Quem to disse?

— Que te importa? Sei que foste; se lá voltas acabarei com tudo.

— Mas isso é um despropósito; fui lá, é verdade, mas só vi o conselheiro, juro-te!

— tentava convencer, aflito, temendo que num desses ataques de ciúmes ela o compromettesse escandalosa e irremediavelmente.

Perdê-la, quase o não incomodava já. Era formosa na verdade, mas duma exigência tão absorvente que há muito o desgostara, a ele que não era um artista que pusesse na beleza a aspiração suprema da sua idiossincrasia.

Desde a morte da Pilar que tentava fugir-lhe, mas, sem um pretexto que o desculpasse, agarrara-se agora àquele da vinda do João e à necessidade de por isso espaçar as visitas para fugir um pouco àquela pressão esmagadora.

A sua inteligência inferiorizada pela ambição obscurecia-se por completo num pavor de tortura, quando assim a via imperiosa e enigmática, fascinando-o apesar de tudo.

— O que dizes? — perguntou com ironia, olhando-o de alto.

— Decerto não irei sempre, mas...

— Ah!... Ó Sr. Braga — chamou ela o velho, que a contemplava embasbacado havia momentos, coisa que lhe não escapara —, quer acompanhar-me até junto de meu primo?

— Oh, minha senhora! — gaguejou o ricaço, oferecendo pressuroso o braço onde ela mal tocou com a ponta dos dedos enluvados.

Então ele com a sua grossa mão vermelhuça¹⁵⁶ puxou-lhe o braço para cima e não soube senão dizer com uma ternura bruta:

— Que felicidade, que felicidade!...

— O quê, Sr. Braga, acha felicidade que eu lhe peça um favor?

—Dava¹⁵⁷ contos de réis para que fosse toda a vida assim! — corado até ao extremo violáceo da apoplexia, esforçava-se por dizer alguma coisa que pudesse agradar àquela mulher, que havia uns tempos, desde que o padre Matias na botica velha dissera aquelas coisas, lhe andava a pôr doida a cabeça, que dantes só as cifras enchiam.

— Tanto dinheiro por uma coisa tão insignificante e tão natural!... Não valia a pena, Sr. Braga! — respondeu meiga, com uma voz quebrada que atordoou¹⁵⁸ o homem.

¹⁵⁶ Então ele com a sua grossa mão vermelhuça] Com a sua grossa mão vermelhuça [1903]

¹⁵⁷ Dava] Se acho! Dava [1903]

¹⁵⁸ atordoou] acabou de atordoar [1903]

— Lá isso valia, até tudo o que tenho! E olhe que é *pra* mais de umas centenas de contos — gaguejou¹⁵⁹.

Um apito prolongado do comboio ao longe terminou as conversas, na curiosidade nervosa e desencontrada em que todos ali estavam¹⁶⁰.

— Como viria vestida a viscondessa? — perguntavam as mulheres.

— Como os receberia o visconde — pensavam¹⁶¹ os homens, que na política punham a sua ambição.

A máquina avançava, cuspidando brasas, ofegante, deixando fugir a força com o vapor que se lhe enovelava em cabeleira. As lanternas vermelha e amarela furavam a noite como dois olhos de monstro fantástico que avançava esbaforido, chocando-se em traquinada de molas e correntes.

¹⁶²Na plataforma todos se agitavam, adiantando-se, querendo ser vistos primeiro. O chefe empertigou-se com a bandeirinha verde na mão, obrigando com o seu gesto imperioso a retirar os mais atrevidos. Atrás da máquina seguiram os vagões carregados de sacos fedorentos de guano para as terras, depois as bagagens, a terceira classe com soldados e malteses que vinham das ceifas do Alentejo, estremunhados, espreguiçando-se às janelas... E o comboio, que mal se arrastava já sob a pressão dos travões, parou por fim num choque que se prolongou até às últimas carruagens.

A primeira¹⁶³ ficou um pouco acima e todos correram açodados a cumprimentar o visconde, que se apeou logo, esbelto ainda, mesmo bonito homem apesar dos cabelos que iam branqueando na aproximação dos quarenta. Mal pusera pé em terra e logo os vigorosos braços do Domingos o apertavam numa expansão perdoável a um partidário tão intransigente.

O visconde deixava-se abraçar por todos, tendo uma palavra para cada um, sorrisonho e amável, apesar de uma vaga sombra de cansaço, sustentando com distinção o difícil papel de político aclamado pelo seu burgo.

Logo a seguir apareceu a viscondessa, à portinhola, vestida de azul-escuro, gravata de seda branca, chapéu de feltro que um simples laço enfeitava¹⁶⁴, sorrindo bondosa, recebendo com igual deferência todos os cumprimentos. Só quando o Dr. Ramalho e o

¹⁵⁹ de umas centenas de contos — gaguejou] de duzentos contos — regougou o animal
— «E vive aqui!... [1903]

¹⁶⁰ na curiosidade nervosa e desencontrada em que todos ali estavam] na mesma curiosidade de todos que aguardavam os Viscondes, trazidos por desencontrados desejos e interesses [1903]

¹⁶¹ pensavam] a si mesmos perguntavam [1903]

¹⁶² [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

¹⁶³ A primeira] O wagon-leito [1903]

¹⁶⁴ que um simples laço enfeitava] que uma simples fita enfeitava [1903]

João conseguiram aproximar-se é que a sua fisionomia muito móvel se abriu num lampejo de sincero contentamento. ¹⁶⁵ Aceitando as mãos que ambos lhe ofereceram saltou para o chão, dizendo num sorriso de intimidade que raro prodigalizava:

— Já me tardavam!... Como tem passado, doutor?... Como está tua mãe, João?

— Como a prima pode imaginar!...

— Sim, faço ideia! Se amanhã a mamã não estiver muito fatigada irei abraçar a minha pobre Josefina.

— Como é boa e como lho agradeço — murmurou o João comovido.

— A Sr.^a D. Genoveva fez bem a jornada? — interrogou o médico cuidadoso.

— É muito longa, deixa-a fatigada por uns dias, mas apesar disso não está mal. Para se não incomodar com cumprimentos, pedi-lhe que ficasse na carruagem com a D. Luzia até nós retirarmos.

— Foi bem pensado. É preciso a maior cautela com aqueles nervos — respondeu o Dr. Ramalho.

— Nervos?!... Enfim, pode ser!... Mas venham cá; vem cá, João, que te quero apresentar uma pessoa que muito estimo.

— E que eu não conheço?

— Nem eu também? — inquiriram os dois a um tempo.

— O doutor conhece, tu é que não — e voltando-se chamou para dentro da carruagem. — Bela!

— Estava a procurar a minha malinha na confusão das vossas malas, malinhas, embrulhos, cabazes... Sei lá o que para aí vem! — dizia¹⁶⁶, ao mesmo tempo que saltava da carruagem, uma delicada figura de mulher, vestida de flanela branca riscada de azul, chapéu remador de palha branca, colarinho e gravata, e no bolso do casaco o lenço de linho fito, num jeito um tanto masculino.

— Oh meu caro doutor, como está, como tem passado desde o Inverno?!... — dirigiu-se ao médico, numa grande expansão de amizade a que ele correspondia afectuoso.

— Minha filha — sorriu a viscondessa — guarda para logo os teus cumprimentos ao doutor que já é conhecido velho, agora deixa-me apresentar-te o meu primo João de Melo.

— Escusas de dizer mais, conheço-o perfeitamente — respondeu séria, estendendo-

¹⁶⁵ [Fecho de parágrafo na edição de 1934.]

¹⁶⁶ dizia] veio dizendo [1903]

lhe a mão para um *shake-hands*, à inglesa, e dizendo com uma naturalidade encantadora. — A Maria Helena descreveu-mo de tal maneira que o reconheceria em qualquer parte.

— Se tu o conheces — acudiu a viscondessa, rindo — o mesmo não sucede a ele¹⁶⁷, que não teve quem, tão bem como eu, te descrevesse. É preciso apresentar-te: Isabela Burns, a minha maior e melhor amiga.

— *Certainly* — terminou rindo Isabela.

— Podemos partir — veio dizer o visconde.

— Quando quiseres.

— Entrega a relação das bagagens ao Bernardo. Como o comboio não passa hoje daqui, não haverá confusão.

— Pois sim. — Abrindo a carteira de coiro da Rússia onde brilhava o oiro do monograma e a coroa, tirou um papel que entregou ao administrador, curvado para receber as ordens e cumprimentar Sua Ex.^a: — Veio o *coupé* para minha mãe?

— Sim, senhora viscondessa.

— Tenha cautela, Bernardo, olhe se os cavalos estão folgados que vão muito depressa...

— V. Ex.^a pode confiar em mim.

— Bem sei, tenho toda a confiança no seu juízo, mas por isso mesmo não quero que entregue esta obrigação a ninguém.

— V. Ex.^a pode ir descansada.

— Bem, bem — e voltou ainda à carruagem, a fazer as mesmas recomendações.

— Quem é aquela senhora que o visconde cumprimentou? — perguntava Isabela, aceitando o braço de João.

— É minha prima.

— Apresenta-ma?

— Da melhor vontade, mas... perdoa-me a indiscrição duma pergunta? Para que deseja essa apresentação?

— Ora para quê!? Porque é muito bonita e quero admirá-la de perto. Ri-se?

— Não rio; acho¹⁶⁸ um pouco estranho esse desejo.

— Estranho em quê? Eu admiro a beleza, e onde quer que a encontro gosto de a contemplar.

¹⁶⁷ o mesmo não sucede a ele] não te conhece elle [1903]

¹⁶⁸ acho] é que acho [1903]

— É que, em geral, as senhoras não costumam falar com essa justiça da beleza das outras.

— Que me importa o que as outras fazem, se eu não sou como elas?!...

— Tem cautela, João, olha que a Bela faz da vida um paradoxo e a maior parte das vezes não pensa exactamente o que diz — disse a viscondessa, que vinha logo atrás pelo braço do doutor.

— Agora é somente o que penso, sem exagero nenhum. Desejar ver de perto uma mulher bonita, parece-me que não é nada extraordinário. Vá, venha apresentar-nos.

Como se tornava impossível alcançar o visconde e a Cândida, apertados e embaraçados por toda aquela gente que queria sair a um tempo, chamou alto o visconde, que se voltou logo e esperou com o seu amável sorriso de homem galante. E foi ali, entre o gargalhar de toda a turba¹⁶⁹ que se sentia feliz da sua própria importância, que o João apresentou a Cândida, um pouco contrafeita sob o claro olhar perscrutador de Isabela.

— A Sr.^a D. Cândida quer dar-nos a honra de ir no teu carro¹⁷⁰ — disse o visconde à mulher.

— Com o maior prazer.

— É fechado¹⁷¹, visconde? — Bela interrogou.

— Trouxeram-mo fechado¹⁷², não sei para quê.

— Que pena, com uma noite destas! — saindo para fora continuou —, mas de quem é então aquele¹⁷³ tão bonitinho?

— É meu, e se me atrevesse punha-o à disposição de V. Ex.^a — respondeu João.

— Mas porque se não há-de atrever?!... Ah!... — E, como falando consigo — que sensaboria!

— O que dizias? — perguntou a viscondessa.

— Nada!... Olha lá, parecerá mal aqui na província¹⁷⁴ ir no carro de teu primo — disse a meia voz, numa resposta que era uma pergunta.

— Sozinha, não... Mas pode ir mais alguém, parece-me que são poucos os carros para tanta gente.

— Pode ir o doutor...

¹⁶⁹ a turba] aquela gente [1903]

¹⁷⁰ no teu carro] na tua carruagem [1903]

¹⁷¹ É fechado] A sua carruagem é fechada [1903]

¹⁷² Trouxeram-mo fechado] É esta *victoria*, que trouxeram fechada [1903]

¹⁷³ aquele] aquelle *phaeton* [1903]

¹⁷⁴ parecerá mal aqui na província] parecerá mal [1903]

— O doutor, não — emendou o João apressado —, como V. Ex.^a prefere o meu carro, vai o Dr. Ramalho com os primos e eu vou convidar as Sr.^{as} Rebelos e o Domingos, que vieram a pé.

— As manas Rebelos e o boticário, não é? Já conheço tudo por tradição; chame-os depressa, olhe que fogem — apressou Isabela, batendo as palmas satisfeitíssima, empurrando-o quase para o lado onde o Domingos e as cunhadas já estavam fazendo as suas despedidas ao visconde.

Pouco depois, todos acamados como foi possível, puseram-se as carruagens em marcha com a gravidade cerimoniosa dum casamento pomposo.

VIII

A tarde alongava-se num crepúsculo aguarelado em leves tintas doiradas, com longes de porcelana japonesa e recortes miudinhos nos primeiros planos.

No terraço, iluminado pela luz do poente sem agonias, as rosas-chá abriam-se aromáticas e doces.

A viscondessa, reclinada numa cadeira da Ilha com baldaquinos bordados, fitava os olhos na *Vesper* — que era um ponto mais brilhante no oiro em que o sol se fundia — num alheamento, num abandono de si mesma, que a pusera triste, dessa inexplicável tristeza que infiltram na alma as tardes assim belas e silenciosas.

O vestido leve de seda escura contrastava¹⁷⁵ fortemente com a palidez marfínea do rosto. O cabelo castanho simplesmente penteado descobria-lhe a fronte característica¹⁷⁶ de inteligência e juízo claro. A boca, dum corte rasgado, trazia-a franzida num sorriso de paciente melancolia, que às vezes se azedava num leve sarcasmo de quem muito conhece, e de muito a conhecer se irrita, com as mentiras da sociedade. Alta e elegante, o seu corpo tinha ficado delgado, de mulher que nunca tivera filhos, apesar dos trinta e cinco anos que ia contando. Mas o que sobretudo agradava nela era a maneira senhoril e desafectada de andar desafectada de andar¹⁷⁷, de sorrir, de falar para todos e em qualquer assunto com as palavras precisas, sem um gesto a mais nem uma pausa de menos, como se toda a sua pessoa tivesse sido harmonicamente feita num mundo superior de matéria diferente dos¹⁷⁸ outros.

O criado, que chegara à porta, perguntava pela terceira ou quarta vez — se sua Ex.^a poderia recebi o Sr. Dr. José Ramalho.

— Mande entrar — respondeu como despertando.¹⁷⁹

Enquanto o criado ia transmitir a ordem, endireitava-se¹⁸⁰ na cadeira para receber o médico¹⁸¹, a quem estendeu a mão branca de dedos afusados, e disse alegremente, num afugentar de maus pensamentos que a aliviava:

¹⁷⁵ O vestido leve de seda escura contrastava] O vestido leve de seda escura, com enfeites de renda preta, contrastava [1903]

¹⁷⁶ característica] alta [1903]

¹⁷⁷ Mas o que sobretudo agradava nela era a maneira senhoril e desafectada de andar] Mas o que sobretudo agradava nella era a maneira senhoril, nobre e consciente e ao mesmo tempo desafectada de andar [1903]

¹⁷⁸ dos] da dos [1903]

¹⁷⁹ — Mande entrar — respondeu como despertando.] — Mande entrar para aqui — respondeu como que acordando. [1903]

¹⁸⁰ endireitava-se] ella endireitava-se [1903]

¹⁸¹ médico] doutor [1903]

— Ainda bem que veio, doutor, principiava a entristecer, com esta luz, este céu, esta solidão...

— Como era só princípio, ainda venho a tempo de evitar maior tristeza — respondeu a sorrir, ao mesmo tempo que se sentava na cadeira defronte. Se é que a minha companhia pode distrair alguém!...

— Aqueles que sinceramente nos estimam são sempre a companhia que mais nos deve distrair. Não é verdade?

— Assim deve ser.

— E quantas vezes não é!...

— Não admira, o que não deve ser é o que mais acontece neste¹⁸² mundo.

— É verdade...

— O visconde?

— Deve ter sabido a cavalo, como costuma, antes de jantar. Talvez esteja na biblioteca, ou tenha visitas... Não lho posso dizer ao certo. Só nos reunimos ao jantar, e para isso é ainda cedo — concluiu, olhando para o cinto onde, preso a um colchete¹⁸³ de ouro esmaltado, trazia um pequenino relógio de cristal.

— Em Lisboa sei que é esse o costume, pelos muitos afazeres do visconde, mas julguei que aqui lhe pertencesse mais, nesta liberdade de férias no campo.

— Não, para nós é já um hábito. Aqui¹⁸⁴, tem a política que o absorve e distrai: ouvir um influente, atender a outro, escrever cartas e fazer combinações... Toda essa embrulhada, a que sou perfeitamente estranha.

— Não se interessa então nada pela política? — respondendo ao sinal de negativa que ela fez com a cabeça, continuou: — Imaginei que sim. Tenho-a tido sempre como um poderoso elemento na influência partidária do visconde.

— Porquê?

— Porque a vejo sempre amável para os influentes, conhecendo-lhes os fracos e os interesses...

— Somente para fazer a vontade ao Duarte, que mo pede¹⁸⁵ com interesse. Mas é contra minha vontade que se mete¹⁸⁶ nesta vergonha da política. Os de cá, os *pequenos*, como os de lá, os *grandes*, é tudo afinal a mesma coisa. Egoístas, ambiciosos,

¹⁸² neste] cá por este [1903]

¹⁸³ um colchete] a uma *agrafe* [1903]

¹⁸⁴ Aqui] Depois aqui [1903]

¹⁸⁵ que mo pede] que é a única coisa que me pede [1903]

¹⁸⁶ que se mete] que elle se mette [1903]

interesseiros, não há um único que queira ver a miséria em que a pátria agoniza e se sacrifique para a salvar. E se algum aparecesse, os outros afastá-lo-iam como um perigo para as suas bolsas que o tesouro enche... De baixo¹⁸⁷ a cima é uma luta furiosa de ambições para chegar ao poder; depois... ninguém se salva... O que me desgosta é ver o Duarte viver com eles ter os mesmos ideais estreitos, aceitar os mesmos compromissos para idênticos fins. Ele, que é pessoalmente honesto, politicamente iguala-se ao Maximiano Carneiro... porque é igualar-se tê-lo como adversário.

— Não diga tal, viscondessa! Pois não a consola que seu marido seja apontado entre todos¹⁸⁸ como um dos raros honestos?

— Sim, nada do que nós temos nos veio com a política, mas isso, meu amigo, é a honradez vulgar do criado de servir que não tira o dinheiro ao patrão mas vê sem protestos os outros encherem as algibeiras.

— Não crê que em volta do nome honrado do visconde se forme um partido novo a que se juntem as almas ainda impolutas dos moços, cheios de coragem para lutar, resignação para a miséria, e esperança no futuro?

— Não creio nesse doce sonho cor-de-rosa. Em primeiro lugar porque os novos já não são¹⁸⁹ os depositários dos entusiasmos e das grandes ideias altruístas... Tem-se educado a mocidade para políticos e empregados públicos. Os independentes são uma pequena minoria, que os próprios companheiros alcunham de doidos... Os homens práticos neste país são os que aos vinte anos só têm confiança... nos empenhos.

— Como está descrente! O visconde ainda fará alguma coisa, verá...

— Não creio, o Duarte transige com os meios, e para salvar isto seria preciso não haver transigências de qualidade alguma. Seria preciso cortar fundo e a direito, sem olhar absolutamente a conveniências pessoais.

— Quer então um novo Pombal?!... — perguntou o médico, rindo.

— Sem as inúteis crueldades¹⁹⁰ que deslustraram a sua bela obra de ressurgimento pátrio. Viesses ele!...

— É então por esse ideal... sebastiânico, que lhe não interessa a política contemporânea?!

— Decerto! A não ser que o doutor me explique o que o país ganha e o que pode advir de grande e compensador para a colectividade portuguesa, com a entrada do Sr.

¹⁸⁷ [Corrigiu-se «debaixo» para «de baixo».]

¹⁸⁸ todos] os partidos da rotação [1903]

¹⁸⁹ já não são] já não são como há vinte anos [1903]

¹⁹⁰ inúteis crueldades] barbaridades [1903]

Domingos da botica para a vereação da câmara municipal, ou com a realização do empenho do Braga, em fazer expropriar a casa do Bernabé, porque afronta o seu *chalet* mirabolante de burguês endinheirado e estúpido. Sim, o meu bom amigo, que é também político, poderá explicar-me essas *vantagens*...

— Eu sou um político... e água morna. Auxílio o visconde por amizade, e aceitei, como sabe, ser deputado por um círculo qualquer para que ele tenha mais um voto na câmara... Nunca me incomodei com os meus constituintes, que têm tido o bom senso de não pensarem também no seu representante.

— Quer isso dizer que o doutor, que em toda a sua vida particular não tem uma mancha a enodoar-lhe o nome, acha que é natural ser representante dum povo porque o governo lhe disse que o fosse?! Aceita isso, e acha até muito natural que se faça, o que num país civicamente bem-educado se não faria; e porquê? Porque é política. Triste palavra que tanta coisa má faz desculpar! Os senhores não crêem nos homens que seguem; não têm partido porque não têm convicções!...

— Mas isso é quase uma descompostura... — disse de bom humor o médico.

— Talvez, mas justa, confesse. Um de meus avós recusou representar uma das nossas colónias nas famosas cortes¹⁹¹ de Isabel Maria, porque era impossível, materialmente impossível por falta de tempo, apresentar-se eleito pelos seus constituintes com legalidade, visto que as viagens duravam seis meses e as cortes constituíram-se em dois... Então, um homem cheio de filhos e responsabilidades não se importou de desobedecer a uma ordem que ia de encontro à sua consciência, e agora os mais honestos¹⁹² têm a filosofia do doutor. Os homens têm uma consciência mais lata...

— E as mulheres faziam outra coisa, senhora¹⁹³ feminista?

— Oh, as mulheres não são melhores, porque nem mesmo querem dar-se ao trabalho de pensar. Se elas pusessem no bem da pátria e da família a energia que despendem em futilidades, alguma coisa poderiam fazer...

— Se todas fossem como a viscondessa decerto que o melhor que teríamos a fazer era ser governados...

— Não perca os seus madrigais comigo, meu caro.

— Mas é sinceramente que digo isto, tenha a certeza.

— Pois então digo-lhe que está enganado. Quanto mais banal e frívola é a mulher,

¹⁹¹ cortes] cortes da regência

¹⁹² e agora os mais honestos] e agora? Os mais honestos [1903]

¹⁹³ senhora] minha senhora [1903]

mais influência tem no espírito do homem, até às vezes os mais inteligentes. Na nossa sociedade, que se apregoa a última palavra da civilização, raramente a mulher é a companheira do homem. Ele quer ser senhor; ela, como todo o escravo, corrompe-o. Ora esse papel é baixo e uma alma superior de mulher nunca se sujeita a ele, prefere a sombra da sua modéstia...

— Mas, se a viscondessa me permite uma observação...

— Diga.

— Parece-me que V. Ex.^a não poderá queixar-se nunca porque é, felizmente, uma excepção a essa regra; o seu lucidíssimo espírito deve exercer no do visconde uma salutar influencia.

— Está enganado; meu marido, como a maior parte dos homens, dispensa o espírito... caseiro.

— É duma ironia pungente — respondeu o doutor, admirado do que ouvia, tão diferente do que imaginara. Depois de um instante de silêncio, em que as suas almas se compreenderam talvez, melhor do que em anos de convivência, elle perguntou:

— Há quanto tempo casaram?

— O que lhe diz o termómetro?

— Que o mercúrio ainda não gelou...

— Nem gelará, descanse! — respondeu sorrindo e encostando o cotovelo a uma pequena mesa de jardim. — Temos uma temperatura de estufa, elegante, cuidadosa e sabiamente graduada¹⁹⁴. Estamos livres das grandes temperaturas tropicais como dos resfriamentos polares.

— Permita-me que duvide um pouco dessa teoria de velhos egoístas em gente tão moça?!

— Moços?! Não é tanto assim, sabe que idade tenho?

— Calculo trinta... creio que não se importa que o diga.

— Engana-se, tenho trinta e cinco.

— Somos quase da mesma idade, eu tenho trinta e oito.

— Tem graça que só hoje fizéssemos esta *descoberta*.

— Quando eu vim para aqui era a viscondessa quase uma criança.

— E o doutor outra, pois que somos quase da mesma idade.

— Eu sempre fui mais velho que os meus anos. Isto foi há treze...

¹⁹⁴ graduada] entretida [1903]

— Tinha eu vinte e dois; estava casada havia cinco...

— Estão casados há vinte?!...

— É muito, não acha, para um homem gostar duma mulher?

— Pelo contrário, parece-me pouco quando ela é... o que deve ser. Casaram muito novos.

— Éramos primos e noivos desde crianças...

Calaram-se ambos, como admirados de dizerem tanto; é que a tarde, caindo pacificante e bela, trouxera-lhes aos lábios frases de confiança que o tumultuar do mundo lhes não deixara nunca sair do recesso mais íntimo dos seus corações.

— Como sou distraído... ainda não perguntei pela Sr.^a D. Genoveva!? — disse o doutor daí a minutos, para dizer alguma coisa.

— Hoje está muito razoavelmente; estes quinze dias de sossego têm-lhe feito bem.

— O sossego é para ela a melhor medicina. E a sua amiga?

— Bela? Foi passear à quinta. Gosta de andar muito e não se cansa. Tem aquela boa educação inglesa que faz homens e mulheres sadios, resolutos, fortes, coisas que eu tanto admiro...

— E no entanto a viscondessa nada tem de inglesa...

— Nem de inglesada. Admiro a Inglaterra como educadora, mas detesto-a como nação aliada. É mesmo por eu ser uma incorrigível meridional, cheia de molezas e desânimos, que admiro e aprecio os que fazem da vida uma coisa simples, alegre e boa. Compare o meu espírito cheio de amargas dúvidas e incertezas cruéis com a saudável e boa razão de Bela!... E ainda o doutor não conhece bem o fundo de probidade e inteireza do seu carácter. Ali onde a vê, é a cabecinha de mais juízo que eu conheço; sem falsas ingenuidades nem descaramentos de *demi-vierge*, tem uma clara noção da vida e aceita-a tal qual é, sem covardia e nem tristezas.

— Parece ser sinceramente sua amiga...

— Se é! Tenho a certeza disso. Creio nela como em mim própria ou mais...¹⁹⁵ É a minha única amiga íntima, a única com quem falo sem reservas, com uma franqueza que não poderia ter com outra que vivesse num meio diferente. A prima Josefina, por exemplo, é minha amiga, eu também a estimo imenso, mas, compreende, é um espírito completamente alheio ao meu. Tendo vivido sempre neste meio restrito da província, toda absorvida no santo egoísmo de esposa feliz e de mãe, não é, nem podia ser., a

¹⁹⁵ própria ou mais...] mesma. [1903]

grande amiga intelectual que é Bela.

— E agora, com a morte de Pilar, a pobre senhora está numa tal depressão moral, que nem sei o que lhe possa interessar!...

— Com toda a razão; ter uma filha como aquela e vê-la morrer, deve ser para desvairar¹⁹⁶! Só pensar nisso me arrepia! — nervosamente levou a mão à fronte arredando algum cabelo mais teimoso. — Sabe o que me disse a Engrácia?...

— Deu-lhe atenção? Olhe que está quase maluca desde a morte da Pilar.

— Será tudo imaginação dela? O João também vagamente me falou em quaisquer desconfianças...

— Sim, esse também desconfia coisas pavorosamente românticas; parece que o consola mais a ideia de que a pobre criança não morresse¹⁹⁷ duma simples doença para que eslava predisposta... Há nisso uma espécie de vaidade, creia! Na minha vida de médico é frequente deparar com estes exemplares: pessoas que querem ter doenças extraordinárias, que dizem sofrer e sentir coisas espantosas, que querem por força que se lhes diga um nome científico para baptizarem a mais ligeira dor de cabeça, e que ficam radiantes quando se lhes diz que é um caso desconhecido ou raro... Poucas são as pessoas que não sentem como que uma certa vaidade dolorosa, mas que é consoladora ao mesmo tempo, em constatar que alguém da sua amizade morreu de uma doença com um terrível nome na medicina.

— Pois sim, será, mas o doutor não desconfia de nada?!...

— Eu nada desconfiei e nada vi que autorizasse tal suposição.

— O Vilnegas parece-me um ambicioso sem escrúpulos, talvez mau...

— Não!¹⁹⁸ Mais ambicioso do que outra coisa. Agora é todo M.^{elle} Maximiano, dizem.

— Mas essa não é rica, o pai deve três vezes mais do que tem. Apesar do estadão que apresenta, creio que está metido em tanta negociata que impossível será sair-se de todas.

— Homens como ele nunca vão ao fundo, bóiam sempre nas águas turvas como se fossem o seu elemento. Ele fará subir o genro, puxando-o a si...

— Pelas orelhas, bem pode...

— Tenho notado que os Maximianos este ano vêm cá muito menos.

¹⁹⁶ desvairar] endoidecer [1903]

¹⁹⁷ morresse] morreu [1903]

¹⁹⁸ Não!] Não,

— Visitaram-me durante os primeiros oito dias, como é da etiqueta... São abomináveis! Agora hei-de ir visitá-los antes dos meus anos, para depois se convidarem para o baile. Não imagina o que me irrita esta maneira de ver do Duarte! Ora se são adversários, se não se podem tolerar, para que será conservar esta aparência de relações?

— Porque assim mais facilmente se vigiam...

— Mentiras sobre mentiras para que¹⁹⁹ ignóbil fim?

— Os direitos de suserania cá no burgo?!²⁰⁰ — disse o doutor a rir.

— Deixemos esse assunto, que me irrita os nervos. O que me diz da Cândida?

— É muito formosa e um tanto incompreensível.

— Eu não simpatizo muito com ela... Estou em crer no que diz o João...

— Falavam em mim? — perguntou este, que tinha entrado sem se fazer anunciar, com toda a liberdade de parente próximo que era dos viscondes²⁰¹.

— Ora não tínhamos nada mais interessante em que falar... — respondeu a prima gracejando para não ter que explicar-se mais claramente.

— Pois é uma ingratidão que tenho a registar, tanto maior quanto é certo ter passado a tarde a ouvir o seu elogio.

— Estiveste lá em cima com minha mãe?

— Nem só a tia Genoveva a elogia, minha senhora.

— Então, quem mais?

— Adivinhe.

— A não ser a mamã, só em tua casa ou Bela; mas essa foi para a quinta, e decerto não a procuraste lá por palpite.

— Pois foi ela mesma quem encontrei, não à beira de poética fonte desfolhando rosas como Ofélia, mas em plena serra, em caminho da Senhora do Monte.

— Deveras?! Aquilo é que são pernas!

— E combinámos voltar no dia da romaria.

— Juntaram-se os andarilhos; temos desafio como naquele conto da princesa que ia à fonte buscar uma bilha de água enquanto os admiradores não tinham tempo de chegar a meio caminho... — observou com paternal bonomia o doutor.

— O que mais admira é andarem por este calor na serra e apareces-me²⁰² numa

¹⁹⁹ que] esse [1903]

²⁰⁰ Os direitos de suserania cá no burgo?!] Quer dizer que é um usurpador dos direitos de suserania do Maximiano cá no burgo?!... [1903]

²⁰¹ que era dos viscondes] que era dos viscondes pela mãe [1903]

²⁰² apareces-me] aparecer-me este [1903]

frescura de *toilette* branca de verdadeiro anglo-maníaco...

Corou²⁰³ sob o sorriso dos dois, que olhavam o seu irrepreensível fato de flanela branca, a flor na botoeira, os sapatos de salto raso e a gravata preta, último sinal de luto.

— Mas, prima, lá em cima não estava calor — respondeu apressado.

— Ó filho, não me digas isso, que mudo para lá a casa.

— Sério, prima, na mina estava até fresco...

— Tens a certeza de teres reparado bem se estava frio ou calor?... — E ria como poucas vezes, assim despreocupada e feliz.

— Estava fresquíssimo, minha querida — entrou dizendo Bela, vestida de seda crua, já preparada para o jantar. — Adeus, doutor, como está? Não se resolve a vir um dia dar a volta ao mundo? — Apertava a mão ao médico com amistosa franqueza e continuava para a amiga: — Acredita, Maria Helena, estava tão deliciosamente fresco que encontrei lá as mais belas avencas que tenho visto.

— Que exagero! E diz isto uma criatura que tem uma estufa com os mais lindos exemplares que existem em Portugal!...

— Que barbaridade, querida! — e inclinava-se por trás da cadeira a beijar a viscondessa com ternura. — Pois há nada que iguale o que a natureza nos dá espontaneamente, sem artifícios nem cuidados?

— Preferes então a rosa dos valados à *Marechal Niel*?

— Talvez que sim, vê tu que a rosa vulgar tem mais e melhor perfume do que as outras²⁰⁴ que a civilização apenas pôde alindar...

— Sempre o paradoxo!

— Olha — e apresentava-lhe um pequeno ramo feito de botões de rosas singelas rodeadas de avenca muito fresca —; queres dizer que é feio este ramo que te trouxe?

— Este é lindíssimo, principalmente pela intenção.

Beijou-a num agradecimento comovido.

A noite tinha vindo, entretanto, mas tão claramente iluminada pela lua cheia que mais parecia o continuar desse crepúsculo doce de Verão que as roseiras perfumavam...

O criado veio dizer²⁰⁵, numa reverência — que a Sr.^a D. Cândida e o tio estavam com o senhor visconde na casa de jantar, esperando-os.

— Porque não mandaste entrar para aqui?

²⁰³ Corou] Elle corou como uma menina [1903]

²⁰⁴ as outras] aquella [1903]

²⁰⁵ O criado veio dizer] O criado que anunciara o doutor veio dizer [1903]

— Como o jantar vai ser servido, o senhor visconde deu ordem para vir prevenir V. Ex.^a.

— Vamos! — disse²⁰⁶, voltando-se para os três, que prontamente se levantaram.

Na espaçosa sala de jantar, aberta sobre um terraço sobranceiro ao jardim, as luzes estavam acesas e dispostas de maneira a iluminar a casa sem lhe tirar de todo o encanto um pouco sombrio das antigas habitações, de tecto apainelado e pintado a fresco e de paredes revestidas de azulejos até meia altura.

Sobre o linho alvíssimo da toalha, os cristais lavrados e as porcelanas marcadas harmonizavam-se com os frutos e as flores espalhadas um pouco por toda a parte, em pequeninas jarras, em cestos, em ramos, ao lado de cada conviva, numa prodigalidade que a riqueza do jardim autorizava. Nos aparadores de rica talha Renascença, a baixela de prata, que um artista cinzelara e de Itália fora trazida para aquele palácio por um avô dos viscondes, dava um forte destaque de luz junto ao severo mobiliário.

Na parede do fundo, entre as duas portas da biblioteca, que pesados reposteiros com o brasão de armas vedavam, um quadro a óleo tomava toda a altura. Era simples a cena e palpitante de vida: um cavaleiro, imberbe ainda, segurava pelo freio um cavalo que se empinava soberbo, espumando, o pelo luzidio de suor.

O ar enérgico e sereno do retratado era de tal maneira humano, que ninguém duvidaria que o pintor tirara do original essa figura, decidida a tudo, antes do que ser vencido²⁰⁷. O calção branco e a casaca encarnada do cavaleiro, moço fidalgo e rico homem, destacava-se sangrentamente no fundo plúmbeo da tela. Em pé, diante do quadro, o visconde e a Cândida conversavam, enquanto António de Melo, filado pelo Braga, agora seu companheiro insacudível por causa da sobrinha, e do visconde por causa da casa do Bernabé, estava no vão duma janela ouvindo pela milésima vez a pretensão do homenzinho.

— Quando em pequena aqui vinha — dizia entretanto a Cândida — nada me interessava como este quadro.

— Porquê? Não é, apesar de bem feito, uma obra-prima que merecesse a atenção de V. Ex.^a.

— Não é isso, que eu pouco conheço de pintura para o apreciar como artista, era a história do cavaleiro que me fazia cismar!

— É uma história romanesca, na verdade, uma lenda de amor que não admira que

²⁰⁶ disse] disse ella [1903]

²⁰⁷ ser vencido] a abdicar [1903]

tivesse falado à imaginação duma formosa criança como V. Ex.^a era.

— Não é certo que foi amado por uma rainha aquele cavaleiro?

— É certo! Amado por uma rainha, que desprezou para casar com a menina que amava desde a infância.

— E por isso foi desterrado para este palácio, não é verdade? O que lhe era ele, senhor visconde?

— Meu décimo quinto avô e também da Maria Helena e da Josefina, porque descendemos todos do mesmo ramo.

— Como o senhor visconde deve ter orgulho em ser neto dum homem que foi amado por uma rainha!

— O que vale uma rainha impúdica ao pé do meigo e ideal tipo de Grisélia, a honesta pastora que torna ditoso o seu senhor à força de resignação e ternura²⁰⁸?!... — respondeu a voz clara e insinuante de Bela, que vinha pelo braço de João e estava atrás deles.

— Estou de acordo — retorquiu o visconde, enquanto as duas se cumprimentavam com expansão desusada por parte da Cândida e polida frieza em Isabela. — É sempre rainha a mulher que amamos. Mais do que rainha, porque a pomos alta como as estrelas. E rainhas são todas que dominam pela formosura e pelo espírito como V. Ex.^{as}, minhas senhoras — disse para as duas, mas voltando-se intencionalmente para a Cândida.

— Eu, por mim, sou uma rainha sem trono — respondeu ela com sorriso de amargo desdém.

— Oh não diga tal, minha senhora: V. Ex.^a possui o tríplice trono da beleza, da juventude e da bondade.

— Por isso procura o do ouro para ficar com quatro pés... muito mais segura — murmurou a viscondessa para o Ramalho, apontando o Braga, num tom sacudido, pouco natural na sua costumada frieza.

— É cruel, viscondessa.

— Não ouve e nem que ouvisse percebia...

— Ou fingia não perceber?...

— Qualquer das coisas me é bem indiferente.

Chegando ao grupo cumprimentou a Cândida, que se desfazia em amabilidades e desculpas por a não ter logo visto.

²⁰⁸ ternura] amor [1903]

— Não admira, estávamos no terraço...

Voltando-se logo, cumprimentou o António de Melo com afabilidade e o Braga com um ligeiro inclinar de cabeça.

— A senhora viscondessa está servida — disse o mordomo de pé, ao cimo da mesa.

— Preveniram minha mãe?

— A Sr.^a D. Genoveva mandou dizer que não esperassem, que descia já.

Efectivamente apareceu logo à porta a mãe a viscondessa pelo braço da dama de companhia. Alta como a filha, apesar de já se dobrar ao peso dos anos, a sua cabeça, como a dela, tinha uma doce expressão que a fazia venerada por todos. A mais do que a filha tinha, não obstante a sua velhice adoentada, um aberto sorriso de quem fruía os últimos anos duma velhice sem desejos nem sobressaltos, numa atmosfera confortável de respeito e grandeza.

A filha correu para ela e carinhosamente a fez sentar no primeiro lugar, onde todos depois lhe foram fazer os seus cumprimentos.

— Aos seus lugares! — chamou o visconde estranhamente animado.

Silenciosos, os criados começaram a servir o jantar.

IX

— Visto isso, as festas encadeiam-se agora brilhantemente!? Neste diabo de terra é sempre assim. Passa a gente um Inverno inteiro sem uma distracção que nos traga ao espírito refulgências de luz, e depois vêm as festas todas juntas, mal a elegância da capital arriba a estas paragens... — dizia arrebicado, puxando os punhos engomados e estendendo o pé pequeno, calçado em botas de *chagrin* cor de tijolo, o Teles da botica nova.

Dum moreno terroso, magrinho, as orelhas a fugirem-lhe para a nuca, a pele borbulhenta e quase sem barba, faltando muito e depressa numa verbosidade saltante de nevrótico que se orgulhava de ser, assim como poeta incompreendido, devorado pela Arte — com A grande —, e conquistador irresistível.

— É verdade, hoje e amanhã temos a romaria da Senhora do Monte, depois o *picnic* na mata e no fim, a coroar a série, o baile da viscondessa. Já tiveste convite? — respondeu o Vilhegas cavalgando uma cadeira, o chapéu mole deitado para a nuca e embrulhando um cigarro entre os dedos com minuciosa atenção.

— Os viscondes convidam-me sempre, mas ainda não sei se os meus nervos me deixarão tolerar esse ruído.

Passava a mão pelos cabelos, encostando-se, nostálgico e sentimental, à secretária onde costumava escrever.

— Homem, essa constante preocupação é que te adoenta! Tens nervos como toda a gente; tens saúde por sete, deixa-te de manias.

— Se eu não sentisse os terríveis sintomas que sinto!? O que quer dizer então este desespero de tudo e de todos, este ódio ao banal que me torturiza e me distancia da multidão, esta febre de movimento logo seguida das crises de passividade mais completa e absoluta?! Sou um neurasténico, tenho a certeza.

— Tanto pensas em sê-lo que te hás-de tornar, isso é corrente. Mas eu não te largo, porque sem ti não vou às festas.

— Obrigadíssimo por esse desejo, mas se eu não puder ir não vás também.

— Isso é que é impossível. A Hortênsia vai e eu não quero faltar.

— Não sei o que tu fazes com essa coisa! Casar com a Pilar, compreendia-se, era a fortuna sem sobressaltos²⁰⁹ que preparavas; aprovei a ideia desde que em Coimbra me

²⁰⁹ era a fortuna sem sobressaltos] era a fortuna, era o futuro sem sobressaltos [1903]

contaste os teus sonhos de ambição.

— Lembras te desse tempo, Teles²¹⁰? — perguntou o outro, a sério.

— Se me lembro! Quando tu entraste pela porta dentro e me disseste que te matarias se te não emprestasse o dinheiro para a matrícula!...

— Era verdade. No último ano, era a minha vida inteira que perdia! Quando penso!...

— E afinal nunca se descobriu quem te roubou o dinheiro, pois não?

— Nunca! O que diria o António de Melo e meu pai e todos!... Que eu tinha jogado, naturalmente. Ficava desacreditado! Salvaste-me a vida, crê.

— Ora que ideia! Fiz o que tu ou outro qualquer faria no meu lugar.

— Fizeste o que poucos seriam capazes de fazer: pôr a tua casa, a tua bolsa, tudo quanto tinhas à minha disposição...

— E tu não me pagas com amizade?!

— E sincera que ela é: a única grande amizade que tenho, acredita²¹¹. A prova está em que não guardo um segredo para ti, não tenho pensamento que te não confie.

— Aí está o que desejo: como não tenho grandes ambições com as tuas me contento. E a propósito — que tolice é essa agora da Hortênsia?

— Então que queres? A Pilar era uma escada de oiro para subir, esta é uma escada de corda, mas também por ela se trepa... Questão de tempo e de vontade. Meteu-se o diabo com aquele negócio e foi um desastre!... Este é de mais trabalho, mas num país como o nosso tem também maiores vantagens.

— Isso está muito bem, mas o que dirá a Cândida? Não tencionas casar com ela?

— Com ela, eu?!... Se a prima lhe tivesse deixado a fortuna, não digo que não.

— Vê lá em que te metes! Olha que essas mentiras e enganos não podem dar bom resultado. Supõe que a Cândida fala...

— O que há-de ela dizer que a não comprometa mais do que a mim? Não é tola²¹² e tem um medo ao João que a não deixa abrir bico. Além disso creio bem que desistiu da minha pessoa em favor da fortuna do Braga.

— Pobre Braga! Paga na velhice todos os crimes da sua vida de avarento. Ela não tem escrúpulos... Como tu caíste na asneira de a namorar!...

— Tu, que és o único senhor deste segredo, a perguntar-me isso! A culpada foi só

²¹⁰ Teles] oh Telles [1903]

²¹¹ que tenho, acredita] que tenho [1903]

²¹² Não é tola] Deixa que não é tola [1903]

ela.

— Sim, eu sou o único a quem o disseste, mas quem o diria à Pilar?

— Não posso compreender. Na minha vida dão-se coisas que eram para fazer sucumbir outro de menos coragem.

— Seria a própria Cândida?

— Cheguei a pensar isso, mas pelo susto da última hora convenci-me de que não foi. A Engrácia é que talvez desconfiasse... Não sei! Acautelava-me tanto...

— Foi um desastre. A Pillar gostava de ti a valer.

— Isso!...

— Era o menos para ti, homem prático, mas era alguma coisa.

— Já passou o tempo do *teu amor e uma cabana*... Não se compra nada com essa moeda.

— Mas quando se alia a fortuna ao amor é a felicidade na terra.

— Homem, já parece estilo de noticiarista!

— Faz troça, faz... Mas, enfim, com essa vá, compreendia que sacrificasses a tua liberdade, agora com a Hortênsia que não tem vintém!...

— Vocês, os poetas, não sabem nada da vida. Pois uma protecção como a do Maximiano Carneiro não vale uma grossa fortuna? Deixa-me casar com ela e tu verás como me hás-de ver deputado, chefe de repartição, director de companhias, ministro, sei lá!... Tudo.

— Tu? Mas como?

— Pois o Maximiano, que tem empregado a família inteira, que tem criado lugares para simples parentes da mulher, para amigos, para influentes do bairro, pode-se dizer; o Maximiano, que custa ao país com a sua parentela e afilhados alguns contos²¹³ por dia, não há-de pôr toda a sua influência e esperteza em campo para fazer subir o marido da filha?...

— Talvez tenhas razão.

— Já se vê que tenho.

— Bom, isso é que eu desejo. Mas tu gostas da pequena?

— O bastante para me separar²¹⁴ sem desgosto, se me for preciso.

— Tem graça! És impagável!... — E ambos desataram a rir, num gosto franco de rapazes que se divertem com futilidades.

²¹³ alguns contos] mais de um conto de réis [1903]

²¹⁴ separar] divorciar [1903]

— Agora outra coisa — disse daí a momentos, quando já acalmado o riso, o Teles —, o que me dizes àquela inglesita que veio com a viscondessa, será rica?

— Creio que não. A Hortênsia disse-me que é filha dum *trampolineiro* que, depois de ter roubado meia Lisboa, fugiu para o Brasil. Ela foi educada com um tio riquíssimo e inglesmente excêntrico. Parece que lhe não deixa nada porque ela até veio para aqui por estarem mal.

— Essa é que é interessante e bonita, duma graciosidade de *bibelot*, um verdadeiro encanto física e intelectualmente. Vou fazer-lhe a corte, tu que dizes? Tenho bastante para me conceder a extravagância de casar por paixão.

— E passares a vida a dedilhar a lira. É bonito, mas pouco substancial. O que me parece é que o João te toma o passo...

— Ora! Entre mim e o João não pode haver hesitações para uma mulher inteligente como ela é.

— Pois se queres começar o cerco vamos até à romaria.

— E eu que os acompanho — disse da porta o padre Matias, que entrava precisamente na ocasião.

— Olá, caro *bispo*, por aqui?! Com todo o gosto o levamos na nossa amável companhia — respondeu expansivamente o médico, querendo já tornar-se popular à moda do Maximiano. — Sabe se o conselheiro já foi?

— Venho agora de lá, tinham o carro à porta.

— Sempre vieram os tais hóspedes?

— A baronesa da Amieira²¹⁵ veio. E muita gente também para casa do visconde. Este ano vai ser animadíssima de concorrência *selecta* a nossa romaria.

— Pois vamos nós também até lá. Anda daí, Teles²¹⁶, chama o rapaz e entrega-lhe a chave.

Dadas as ordens de patrão e recomendado tudo ao praticante²¹⁷, dirigiram-se os três para o largo à procura de carro que os levasse até la cima, à capela da Senhora do Monte, que se destacava cheia de luzes no fundo escuro do céu.

Era desusado o bulício em toda a terra e estradas da redondeza pois a romaria anual da Senhora do Monte tinha fama de ser a melhor da província. Com a civilização que

²¹⁵ [Na edição de 1934, esta personagem tanto é referida como «baronesa de Amieira», como «baronesa da Amieira». Por ser mais frequente a segunda grafia, optou-se por uniformizar todos os casos dessa forma.]

²¹⁶ Teles] oh Telles [1903]

²¹⁷ ao praticante] ao rapaz que servia ao pharmaceutico [1903]

trouxera as diligências e os comboios a preços reduzidos, perdera talvez um pouco daquele característico verdadeiramente popular que a tornara das mais faladas e rendosas começando²¹⁸ a acentuar-se na vila o elemento burguês com suas mirabolâncias de gostos e desdêns pelo povo, que por lhe estar perto na origem cuidam afastar deixando de o compreender.

Pelas estradas e caminhos galgando montes²¹⁹ era ainda povo e bem português e regional o que cantava e dançava em ranchos, ao som da viola e dos ferrinhos.

Os carros de bois com suas pipas enramalhadas passavam para se irem colocar no sítio onde seriam esvaziadas pelos amadores da *boa pinga* até que o carroceiro e vendeiro as levantasse numa exclamação de triunfo; e outra viria, e outra depois, fazendo — quantas vezes! — com que o vinho espumoso se tornasse em sangue rubro nalguma dessas rixas de romarias e feiras em que ninguém tem razão, nem culpa... senão as pipas enramalhadas que sobre os carros de bois são esvaziadas copo a copo.

Os pequenos negociantes da limonada, com as mesas à cabeça, mais as mulheres dos bolos e do pão corriam açodados para apanhar o melhor sítio da venda; e por toda a terra se sentia esse frémito de entusiasmo que trazem as festas que estão bem dentro da alma e dos costumes duma população.

No largo da Fonte não havia quem se entendesse à procura de carros; a vila em peso ia para o fogo, e achavam de somenos importância percorrer aqueles três quilómetros a pé, por entre o povolú; mas o padre Matias tinha conhecimentos e influências e depressa arranjou uma *carriola* que levou os três pela estrada nova em seguimento do *char-à-bancs* onde os Maximianos se resolveram²²⁰ a acamar, como sardinhas em canastra, não tendo maneira de arranjar mais carros.

Como tinham combinado, João e Bela apearam-se na bifurcação dos caminhos e deixaram que a viscondessa e a Cândida, o Dr. Ramalho e o visconde continuassem em carruagens pela estrada nova, com os mais hóspedes, vindos propositadamente para assistir às festas, e seguiram eles pelo caminho velho.

Subiram depois as escadas de pedra que se espreguiçam serra acima em largos degraus orlados de sobreiros seculares e capelinhas brancas em cada patamar.

Todo o campo estava cheio de gente, e desde a vila que um vozear surdo, como de

²¹⁸ começando] ; começava [1903]

²¹⁹ Pelas estradas e caminhos galgando montes] Pelas estradas e caminhos [1903]

²²⁰ se resolveram] se tinha resolvido [1903]

mar batendo ao longe na penedia da costa, chegava aos ouvidos.

Grupos alegres estendiam-se pelo chão, chalaceando para espantar o sono, à espera do fogo-de-artifício, outros dormiam já, no costume das noites começadas logo ao pôr-do-sol.

Os pobre aleijados e esfarrapados começavam aqui e ali a escancarar as suas misérias, suplicando em vozes ladainhentas uma esmolinha²²¹ para tamanha desgraça... De tempos a tempos, para entreter o povinho, um foguete de lágrimas enchia o céu de estrelas multicores e abria todas as bocas num prolongado oh! admirativo.

Bela ia subindo ao lado de João, divertindo-se em observar esse «vivo museu etnográfico», como ela dizia.

Achava graça a tudo, e parava a cada passo para ouvir uma cantiga ou ver um rancho de raparigas a dançar. Desde o primeiro degrau, que começara a dar dinheiro a todos os mendigos, a comprar bonecos de pão e bugigangas sem importância, só pelo prazer de comprar, de ter muita coisa que lhe recordasse mais tarde aquele espectáculo novo para os seus olhos de quase estrangeira.

Por mais que João lhe dissesse que era muito lá em cima, no alto do monte, no terreiro da capela, que a verdadeira feira se juntava, ela não queria crer que fosse mais pitoresco.

A noite pusera-se escura e quente, com relâmpagos de calor para as bandas da *Serra*.

À maneira que iam subindo, a multidão dos romeiros ia aumentando, apertando se numa gritaria, num desmancho e rudeza que a alucinava²²², a ela que nunca estivera tanto em contacto com o povo na sua força espontânea²²³.

Insensivelmente tomou o braço que João desde o princípio lhe oferecera e ela recusara na independência natural²²⁴ de rapariga habituada a andar só.

Caminhavam dificilmente, empurrando a multidão que se entrechocava subindo e descendo pelo pequeno espaço deixado no meio das escadas pelas vendedeiras e mendigos.

Raparigas com lenços caídos, os xales atados à cinta, as chinelas de cor com biqueira de verniz preto, riam alto, saracoteavam-se e falavam mais desembaraçadas e vivas do que os homens que as seguiam. Esses, com chapéus bragueses enfeitados com

²²¹ uma esmolinha] cinco reisinhos [1903]

²²² que a alucinava] que quasi a alucinava [1903]

²²³ com o povo na sua força espontânea] com o povo [1903]

²²⁴ natural] orgulhosa [1903]

imagens da santa, bonecas de pão e flores de papel, desciam deitando o tronco para trás e firmando-se bem nos sapatos de salto de prateleira e no varapau, cambaleantes, como se o hábito de andar dobrados sobre a enxada lhes tirasse o de andar verticalmente.

Por entre a multidão festiva, amortalhadas de branco, pobres raparigas que a morte tinha poupado iam depor aos pés do altar onde morava a esperança da sua crença com as tranças dos cabelos as últimas lágrimas do seu piedoso reconhecimento. Penitentes, homens e mulheres, novos e velhos, com velas na mão, amparados por amigos e parentes seguidos pelos olhares respeitosos de todos, subiam de joelhos ou de costas os trezentos e tantos degraus de pedra, cumprindo promessas, quem sabe de quantas lágrimas feitas!...

— Oh João, como é possível que isto se faça e se consinta!? — dizia Isabela nervosa, apertando-lhe o braço quase frenética.

— Pois não se havia de consentir a consolação duma tão grande fé?

— Fé?! Não diga isso. É ignorância, fanatismo, loucura a destes desgraçados que nenhuma luz de razão ilumina. É maldade da parte das leis e dos seus encarregados deixar ao povo, que não tem liberdade para coisa alguma, liberdade para este horror... Subamos depressa; ainda falta muito? O caminho parece-me hoje mais comprido...

— É porque está aborrecida e cansada do barulho. Sentemo-nos um bocadinho, quer?

— Pois sentemo-nos, mas ali mais no escuro, onde houver menos passagem, que sinto a cabeça esvaída.

Sentaram-se fora da escada, sobre umas pedras, na sombra duma capela.

Ao lado deles e por toda a parte empurravam-se, falavam, riam, apregoavam ou dormiam centenas de pessoas que assim se julgavam felizes, enquanto Isabela se sentia triste, duma pungitiva tristeza que mais a incomodava por lhe vir assim, tão contra sua vontade e expectativa.

— Estou arrependido de a ter acompanhado nesta extravagância, porque é uma verdadeira extravagância, que devia prever a incomodaria deveras.

— Porquê? Extravagância e desusada em mim, é isto. Pois que tenho eu de mais ou de menos para não sentir como eles, para não me divertir da mesma maneira, para me incomodar o contacto²²⁵ desta boa gente, que é portuguesa como eu, nascida sob o mesmo céu, mas cuja alma foge da minha íntima comunhão²²⁶?!...

²²⁵ o contacto] até o contacto [1903]

²²⁶ nascida sob o mesmo céu, mas cuja alma foge da minha íntima comunhão] nascida sob o mesmo céu

— Miss Bela é um pouco mais inglesa...

— Oh, mas muito pouco, quase só pela amizade que dedico a meu tio. Sinto-me quase sempre²²⁷ portuguesa pela alma. Que diferença há pois entre nós?

— A educação, minha senhora.

— Que desprezível coisa ela é, para assim nos distanciar dos nossos irmãos!

— Pelo contrário, que supremo ideal, que divina conquista do espírito sobre a matéria... O que me diferencia a mim, filho de um homem nascido no povo desses que por aí se estendem sobre as urzes a dormir pesados sonos de inconsciência? Se meu pai continuasse a guardar ovelhas até homem e depois se agarrasse ao cabo da enxada, como os irmãos e parentes que por aí ficaram, o que seria eu mais do que eles?!

— Tem razão, compreendo que deve ter razão; mas que quer? Eu esperava outra coisa, alegrias novas para o meu espírito na aproximação do povo, que só conhecia dos livros. Cheguei a sentir a sensação de que sonhava, de que me esmagava um pesadelo. Agora estou melhor, podemos continuar.

— Quando quiser.

Apesar de toda a sua boa vontade, Isabela não podia vencer o mal-estar que lhe causava sempre o contacto com a multidão, e que sentira como nunca nessa noite de festa. E foi, silenciosos, quase tristes, que continuaram a subir por entre os vendedores e vendedoras que os disputavam uns aos outros, mostrando-lhes, uma a canastra de pão alvo, descobrindo outra a toalha de largo croché²²⁸ para que vissem os loiros bolinhos de ovos, ou metendo-lhes à cara as bonecas de centeio cobertas de açúcar, ou puxando-os para que escolhessem um cravo com verso ou uma Nossa Senhora²²⁹, que era reproduzida infinitamente com o mesmo imóvel sorriso de imagem, a saia e o manto em balão e o menino nos braços... Foi quase uma batalha vencida quando conseguiram chegar ao primeiro terreiro onde as barracas se enfileiravam como um acampamento: as do peixe frito à direita, com o vinho ao lado, e atrás as melancias em monte, as de quinquilharias sempre cheias de compradores, as mesas com os bolos e limonadas, os ourives estatelando sobre empoeirados cartões forrados de veludilho preto os cordões, as arrecadas e os anéis, ambição suprema das raparigas casadeiras.

Os assobios e os gritos guinchavam e estridulavam de todos os lados, punham uma nota de inconcebível desafinação por sobre aquele vozear ensurdecador, onde mal se

[1903]

²²⁷ Sinto-me quase sempre] Mas sou toda [1903]

²²⁸ croché] *crochet* [1903]

²²⁹ Nossa Senhora] imagem da Senhora [1903]

distinguiam as cantigas e os toques.

Bela parou, num assombro. Nunca os seus límpidos olhos azuis tinham visto coisa que assemelhasse à loucura desse remexer de gente que berrava e folgava de mil maneiras, sob a luz desigual e fumarenta dos candeeiros de petróleo sem vidro, numa alacridade verdadeiramente animal. Quermesse barulhenta e nocturna, que assumia por vezes, pela sua intensidade e desmanchamento, as proporções duma alucinação de *sabbat*.

Fechava os olhos e continuava a ver as bocas escancaradas que riam alarvemente e falavam uma língua que parecia desconhecer²³⁰; tapava os ouvidos e a memória reproduzia-lhe a mesma música descompassada dos assobios e pequenos instrumentos rudimentares²³¹, os pregões da água fresca, a oferta persistente dos vendedores...

João arrastava-a, num atordoamento de inconsciência, pela rua dos ourives, menos concorrida, e por onde lhes seria mais fácil chegar junto da viscondessa, que os esperava no terreiro da igreja em coreto reservado, expressamente feito para a ocasião. Quando ali se viram, um suspiro de alívio lhes alevantou o peito num tomar fôlego de quem atravessou a nado, e com perigo de vida, um rio caudaloso.

A viscondessa fazia as honras do coreto com a mesma simples e nobre elegância²³² — sem uma falsa amabilidade de burguesa que quer agradar, nem distrações prenunciadoras de pouca consideração — com que recebia na sua casa, à Lapa, tudo que Lisboa considera elegante e distinto.

Escutava, como se isso lhe fosse dum grande interesse, o bisbilhotar das Sr.^{as} Rebelos — muito importantes, com suas luvas de algodão cinzento e vestidos cor de mel bordados a seda — que lhe desfiavam a história de quantos lhes passavam ao alcance da vista.

Respondia às perguntas impertinentes dos hóspedes lisboetas, dispostos a trocar a província; conversava com o Dr. Ramalho ou com o velho abade, que às romarias já não ia senão para estar de *palanque*, dizia.

A Cândida, a um lado, escutava os galanteios cada vez mais insistentes do visconde e animava com sorrisos as tolices do Braga, que passara ao estado de sugestionado permanente, tendo ainda monossílabos animadores para um dos elegantes da capital que punha o monóculo e fazia uma careta a cada frase que julgava de efeito seguro.

²³⁰ desconhecer] desconhecida [1903]

²³¹ pequenos instrumentos rudimentares] pequenos instrumentos rudimentares que enchiam o arraial [1903]

²³² elegância] lhaneza [1903]

Defronte, em coreto semelhante, os Maximianos recebiam também os seus íntimos, teimando em disputar aos viscondes primazias de ostentação e popularidade à custa de dívidas e de favores feitos com a política.

O Vilhegas inclinava-se sobre o ombro da Hortênsia, que se voltava num sorriso triunfante torcendo o esguio pescoço de clorótica; falando já²³³ com intimidade de noivos...

Mas o Teles, mal descobriu o vulto esbelto de Isabela, que conversava em pé com o Dr. Ramalho e com João, apressou-se a ir cumprimentá-los, perguntando com ar de superior: — se não se sentia mal²³⁴ entre a bruta multidão, que a ele lhe fazia tanger os nervos num desespero de quem se sente perdido entre animais duma outra espécie. E ainda havia quem dissesse que as almas eram iguais; nem que a sua se parecesse com a daqueles selvagens!...

E Bela, que contava ao doutor a dolorosa impressão que sentia no meio duma alegre multidão que não correspondia a nenhum dos seus sentimentos e gostos, voltou-se para o farmacêutico e respondeu num ligeiro tom de ironia, que o não magoava porque a tola vaidade a fazia receber como verdadeira:

— Selvagens, não! Por não terem o talento e a cultura do Sr. Teles, não os poderemos chamar assim!... O povo, na sua inconsciência e rudeza, é²³⁵ um espectáculo verdadeiro, humano, superior pelo colorido e espontaneidade ao que a multidão dos civilizados nos dá por vezes.

João sorria intimamente satisfeito por a ver tratar assim o Teles, que detestava, por o saber amigo íntimo, quase irmão do Vilhegas, conivente, porventura, no crime que suspeitava... e²³⁶ pelos ares de artista neurasténico e raro que affectava²³⁷.

— O quê — respondeu²³⁸ passando os dedos abertos pela cabeleira de romântico, num gesto familiar —, pois V. Ex.^a não acha brutal, não sente que os seus nervos se crispam, que o seu espírito delicado se confrange nesta feira franca de vulgaridades?!...

— Não, Sr. Teles! Em primeiro lugar porque os meus nervos são as *pessoas* mais pacatas e cómodas deste mundo; depois porque o meu espírito comezinho se compraz com as alegrias simples do povo. Repare como cantam e como é excepcionalmente movimentado este *motivo*.

²³³ falando já] fallavam [1903]

²³⁴ se não se sentia mal] se ella se não sentia mal [1903]

²³⁵ O povo, na sua inconsciência e rudeza, é] É o povo, na sua inconsciência e rudeza, dando-nos [1903]

²³⁶ suspeitava] imaginava [1903]

²³⁷ que affectava] que elle affectava [1903]

²³⁸ respondeu] respondeu elle [1903]

Inclinaram-se todos sobre o paredão para melhor distinguirem um coro de vozes que entre as outras avultava, pela uniformidade e entusiasmo com que acompanhavam a roda sapateada:

Liberdade, liberdade,
Quem a tem chama-lhe sua!...

Repetiu Isabela cantarolando o que em baixo se cantava a plenos pulmões.

— Quem poderá ter liberdade junto de V. Ex.^a?!... — comentou amavelmente o Teles.

— O quê, acha-me com cara de polícia ou figados de carcereiro?... — respondeu a rir.

— É o mais terrível dos carcereiros porque nos algema com a etereal graça do seu espírito e nos prende para sempre só com a força dum sorriso...

— Por quem é, não desperdice a poesia, Sr. Teles! Dizer coisas tão lindas, dum perfume pronunciadamente²³⁹ *ancien régime*, em plena quermesse popular, e em prosa, confesse que é cometer um crime de lesa arte... Espero que me repetirá o mesmo em alexandrinos. — Voltando-se para o Ramalho: — Sabe que estou com um desejo imenso de ver amanhã a romaria à luz do sol, com muita poeira e moscas, como dizem que são boas as touradas, que para mim não passam de um espectáculo monótono... Isto há-de ser mais pitoresco, pois não, doutor?

— Muito mais! Como não sou também um *aficionado*, acho mais carácter e movimento numa romaria ou numa feira.

— Mas quer voltar pelas escadas? — inquiriu receoso o João.

— Não — assegurou, sorrindo do susto —, podemos vir no seu carro²⁴⁰, que por ser descoberto tem as mesmas vantagens sem os inconvenientes da travessia a pé.

— Então amanhã também me abandonas? — perguntou-lhe quase ao ouvido a viscondessa.

— É só amanhã, querida, para ver bem este belo espectáculo que tanto interessa e diverte o meu espírito banal — frisou num meio sorriso escarninho, olhando o Teles, que esmorecera²⁴¹.

²³⁹ pronunciadamente] tão pronunciadamente [1903]

²⁴⁰ carro] *phaeton* [1903]

²⁴¹ esmorecera] amuara [1903]

— Então ajuda-me agora a levar a cruz... — murmurou a viscondessa percorrendo com os olhos a roda dos convidados.

— Ai filha, tenho tão pouca coragem e força para Cirenéu de cruz tão pesada!...

X

Onze horas. O sol, a prumo, punha na terra incandescências de dia tropical.

O largo sem árvores fazia oftalmias com a sua areia granítica a escaldar, reverberando sob esse sol que pesava e se cingia ao corpo como as túnicas de fogo de que nos falam os livros²⁴² descrevendo os tormentos infernais.

Apesar disso, a animação e concorrência à romaria da Senhora do Monte não afrouxara desde a véspera. Pelo contrário, até o sol parecia ter subido às cabeças, a pôr mais vivacidade e mais ardor nos risos e nas cantigas.

Desde a madrugada que os carros se desconjuntavam numa pressa de despique, levantando pela estrada, falha de brita, nuvens de poeira.

Os cocheiros, congestionados, nem tendo tempo de limpar o suor que lhes escorria pelas faces, atavam ao pescoço os lenços de assoar e chamavam os fregueses numa pressa de aviar como se fosse empreitada carregar com toda aquela gente lá para cima, a tempo de assistirem à missa da festa e ouvirem o sermão do cónego Almeida, o melhor pregador da província. Cruzavam-se na estrada, paravam no meio do caminho para voltarem a cima com algum descorajoso que não tinha pernas para mais, ajustavam por todos os preços, gritavam para o povo que seguia a pé, obrigando-o a saltar para fora do caminho, para o mano curto da serra, que parecia uma fornalha a arder.

O pequeno *phaeton*²⁴³ de João de Melo passava, elegantemente posto e guiado com firmeza, por entre toda aquela inferneira de carros, desde o envernizado *char-à-bancs* às galopadas, trasbordando de gente até ao tejadilho, a velha *vitória* comprada em segunda mão, a caleche, o *coupé*, até ao clássico carro toldado com vistosas colchas de ramagens, vindo das terras onde o *macadam* não chegava ainda e que só os bois podiam arrastar. Dentro, as senhoras levantavam os vestidos para os não enxovalhar ao pé das canastras da merenda e riam e gralhavam como quem na roda do ano tem poucas festas assim.

Bela, vestida de branco, com um largo chapéu igualmente branco, que lhe punha uma ténue sombra no rosto enrubescido, endireitava-se risonha e firme na almofada, segurando as rédeas nas pequenas mãos muito hábeis.

João, ao seu lado, concentrava toda a atenção na maneira de seguir por esse

²⁴² livros] livros santos [1903]

²⁴³ [Nesta ocorrência, não foi substituído *phaeton* por *carro*, como aconteceu na página 62, nota 173.]

caminho eriçado de impedimentos, e pedia-lhe que tivesse cautela, que fosse devagar. Mas quê? Ela sentia um prazer louco e uma certa vaidade em levar o cavalo a trote, furtando-o a todos os perigos, não deixando que nenhum outro carro lhe passasse à frente. As asas do seu fino narizito batiam nervosamente, os dentes apertados, a testa franzida numa única prega de poderosa atenção e vontade enérgica, tudo demonstrava nela a excitação que a corrida lhe causava²⁴⁴. Para trás tinham ficado há muito as carruagens em que o visconde e os hóspedes seguiam, com mais segurança e menos alegria.

Ranchadas de raparigas com as saias arregaçadas, a mostrarem os saiotes amarelos e vermelhos, descalças, para irem mais depressa, lenços vistosos caídos para trás, blusas frescas as da villa, de casacos azul-da-prússia algumas, ou brancos e engomados as da aldeia — sorriam e comentavam com simpatia a passagem desse carro novo, duma graça artística, que assim já guiado por uma criança vestida de branco como a mais linda fogaceira. Velhos e novos desviavam-se de *motu proprio* e seguiam com louvores a mocidade e a formosura triunfantes.

Dir-se-ia que esta festa em plena natureza, resto de paganismo que ficou na ascética religião cristã, como remendo de púrpura em fato de burel, comovia e expansibilizava a ingénua e rude alma popular, e ressuscitava por momentos o nobre culto da beleza humana.

À entrada da romaria tiveram que parar; a turba multa dos festeiros impedia os carros de seguirem adiante. Bela, entregando as rédeas ao criado, saltou airoso e numa confiança fraternal tomou o braço de João para atravessarem a multidão, que ondeava como um revolto mar.

Logo ao apearem-se, uma mulherzinha que ali estava desanimada, num sítio de pouca venda, junto à mina, pediu por esmola que lhe comprassem alguma coisa.

Sem esperar que João a ouvisse, atirou-lhe o dinheiro para o regaço e pegou na primeira coisa que viu, um búzio com assobio de chumbo que pretendia imitar o silvo do comboio. Achava engraçado metê-lo disfarçadamente na boca e fazê-lo ressoar num apito prolongado, que se ia confundir com todos os outros que enchiam o arraial.

Um bando de homens descia então, cantando e dançando pesadamente adiante de duas guitarras, um harmónio e um violão, que vagarosamente os seguiam.

Os dois pararam e afastaram-se para dar passagem ao *toque* e seus admiradores.

²⁴⁴ que a corrida lhe causava] da partida [1903]

Quando Bela ia levar o assobio à boca, numa tentação infantil, um dos homens cantou, abrindo os braços num gesto largo que lhe atingiu a mão e lho fez voar não soube mais para onde:

O amor tem gestos lindos,
Tem preitos enganadores...

Riu divertidíssima com o desespero de João, que já queria ir bater no bruto.

— Ora deixe lá — dizia. — Não vê que aquilo é um *gesto lindo* de amor?

Olharam-se e, sem bem saber porquê, coraram violentamente, depois desviaram os olhos a um tempo, e sorrindo encetaram a gigantesca empresa de atravessar a multidão.

Estavam na maior balbúrdia da romaria. O sol de Setembro enchia de fogo toda aquela variegada e ruidosa confusão de cores e vozes, que, à força de disparatadas, chegavam a dar um conjunto harmónico.

Isabela, numa alegria de excitação lembrou, logo que chegaram as barracas, comprar alguma coisa que pudesse trazer sempre a recordar aquele belo espectáculo.

Mas, por mais que procurassem entre as bugigangas empoeiradas, não viam coisa que lhes desse uma ideia local.

Depois de muitas e muitas pesquisas, Bela perguntou a uma²⁴⁵ mulherzinha, que por força lhe queria vender alguma coisa:

— Mas vossemecê não tem nada que dê felicidade, que livre de feitiços e maus-olhados?

— Isso tenho, mas é uma coisa tão *somenos*...

— Deixe lá ver, avie-se — acudiu João, um quase nada impacientado com aquela demora sob o sol, na passagem continua dos feirantes.

— Eu mostro, mas os senhores não hão-de querer...

A custo, como que envergonhada da pobreza da mercadoria, apresentou na tampa duma caixa uns anéis de ferro toscamente gravados com um X ao meio.

— Deixe ca ver, tem até muita graça!²⁴⁶

— Quer isto? — perguntou João sorrindo e escolhendo o mais pequeno dentre os

²⁴⁵ Bela perguntou a uma] lembrou Bela a uma [1903]

²⁴⁶ Deixe ca ver, tem até muita graça!] — «Deixe ca vêr, é isto mesmo, tem até muita graça! — E, descalçando a luva da mão direita, tirou os anéis preciosos, cujo brilho deixou a vendedora estarrecida, para enfiar o pobre e primitivo aro de ferro de que a mulhersinha affirmava as grandes virtudes para afugentar feiteiceiras e maus olhados... [1903]

que lhe apresentavam.

— Então, não tem carácter?

— Tem!... É para trazer sempre, não é? — perguntou à mulher, entregando o que lhe pediu em custo²⁴⁷.

Bela, descalçando a luva da mão esquerda, enfiou sobre os anéis preciosos que fizeram arregalar os olhos à vendedeira o pobre aro de ferro de que apregoava as virtudes para afugentar feiticeiras e maus-olhados e respondeu sorrindo:

— Decerto que é para trazer sempre, se não fosse isso não era talismã.²⁴⁸

— Quando olhar para esse ínfimo anel, tão deslocado entre os outros, pensará em mim, Bela? — sorriu melancólico.

— Duvida? Mesmo sem esta recordação eu pensaria em si. Então não somos já dois velhos amigos?

— Eu sou... muito, muito seu amigo.

— E eu não?... Olhe que essa dúvida ofende-me.

— Se o fosse!...

— O que aconteceria?

— Nada, não é nada... Sempre quer ir à igreja? — perguntou num tom a fingir natural²⁴⁹.

— Quero, mas é melhor esperarmos pela Maria Helena, não acha?

— É melhor. Esperemos aqui.

Como estavam no meio do arraial, ainda que um pouco desviados da passagem, viram a Hortênsia, pelo braço do Vilhegas, com um grande chapéu enflorado²⁵⁰ que lhe cobria a pequena cabeça de pássaro tonto.

— Não reparou que fingiu que nos não viu?

— Talvez não visse.

— Isso sim!... Ainda a não conhece pessoalmente?

— Devo tê-la conhecido em criança; mas, como sabe, há uns poucos de anos que nesta época vou para fora. Aborrece-me toda esta pretensão de terra de província a acapitalar-se.

²⁴⁷ perguntou à mulher, entregando o que lhe pediu em custo] perguntou à mulhersinha, entregando um tostão para pagar o vintém do custo [1903]

²⁴⁸ — Decerto que é para trazer sempre, se não fosse isso não era talismã. — «Decerto que é para trazer sempre — respondeu Bella sorrindo, enquanto se afastavam — se não fosse isso não era talisman. [1903]

²⁴⁹ num tom a fingir natural] n'outro tom [1903]

²⁵⁰ pelo braço do Vilhegas, com um grande chapéu enflorado] pelo braço do Vilhegas, esticada n'um vestido de seda, ás riscas, com *boléro* côr de cereja e um grande chapéu enflorado [1903]

— Pois tem perdido bastante, porque há interessantíssimos exemplares desta sociedade que cai de podre. Esta M.^{elle} Hortense Mouton, por exemplo, é deliciosa de tolice.

— Mouton, quem é?

— Pois não sabe que traduziu²⁵¹ o apelido infamemente português?

— Ora pode lá ser! É graça sua...²⁵²

— Não; é certo. Afiançou-me, pelo menos, uma das suas mais íntimas amigas que tem cartas assignadas assim.

— O que prova a eterna perfídia feminina...

— Nem que os homens a não tivessem igual, ou pior! Olhe, não procuremos mais longe. Vê aqueles três elegantes que seguem no coice do préstito *maximiano*, levando em triunfo a baronesa da Amieira?

— Só conheço, e mal, o visconde de Alvora.

— Esse é *attaché* numa legação²⁵³, onde nunca pôs os pés, mas recebe uns dinheiros²⁵⁴ como oficial do Ministério dos Estrangeiros, onde só vai nos princípios dos meses para lhe darem o ordenado. O outro é o Sr. D. Manuel Pereira de Vasconcelos, que se diz descendente do condestável Nuno Álvares Pereira, não sei por que bulas, nem mesmo quero perguntar, para não ficar esmagada sob uma aluvião de nobiliarquias. Esse é bacharel formado e espera colocações várias; não escolhe profissão. O terceiro é o Sr. Jorge Cabrela, filho dum rico negociante de cordas, mas que tem o defeito máximo de apertar os cordões à bolsa quando se trata das extravagâncias do filho. É um bom homem, sem educação, mas que tem trabalhado muito e sabe o que lhe custa a vida. A mulher é que faz do filho o inútil que vê, querendo-o fazer fidalgo. Em geral são as mães que perdem os filhos, em Portugal, porque conservam o estúpido preconceito da bastarda fidalguia que para aí ficou depois da extinção dos vínculos e dos conventos — de que o trabalho é um desprezo. Sabe o que estes três homens procuram? Uma mulher que lhes traga em dote a certeza de poderem continuar as suas vidas de ociosos. E lá vão atrás da viúva riquíssima, que se fosse pobre ninguém receberia em sua casa...

— Conhece pessoalmente a baronesa?

— Conheço e até simpatizo com alguns traços do seu carácter, que, apesar de tudo, é enérgico e tem certa grandeza. Mas quem me tem falado dela é meu tio, que é das suas

²⁵¹ que traduziu] que ella traduziu [1903]

²⁵² É graça sua] Diz isso por graça, não diz? [1903]

²⁵³ numa legação] na legação da Rússia [1903]

²⁵⁴ uns dinheiros] uns mil reis diários [1903]

relações desde o tempo em que deslumbrou Lisboa com o esplendor das suas carruagens e a extravagância do seu procedimento. Dizem que muitas vezes se vestiu de homem para andar à vontade. Muitas pessoas se lembram ainda de a ter visto percorrer a cavalo as alamedas de Sintra, de charuto na boca, acompanhada de rapazes, novos como ela, quando o velho marido se torcia nos últimos ataques que a livraram da sua incómoda pessoa. Conta-se que alguns assassínios se fizeram por sua causa... não sei! Do meu tempo não é mais do que uma viúva rica²⁵⁵ que se diverte a arrastar uma cauda de pretendentes.

— Aqueles?²⁵⁶

— Com certeza. Mas a baronesa faz-lhes partida, a todos. Não creio que venha a casar, ela que comprou a liberdade e a riqueza que hoje disfruta com os melhores anos duma mocidade torturada por um velho avarento e mau; mas a casar, será com o administrador que lhe tem aumentado a fortuna. Entre todos o que mais merece, o pobre Bento da baronesa, como lhe chamam por lá.

— Mas tudo isso não prova que os rapazes²⁵⁷ vão ai li com essa pretensão ignóbil, porque nenhum decerto lhe tem amor.

— Mas têm-no ao dinheiro, e procuram-no onde o encontram.

— Como se pode afirmar isso?

— Perfeitamente. Na capital eram meus admiradores...

— E não são aqui?

— Achei um pó insecticida para os afugentar...

— Não poderei saber a receita?

— Talvez precise... tem o mérito que eu tinha lá... — ria com muita vontade.

— Então diga.

— É segredo entre a Maria Helena e eu, mas ao João digo, vá lá!...

— Obrigado pela confiança. Vamos então a saber.

— Fiz constar que vinha para aqui de mal com meu tio... Percebe?

— Não! Confesso que não percebo!...

— Pois não sabe que meu tio representa uma das maiores fortunas que habitam Lisboa? Pois bem, meu tio criou-me como filha e não tem mais parente nenhum. Quem é, pois, a sua presumida herdeira?... Bom, agora suponha que estou mal com esse tio,

²⁵⁵ Do meu tempo não é mais do que uma viúva rica] Do meu tempo não é mais do que aquillo, uma viuva rica [1903]

²⁵⁶ Aqueles] São-no aquelles [1903]

²⁵⁷ os rapazes] aquelles três rapazes [1903]

eu, que não tenho fortuna própria...

— Não diga isso! Rapazes a entrarem na vida são lá capazes dum cinismo desses!

— Creia que é a verdade mais verdadeira.

— Pensando assim, como pode ter relações com eles?

— Que ingenuidade a sua! Se fôssemos a só falar aos bons, aos honestos, em pouco tempo teríamos que nos esquecer da linguagem, por inútil... A comédia social diverte-me, porque me não prende nas suas mentiras e vaidades.

— V. Ex.^a poderá fazer isso pela sua educação muito inglesa e pela independência em que a coloca a fortuna de seu tio. No entanto, parece-me que ainda há-de sofrer com o contacto dessa gente tão pouco digna. Cá por mim prefiro viver só.

— Também eu preferiria, mas como estou na sociedade em que eles estão, divirto-me a observá-los e às vezes a fazer-lhes partidas. Pois não acha engraçado que eles me julguem de mal com meu tio, aquele adorado tio William que nunca teve para mim senão palavras consoladoras e risos de aprovação!

— É muito seu amigo, não é?

— Muito! É toda a minha família, e não havia mãe nem pai que fossem mais bondosos e desvelados do que ele tem sido. Não há ninguém melhor, mais delicado, mais instruído, mais consciencioso, mais artista!

— Mas que entusiasmo!

— E tudo merece²⁵⁸, creia. Depois me dirá.

— Espera-o aqui?

— Recebi carta ontem dizendo-me²⁵⁹ que não suporta a Inglaterra sem mim... que vem buscar-me ou estar comigo, como eu quiser... A minha vontade é a sua.

— Como estão, Miss Isabela Burns e o Sr. João de Melo — cumprimentou por trás deles e com um risinho de mofa o conselheiro, que o padre Matias acolitava.

— Nós perfeitamente bem, e o senhor conselheiro parece também que não há mal que lhe chegue — respondeu Bela, olhando-o de alto, com um ligeiro tom de impertinência.

— Então os viscondes não vieram?

— Estamos esperando que cheguem para irmos à igreja. Creio que o sermão não se dirá sem a comparência de quem tanto dá para a festa.

— Ora! A Senhora do Monte não precisa das esmolas dos ricos, tem bastante dos

²⁵⁸ E tudo merece] E elle tudo merece [1903]

²⁵⁹ dizendo-me] e diz-me [1903]

pobres — acudiu brutalmente o padre Matias.

— No entanto, a missa não principiou ainda, pois que vemos por aqui o senhor padre Matias.

— Já lá estão a cantarolar. A mim é que só na última extremidade me apanham para aquelas maçadas. Logo de madrugada disse o *missóte* a uma gatinha que me pagou bem e ainda logo me dão da merenda...

— Bom negocio, hein? — sorriu o conselheiro para aquele seu infatigável agente.

— É como diz.

— Miss Bela não está aborrecida com esta algazarra?

— Não, pelo contrário, diverte-me, porque é uma novidade para o meu espírito. Agora o conselheiro aqui é que admira!...²⁶⁰

— Os negócios... Aborrecimentos e cuidados é que passeiam por aqui os meus cabelos brancos. Miss Bela tem melhores companhias...

João franziu o sobrolho e ia responder azedamente, mas a rapariga não o deixou, continuando com malícia:

— E no entanto já me não acompanham titulares nem descendentes de figuras primaciais como Nun'Álvares...

— Quem tem essa ascendência illustre?

— Pois será possível que desconheça esse avô ao seu hóspede Sr. D. Manuel Pereira?

— Também não é grande honra descender dum assassino e ladrão — intrometeu-se a dizer o padre, querendo sempre saber de tudo.

— Não se trata de Diogo Alves, o assassino celebrado pelas figuras de cera. É do santo *Condestabre*, D. Nuno Álvares Pereira. Conhece? — respondeu João muito a sério.

— *Ná*, esse não sei quem é.

Isabela, com o lenço na boca, ria perdidamente, enquanto o conselheiro, imperturbável, fazia as suas despedidas.

— Que estúpido! — dizia depois para João.

— Não é! Ignorante, faccioso e maledicente sim, mas de bruto não tem nada.

— O que a Maria Helena se demora! São capazes de faltar ao sermão. Vamos ver se os encontramos?

²⁶⁰ é que admira!...] é para admirar. [1903]

— Vamos lá.

Tornaram a atravessar o arraial. A um lado, sobre uns penhascos, toda uma família dum padre acampara comendo o farnel. João, que era conhecido, foi chamado pelo padre Miguel, que esbrugava uma perna de galinha com os seus rijos dentes de velho sadio. — Que não aceitava, mas agradecia — respondeu João tirando o chapéu delicadamente.

— Homem, não seja esquisito, nas romarias não se olha a etiquetas. A senhora sua prima talvez goste do nosso vinhito branco...

Isabela pensou, pela primeira vez, que era na verdade temerário afrontar assim os preconceitos portugueses e provincianos principalmente, apresentando-se numa festa tão pública com um rapaz que lhe não era família. Na sua altiva honestidade de rapariga educada para se guardar e responsabilizar²⁶¹ pelos próprios actos, não compreendera o que o seu procedimento podia ter de inconveniente aos olhos de toda essa gente, habituada a tudo fazerem menos desprezar as *línguas do mundo*... Fizeram-na corar mais do que o próprio sol, os olhares curiosos das mulheres que arranchavam com o padre Miguel e melhor a distinguiam da Cândida, por quem o velhote a tomara²⁶². Lembrou-se do risinho do Maximiano ao encontra-los, e essa lembrança feriu-a como um insulto. A garganta apertou-se-lhe numa crise de choro, vencida com esforço.

Quando a viscondessa se apeou, correu para ela num ímpeto de reconhecimento e disse-lhe, desoprimida dum certo mal-estar que lhe obscurecia a alma:

— Como se demoraram tanto?!

— Nós viemos cuidadosamente, porque a estrada está má e a concorrência é enorme. Vocês é que parecia que tinham asas; fizeram sucesso...

Beijaram-se; Bela tomou-lhe o braço e não mais a largou, como criança atemorizada que se acolhe à protecção materna e só ali encontra valor para resistir.

Na igreja a missa da festa ia efectivamente em meio, mas o sermão demorara-se porque o cónego Almeida, pago pelos viscondes e seu comensal, aguardava na sacristia que eles chegassem para subir ao púlpito e encher a igreja com a sonoridade da sua voz.

Curvou-se diante da viscondessa com requintes de cortesia, a que ela correspondeu sorrisonha, apresentando-o aos seus hóspedes e cumprimentando-o antecipadamente pelo seu discurso, que devia ser bom, como sempre... Depois, com o seu pisar firme e

²⁶¹ para se guardar e responsabilizar] para se guardar a si mesma e responsabilizar-se [1903]

²⁶² tomara] tomou [1903]

gracioso ao mesmo tempo, atravessou a capela-mor, onde tinham lugares reservados, baixando a cabeça aos Maximianos, que os defrontavam, como potência a potência.

O templo, bastante grande, doirado e pintado de fresco pelas últimas eleições, estava cheio a não poder mais.

Isabela, que na véspera o tinha visto a meia-luz servindo de dormitório aos romeiros pacatos, quase o desconhecia na glória do sol rompendo através dos damascos vermelhos que velavam as janelas²⁶³, no triunfo das luzes e do incenso subindo em espirais do incensário balançando nas mãos do acólito ricamente paramentado²⁶⁴.

Desinteressada das liturgias, deixava que os seus olhos e o seu espírito vagueassem pelo recinto sagrado sem que a isso a levasse uma consciente vontade, e, sem mesmo pensar, deixou-os perderem-se na contemplação dos *ex-votos*, que se alinhavam como um rosário de lágrimas na parede fronteira. Sorriu complacente aos laudatórios quadros em que a cama e o doente, na ausência de toda a perspectiva, se alevantam no mesmo plano, em agradecimento à milagrosa santa que arrancara o infeliz condenado da escuridão sepulcral... Tranças de cabelo, roídas pela traça, junto das ofertas de cera, amarelecidas umas pelo tempo, outras diáfanas ainda, como da última hora; cabeças, pernas, braços, todo o corpo humano sujeito à dor, baralhado e destroncado pelo acaso do sofrimento... Mortalhas amarfanhadas e destingidas, pequeninos caixões com bonecos representando a vida duma criança resgatada de prematura morte, caixões esguios para homens, outros brancos para virgens...

Tanta desgraça, tanta miséria a acolher-se à crença no milagre, como se a vida sem ele não fosse mais do que um desterro! Bela evocava dores que representavam essas oferendas, e a sua alma enérgica confrangia-se numa dúvida, numa como ansiedade de quem presente que o temporal se aproxima e não tem a certeza de se achar bem couraçado para a resistência.

Como um raio de sol a alegrar uma enfermaria, as *fogaças* lá estavam também com as suas ofertas de milho ou pão-de-ló em açafates armados em alta roca com flores e laços enastrados. Nem todas formosas, mas alegres e sadias na graça hesitante do sair da infância, com seus vestidos brancos e os peitos cobertos de oiro, representavam também um reconhecimento e uma crença, mas a sua oferta significava abundância e da vida; a sua crença ingênua transformava-as em oblata inconsciente ao culto da alegria e da

²⁶³ rompendo através dos damascos vermelhos que velavam as janelas] entrando pelas janellas com cortinados vermelhos [1903]

²⁶⁴ do incensário balançando nas mãos do acólito ricamente paramentado] e dos ricos paramentos [1903]

mocidade.

Por fim os seus olhares caíram sobre os homens de sorriso untuoso, que recebiam as esmolas, e pensou com amargura na ingenuidade que a hipocrisia explora sempre...

Nesse momento todos se levantaram e sentaram, tossindo, escarrando, instalando-se com a maior comodidade compatível com o espaço, para ouvir o sermão.

Depois de alguns momentos de recolhimento, o cónego Almeida ergueu-se no púlpito; alto, moreno, a boca num risco de amável sorriso, a face azulada de muito escanhoadada, o olhar firme, de quem tem a certeza de possuir o auditório.

Isabela olhou-o e logo caiu no inconsciente cismar que a levava não sabia para onde, que a tornava tão estranhamente indiferente ao que se passava.

— O amor — dizia o cónego com a sua voz propositadamente espaçada, para que as palavras se seguissem umas às outras, numa ordem de formatura — o amor é a base da vida. É o princípio e o fim de te todas as coisas...

Bela ouvia frases truncadas que lhe entravam na alma e mais a mergulhavam no misterioso cogitar em que se embebera.

O amor!... Era segunda vez que nessa manhã o ouvia proclamar, por bem diferentes vozes e com intenções diversas. Sim, porque devia ser o amor divino esse a que o orador se referia, mas era *amor*, alguma coisa superior e forte que transforma a vida e das mais áridas almas faz brotar flores de poesia...

A viscondessa julgou-a adormecida quando, no fim da festa, lhe tocou no braço e a viu estremecer num sobressalto de estremunhada.

— Dormias? Estarás doente!?

— Não... O espírito é que me parece que sonhava...

— Então gostaste do cónego?

— Gostei, é eloquente.

Os Maximianos abeiraram-se, a cumprimentar. Era para o dia seguinte o *picnic* projectado e era preciso pormenorizar os últimos arranjos. A viscondessa pedia que se não incomodassem; era mais um jantar dado na quinta, para evitar etiquetas, do que verdadeiramente um *picnic*, em que todos são obrigados a fornecer iguarias.

Despediram-se depressa para irem até à porta onde os homens esperavam já; mas aí pararam estonteadas.

Toda a gente corria, gritando num terror pânico; as mulheres agarravam as canastras e fugiam encolhendo-se, cobrindo-as com o corpo, outras seguravam os homens ou chamavam os filhos; crianças gritavam desesperadamente e todos gesticulavam e

falavam sem que fosse possível compreender o que assim alarmava e varria o arraial, havia pouco tão animado e alegre.

— O que foi, o que foi?! — perguntaram as senhoras vendo o Dr. Ramalho dirigir-se apressado para casa do sacristão.

— Um homem morto, um homem morto — comentava-se de todos os lados.

— Não se assustem — disse o visconde —, nós vamos acompanhá-las á carruagem e depois lá iremos ter a casa.

— Oh Duarte, será melhor não sairmos daqui — aventou a viscondessa.

— Não pode ser. Se o povo se lembrasse de invadir a igreja, o que seria de vós? O mais seguro é partirem já.

— Oh senhor visconde, não nos abandone, ai que horror! Eu morro de medo!... Só de ver este barulho já estou mal — gemeu a Cândida enfiada.

— Não se aflija, minha senhora, isto não é nada, não há perigo nenhum, vamos aqui por detrás da igreja, não chega cá a balbúrdia!...

— O melhor é tu dares o braço à Sr.^a D. Cândida, Duarte. Nós²⁶⁵ vamos com o João; como somos mais corajosas, basta um defensor para as duas... V. Ex.^{as} sigam-nos de perto, ou se preferem vão adiante, como entenderem... — determinou a viscondessa, voltando-se para os hóspedes, não deixando de aflorar-lhe nos lábios o mesmo sorriso de calma delicadeza.

A confusão e a berraria vinham do primeiro largo, de ao pé das pipas enramalhadas do vinho forte da região, e eles afastavam-se seguindo por detrás da igreja e descendo um bocado de serra até à estrada real, que se desenrolava em caprichosas curvas costeando o monte.

— Gostava de ver aquilo de perto — disse Isabela para a viscondessa e João, ouvindo distintamente o entrechocar-se dos varapaus e a grita descompassada — deve ser um simulacro de batalha.

— Isso sim! Tudo aquilo é do vinho a rodos... Não tem grandeza nem beleza. É raro o ano que não há desgraças nesta romaria.

— Lembra-se de há dois anos, prima? Ficou ferido o morgado Albuquerque. O que a Pilar se impressionou de o ver lavado em sangue, cuidando que estava morto! Lembra-se?

— Lembro-me muito bem...

²⁶⁵ Nós] Bella e eu [1903]

— Quem serão este ano as vítimas?!...

XI

— O que tens, Bela, estás doente? — perguntava a viscondessa carinhosamente, passando o braço pela cinta da amiga e levando-a para fora da clareira onde os criados preparavam a mesa para o jantar.

— Porque perguntas²⁶⁶?

— Porque há dias que te vejo entristecida, silenciosa, tão mudada que nem já me pareces a minha Belazinha, a alegria de nós todos!

— Todos!... — e suspirou fundamente.

— Todos, sim; temos dúvidas de menina romântica? Mas o que sentes?

— Nem eu sei. Creio que estou na mesma; não sinto nada, não me dói nada.

— Naturalmente foi o sol da Senhora do Monte que te fez mal... — disse-lhe ainda a viscondessa, sorrindo com uma pontinha de amigável malícia.

— Não me fez mal nenhum; e porque havia de fazer? Estou habituada a sair com todo o tempo. Não tenho nada, sinto-me boa... Pois tu não vês que estou na mesma?... — e olhava para a amiga, tentando convencê-la, apelando para uma força que já não tinha, a da serenidade de ânimo.

— O que querem então dizer essas lágrimas a bailarem-te nos olhos?... Queridinha, não se tem impunemente vinte e dois anos!

— Mas o que tenho eu? Oh, Mary, se sabes o que sinto, se desconfias alguma coisa, diz, por Deus te peço! Eu não sei o que é!...²⁶⁷

— Deveras? ... À tua cabecinha tão ajuizada não veio nunca o pensamento de que há em nós um coração, um doido, que se pode conservar adormecido, mas que em acordando faz sempre loucuras?! ...

— Mas que loucuras pode fazer o meu, que tão igualmente reparto entre ti e meu tio?

— E mais ninguém merece a sua simpatia, minha senhora?!... Nem aquele que além vem com tão melancólica sombra? — perguntou-lhe ao ouvido e indicando João, que se aproximava acompanhado pela Cândida e seguido por mais pessoas que vinham ao *picnic*.

— João? Sou muito amiga dele, sou, mas que tem isso de extraordinário? Não é teu

²⁶⁶ Porque perguntas] Porque perguntas isso [1903]

²⁶⁷ !...] . [1903]

primo, quase filho pela amizade? Estimo-o por isso como a um irmão muito querido.

— Sabes? É custoso acreditar nessa amizade fraternal entre uma rapariga como tu e um rapaz como o João, educados num meio de intelectualidade que lhes fará difícil a escolha em Portugal, ambos livres e compreendendo-se bem... Gostava que se entendessem definitivamente...²⁶⁸ Não te poderia ver casada com qualquer homem, Bela. Seria uma profanação ver-te nas garras desses abutres... de dotes. E também não gostava de ver o João ligado à maior parte das mulheres que conheço.

— Eu não me casarei nunca!

— É possível, mas não é provável, filha. Eu sei que não admites o casamento como estado social, como único emprego para a arrumação da mulher, mas és muito afectiva e muito expansiva para que as amizades de teu tio e a minha, por maiores que sejam, te possam encher a existência.

— Maria Helena — respondeu Bela sombriamente — tu sabes o segredo tristíssimo da minha vida, compreendes que não posso casar, que não posso, ou não devo, gostar dele, de ninguém que seja honesto!²⁶⁹ Não, não posso amar a sério!...

— Oh, filha!...

— Sou brutal, não achas? Mas concorda em que sou razoável. Imaginas que teria a triste coragem de contar ao João, ou a outro qualquer homem que amasse — e se o amasse é porque o julgava honesto e bom — que meu pai fez dívidas que não pagou, e jogou o que tinha e o que não tinha, fugindo sob a maldição de toda a sociedade e vive — sabe Deus em que misérias! —²⁷⁰ ou morreu de fome e vergonha?! Querias que impudicamente abrisse a minha alma e lha mostrasse diluída e torturada como a vergonha de meu pai a tornou?!²⁷¹ Querias isto? Não! Há muito que resolvi não casar, para me não prostituir aceitando qualquer desses sem honra nem brio, que pouco se lhes daria do nome de meu pai fazendo-me meu tio sua herdeira. Julgava-me forte, incapaz de gostar dum homem a ponto de me parecer um martírio inoportável a memória daquele, que, apesar de tudo, foi um carinhoso pai!...

— Isabela, imaginas que o João te acusaria das faltas de que não és, não podes ser por forma alguma, responsável?!...

— É natural; por isso que é honesto, é que mais lhe deve repugnar a filha dum...

²⁶⁸ Gostava que se entendessem definitivamente...] Elle é muito bondoso; gostava que se entendessem definitivamente. [1903]

²⁶⁹ !] . [1903]

²⁷⁰ e vive — sabe Deus em que misérias! —] e vive sabe Deus em que misérias, [1903]

²⁷¹ diluída e torturada como a vergonha de meu pai a tornou?!] despedaçada como ma fez a vergonha de meu pae? [1903]

— Cala-te! Incomoda-me ver-te assim. Não, o João não era capaz disso. Tenho mesmo a certeza que deve já ter havido alguma *boa alma* que lhe dissesse não só a verdade, como a mentira... E vê lá se ele por isso te abandona um instante.

— Talvez não saiba nada... Ninguém seria capaz dessa infâmia. Não é a mais negra das vilezas essa de contar a vida dos outros?... — um soluço fundo apertou-lhe na garganta a voz ansiada e terminou, quase num tremulo de lágrimas: — Porque me não hão-de deixar gozar esta doce amizade espiritual que tanto me consola?... É tão bom, tão delicado, tão ao contrário dos outros, que o meu espírito, educado no desprezo pelos homens, se depura e eleva na convivência do dele.

— Pois farás o que entenderes, com a condição de te não ver triste e. muito menos. infeliz.

— Cumprindo o meu dever não o poderei ser, não é verdade?

— Se o dever nos desse felicidade!... Depois, o dever é também ser franco para quem estimamos...

Chegou nesse momento o grupo em que vinha o João, um pouco afastado e silencioso como sempre, naquelas companhias.

A Cândida, radiante, dava o braço ao visconde, e jungia ao seu carro triunfal o Braga, cada vez mais apaixonado, e os rapazes hóspedes da casa.

Depois dos cumprimentos²⁷², dirigiram-se em festiva algazarra para o sítio destinado para a festa, uma clareira entre árvores seculares onde se cruzavam ruas de copados cedros. Duma cascata, perto, a água caía a cantar de pedra em pedra por entre as begónias veludas, os fetos arrendados e a avenca franzina.

Chegava o juiz, arrastando a perna gotosa ao lado da mulher vestida de cor de cana, «com um fato usado — explicava o marido — porque para festas no campo não se podia levar coisa boa».

O Dr. Pinto veio logo atrás, rindo sempre muito alto, a sacudir as barbas brancas de profeta; depois, chegou o Domingos, de sobrecasaca preta bem lustrosa como se assistisse a casamento ou enterro. As cunhadas, as manas Rebelas, faladoras e alegres, metiam as raparigas a um canto. E vieram ainda as meninas Costas e as Sousas, a rir e a gralhar, guinchando a propósito de tudo e de nada, achando pilhas de graça ao Motazinho, chamando o Neves para a sua roda, olhando para o Teles como para uma praça-forte a desafiar conquista.

²⁷² Depois dos cumprimentos] Depois da cerimonia dos comprimentos [1903]

Por fim, fazendo-se propositadamente esperar como pessoas reais, chegaram os Maximianos, com espavento e comitiva. O padre Matias à frente, a baronesa pelo braço do conselheiro, o Jorge Cabreira falando ao ouvido da conselheira numa intimidade que trazia sorrisos a todas as bocas. No coice do préstito, M.^{elle} Hortense, entre o Vilhegas e o visconde de Alvora, com o descendente de Nun'Álvares ao lado. Toda de escarlate, semelhava uma papoila²⁷³, e ria, encantada com aquela festa: «d'um *chic hors ligne*. Perfeitamente aristocrática. Parecia estar²⁷⁴ em Sintra ou n'outra *vilegiatura* civilizada. Nem menos de três viscondes, um conselheiro, uma baronesa e duas viscondessas, mio falando dos bacharéis, que esses eram a *élite* do pensamento — voltava-se toda para o Vilhegas, envolvendo-o num olhar desvanecido e lânguido.

— Oh, M.^{elle} Hortense, sabe lá o que é ver titulares reunidos! — comentou o de Alvora, desdenhoso. — Em Portugal não há o que se pode chamar uma nobreza. Em Espanha, sim, aquilo é que é grandeza! Uma vez em casa do duque de Ossuna, a uma ceia, reunimo-nos seiscentos titulares.

— Ih!... Essa agora foi de arromba; o que vale é estarmos ao ar livre, oh visconde! — comentou o D. Manuel Pereira.

— Não acreditas? Pois olha que em Espanha há trezentos duques, fora o resto. Palavra de honra, oh menino!...

Quanto mais crua fosse a mentira, com mais segurança ele falava, endireitando-se, estendendo a mão em juramento, torcendo o bigode encerado.

Decididamente M.^{elle} Hortense estava com a sua gente. Era impagável aquele visconde. Ninguém como ele para marcar um *cotillon* e saber falar a uma *grande dame* ou a uma *jeune fille* na última corrida de Longchamp, na cantora em voga, nos escândalos de *foyer*, no *couplet* mais *gamin*. Tinha como ninguém o *savoir vivre d'un vrai azuré*. Não era possível sem ele fazer-se uma festa *distinguée* — explicava ao Vilhegas, um pouco deslocado entre aquela fina flor da elegância lisboeta.

A viscondessa ia-os recebendo a todos com aquela amabilidade que chega a ser natural à força de usada nas pessoas de que a posição social fez escravos. Ouvia o juiz gabar o peixe assado que mandara, uma especialidade lá da casa — ela diria depois se a mulher não tinha um ótimo paladar de cozinheira...

Respondia gentilmente a um e a outro, procurava para cada qual a frase mais

²⁷³ Toda de escarlate, semelhava uma papoila] Toda de escarlate, com cinto preto, semelhava uma papoila [1903]

²⁷⁴ Parecia estar] já lhe parecia estar [1903]

própria a causar-lhe a satisfação da vaidade, sabendo de antemão o que interessava a toda essa gente para quem o marido lhe pedia que fosse amável.

Isabela acompanhava-a como de família e ajudava-a com um interesse que não estava nos seus hábitos e a afastava de João, que, junto do Dr. Ramalho e outros, ouvia os comentários à romaria da véspera.

— Creia você, Dr. Pinto, que o homem não está nada bem; deram-lhe a matar com um marmeleiro que lhe circundou a cabeça; não afirmo que se salve.

— Oh diabo, que lá se vai um quarenta maior!...

— Dois, porque o Manuel Duarte, da Póvoa, é que bateu — veio dizer o padre Matias com um arzinho picante de troça.

— Ainda se não sabe quem foi.

— Foi ele, há testemunhas. Além disso, você bem sabe que há muito que andavam de rixa por causa da água de Lameira.

— É o mesmo, esse²⁷⁵ ou outro, o exame médico é igual — respondeu o Dr. Ramalho.

— Se os não *corrompo* na conversa... — chegou-se o Domingos.

— Ora essa! — riu às escâncaras o Dr. Pinto — o amigo Domingos não corrompe ninguém, nem a si mesmo, é incorruptível.

A conversa estirou-se renhida sobre o assunto que a todos interessava como caso que se dera quase à sua vista e que tanto peso tinha na política local.

No mais aceso dela, afastou-se o padre Matias sorratamente e chamou o Maximiano a um lado.

— Senhor conselheiro, nas eleições dos quarenta temos o Manuel Duarte por nós.

— A esse tempo deve ele estar na penitenciária, homem.

— Não irá para lá, se V. Ex.^a quiser. O caso é que não morra o Cabral, de S. Mamede...

— O que quer você dizer com isso, padre Matias?

— Depois lhe explicarei. Vá segurando o juiz, que eu logo falo com o da Póvoa. O Ramalho não percebe nada de política. Perder um quarenta maior sem mais nem menos... é parvoeira... Eu vou falar ao Vilhegas. Não percebe a tramóia?

— Eu não, por enquanto ainda não atingi o você quer.

— Não me posso agora explicar. Só duas palavras: suponha que o homem não

²⁷⁵ esse] elle [1903]

morre e o juiz manda fazer novo exame e esse exame é feito por médico nosso, que do processo de júri faça um processo criminal de *galão branco*, em que o réu fica à mercê do juiz... — atabalhoou confidencialmente.

— Sim senhor, sim senhor, você vale um tesoiro; não há-de ser um triste abade de aldeia — aqui é que eu o quero! — o velhote que trate das contas e do breviário.

Deixando radiante o incansável galopim, encaminhou-se para o juiz, fingindo naturalidade, falando com um e com outro, até que o pôde abordar. O padre chamou o Vilhegas e arrastou-o para longe da criadagem, que se azafamava nos últimos detalhes da mesa.

— Está por isto ou não está? — ouviram-lhe ainda dizer.

— Se o conselheiro fizer empenho — respondeu a meia voz o médico.

— Nada que não há-de fazer, é uma cartada de mestre. Se é! De uma assentada apanhamos os quarenta em que eles têm tido a maioria. É um rombo de alto lá com ele. Se o Manuel Duarte vai connosco, temos mais o pai e os dois cunhados marchantes... O Cabral, doente... É como lhe digo, quando mal se precatam temos o concelho na mão. Uns parvalhões que ainda fazem política com lealdade... — e ria surdamente, satisfeito de si. — E você? Vai ou não vai adiante com o negócio do casório? Olhe que o pai gosta de você, homem, *bascoleja-me* até de que o prefere para genro antes do que a esses *bonifrates* de Lisboa.

O Vilhegas, num daqueles rasgos de quixotesco orgulho que são sempre de efeito em almas de meridionais, e de que ele abusava, um pouco sinceramente, também, sem mesmo dar por isso, respondeu com ênfase:

— Sim, também me parece que me vê²⁷⁶ com bons olhos. O padre Matias compreende que sendo eu, como ele, filho do meu trabalho e da minha inteligência, o conselheiro me estime. Os meus pergaminhos são as cartas de bacharel conferidas pela Universidade de Coimbra. Hei-de subir e fazer subir os meus; agora lá vai o meu irmão Pedro para Coimbra, e em breve poderei dizer que tenho mais um bacharel na família!

O padre Matias, muito terra-a-terra, não percebeu, naquelas frases descosidas, o embrião de um discurso de futuro deputado da minoria afirmando os seus princípios democratas e liberais, para mais depressa ser chamado ao paço e entrar nos salões da alta burguesia que tem títulos e dinheiro, e nas relações dos grandes nomes históricos, que, apesar de tudo, ainda exercem influência no espírito desses ambiciosos

²⁷⁶ que me vê] que elle me vê [1903]

ancestralmente servos, a quem a educação e a vida ensinou o caminho por onde se sobe aos pináculos de uma sociedade em descabro, mas não ensinou a verdadeira liberdade, que só dão o trabalho e o desprezo por tais processos e correlativos prémios.

— O que é verdade é que você tem boa família — afirmava o cura. — O João com uma fortuna daquelas, a Cândida uma beleza... Olhe a roda que lhe fazem todos esses janotas da capital.

— Que me importa desses parentes que só valem pelo dinheiro e pela formosura? Eu valho pelo talento, que é mais.

— Decerto que é. E a pequena, a Hortênsia?

— Veja como ela já me anda procurando com os olhos.

— Bom, bom, homem, isso é que eu desejo. É aproveitar, olhe que a fortuna não bate à porta duas vezes... Depois, veja lá se se esquece dos amigos, hein?! — batia-lhe no ombro com familiaridade: — Olhe que fui eu que o apresentei em casa do conselheiro...

— Protegê-lo-ei, pode crer — terminou o outro com importância.

— O que andarás o cura a tramar? — dizia o Dr. Pinto ao ouvido do Ramalho, que encolheu os ombros indiferente.

— Minhas senhoras e meus senhores, dizem os práticos que vamos enfim ser servidos — gritou o visconde alegremente.

As conversas suspenderam de pronto e todos, numa celeridade que denotava bons apetites, correram para a comprida mesa de pedra, que comportava mais de cem convivas.

Cada qual procurou o lugar que melhor convinha aos seus interesses e afeições; foi o motivo por que Bela se encontrou, sem saber como, dando a direita a²⁷⁷ João de Melo e com o Teles à esquerda.

Defronte assentava-se a viscondessa e a muito espirituosa viscondessinha de Pereira, sua hóspede e amiga, casada com o mais condescendente dos maridos e não sabendo que mais mal dissesse do casamento, «essa prisão celular para um espírito de mulher superior», dizia. O pobre rapaz, de um loiro deslavado e uns olhos de velha porcelana descolorida²⁷⁸ pelo uso, olhava-a encantado com tanta graça e beleza e considerava o casamento a melhor das instituições.

²⁷⁷ dando a direita a] à direita de [1903] [Na edição de 1934 constava «dando a direita de», que se corrigiu para «dando a direita a».]

²⁷⁸ descolorida] desmorecida [1903]

Seguia-se o Ramalho, o Dr. Pinto, a baronesa com a sua corte de pretendentes, e ao fundo o visconde junto da Cândida, que enfeixava no seu coro de louvadores o Braga e os mais rapazes de fora que a sua excepcional beleza atraía.

— Está doente, Miss Bela?— perguntou João, cuidadoso, à sua vizinha.

— Não, porquê?

— Ainda a não vi comer nada...

— As deusas não comem mais do que pétalas de rosa e bebem a doce ambrósia — respondeu do lado o Teles, com o seu ar pretensioso de janota e lírico provinciano.

— As do Olimpo, pode ser... As que habitam este vale de lágrimas achariam pouco substancial um alimento tão poético.

— As senhoras vivem de poesia.

— Já vejo que sou o escândalo do meu sexo, porque²⁷⁹ prefiro um sangrento bife à inglesa a uma *grinalda poética*. Uso de um apetite nada ideal, como vê.

— Mas hoje está-se desmentindo, Miss Bela — censurou com bondade o João.

— Ora! Pois, se tenho estado sempre junto dos cestos da merenda, fui-me aproveitando da situação...

— Falaram para aí em bifés — reclamou o Dr. Pinto —, onde é que há bifés?

— Aqui, vindos da casa do senhor conselheiro — respondeu da extremidade da mesa a voz grossa do padre Matias.

— Deixe lá ver isso, homem, não faça monopólio! — Recebeu o prato esbracejando alegre, serviu-se abundantemente, comeu e ainda com a boca cheia dirigiu se ao Maximiano: — Estão muito bons, estão óptimos, uma especialidade, sim senhor!²⁸⁰ Ainda assim, conselheiro, não chegam aos calcanhares dos que se comiam na hospedaria de sua mãe, a Sr.^a Joaquina, lembra-se?...

O conselheiro mordeu os beiços e agradeceu com um sorriso amarelo a lembrança do Dr. Pinto. A conselheira, vermelha como a lagosta de que se servia com gulodice, voltou-se para o Cabreira e achou intolerável aquela gente de província. Se a família do marido, e principalmente aquela mãe estalajadeira, eram o pesadello da burguesa afidalgada, o seu orgulho, de que²⁸¹ não perdia a ocasião de falar nos tios, titulares da última hora, que nas quintas filoxeradas do Alto Douro tinham encontrado o filão duma grande fortuna e pelas praias e termas passeavam as filhas e as flatulências dos seus

²⁷⁹ porque] pois [1903]

²⁸⁰ !] . [1903]

²⁸¹ eram o pesadello da burguesa afidalgada, o seu orgulho, de que] eram o pesadello da burguesa afidalgada, que [1903]

estômagos.

A Hortênsia é que não tinha ouvido nada, entretida como estava a dizer para o Vilhegas — que a língua francesa era afinal muito pobre.

— Não há maneira de se dizer *é preciso!*

— Há — respondeu muito sério o Dr. Ramalho — é que V. Ex.^a se esqueceu.

— Como, então?

— *Il est précis...*

— *C'est vrai, c'est vrais!*... — continuou muito interessada a sua conversa em *francês*, não reparando no fungar sarcástico dos que tinham percebido a troça do médico.

— Ó visconde — chamou o de Alvora com ênfase —, nós agora podíamos dizer como naquela história dos viscondes: *Sêmos aqui três viscondes! É sêmos ou samos?*...

— É verdade, o terceiro era o mais prudente, que respondeu não saber. Temos bons colegas, não há dúvida... — respondeu o anfitrião rindo e deixando cair sobre alguns dos convivas o seu olhar cintilante de ironia.

A festa prolongou-se pela tarde fora sem esmorecimento de animação. Os ditos voavam de conviva para conviva, às vezes do fundo para o princípio da mesa, num esfuziar de alegrias despreocupadas que contrastava rudemente com o luminoso e tranquilo cair daquele dia estival.

Às gargalhadas e às vozes juntava-se o tinir dos copos e dos talheres numa algazarra e sem cerimónia, para a qual os criados davam o seu contingente, correndo, falando, pedindo coisas aos outros, num reboliço que unicamente lhes desculpavam naquele caso excepcional.

Terminara o jantar, que já só era seguido pelos mais destemidos campeões do garfo e faca. Já daqui e dali rompiam efusivos os brindes que as pragmáticas baniram dos grandes jantares de cerimónia.

Bela, que durante todo o tempo conversara com João e com o Teles, disse a este, vendo-o recusar o vinho loiro e perfumado que o chefe da mesa vinha oferecendo:

— O quê?! O Sr. Teles não bebe vinho?!

— Oh! Não, minha senhora! Não posso tomar nada que me excite os nervos doentamente emotivos...

— É incrível! Um poeta não beber o néctar que reluz como topázio no fundo do copo é quase uma blasfémia. Não sei que poeta latino disse que parecia impossível que se trocasse por miseráveis moedas de prata o oiro liquefeito e perfumado que se vertia

em taças de cristal, nos banquetes da civilizada Roma?!...

— Apesar de toda a sua decadência ainda podiam com isso os descendentes de Romulus, mas nós, os abastardados filhos dos grandes navegadores, com os nervos crispantes como temos...

— E porque tem assim os nervos? Uma raça só é decadente quando o quer ser pelo desleixo da sua educação e costumes... Mas não vamos entrar agora em sábias discussões educativas, que mal iriam a um fim de jantar em pleno campo. Diga-me antes, que mal lhe poderá fazer uma gota de *Kumel* tomado com o café?

— Mas se eu também não bebo café!

— Também não? Nem fuma, aposto! É então um verdadeiro regime de abstinência a que sujeita esses pobres nervos pelo crime de sentirem a vida com mais acuidade?!...

Divertia-se a fazê-lo falar, com a presunção do costume, sobre a neurastenia artística que dizia ter contraído desde que perdera noites e dias a escrever o livro de edição esvaída, que dava a toda a gente: *Verde-mar*... Para se divertir com o espanto do Teles tomava um ar masculinizado que não tivera nunca, apesar da sua livre educação feita ao lado do tio, errando pela Europa em busca da igualdade de clima, que, dizia ele, os médicos lhe recomendavam e só uma constante emigração pode fornecer aos supercivilizados que o requinte do luxo e da arte fizeram regressar ao nomadismo dos povos primitivos.

— Pois eu sou exactamente o contrário — continuava a rir —, posso beber impassivelmente todos os excitantes porque os meus nervos, se é que os tenho, não se lembram de me incomodar. — Pegou na garrafa e continuou com irónica amabilidade — Bebe, Sr. Teles? Só hoje, para nos acompanhar...

— V. Ex.^a manda! Beberia até a cicuta que matou Sócrates oferecida por tão delicadas mãos — respondeu desvanecido, apresentando o cálice.

— Não posso agradecer-lhe o desejo de fazer das minhas pobres mãos cúmplices de tão nefando crime. Agora, Sr. Teles, à minha saúde, e a voltar — levou o copo à boca e pousou-o com naturalidade, vazio, sobre a mesa.

Quando olhou para o farmacêutico e o viu torcer-se em caretas caricaturais e apertar o estômago como quem se escaudou, partiu na mais sonora gargalhada que durante a festa se tinha dado.

João não pôde deixar de sorrir das caretas do Teles, apesar da tristeza que lhe causava ver esse espírito habitualmente calmo e simples estorcer-se em risos de troça, numa desforra da natureza, que não esquece nem despreza nenhum dos elementos de

que se utiliza. No rosto angélico e na alma límpida de Bela — via um como reflexo²⁸² do sangue desse pai que era ainda para ele um mistério, mas que lhe diziam, em carta anónima, aventureiro e elegante, sem escrúpulos nem piedade, o homem de mais espírito e de mais coragem que se tem apresentado a deslumbrar e a enganar Lisboa.

— O senhor acha isto forte? — dizia ela ainda a rir.

— É lume, minha senhora.

— Pois eu achei tão agradável que vou repetir; dá-me, João?

— Oh Bela!... — disse este a meia voz, entristecido, enquanto lhe deitava o licor.

— O que é?- Olhou-o bem de frente e vendo-o com parecer desaprovador fingiu esquecer-se do que estava a fazer, e metendo a faca por debaixo do copo fê-lo cair com um telintar cristalino sobre a mesa de pedra.

— O que foi ? — perguntaram algumas vozes.

— Nada — disse a viscondessa, que tinha observado a cena — cristal partido *porte-bonheur*.

— Um telegrama para a Sr.^a D. Isabela — veio dizer o guarda-portão, entregando o subscrito amarelo a um criado que logo lho apresentou, sobre uma salva de prata.

— Oh! Vê, Maria Helena.

— Então o que dizia eu? É uma grande felicidade para nós. — E muito alto, propositadamente: — Duarte, um telegrama de Mr. Burns prevenindo-nos de que vem amanhã no comboio das nove. Para ser amável até ao fim, depois de se ter sacrificado, privando-se da companhia da sua adorada sobrinha, vem ainda assistir à nossa festa.

— Muitos parabéns, Miss Bela! Amanhã irei esperar seu tio e pedir-lhe-ei que se continue a sacrificar, ficando também.

Ela abaixou a cabeça agradecendo, enquanto toda a mesa estremecia num frémito de respeito.

Os pretendentes da baronesa olhavam-se desconfiados com pressa de retomarem os seus lugares junto da presuntiva herdeira do riquíssimo inglês.

— Grande subida de câmbio!... — disse a meia voz, escarninhamente, o Dr. Pinto.

²⁸² nem despreza nenhum dos elementos de que se utiliza. No rosto angélico e na alma límpida de Bela — via um como reflexo] nem poupa, que no rosto angélico, na alma límpida de Bella apresentava quando a amargura lhe acicatava os nervos, um como reflexo [1903]

XII

Chegara finalmente a noite do baile que trazia alvoraçadas as cabeças em toda a vila e arredores.

Poucos havia que se não estivessem preparando para a festa, porque os viscondes, que em Lisboa se prodigalizavam pouco, tinham na província relações com todos e a todos convidavam para o baile que costumavam dar depois da romaria, nos anos da viscondessa.

Aquela boa gente que durante o ano pouco se mostrava, como que armazenando energia e dinheiro para gozar por atacado durante os dois ou três meses em que os forasteiros lhe animavam a terra; não falava noutra coisa, não pensava senão no baile e nos arranjos para se apresentarem à altura de quem os convidava...

Não seria possível calcular as horas angustiosas que tal divertimento fizera já passar às meninas da terra. Esta, porque uma impingem maldita lhe nascera na face; outra, porque o teimoso papá lhe não dera a certeza de a levar, e só à última hora diria que sim, quando fosse impossível arranjar o vestido. E a ter que levar um fato já visto todas preferiam não ir.

Desde manhã que as meninas Sousas, em saias de baixo e papelotes, mascaradas de *cold cream* para amaciar a pele, o colete apertado para adelgaçar a cinta, se afadigavam nos últimos preparativos, fazendo uma prega mais funda, cosendo *plissés*, lustrando os sapatos e lavando as luvas, mandando a criada percorrer as lojas, pondo enfim a casa numa dobadoira a que os seus vestidos fizessem morder de inveja as amigas Cunhas e as delambidas das Costas mais as do recebedor e as do escrivão... Umas e outras não pensavam noutra coisa e contavam as horas com a solicitude de quem vai contando os momentos que os separa da suprema felicidade.

A viscondessa, inocente causa de tantos cuidados e despesas, desde as oito horas que entrara na sala e conversava com os convidados que já a esperavam perfilados em trajes de gala.

Mal terminara o jantar subira a mudar de vestido e descera logo por saber o costume da velha-guarda, as Rebelas com as suas saias embaloadas de sedinha antiga, a irmã do velho abade, o Domingos e outros, que ainda pertenciam aos bons tempos honestos em que os saraus terminavam com escândalo depois da meia-noite.

Isabela, desejosa de ajudar a amiga e também porque a espicaçasse a curiosidade de ver o primeiro desfilar solene de toda aquela gente que já conhecia, apressou-se a descer à sala de recepção.

O seu rosto delicado de pequena loira estava como nunca de um encanto espiritual, que enlevava. A sombra de melancolia que lhe enodoava a alma desde aquele passeio à romaria realçava-lhe a formosura, tornando-a mais feminil e humana.

Os olhos tinham menos vivacidade maliciosa, o sorriso franzia-se num quase preguiçar de quem quer com ele encobrir lágrimas, os gestos eram mais lentos e as faces empalidecidas já não semelhavam um *rosicler álaçre*²⁸³.

Ao lado da viscondessa, toda de preto, afogada e coroada de brilhantes²⁸⁴, a cauda a fazê-la mais alta; Bela, simplesmente de branco, um ligeiro vestido de crepe da China, transparente e leve como a espuma, com a saia redonda caindo naturalmente, sem enfeites que a arrebicassem, sobre o pé delgado, que nada tinha de inglês²⁸⁵, sem mais jóias além de um colar de pérolas que o tio lhe escolhera uma a uma com meticulosidade de conhecedor e capricho de milionário; elas harmonizavam-se bem apesar do contraste, como duas flores criadas com luxuoso esmero na mesma atmosfera de elegância e riqueza.

Uma entrava apenas na vida, sentia-lhe o primeiro golpe e curvava a cabeça com resignação apesar do seu espírito naturalmente revoltado, porque a sua dor era daquelas que amachucam almas delicadas e quebrantam a vontade dos caracteres ímpolutos. A outra, levantava-a já com orgulho, como se os desgostos fossem cadinho onde a alma se lhe purificasse e enrijasse para suportar a existência.

Iam chegando os convidados e eram já tantos que o salão de entrada, uma linda miniatura da sala dos espelhos de Queluz, tornava-se pequena para tanta gente.

— Vai-se tornando impossível respirar aqui — disse a viscondessa à amiga. — Vai lá para dentro, minha filha, bem basta que sofra eu, já que não tenho outro remédio.

— Não, estou melhor junto de ti.

— Fazes-me mais favor indo ver o que se passa pelas outras salas, insistiu para a convencer.

— Encarrega-se disso a Laura, respondeu indicando a viscondessa de Pereira que só

²⁸³ *rosicler álaçre*] *rosicler de dia álaçre* [1903]

²⁸⁴ toda de preto, afogada e coroada de brilhantes] toda de preto, o decote a envolver-lhe o busto em soberbas rendas hespanholas, afogada e coroada de brilhantes [1903]

²⁸⁵ sobre o pé delgado, que nada tinha de inglês] sobre o pé calçado de meias de seda preta e sapato sem salto [1903]

nesse instante apareceu pelo braço do marido, bem-posta no seu vestido lilás, que lhe ia a matar à cor branca de leite.

— Não é a mesma coisa, bem sabes que faço cerimónia com ela.

— Pois então deixa primeiro entrar as meninas Sousas.

— Quando virão elas!?

— Não se demoram, ouvi guinchos, vejo a pêra militaresca do tio, e o nariz achatado do pai além à porta da entrada, já os garotos furam por todos os lados... não devem tardar, verás... Olha que isto de levar crianças a bailes²⁸⁶ é espantoso! Eu se fosse a ti proibia.

— Posso lá fazer isso! Quem dá prova de falta de educação e de senso é quem os leva; os donos de casa têm que se aguentar...

— Se alguém fizesse isto em Inglaterra era logo acusado a uma sociedade protectora da infância como autor de infanticídios...

A viscondessa teve apenas tempo de disfarçar o riso para receber as quatro irmãs, direitas como faquires que engolissem espadas, o cabelo em carapinha sobre os olhos, o pó de arroz empastado sobre a pele de um trigueiro requeimado, quase amarelo-sépia. As duas primeiras de azul e verde, sem sombra de gaze que tentasse velar o largo decote que exhibia o peito forte; as mais novas escondendo a indecisão dos bustos de anémicas, a sair da infância, com exagerados enfeites²⁸⁷.

Atrás a mãe, gorda e ofegante, mostrava a fisionomia lorpa e materialmente inexpressiva que as filhas deverão ter²⁸⁸ aos sessenta anos, depois de uma mocidade consumida a procurar marido, logo inferiorizadas após o casamento, tornando-se criadas dos filhos e as servas do homem que as sustenta e veste.

As raparigas fitaram Bela com o sobreceño desdenhoso de quem tem visto muito nos clubes²⁸⁹ das praias onde o tio as levava, de anos a anos, à pesca de marido.

— Oh! Maria Helena, não me deixas continuar aqui? — perguntou²⁹⁰ disfarçando o riso com o lenço.

— De modo nenhum, além de ser um incómodo, parece-me que és capaz de me comprometer... Olha o João, que vem mesmo a propósito para te oferecer o braço.

— Da melhor vontade — disse este adiantando-se —, tanto mais que andava já

²⁸⁶ bailes] festas d'estas [1903]

²⁸⁷ enfeites] folhos de *crêpe-lisse* amarela [1903]

²⁸⁸ deverão ter] terão [1903]

²⁸⁹ [Optou-se pela grafia «clubes» em vez de «clubs», uma vez que na edição de 1934 é grafado «clube».]

²⁹⁰ perguntou] perguntou ella [1903]

procurando V. Ex.^a para ser meu par na primeira valsa²⁹¹. Não é isso o que diz o seu *carnet*?

— Exactamente.

Isabela tomou-lhe o braço com uma perturbação inexplicável e, como na romaria, iam em silêncio atravessando a multidão buliçosa.

— Oh, Miss Bela — cumprimentou o Teles, que encontraram vindo da sala onde os homens rodeavam o visconde —, hoje como nunca a abreviatura do nome de V. Ex.^a é a expressão da verdade.

— É realmente mais bonita a abreviatura do que o nome, não importa que o nome não²⁹² corresponda à pessoa.

— Oh se corresponde! E plenamente, como um delicioso nome de princesa encantada que é.

— Sim, recordo-me de que me contavam a história de uma princesa Bela que foi amada por uma fera...

— E que por fim se comoveu e chegou a amar o pobre monstro que a adorava!...

— Porque afinal não era mais do que um príncipe encantado. Nestes tempos banais em que os encantamentos não existem, as *belas* já deixaram de amar as *feras* que as perseguem...

Deixou o Teles desapontado, a morder o raro bigode nervosamente, e seguiu pelo braço do João.

— Foi de uma crueldade para o desgraçado!... — disse-lhe este quase a mostrar no riso a alegria que lhe dera.

— O que quer!? Tenho dias em que me sinto sem paciência nenhuma para aturar parvos. Se as minhas palavras fossem veneno, matava-os a todos.

— Que barbaridade!

— Era uma limpeza que a higiene aconselharia...

— A bondade acolhedora com que às vezes os atende é que os convence de que podem dispensar-lhe os seus galanteios.

— É simplesmente para conversar, mas nunca lhes dei motivo para se julgarem autorizados a dirigirem-me galanteios. Se é que tais baboseiras o são.

— Com esta gente quanto menos conversas melhor...

— Despreza-os então muito?

²⁹¹ na primeira valsa] na primeira quadrilha e na primeira valsa [1903]

²⁹² que o nome não] que não [1903]

— Em geral não desprezo ninguém, mas aborrecem-me os seus ridículos. Depois, são maldizentes e invejosos. A não ser com o Dr. Ramalho, com o abade e uns cinco ou seis rapazes que foram meus companheiros na escola do padre-mestre, e que são hoje uns honestos trabalhadores, vivendo dos seus ofícios, poucas relações tenho na vila. Como sabe, há uns poucos de anos que vivo quase sempre no estrangeiro²⁹³.

— Sim, os seus provincianos têm defeitos, mas olhe que os lisboetas não lhes são superiores. Ora repare no modo impertinente, pela sobrançeria e insistência com que a viscondessa de Pereira fita o *lorgnon* em todo o mundo. É impossível aquela Laura! Vê? Aí está, é boa rapariga e inteligente, mas tem a mania das relações de nome; tudo quanto não seja *fazer* a Avenida, como lá dizem, ir a S. Carlos, vender prendas nos bazares de caridade ou frequentar celebridades, é fora do *tom* e faz perder a *linha*. E que infinidade de pessoas pensam como ela em Lisboa!

— Nem V. Ex.^a imagina o que por lá existe! Que misérias a fingir opulência, quantas dores que só a vaidade causa, que tristeza nessa vida postiça e sem elevação moral!

— Conhece bem a vida de Lisboa?

— Muito bem, tenho vivido lá bastante e sei perfeitamente o que tem de falsa. De quantas famílias sei eu que passam o Verão calafetadas em casa para dizerem que *vilegiaturam* pelas praias elegantes!

— O que quer dizer que tinha eu razão quando lhe dizia que é pior ainda a pretensão dos lisboetas... — retrucou Bela sorrindo.

— Não sei... O que quer dizer é que, julgando-se diferentes, não são mais do que iguais produtos de uma sociedade sem elevação, pobretona, sem amor ao trabalho e sem modéstia, uma sociedade em que todos são fidalgos e têm vergonha de serem o que realmente são.

— Resumindo...

— Pode viver-se apenas com raros que se isentam deste vício geral. E é o que eu faço aqui e em toda a parte.

— Eu também —olveu Bela — tenho um horror íntimo, instintivo, quase louco, ao contacto com a multidão...

— Haja em vista a noite da romaria em que cuidei que ficaria doente.

— É certo, mas não foi naquela festa por ser popular. Pelo contrário, eu estimo o

²⁹³ quase sempre no estrangeiro] mais tempo fora do que aqui [1903]

povo e desejava poder-me identificar com as suas festas, que têm de superior a sinceridade na alegria, a animação sem convencionalismos; hoje, a impressão não é de assombro como foi no arraial, é de tristeza, de profundo desgosto; toda esta gente grave, imaginando que se diverte, dá-me a impressão de uma mascarada num enterro...

— A mim também esta festa me aflige muito, mas eu tenho outras razões...

— Não se podem dizer?

— Podem. Faz um ano que a Pilar aqui estava, e tão cheia de vida, tão alegre!...

Dançou toda a noite com aquele estúpido que já hoje a esquece pela Carneiro!... Não imagina como isto me faz sofrer!

— *Les morts vont vite*, meu amigo!...²⁹⁴

— Quando não eram verdadeiramente queridos. Eu sinto hoje como no primeiro dia a dor violentíssima que a morte de minha irmã me causou. Não pode compreender a repugnância que o Vilhegas me inspira! Às vezes como que uma onda de sangue me sobe à cabeça e penso que me seria agradável despedaçá-lo com as unhas, ferozmente, como um animal bravo.

Um estremecimento nervoso lhe percorreu o corpo.

— E ela amava-o?!...

— Muitíssimo, desde criança. E pensar em que se vivesse seria hoje a mulher de tal homem!... Antes morta, está mais descansada.

— Não diga isso! Eu queria tanto que a Pilar vivesse! Seríamos duas irmãs, porque os nossos espíritos se irmanavam, tenho a certeza, pelo que dela me têm contado.

Insensivelmente tinham-se afastado para a última sala, ainda deserta, e sentado no vão de uma janela.

— Tem razão. Foi um horror a sua morte. Não faça caso. A minha cabeça fraqueja sempre que falo nisto. Mudemos de assunto, que Miss Bela não tem culpa das minhas dores para com elas entristecer o seu espírito despreocupado...

— Imagina que eu não tenho também lágrimas a recordar e a verter ainda?...

— V. Ex.^a?!

— Eu, sim! Sob esta aparência de alegria e despreocupação, sabe lá que amarguras posso recordar! Poderá sequer compreender as vergonhas e as dores de que a minha infância se teceu?

— Também sofre? Oh, desculpe o egoísmo, mas quase o estimo porque somos

²⁹⁴ [...] . [1903]

assim mais irmãos, pela amargura...

— Sim, irmãos, e como tal o estimo, João!

— Só como irmão?...

— Sim... — vendo que queria protestar acrescentou: — não perturbemos o encanto deste affecto, sejamos apenas irmãos...

Estendeu-lhe a mão, num daqueles seus antigos gestos de rapariga educada sem biocos, e na preocupação evocativa em que o seu espírito se alheava não reparou que toda estremeceu ao contacto dessa mão que queria considerar fraterna.

— Se o João soubesse o que foi a minha infância! — prosseguiu.

— Não viveu sempre com seu tio?

Abanou a cabeça negativamente, e, passados momentos:

— Já tinha dez anos quando fui para a sua companhia.

— Até aí?!...

— Vivia com... em casa de meu pai. Não se pode dizer que vivesse com ele, porque só raramente o via. Ah! como isto me faz mal, fico nervosa, sabe?!

— Faz-lhe mal, sim. Está numa tremura e tem as mãos geladas... mudemos de assunto. Tudo quanto lhe diz respeito me interessa, mas não a quero ver triste — disse-lhe com doçura.

— Não — respondeu sacudida, querendo fugir à comoção que a tomava e a fazia estremecer, deliciada, por encontrar uma tão grande ternura a diluir-se em palavras tão simples, mas tão repassadas de affecto e respeito, ditas naquela voz um pouco velada, de amoroso. — Quero contar-lhe o que foi a minha primeira infância. Não lhe disseram ainda de quem sou filha?!...

— Tentaram dizer-mo, recusei saber tudo aquilo que não viesse da sua boca.

— Como esse procedimento é nobremente orgulhoso! Admiro-o pelo carácter, mas, mais me obriga ainda a dizer-lhe o que me entristece e envergonha. — Como o João ia responder, atalhou — Não me responda! Deixe-me dizer-lhe tudo de uma vez só, sem respirar, como quem se resolve a beber um remédio custoso. Toda a demora me faria perder a coragem. Meu pai chamava-se Pedro de Avelar²⁹⁵; nunca ouviu falar de um banqueiro com este nome que foi acusado de burla²⁹⁶ e quebra fraudulenta e que nessa quebra arrastou muita gente que lhe tinha confiado as suas fortunas e tinha negócios com ele? Antes do escândalo final desapareceu e ninguém mais soube onde pára. Esse

²⁹⁵ Pedro de Avelar] Pedro Avellar [1903]

²⁹⁶ de burla] de falsificar lettras [1903]

era o meu pai. Um desgraçado, uma vítima mais do que um malfeitor. A sociedade tinha-lhe permitido todos os desregramentos porque era rico e para o exílio pouco ou nada terá levado daquilo de que o dizem responsável²⁹⁷. As mulheres e o jogo tinham-no arruinado primeiro. A minha mãe é que era inglesa, sobrinha única do tio Burns, que a tinha educado e criado com os mesmos cuidados e mimos com que depois me tratou a mim. Mas a minha mãe era melhor do que eu, duma doçura, duma passividade angelical. Nunca abriu os lábios para um gemido de queixa. Os escândalos que meu pai deu, logo após o casamento, eram tais e tantos que o tio aconselhou-a a requerer a separação²⁹⁸. Como não quis, saiu ele de Portugal, onde então vivia também uma grande parte do ano. Nunca mais se viram. Quando eu tinha dois anos morreu minha mãe — de desgosto, de saudade!? Sei lá compreender em que rios de lágrimas se afogou aquele pobre coração! As horas que eu tenho passado a querer evocar a dolorosa fisionomia da sua última hora, quando concentrasse em mim todas as suas forças vivas, num último olhar de angústia!... — Um soluço nervoso sacudiu-lhe todo o corpo doridamente. João, com os olhos avermelhados de lágrimas que reprimia, quis interrompê-la com alguma palavra consoladora, mas suspendeu-o com um gesto e continuou:

— Não diga nada, que a piedade da sua atenção vale bem mais do que todas as palavras.

Caiu num fundo meditar; depois continuou numa voz quebrada, vinda do sonho da sua recordação infantil, como a recitar sem interesse frases que lhe saíam dos lábios já feitas, a contar essa história milhões e milhões de vezes pensada e nunca repetida, que se lhe tinha fixado na memória como melodia sempre igual de um instrumento mecânico.

— Imagine o que seria a vida duma criança passada entre criados que, a não ser a *bonne*, uma pobre velha inglesa que criara a mamã, eram desses que a fortuna traz e leva, como lama de enxurrada. Raras vezes via meu pai, mas quando o via eram tantas as festas e os presentes que me dava que eu tinha por ele uma verdadeira adoração. Não houve decerto criança que mais faustosamente fosse passeada pelas ruas de Lisboa, nem que mais rica fosse em brinquedos e mimos. A criadagem, sabendo que tudo lhes era desculpado²⁹⁹, não havia capricho que me não satisfizesse. Podia dizer-se que era feliz,

²⁹⁷ daquilo de que o dizem responsável] daquilo que dizem ter subtraído [1903]. [Apesar de na edição de 1934 constar «daquilo de que dizem responsável», entende-se que faltará «o» para que a frase seja perceptível.]

²⁹⁸ aconselhou-a a requerer a separação] queria que ella requeresse separação [1903]

²⁹⁹ tudo lhes era desculpado] tudo lhes era desculpado se me tratassem com carinho [1903]

se não houvesse não sei que saudades ou pressentimentos infantis, que por vezes me punham em crises de lágrimas. Um dia, já então tinha oito anos, saí a passear com a *bonne*, e vi numa montra o brinquedo mais interessante que até então tinha visto. Maravilha chegada de Paris e que o negociante não imaginava, por certo, vender tão depressa. Imagine uma linda bonequinha vestida como uma marquesa do século dezoito, com alta cabeleira empoadada e vestido no rigor da moda de Versailles, num palácio verdadeiramente principesco. Tinha tudo aquela feliz imagem de outras bonecas vivas, que igualmente envelhecem e morrem na ociosidade e no luxo em que a minha pobre boneca se fanou. Cadeirinha para passear, criados empoadados, pequena sala de receber no mais rigoroso *rocaille*, salão, casa de jantar, alcova com seu leito baixo de grande cabeceira entalhada e doirada... enfim era uma verdadeira marquesa do grande século à qual não faltava a *soubrette* teatral, o abade poeta, nem o fidalgo galante. Parece que estou a ver todo este encanto da mais louca fantasia infantil — terminou sorrindo à ingénua recordação, que dava um pouco de frescura e mimo ao sombrio evocar de uma infância de órfã, criada no fausto, e tão pobre de alegrias simples e de afectos desinteressados.

João sorria também de tanta ingenuidade à mistura com o estranho vibrar de uma alma de mulher já feita pela dor e pelo pensamento.

Bela continuou:

— Quando vi aquela maravilha estaquei defronte da loja, ao cimo do Chiado, e custou muito à *bonne* arrancar-me dali. Devia ser coisa bem cara para que a pobre mulher apertasse as mãos na cabeça quando falei em pedir a meu pai que ma comprasse. Mas que valor pode dar ao dinheiro a pessoa que não lhe sentiu nunca a falta? No entanto, com os discursos da velha inglesa, sempre me acanhei de pedir a realização desse desejo. Tão pouco habituada estava a uma contrariedade que, de noite, não dormi com o sossego de costume, e quando de manhã fui falar a meu pai, que por acaso não tinha dormido fora, ele estranhou-me o parecer. Inquirida com interesse, não tive forças de negar e, num mar de lágrimas, confiei a minha dor pelo desejo não realizado. Ele sorriu-se, acarinhou-me com a delicadeza de uma afectuosa mãe e, passado duas horas de ter saído de casa, apareceu um moço à porta com o meu tesouro³⁰⁰. A alegria, que tive ao ver desempacotar, peça por peça, o que constituiu o meu sonho realizado, não se

³⁰⁰ apareceu um moço à porta com o meu tesouro] apareceu-me um gallego à porta com o meu thesoiro [1903]

descreve!³⁰¹ Já ele então lutava com dificuldades financeiras³⁰², mas não recuou em arcar com mais essa despesa para satisfazer o capricho de uma criança mimosa! No entanto, pouco se importava com a minha educação moral; que para a outra tinha professoras que pagava generosamente para me aturarem com paciência... E costumava dizer, quando lhe censuravam a maneira como me educava, ou... me deixava por educar, que é mais próprio: «O único fim da existência na sociedade em que vivemos é a felicidade, e a pequena assim é feliz!...» E era-o como poucas crianças o têm sido, numa inconsciência, numa inocência, que a maldade passava por mim sem me macular o espírito, porque a não compreendia. Deste sonho fui despertada um dia brutalissimamente por uns agentes da justiça, que nos selavam as portas e poriam na rua se a *bonne* não conseguisse que eu habitasse no meu quarto até que o tio Burns respondesse ao seu telegrama. Eu fiquei como que assombrada, caída dum mundo desconhecido onde me colocara, com a minha marquesinha, sem chegar bem à compreensão nítida do que me sucedia... Foi desde então que me chamaram Isabela Burns, e nunca mais me fatiaram de meu pai — como coisa vergonhosa...

Terminou num murmúrio, curvando a cabeça para esconder as lágrimas que lhe corriam silenciosamente pelas faces.

— Pobre criança! — disse João apertando-lhe a mão com respeito.

— O quê?! Pois não me quer mal por ter aquele pai, que a sociedade me manda desprezar, depois de o ter pervertido, e que eu, apesar de tudo, recordo com afectuosa saudade?...

— Como pôde pensar tal, Bela? Ao contrário, parece que a estimo mais, muito mais ainda, porque sabe o que é sofrer.

Levantou os olhos, ainda húmidos de pranto, e ia responder lhe, mas foi interrompida pela viscondessa que entrava pelo braço do Dr. Ramalho.

— Então vocês vêm-se esconder a um canto desprezando a valsa?! Sim senhores, dão um grande apreço à minha festa, vejam o que tenho a agradecer-lhes!...

— É verdade que sim! Tínhamo-nos esquecido de que estávamos num baile...

— Cabecinhas de vento! Ora vão recuperar o perdido, andem, a valsa convida.

— E tu não vens também dar uma volta? — perguntou-lhe a amiga levantando-se e beijando-a com uma nervosa afectuosidade que deu logo a perceber à viscondessa que alguma coisa se passara de estranhamente grave entre os dois.

³⁰¹ !] . [1903]

³⁰² dificuldades financeiras] dificuldades [1903]

— Eu? Já estou velha para valsas, quando muito o passeio da contradança cerimoniosa. E mesmo isso, querem crer que já me fatiga?! Estou positivamente velha.

— A prima deu agora na galanteria de se querer fazer uma *avozinha*...

— Infelizmente sem netos. Já me vão tardando os que tu me hás de dar, sabes?!...

João sorriu e não protestou. Isabela tomou-lhe o braço e disse, como quem quer terminar a conversa:

— Vamos então à nossa valsa?

— Miss Burns, encontro-a finalmente — entrou dizendo o visconde de Alvora, retorcendo o bigode e empertigando-se para disfarçar a rotundidade do seu corpo abacial.

— Que empenho era esse, visconde? Julgava-me perdida e queria merecer alvíssaras?

— Oh, não! O simples empenho que tem todo o cavalheiro em oferecer o braço à sua dama. — E oferecia-lho na verdade, sempre retorcendo o bigode e olhando João com altivez desprezadora.

— Peço perdão, senhor visconde, mas eu prometi a primeira valsa ao Sr. João de Melo.

— Mas, minha senhora, nós já estamos na segunda.

— Não posso considerá-la assim, visto que não assisti à primeira. Espero que me desculpará, meu caro visconde.

— Eu não devo prescindir da honra concedida...

— Mas prescinde porque eu desejo, e porque é de justiça. E vou já passar procuração ao tio William, que vem atravessando a multidão dos valsistas com a mesma impassibilidade com que atravessaria uma avenida deserta, para ser árbitro neste importante pleito.

Na verdade Mr. William Burns vira de longe a sobrinha e sem mais cerimónias resolveu atravessar o enorme salão onde os pares dançavam ou esperavam a sua vez, fazendo roda, apertando-se e confundindo-se.

Olhava-os com interesse de observador, fitando todos com a viva curiosidade de uns olhos azuis que lhe iluminavam a fronte de profeta e atenuavam o jeito da boca duma ironia mordente.

Alto e robusto, ombros largos, voz, olhar, gestos e o próprio andar, demonstrando a plácida serenidade do homem saudável e forte, bem equilibrado na vida; e que, apesar dos longos anos de existência laboriosa, ainda se sente com músculos superiores aos dos

rapazes a quem uma infância atrofiada preparou uma mocidade raquítica.

Olhou o Teles a calçar as luvas e apressurando-se em amabilidades para a mais velha das Sousas, arrogante na pretensão de valsista incansável e elegância sem rival. Ouviu de passagem que ela respondia aos entusiasmos literários do rapaz por Loti e Huysmans com a sua predilecção por Paul Féval e Montepin, que conhecia dos folhetins.

— Garrett — dizia estendendo o beijo carnudo — não conheço. É francês? De Herculano já ouvi dizer que tinha um romance bonitinho, empresta-mo?!...

O inglês sorriu e cumprimentou a baronesa, que estava de pé, pelo braço do D. Manuel Pereira, que lhe ficara fiel, e disse-lhe com amável bonomia:

— Sempre gentil, minha cara baronesa: dir-se-ia que descobriu a receita da bela Diane de Poitiers...

— Mr. Burns sempre galanteador e mordaz³⁰³. Assim me passa uma certidão de idade comprometedora... — ria francamente, porque tinha o bom senso de não querer ser moça pelos anos, contentando-se em o ser de facto pela elegância e pelo espírito.

Mr. Burns, que a estimava pelas suas reais qualidades, escurecendo defeitos com os quais nada tinha, respondeu sorrindo e continuando o caminho:

— O que quer, minha amiga? Diz o ditado português que há *um sujeito* velho, que não aprende línguas novas...

No meio da sala esbarrou com o par valsista por excelência, M.^{elle} Hortense e o Vilhegas, que no dia seguinte seriam *fiancées* — participava a todo o mundo.

A mãe não estava menos soberba com o seu vestido *rose velha* com *traine* de veludo verde e adereço de esmeraldas, tal qual fora ao paço quando ministra e merecera descrição especial no *carnet mondain*³⁰⁴. Mr. Burns parou para a cumprimentar, achando-a cada vez mais formosa, parecendo irmã da filha.

Agradeceu a amabilidade que lhe não era das mais agradáveis, porque detestava o título de *mamã*. Até por muitos anos a filha vivera quase sem que as relações da mãe dessem por isso, ou no colégio ou em casa de parentes ou entre os criados, quando em família, para que a mãe se não apresentasse com tal certidão de idade... Só o desejo de a casar e livrar-se assim de uma companhia importuna por indiscreta vencera o receio de se envelhecer com a sua apresentação na sociedade.

Rodeando um pouco para não ser atropelado, Mr. Burns encontrou o visconde, que

³⁰³ galanteador e mordaz] galanteador e... mordaz [1903]

³⁰⁴ *carnet mondain*] *Illustrado* [1903]

ia tirar a Cândida para valsar. Sorridente, recusou, a não ser que o Sr. Braga consentisse, pois o considerava como noivo, faltando-lhe apenas que o visconde, em seu nome, falasse ao tio. O velhote, como que assoberbado com tanta felicidade numa idade e com um físico que não eram os mais próprios a inspirar amoroso interesse, consentiu em que dançasse com o ilustre amigo. «Ora essa, a menina bem sabia que não tinha outra vontade que não fosse a sua...»

O inglês teve um rápido franzir de sobrelanceiras de quem vê um caminho que lhe não parece o mais direito e ficou um instante parado a seguir a casaca preta do visconde, que no giro da valsa se confundia com o vestido negro com palhetas de ouro dessa formosíssima mulher sorrindo bondades e de uma quase ingénuo perfídia à força de inconscientemente sentida e usada.

Já voltavam e paravam diante do usurário a quem dizia num meigo arrastar de frase: «que o visconde a encarregara de lhe dar a boa nova de que estava enfim resolvido a seu favor o negócio da casa de Bernabé» — e ainda o velho William ali estava a considerá-los atentamente.

Depois encolheu os ombros e foi mais adiante, até onde a mais nova das Costas conversava com a mais nova das Sousas, ambas insignificantes, inferiorizadas pelas irmãs. A Costa um pouco mais bonita, clarinha e gorda, com grandes olhos inexpressivos em que as pestanas demasiado compridas davam um aspecto de boneca de loiça. A Sousa tentando em vão uma evidência que um corpinho franzino não permitia. Viu-as alongar a vista³⁰⁵ pela grande sala de baile — a que os espelhos das portas dobravam, pela ilusão, o tamanho — em procura de par e ouviu-as murmurar:

— Parece que não há rapazes!...

— Ele ainda os há — comentou a dos olhos tristes — mas parece que viram lobo!...

Sorriu ainda; e foi com o rosto aberto nesse sorriso entre caridoso e irónico que chegou ao pé da sobrinha, o seu enlevo como artista, o seu amor como tio, quase pai.

— Jesus; que longa e difícil travessia, querido tio! Julguei por vezes vê-lo soçobrar em tão perigoso mar! — dizia-lhe ela a rir, com afectuosidade.

— Ainda por cima a ingratidão de uma troça! Ora eu que empreendi esta *jornada* só para a ver, porque a minha amiguinha já nem se importa de se mostrar ao velho tio! Sim senhor, deixa-me à mesa com os caturras, não me procura na sala de jogo onde os

³⁰⁵ um aspecto de boneca de loiça. A Sousa tentando em vão uma evidência que um corpinho franzino não permitia. Viu-as alongar a vista] um aspecto de boneca de loiça. Viu-as alongar a vista [1903]

velhos se refugiam...³⁰⁶ estou perfeitamente posto à margem.

— Não diga tal, querido tio! Pelo contrário, estava-o esperando para lhe dar a honra de o fazer juiz num pleito que ora aqui se debate. Exponha-lhe a sua queixa, visconde.

— Oh, Miss Burns está brincando, eu cedo sempre à vontade das damas, embora a justiça lhes faça mímica.

— Muito obrigada³⁰⁷ pela generosidade, mas nós as mulheres já temos os nossos direitos: queremos também as nossas responsabilidades. Desprezamos a vossa piedade cavalheiresca, que nos dava a irresponsabilidade... das crianças.³⁰⁸ — Respondeu Bela com certo entono cómico, que muito divertiu o tio e fez esboçar um sorriso ao João, a quem a conversa³⁰⁹ não agradava.

— Vamos, visconde, não há remédio: ela reclama justiça, justiça se fará, mas... talvez de moiro, que é o que elas querem...

— Se ele não apresenta a queixa, já vê que é uma prova de que não está seguro da sua justiça...

— Menina, isso é um sofisma.

— Não é tal! O caso é que a valsa acaba e a questão não acaba antes. Eu a exponho em duas palavras. O Sr. João de Melo convidou-me para a primeira valsa e o visconde para a segunda. Ora eu estive lá dentro e só agora venho dançar — qual é a primeira para mim?

— Realmente! — Burns deu uma alegre risada — um teólogo não defenderia melhor um dogma arvesado. Tu tens razão, o teu par é o João e o meu caro visconde vai ficar compensado passando pelo *Messias* desejado de duas almas em pena que lhe vou mostrar.

E levou-o alegremente a uma das pobres raparigas que lamentaram não ter par que dançasse com elas uma vez ao menos...

Bela agradeceu-lhe com um sorriso, e, pondo a fina mão deslucada no ombro de João, deixou que ele a enlaçasse com um respeito quase de religioso tocando em preciosidade cultural.

Seguiram na valsa coleante que os levava na corrente de um ritmo de música vinda

³⁰⁶ ...], [1903]

³⁰⁷ Muito obrigada] Oh, muito obrigada [1903]

³⁰⁸ [Na edição de 1934, o que consta é o seguinte: «queremos também as nossas responsabilidades... de crianças». No entanto, tendo em conta o sentido de todo o parágrafo, conjectura-se que se trate de uma lacuna causada por um salto de igual para igual, dada a parecença das palavras entre as quais surge a lacuna («responsabilidades» e «irresponsabilidade»), em linhas sequenciais. Assim, optou-se por manter o texto conforme consta na primeira edição.]

³⁰⁹ conversa] questão [1903]

do norte, do país dos longos amores sentimentais e dos lendários castelos alcandorados nas montanhas...

Iam, levando-se nos braços um do outro, sem se verem nem ouvirem por entre aquela confusão divertida, obedecendo quase mecanicamente ao espreguiçar inebriante da música, num estonteamento de felicidade que parecia dar-lhes asas numa inconsciência a roçar pelo sonho, tão intenso, tão extraterreno era esse gozo.

Só quando os últimos acordes morreram nos violinos chorosos é que eles pararam, ambos igualmente atordoados e comovidos, diante de uma das portas do terraço, onde se ia respirar um pouco de ar puro embalsamado pelas rosas trepadeiras.

— Sabe que está encantadora, Miss Bela!? — murmurou João levando-a para a varanda onde se refugiaram os conversadores.

— Não diga isso, meu amigo.

— Porque não, se é a verdade, o que sinto, o que vejo com os meus próprios olhos?!...

— É o mesmo que qualquer outro me diria.

— E que culpa temos nós de que as palavras estejam tão banalizadas que não haja meio de exprimir com elas uma coisa nova, delicada, e sentida como eu a sinto?!

— Que voz a sua, João! Não me fale assim! Aterroriza-me. Eu, que nunca tive medo de coisa alguma, estou agora tremendo como uma criança — dizia comovida, encostando-se à balastrada de pedra e ficando toda na sombra.

— E porque é que a sua voz treme como a minha, porque é que nos seus olhos as lágrimas querem rebentar, Bela?!...

— É verdade, estou a chorar, mas porquê?!... — e tentava sorrir mas não conseguia dominar a tremura do seu pequenino queixo de uma pureza de linhas verdadeiramente infantil.

— Porque me ama, Bela. Para que negá-lo? Porque me ama como eu a amo, com toda a minha alma, com todo o meu sangue, com a certeza de que o seu espírito e o meu se identificarão sem se absorverem, que seremos dois amigos para caminharmos juntos na jornada da vida...

Falou por muito tempo³¹⁰, tecendo sonhos, bordando fantasias, que ela ouvia enlevada, encostando a cabeça à mão que lhe deixava livre, numa passividade deliciada.

Calaram-se ambos, sem nada encontrarem que exprimisse a ternura imensa que

³¹⁰ Falou por muito tempo] Fallou por muito tempo, muito [1903]

transbordando da alma lhes enchia os olhos de lágrimas de ventura.

Ele, mais forte, conseguiu articular uma palavra que dizia o desejo anisante do seu coração³¹¹: — Amo-a!...

Bela estremeceu toda, como se fosse emergindo num banho de carícias, e ciciou num halo de sonho: — Também eu o amo...

E de mãos enlaçadas, olhos nos olhos, sorriso com sorriso, assim ficaram completamente alheados do borborinho e esbanjamento de alegrias e egoísmos que se digladiavam na arena do baile com brutalidades de feras em pleno circo romano... aparentemente calmas pelas convenções da sociedade³¹².

³¹¹ do seu coração] do seu coração na sua mesma simplicidade [1903]

³¹² feras em pleno circo romano... aparentemente calmas pelas convenções da sociedade] feras em pleno circo romano. [1903]

XIII

Os azedumes e as rivalidades acentuaram-se depois do baile, onde, parece, se tinham, querido reunir numa última revista de forças os dois campos que a política, com todo o seu cortejo de baixas vinganças e mesquinhas ambições, conseguira levantar na pequena e sossegada vila sertaneja.

Em tal luta ia de vencida o grupo do visconde porque ele, apesar do seu elegante cinismo e da obliteração quase completa do senso moral no sentido rigoroso da palavra, a que o hábito de viver no mundo e numa sociedade sujeitando-se a custo ao direito comum, como credora de isenções e privilégios³¹³, era todavia incapaz de uma vileza ou de uma flagrante injustiça para alcançar os seus fins. Tanto mais que não fazendo da política modo de vida, não disputava com desesperos de esfomeado o direito de trepar.

Depois, a seu lado, usando ainda assim de processos que à viscondessa não pareciam bons no seu grande e puro ideal da reformadora, mas nesses mesmos processos conservando uma certa dignidade e limpeza, agrupavam-se os mais honestos, os mais sinceros, os que menos culpas tinham a exprobar-se.

O exame directo imparcialmente feito pelo Dr. Ramalho no Cabral, de S. Mamede, ferido na romaria da Senhora do Monte pelo Manuel Duarte, da Póvoa, em desforço de rixa velha em questões de águas, diziam testemunhas³¹⁴, levantara descontentamentos entre os partidários e alguns já diziam pelas tabernas³¹⁵ «que se passariam para o Maximiano nas primeiras eleições, visto o Dr. Ramalho não ter coragem de salvar um amigo da cadeia lá porque numa romaria bebera uma pinga e dera umas pancadas».

É certo que o Cabral morrera, mas o Vilhegas afirmava a todos, confidencialmente, que a morte não resultara da pancada mas da deficiência do tratamento que deixara sobrevir uma meningite.

Debalde o médico se esforçava por conservar o sangue-frio e explicar a sua atitude, não como acusador nem desejoso de ver um homem condenado, numa iníqua lei de Talião que a sociedade arbitrariamente se arrogou, sofrendo porque fez sofrer, mas porque acima de tudo estava a verdade e o seu dever de perito era dizê-la completa e inteira sobre o caso que sujeitavam ao seu julgamento. O juiz que fizesse o que

³¹³ a que o hábito de viver no mundo e numa sociedade sujeitando-se a custo ao direito comum, como credora de isenções e privilégios] que lhe fizera o hábito de viver no mundo e n'uma sociedade que a custo se sujeita ao direito commum, julgando-se credora de isenções e privilégios [1903]

³¹⁴ diziam testemunhas] diziam algumas testemunhas [1903]

³¹⁵ tabernas] tavernas [1903]

entendesse, mas que por um interesse político não fossem condenar ou absolver, fiados numa mentira.

Mas feriam-no aquelas lutas traiçoeiras, magoavam-no muito mais do que as floreadas correspondências do Teles para um jornal de Lisboa, em que tinha frases de sapiência e de efeito como aquela de citar Diogo Arias — o célebre valido de D. João de Castela, que no mundo só desejava ter um prego com o qual pudesse pregar a roda da fortuna — isto para insinuar que o doutor era um malvado que não acudira ao Cabral para fazer mal à infeliz vítima da política, o Manuel Duarte, curtindo na enxovia a sua inocência...

O Ramalho contava a Bela, que muito se indignava com tal meada de embustes, que o Manuel Duarte era o primeiro a rir-se deles porque dizia a quem o queria ouvir «que bem se ralava de que o mandassem para a penitenciária, pois já lá estivera dois anos e como tinha empenhos saía à cidade e até trouxera dinheiro ganho a vender chapéus de sol. Que para tudo se queria sorte e o senhor conselheiro o protegeria, porque eram o pai e os dois cunhados marchantes todos por ele na eleição dos quarenta».

— Já vê, minha senhora — dizia-lhe numa tarde de quinta-feira nos últimos dias de Setembro, na varanda do palácio dos viscondes — que não vale a pena explicar. Descubrem-se bem os grosseiros manejos do padre-cura. Primeiro quis requerer novo exame para que o Vilhegas dissesse que o caso não era perigoso; mas como o homem morreu, fui eu que o matei...

— Oh, mas é indecente, uma luta assim feita de mentiras!

— Pois é; mas que fazer? A não se querer usar dos mesmos processos, mais vale não lhes ligar importância.

— O Dr. há-de confessar — dizia-lhe o João indignadíssimo — que tanta porcaria, tal esterquilínio de almas desperta o desejo de caminharmos para o futuro varrendo todo esse lixo sem dó nem piedade...

— João, João, cautela, não te metias a regenerar o mundo, olha que se estes são o que vês, a *canalha* sem eira nem beira ainda se lhes vantaja em atrevimento... — respondia o visconde sibariticamente deitado numa cadeira de baloiço, soprando para o azul hilariante do céu o fumo leve do charuto.

— Mas supondo mesmo que a *canalha*, como o primo diz, seja mais exigente nas suas reclamações, tem direito a fazê-las tendo arrastado séculos de cativeiro, tendo a vingar rios de sangue e de lágrimas...

— Deixa lá, João — acudiu a viscondessa para terminar uma discussão que sempre

a irritava entre o egoísmo do visconde e o ardente entusiasmo do primo, que trouxera da Bélgica, a par de uma grande instrução, uma fé sem limites num melhor futuro para os desprezados de hoje —, o doutor sofre o castigo de ser honesto e ter entrado em politiquices de campanário.

— Queres então dizer que eu não sou honesto, não é verdade? — sorriu com indiferença o visconde.

— Não é isso, mas tu como chefe tens tido sempre melhor posição e menos responsabilidades locais...

A conversa terminou, felizmente, pela entrada da Cândida, que vinha convidar a viscondessa para madrinha do casamento.

Apesar da indiferença que aparentava, o Dr. Ramalho sofria com tal campanha; demasiado honesto para usar de processos idênticos e pagar difamação com difamação, sentia-se adoentar numa crise de desânimo que o deixava impotente para a luta.

Só o Dr. Pinto sustentava a retirada desembestando ironias a torto e a direito e conseguindo ridicularizar o Maximiano e a sua malta a ponto de obstar a que todo o partido do visconde, por um resto de pudor, se passasse com armas e bagagens para o campo inimigo.

Mas, contra esta influência, mais paralisadora do que militante, alevantava-se a do padre Matias, carreando descontentes e ambiciosos que pediam empregos e ganhos, que não se regateavam no partido aos bons serviços políticos.

A sua bília de atrabiliário extravasava em doestos e arremetidas que visavam todos os contrários e em particular o abade a quem odiava e invejava.

O velho padre, que era um bom e um humilde, sem sombra de maldade nem ambições gananciosas, fechava os olhos e desatendia-se para evitar questões, que se lhe afiguravam pouco em harmonia com os deveres da posição de ambos.

Bastas vezes fingira não saber dos desregramentos do cura, que a pretexto de ter sido feito padre pela violência da vontade paterna não olhava a conveniências que o mais simples homem livre tem o dever de atender. Mas porque o bom abade não pudera calar um dia a murmuração do povo pela escandalosa vida do novo cura e o admoestou em palavras mansas de caritativo pastor, o outro embezerrou e dali lhe veio ódio terrível, destes ódios sem mercê que crescem na fria sombra das sacristias e se erguem como floração insalubre a ligar e a prender os movimentos até à sufocação dos míseros

que o mereceram³¹⁶.

Com um desejo de vingança e uma ambição a satisfazer, entrara para o serviço do Maximiano, tornando-se em breve o principal agente de galopinagem³¹⁷ e o seu mais útil auxiliar.

A conselheira é que, mal se anunciara o Outono, fixara a sua partida, para ainda poder gozar uns dias de praia elegante, em Cascais ou Estoril. Era sempre contrariada que vinha para a vila e só se mostrava alegre e amável no dia em que marcava o regresso ao mundo civilizado, segundo a sua expressão.

Irritava-a ali a preponderância e real superioridade da viscondessa, que era estimada pelo povo miserável, que a ela recorria como a fonte inesgotável de socorros.

Eram noivas a quem dava dotes e enxoval, casas que deixava habitar de graça pelos mais pobres, crianças e velhos que era preciso vestir e meter em asilos e hospitais a não ser que a família recebesse alguma coisa para os tratar... Ela satisfazia todos os pedidos, feliz por se tornar útil, não pensando sequer na gratidão, que afinal lhe tributavam todos.

Ora estas e outras superioridades de riqueza e de espírito eram um contínuo manancial de sensaborias para o orgulho da conselheira que recebia nessa noite, pela última vez antes de partir, os frequentadores das suas quintas-feiras.

Como de costume, a maior animação era em volta das mesas de jogo.

Só a baronesa da Amieira se afastara com o D. Manuel Pereira «porque — dizia ela — era o jogo o único vício que nunca lhe dera prazer». Se perdesse, não se incomodaria, porque o dinheiro pouco valor tinha aos olhos da viúva que aos dezasseis anos comprara, com o inestimável preço do seu corpo juvenil e belo, uma fortuna quase ingastável. Se ganhasse, de que lhe serviria o dinheiro, que aos outros fazia tanta falta?!...

Não seriam positivamente essas considerações altruístas a causa da sua abstenção, mas como era divertimento de que não gostava, sabia com elas tomar-se simpática. E era-o a despeito das loucuras³¹⁸ que os anos não tinham ainda interrompido. Inteligente, de uma saúde vigorosa, activa e com muito espírito, ousara fazer sempre o que a vontade e o capricho lhe aconselhavam sem sombra de respeito pela sociedade que conhecia cheia de tolerâncias para as que se escudam³¹⁹ na fortuna, e tão austera soe ser para as pobres que prevaricam.

³¹⁶ que o mereceram] que n'elles pozeram um pé em falso [1903]

³¹⁷ agente de galopinagem] agente [1903]

³¹⁸ E era-o a despeito das loucuras] Chegava mesmo a sê-lo, apesar de todas as loucuras [1903]

³¹⁹ para as que se escudam] para as que, como ella, se escudam [1903]

No íntimo da sua alma leviana havia um fundo de instintiva justiça que a fazia pródiga com os miseráveis e sem maledicência que enodoasse as outras mulheres, como usam fazer as que se querem desculpar com exemplo alheio³²⁰.

Se não era honesta e não dava grande valor a essa virtude que só lhe parecia boa para pobres usarem, também não era hipócrita. E chegava a ser ingénua à força de impudência na filosofia adquirida no longo convívio de pessoas que se habituara a julgar o tipo comum.

Pelo braço do D. Manuel Pereira afastara-se para a sala de bilhar onde, a um canto, a Hortênsia languidamente recostada numa cómoda cadeira inglesa³²¹, conversava com o Vilhegas, em requebros, retorcimentos de pescoço e gritinhos de cãozito de regaço. Ao fundo da sala, a meia voz, o conselheiro conferenciava com o juiz.

— Então o que lhe dizia eu, D. Manuel? Onde menos gente houvesse é que era mais certo encontrar os noivos — dizia a baronesa alegremente.

— Procuravam-nos? — perguntou M.^{elle} Hortense³²² voltando meio corpo, como manequim de uma só peça.

— Não, precisamente, mas procurávamos alguém que não estando a jogar pudesse dizer alguma coisa que distraísse.

— Viemos bater a má porta; estes senhores estavam tão absorvidos na sua felicidade que chega a ser um crime distraí-los.

— Pelo contrário, D. Manuel, dão-nos muito prazer. Estávamos fazendo *un petit bout de causerie intime*, mas temos para isso tanto tempo!

— Faço ideia! Vão-lhes parecer séculos estes meses. Quando casam?

— Lá para o fim da Primavera, para se sair para Sintra ou para o Bussaco. A mamã queria que fosse já, mas eu prefiro noivar durante o Inverno, é mais *chic* e não corro perigo de me privar dos bailes... — sublinhou com impudor. — Já mandámos fazer participações de *fiançailles, qui est du dernier chic*.

A baronesa riu francamente e respondeu a meia voz qualquer coisa a que outra replicou num esgar de enjoada:

— Tem suas conveniências *le rôle de madame* mas é duma falta de *chic assomante* ser mamã. *Oh! les petites bêtes!* uff!...

³²⁰ as outras mulheres, como usam fazer as que se querem desculpar com exemplo alheio] as outras, como quem se quer desculpar com o exemplo alheio [1903]

³²¹ numa cómoda cadeira inglesa] numa cómoda mas feia cadeira inglesa [1903]

³²² [Na edição de 1934 consta «Hortênsia»; no entanto, é sempre usado o nome em francês quando antecedido do título «M.^{elle}», pelo que se optou por manter o termo constante na edição de 1903.]

Daí a conversa foi derivando entre risos e anedotas em que a rapariga representava o primeiro papel, com um desprezo soberbo de todas essas velharias a que se chama pudor e ingenuidade. O Vilhegas, um pouco comprometido porque aquilo bulia-lhe ainda com todos os preconceitos provincianos, de que tentava limpar o espírito, contava também as suas graçolas, dizia histórias de Coimbra.

— Olhe, doutor — disse por fim a baronesa, sempre procurando novas distrações —, parece-me que entrou agora o seu amigo Teles e esse é que nos vai entreter recitando alguma coisa. Chame-o e peça-lhe.

— Da melhor vontade, mas se fosse V. Ex.^a a pedir teria muito mais valor.

— Olha, parece-me que se anima a *soirée*. Lá entraram as Sousas e as Cunhas. Onde estaria toda esta gente metida?

— E o Motazinho também, esse pode dizer charadas, dizem que tem jeito.

— É melhor chamá-los todos para aqui, se os deixam ir para o jogo, então acabou-se!... Faz falta o visconde de Alvora — comentou a baronesa.

— Ah, esse agora é todo viscondes — começou o Teles, que se adiantara a saudar.

— Desde a noite do baile que lá está e nem ao menos uma visita!... *C'est incroyable!*

— Há muitos anos que é amigo íntimo de Sir William Burns e deve-lhe mesmo grandes favores — defendeu o D. Manuel.

— É muito louvável o seu procedimento, descendo à liça por um amigo ausente, sim senhor! Bem se vê que é descendente de Nun'Álvares, o cavalheiro sem mácula. Mas olhe que o visconde não merece defesa porque é um trânsfuga — riu a baronesa.

— Quer³²³ chegar à sobrinha pendurando-se no braço do tio — retorquiu o Teles com azedume.

— Vai mal por esse caminho, porque sei, e agora já não há inconfidência porque toda a gente o sabe, que Bela está pedida por seu primo, creio que é seu primo o João de Melo, não é, Sr. Vilhegas? — respondeu e perguntou a um tempo a baronesa.

— É meu primo afastado...

— O quê, Isabela Burns vai casar com o Melo?

— Parece que se admira, Hortênsia?! Pois não é para isso. Até é um casamento harmónico.³²⁴ Ambos novos e bonitos, educados e ricos, e um verdadeiro casamento de amor, coisa rara nestes tempos de brutal utilitarismo.

³²³ Quer] Elle quer [1903]

³²⁴ Pois não é para isso. Até é um casamento harmónico.] Pois não é para isso; é até casamento bem igual. [1903]

— Ora adeus! O João de Melo é um sensaborão — *une vrai bête fauve*.

— Por não ter o seu espírito perfeitamente gaulês, não se segue que não seja muito interessante. Há pessoas inteligentes que não gostam de conversar. Eu não o conheço a fundo, mas parece-me simpático e muito instruído.

— A senhora baronesa está sempre disposta a defender.

— É para me vingar dos que sempre acham motivo para me acusar³²⁵ — respondeu para o Vilhegas.

— A Bela é galantina³²⁶, mas a baronesa sabe o que foi o pai... — tornou Hortênsia³²⁷ com gesto desdenhoso.

— Não pense em tal, minha querida; bem sabe que para a sociedade essas coisas dos pais só lembram quando não há tios ricos. E, aqui para nós, com toda a imparcialidade, quem não tiver um parente cujo procedimento o faça corar, que lhe atire a primeira pedra.

— Oh, mas o pai deu um escândalo medonho!... Foi um verdadeiro ladrão!...

— A Hortênsia é muito nova para julgar um facto que tem a sua explicação, como tudo no mundo. O pai de Bela era um perfeito homem da sociedade, fez o que outros têm feito impunemente, foi infeliz... Era um homem encantador!³²⁸

— A baronesa conheceu-o?

— Conheci-o admiravelmente, era das minhas íntimas relações. Tinha defeitos que mais ou menos todos nós temos, mas, a par deles, quanta boa qualidade também!... Era um perfeito homem de sociedade!³²⁹

— Pois sim, mas se não fosse o tio rico talvez o João de Melo, que sempre passou por tão serio e esquisito, não achasse muito merecimento numa menina que vai para uma romaria só com um rapaz... — insinuou a mais velha das Sousas, que tinha vindo com as outras juntar-se ao grupo sem interromper a conversa.

Já percebera que a assiduidade do Teles a devia ao despeito que lhe causava a indiferença de Bela e isso enraivecia-a, não poupando doestos à *inglesa*, como por escárnio a tratavam.

— Decerto que um homem honesto não poderia já aceitá-la para esposa depois

³²⁵ dos que sempre acham motivo para me acusar] dos que me accusam, meu caro dr. [1903]

³²⁶ A Bela é galantina] Além d'isso, a Bella é galantina [1903]

³²⁷ Hortênsia] Hortense [1903]

³²⁸ foi infeliz... Era um homem encantador!] foi infeliz... [1903]

³²⁹ quanta boa qualidade também!... Era um perfeito homem de sociedade!] quanta boa qualidade também!... [1903]

desse escândalo³³⁰ — frisou ainda o farmacêutico.

— É que o Sr. Teles não sabe, talvez, que Isabela Burns foi educada em Inglaterra. O que numa terra pequena de província portuguesa lhes parece escandaloso é perfeitamente natural e correcto em todos os países onde as mulheres são mais respeitadas. O senhor, que é homem, sabe perfeitamente que só é desonesto quem o quer ser...

— Sim, nós sabemos que a educação e os costumes ingleses são outros, mas temos obrigação de respeitar os costumes da sociedade em que vivemos — acudiu o Vilhegas em defesa do amigo.

— Decerto, mas somente os que vivem dela e para ela³³¹. Não é o caso de Isabela, que é bastante independente para desprezar comentários malévolos duma sociedade a que está muito superior³³² — terminou secamente, quase agressiva e naquele tom que não admitia réplicas e em que se habituam a falar, como senhores discricionários da sua vontade. Bela era³³³ uma das suas grandes simpatias, e a baronesa, quando gostava de alguém, não queria mesmo averiguar se era retribuída a sua afeição para francamente se pôr em campo pelos que lhe agradavam.

O Vilhegas porém não desistiu e com o gesto largo e o tom enfático de quem sonha bancadas parlamentares ainda acrescentou:

— Ó senhora baronesa, mas isso é negar toda a virtude e condenar sem remissão uma sociedade de que V. Ex.^a faz parte.

— É por isso que falo com conhecimento de causa, o que se requer é hipocrisia e dinheiro, o resto são frioleiras...³³⁴ Pois se há pessoa que esteja acima de todos os egoísmos e mentiras é Isabela, pode crer! Se casa com João é porque decerto muito o ama.

— Oh, dizem que sim — atreveu-se a dizer a Aurora Cunha, que havia algum tempo estava morta por falar, retraindo-se logo com acanhamento. — Um amor assim nunca se viu. Andam ambos tão felizes, tão contentes, que até dá gosto vê-los.

— A menina vai lá? — perguntou a baronesa com interesse.

— Eu era amiga da Pilar, que me tratava com muito agrado. Agora vou lá menos,

³³⁰ aceitá-la para esposa depois desse escândalo] aceitá-la para esposa [1903]

³³¹ mas somente os que vivem dela e para ela. Não é o caso de Isabela, que é bastante independente] os que vivem d'ella e para ella. Mas Isabella é bastante independente [1903]

³³² duma sociedade a que está muito superior] de quem em tudo lhe é inferior [1903]

³³³ não admitia réplicas e em que se habituam a falar, como senhores discricionários da sua vontade. Bela era] não admitia réplicas porque Isabella era [1903]

³³⁴ hipocrisia e dinheiro, o resto são frioleiras...] hipocrisia e dinheiro, bem sei, sentimentos íntimos e nobres são frioleiras... [1903]

mas a Engrácia, que é muito amiga da minha avó, foi ontem fazer-lhe uma visita e contou isto. Lá em casa gostam tanto da noiva, que até a velhota³³⁵, que dantes só falava na sua Pilarzinha, agora já diz que esta é um anjo do céu que Deus lhes mandou para pagar o roubo que lhes fez...

O Vilhegas torcia-se nervoso desde que a conversa tomara aquele rumo, e Hortênsia desviava a cabeça com enjoo, contando, por disfarce, os berloques que trazia no cordão de oiro ao pescoço. O Teles quis desviar a conversa, mas a baronesa perguntou ainda com interesse:

— A menina sabe quando casam³³⁶?

— A Engrácia disse que era depois de Janeiro, porque faz um ano que morreu a Pilar. A Cândida casa primeiro³³⁷.

Novo estremecer do Vilhegas trocando olhares de inteligência com o Teles.

— Sim? Com quem casa essa? É uma formosura, não é, D. Manuel? Olhe que em Lisboa, convenientemente emoldurada em luxo, e numa frisa de S. Carlos, era dum soberbo efeito — disse com a convicção de quem se não julga prejudicada pela mocidade nem pela beleza, forte no seu reduto de oiro.

— É realmente perfeita! Faz pena ver escondida entre serras uma tão rara planta — respondeu o Pereira, que às vezes se metia em floreados de frase recordando tempos de Coimbra.

— Depois de casar vai viver para Lisboa³³⁸ — tornou a menina Aurora, que estava tendo um verdadeiro sucesso com tanto saber de vidas alheias.

— Quem é esse marido ideal?

— É o Braga, V. Ex.^a não conhece? Cá chamam-lhe o Braga usurário, porque empresta dinheiro a noventa por cento. É muito rico. No baile da viscondessa estava sempre ao pé dela, não viram? — voltou-se a pedir confirmação ao dito, às irmãs e às meninas Sousas, que abanaram a cabeça afirmativamente e começaram todas a falar ao mesmo tempo, querendo ser interessantes com o saber muito desse casamento, que era o escândalo da terra.

— Dizem que o velho está doído pela Cândida.

— Até já falou aos pedreiros para deitarem abaixo a casa do Bernabé, que o visconde sempre fez com que a câmara expropriasse por utilidade pública...

³³⁵ a velhota] ella [1903]

³³⁶ quando casam] quando eles casam [1903]

³³⁷ casa primeiro] é que casa primeiro [1903]

³³⁸ Depois de casar vai viver para Lisboa] Em casando já ella vae para Lisboa viver [1903]

— É um verdadeiro escândalo, uma arbitrariedade sem nome, uma destas coisas que só se fazem numa terra de cafres como esta!... — apostrofava o Teles pensando já na correspondência para o jornal de Lisboa.

E uma das meninas ainda elucidava:

— Dizem que para o ano já há-de ter um *chalet* como nunca se viu outro por estes sítios³³⁹!...

— O tio comprou-lhe um enxoval que nem que fosse para uma rainha — disse ainda outra com inveja.

— Casam³⁴⁰ já para o mês que vem...

— Ora aí está *un vrai mariage d'amour*!... — casquinou a Hortênsia.

— Não se ria, minha querida — respondeu a baronesa, que tinha o gosto particular de contrariar a filha do Maximiano — de facto o Braga está verdadeiramente apaixonado, portanto o amor não falta. E neste género de negócios quase sempre um dos contratantes é enganado³⁴¹, quando não são os dois!... — sorriu com finura.

— Ó Vilhegas — chamou do fundo da sala o conselheiro.

O Emídio correu com interesse de subordinado humilde a perguntar o que lhe queria o patrão, radiante por fugir à conversa que lhe era pouco agradável³⁴².

— Venha cá, meu amigo. O senhor juiz pode ter algumas dúvidas e quero que lhe diga com a mão na consciência se o Cabral morreu assassinado pela pancada ou em resultado da doença que lhe deixaram sobrevir.

— Não tenho dúvida nenhuma em afirmar que foi da doença...

— Deixem-me dizer-lhes — continuou o esperto político — que o meu interesse pelo Manuel Duarte é apenas filho da revolta que toda a injustiça me causa, notem que nem é meu partidário... Mas o Dr. Vilhegas, que em breve será meu filho, faça o mesmo que eu, feche os olhos a ressentimentos e diga sempre o que a sua probidade mandar.

— Senhor conselheiro — começou o médico, dando um passo atrás, e pondo a mão no peito num gesto de comediante sentimental — eu respeito V. Ex.^a mais do que ao meu próprio pai — e nisto era sincero porque não fazia grande caso do barbeiro de aldeia que lhe dera o ser... — mas acima dos afectos humanos está a justiça e a consciência. Eu farei sempre o que uma e outra me ordenarem; se V. Ex.^a me pedisse o

³³⁹ por estes sítios] cá [1903]

³⁴⁰ Casam] Diz-se que casam [1903]

³⁴¹ de facto o Braga está verdadeiramente apaixonado, portanto o amor não falta. E neste género de negócios quase sempre um dos contratantes é enganado] elle gosta sinceramente, e neste género de negócios um quasi sempre é enganado [1903]

³⁴² o patrão, radiante por fugir à conversa que lhe era pouco agradável] o patrão [1903]

contrário teria muita e sincera mágoa, mas não cederia...

Isto é que já soava como bilha rachada, mas o conselheiro bateu-lhe no ombro e disse com entusiasmo:

— Bravo, meu rapaz! Assim é que eu aprecio o carácter dum homem! É com toda a confiança que lhe porei nas mãos os meus negócios e sei que não usará da minha influência senão para o bem deste desgraçado país que caminha para o abismo!... Dê cá um abraço, homem! — abraçaram-se com gravidade.

— O Sr. Dr. Vilhegas — começou o juiz, arrastando a frase como arrastava a perna gotosa — é um rapaz a entrar na vida com nobre carácter e aguda inteligência. Abre-se aos seus passos um largo caminho que não há-de querer manchar com uma injustiça inspirada pela má paixão da política, como usam alguns seus colegas; fico pois com a minha consciência tranquila.

— Agradeço o conceito que V. Ex.^a forma do meu carácter e tenho a vaidade de o julgar justo.

— Mas não o prendamos por mais tempo, aliás a Hortênsia ficará zangada... — disse o conselheiro empurrando-o com amável sombra. Depois continuou naquele ar de indiferença bem calculada que todos os políticos conhecem para despertar a curiosidade que desejam espicaçar: — Sabe que é definitiva a aposentação do Dr. Saavedra? Escrevi ao ministro para não dispor do lugar sem me ouvir...

— O que respondeu?!... — murmurou³⁴³ o outro arregalando os pequenos olhos de porco, num esfuziar de curiosidade.

Interrompeu-os o padre Matias, fulo com o Neves, que se lhe fora pôr ao lado e o fizera perder todos os cobres, «porque *engalinhava* com aquele tipo...», dizia, bufando.

— Ora — respondia-lhe o conselheiro sorrindo — vocês não sabem jogar, perdem logo a cabeça! Vai-se tenteando enquanto se perde com pouco dinheiro; depois, quando a sorte vem, é só uma cartada bastante para a desforra.

— Isso era bom se todos soubessem e tivessem a felicidade de V. Ex.^a.

— Então hoje está o caso muito feio, hein? Vamos lá ver.

Dirigiram-se para a outra sala enquanto o juiz rodeava, arrastando a perna e trauteando o estribilho favorito, até ao grupo das senhoras às quais costumava dirigir grosserias que imaginava deviam tomar por amabilidades.

— Ó Sr. Teles — dizia a baronesa, para terminar a conversa das vidas alheias que já

³⁴³ murmurou] perguntou [1903]

a enfadava —, eu tinha pedido aqui ao seu amigo para interceder por nós junto de V. Ex.^a.

— Que valor tenho para merecer um pedido de V. Ex.^{as}?!...

— Tem o valor de ser poeta, acha que é pequeno? Nós queríamos ouvir recitar alguma as suas poesias.

— Oh, senhora baronesa, os meus pobres versos são pedaços de alma angustiada que não podem interessar aos felizes da terra!...

— As obras de arte, quando sinceras, são compreendidas por todos e comovem as almas menos sensíveis, não é verdade, senhora baronesa?!... — disse o Vilhegas querendo que o amigo figurasse.

— Decerto!³⁴⁴

— Não se faça rogado, Sr. Teles, *j'aime beaucoup vos poésies!*...— acrescentou Hortênsia languidamente cerrando os olhos e apertando os beiços com denguice.

Um coro de insistentes pedidos rodeou o Teles, que se fazia grave, metia os dedos nos cabelos, fechava os olhos, dizia não se lembrar nada do seu livro *Verde-mar*... Por fim, como que vitimado, mas radiante de vaidade, levantou-se, pôs a mão sobre as costas da cadeira, levou a outra ao coração, fez ainda um gesto vago de quem se lhe tinha varrido tudo da memória, o que impacientava os ouvintes, e começou com voz sibilando entre sorrisos de superioridade.

— Dedicatória: À Doce e Pura que a minha alma espera para entrar na *Turris eburnia* da Perfeição.

Mas a palavra foi-lhe cortada violentamente pela explosiva aparição da conselheira num desmanchamento de modos de quem precisa desabafar arrelia séria.

Ofegante, rubra de indignação, dirigiu se à baronesa como se quisesse tomá-la para testemunha da justiça que lhe assistia.

— Veja isto, veja isto! — e mostrava-lhe uma grande folha de papel escarlata por aparar, com uma enorme coroa de visconde ao centro encimando floreado brasão — aquele pelintra que já desdenha assistir às nossas partidas!... Não há maior desaforo!

— Mas o que é afinal? — perguntou a baronesa, que apreciava pouco cenas trágicas no seu epicurismo de pessoa que quer tirar da vida só o fruto saboroso e leve.

— Leiam, vejam isto, desde que veio o inglês para lá está assoldado... Não se lembra o pobretana que veio para aí sem roupa; até foi preciso emprestar-lhe camisas do

³⁴⁴ Decerto!] Decerto — respondeu ella. [1903]

Maximiano!... Ainda ontem a costureira me veio mostrar um par de meias dele que não tem por onde se lhe dê um ponto!... Agora, o figurão já não perde tempo a vir aqui... — voltando-se indistintamente para quem tinha mais perto e calhou ser o Teles. — Leia o que o figurão manda por um lacaio³⁴⁵. Só visto!...

O discurso ameaçava não deixar ocasião para se ler a carta, porque a conselheira, vendo-se benevolmente escutada, não tinha mão nos impropérios. Interrompeu-a a baronesa benevolmente:

— Deixe que o Sr. Teles leia a carta, aliás não percebemos nada.

— Pois que leia, para verem quem é aquela bisca!... Só a chicote!...

O Teles pegou na carta traçada com larga caligrafia inglesa própria de *sportman* e de pessoa de poucos dizeres, e leu:

— Minha Ex.^{ma} e querida senhora. Venho humildemente a seus pés depor a minha homenagem e pedir desculpa pela falta que hoje darei na sua *quinta-feira*. Não *poço*. — O senhor visconde escreveu posso com ç, não sei se quer dizer o mesmo, comentou o Teles com literática ironia.

— Deixe lá os erros e diga para diante — apressou a baronesa.

— Não pode deixar a partida de Mr. Burns, a quem acompanhará numa caçada à serra às três da manhã — resumiu o Vilhegas, que acabou de ler por cima do ombro do amigo.

— Ora então, coitado do rapaz, também tem alguma razão — desculpou a baronesa.

A conselheira ia sair-se talvez com nova ladainha de injúrias e impropérios, se o Jorge Cabreira a não chamasse da porta, num gesto desesperado. Estava pálido; o bigode, que enrolava furiosamente entre os dedos, mostrava bem a excitação nervosa que o tomava.

O conselheiro tinha-lhe *limpado* todo o dinheiro n'um *baccarat* rijamente sustentado, e ele vinha pedir à mulher que lhe emprestasse mais para tirar a desforra do marido...

³⁴⁵ Leia o que o figurão manda por um lacaio] Leia o senhor o que manda por um lacaio [1903]

XIV

O tempo das festas passara³⁴⁶ com os primeiros rebates de um Inverno que vinha rudemente soprado pelas ventanias da serra, a afugentar os veraneadores.

Primeiro saíram os Maximianos, seguidos pelo Emídio, que, fiado em tão boa escora, resolvera a sua ida imediata para a capital. Estava *lançado*, como se diz³⁴⁷ num francesismo de mau gosto, o que ao Dr. Pinto fazia comentar: «só um estômago de avestruz como o do conselheiro teria bojo para expelir tão grande maroto para o saguão da política³⁴⁸».

Os viscondes seguiram-nos também, depois de assistirem ao casamento da Cândida, a quem Maria Helena serviu de madrinha, visto Josefina não sair de casa nem assistir a festas, lamentosa como continuava ainda pela morte da Pilar.

A Bela, que primeiro partira com o tio, fora em breve reunir-se a³⁴⁹ João, para juntos combinarem todos os preparativos para a sua vida comum, que eles queriam bem harmonicamente organizada como em harmonia estavam sempre os seus gostos e maneira de ver e sentir.

Retomara, pois, a vila o seu ar de pacatez provinciana; e se não fossem os ódios e lutas políticas ateados pela proximidade das eleições, dir-se-ia que era burgo medievo³⁵⁰ esquecido pela civilização, cujos habitantes o tempo tinha mumificado.

Nem carruagens de luxo nem garboso trotar de cavalos de raça pelas calçadas desiguais faziam assomar às janelas entreabertas as cabeças, entre curiosas e receosas, das meninas da terra. Caíam no marasmo que ataca as provincianhinas ambiciosas por movimento e vida, que se resignam a só mostrar os vestidos de luxo aos domingos, à missa das onze, e a passear funebremente, quando a música toca na praça, as suas anemias sentimentais de quem não tem um nobre e útil destino a preencher, de quem lhes falta, para sacudir os nervos e higienizar a alma, uma educação de trabalho remunerador que as liberte da escravatura feminina, que tem por carta d'alforria... só a porta da igreja que dá para o casamento.

As *partidas* arrastavam-se sonolentas pelo ano fora, sem despertarem o entusiasmo e o interesse das reuniões de Verão. Enquanto as mesas do solo e da manilha se

³⁴⁶ O tempo das festas passara] Tinha passado o tempo das festas [1903]

³⁴⁷ como se diz] como por ahí se diz [1903]

³⁴⁸ expelir tão grande maroto para o saguão da política] expelir tão grande maroto! [1903]

³⁴⁹ a] o [1903]

³⁵⁰ dir-se-ia que era burgo medievo] ninguém diria senão que aquillo era burgo medievo [1903]

armavam para os velhos junto da braseira, os outros rodeavam a mesa do centro para o jogo ou para a conversa, e era então o momento escolhido para se rememorarem os acontecimentos da passada estação e darem-lhes a forma anedótica que depois se transmite de geração em geração, como as receitas dos doces e os lençóis de linho caseiro.

E não fora, na verdade, das menos férteis em acontecimentos sensacionais, essa que originara o casamento do melhor herdeiro das redondezas com uma *estrangeira*: o que fazia, apesar das poucas esperanças que João dera sempre às meninas casadeiras da terra, azedar os comentários numa ofensa colectiva³⁵¹.

Além desse facto vinha o mais que imprevisto casamento do velho Braga³⁵² com a formosa sobrinha de António de Melo — que era o caso escandaloso por excelência. Comentava-se o insólito luxo que o homem botara, ele que fora sempre considerado o maior dos avarentos, enraivecendo as raparigas e fazendo dizer as pais³⁵³: «que bem o tinham previsto! O Braga seria o ideal dos maridos, babadinho pela mulher...» Elas gritavam repugnâncias que não sentiam, e os velhotes encolhiam os ombros: «tolices de raparigas! Sabem lá o que custa a vida e o que uma mulher perde quando despreza um casamento rico!... Depois é que torcem a orelha. A Cândida, sim, essa é que tivera juízo. Não há como as mosquinhas mortas para se saberem governar».

Falando com a segurança de quem não tivera o Braga como genro porque as meninas o não tinham querido, não pensando, na sua ilusória vaidade, que só uma invencível e tresloucada paixão transformaria em pródigo amante o homem que, na sua já larga vida, não tivera mais desejos que não fosse os de acumular oiro; mais orgulho que o de juntar propriedade à propriedade, ambição que não fosse a da riqueza pelo prazer avaro de a possuir.

Por fim, até o Vilhegas, que, depois da morte da Pilar ainda fora uma esperança de marido razoável, até esse era levado pela rilha do Maximiniano Carneiro³⁵⁴!...

³⁵⁵O rico enxoval da Cândida, mandado fazer pelo tio nas melhores casas de Lisboa, com dúzias de dúzias de cada peça, rendas finas, sedas e bretanhas, as jóias de preço

³⁵¹ azedar os comentários numa ofensa colectiva] com que todas se julgassem ofendidas [1903]

³⁵² Além desse facto vinha o mais que imprevisto casamento do velho Braga] Depois, o casamento, mais que imprevisto, do velho Braga [1903]

³⁵³ enraivecendo as raparigas e fazendo dizer as pais] o que enraivecia as raparigas e fazia dizer aos paes [1903]

³⁵⁴ [Na edição de 1934 consta «Cordeiro», no entanto, considera-se ter sido um erro, uma vez que a personagem é sempre referida como Maximiano Carneiro nas restantes ocorrências.]

³⁵⁵ Estes e outros factos contados e completados pela bisbilhotice da criadagem, davam alimento para as conversas em todas as infundáveis noites de inverno. O rico enxoval da Cândida [1903]

com que o noivo a brindara, os mais presentes que tivera, tudo se comentava trazendo à baila a pobreza da rapariga, o que seria nesse momento³⁵⁶ sem a generosidade dos tios, na mediania, quase pobreza em que viviam³⁵⁷ a mãe e os irmãos... Depois, a cerimónia do casamento, a que a vila em peso assistira³⁵⁸ por convite do Braga, chegado ao delírio da paixão, que todos queriam associar³⁵⁹ à sua alegria. O orgulho da Cândida, a arrastar a cauda do seu branco vestido de noiva; o véu de verdadeiro tule de seda e as flores de laranjeira a coroá-la numa alvinitência de castidade; a cara do noivo e a sua figura ridícula, que ainda mais os fazia morrer de riso; a partida para Lisboa e a permanência lá durante o Inverno... nada ficava por dizer e comentar nas infindáveis noites de Inverno³⁶⁰.

Quando este acontecimento já ia aborrecendo por de mais refervido, como o chá de Tolentino, começaram alguns jornais da capital a trazer umas noticiinhas sorrateiras, que interessavam a todos. Tratava se do Vilhegas, falado em pequenas mas insistentes locais, no corpo do jornal, que lhe apregoavam o talento formoso, a sua delicadeza e humildade³⁶¹ profissionais, o casamento ajustado, para a Primavera, com a gentil filha do ilustre estadista...

Na botica velha o Dr. Pinto ria sem respeito das *maximianices*, como costumava chamar às espertezas do hábil conselheiro, e afirmara às gargalhadas, quando viera no *carnet mondain* de um jornal elegante que o enxoval da noiva fora encomendado em Paris: «que o vira a fazer em casa das meninas Sebastianas», as pobres costureiras e bordadeiras de roupa branca, que um escrivão de fazenda chamado Sebastião ali deixara na miséria.

Chamava o Neves e fazia-o falar, elogiando-lhe o primo, fingindo-se de boa-fé. O outro, coitado, ia dizendo, no seu grande fanatismo de parente pobre que julga engrandecer-se com a grandeza dos seus:

— O rapaz vai a ministro, não tarda, o senhor doutor verá! Não, que uma cabeça como aquela... há poucas!

O *finório*, cofiando as barbas brancas, em que punha vaidade, ria sorrateiramente, achando que era realmente esperto, que se soubera arranjar, que casava bem...

³⁵⁶ o que seria nesse momento] o que seria ella n'esse momento [1903]

³⁵⁷ viviam] vivia [1903]

³⁵⁸ a que a vila em peso assistira] a que tinham assistido [1903]

³⁵⁹ que todos queriam associar] todos querendo associar [1903]

³⁶⁰ nada ficava por dizer e comentar nas infindáveis noites de Inverno] nada fica por dizer e comentar [1903]

³⁶¹ humildade] habilidade [1903]

— Mas que bem! — dizia o outro tomando a deixa. — Casamento de truz! O sogro entende-se bem com ele; há-de levá-lo a tudo!... — Voltando à sua ideia fixa: — Não tarda que seja ministro, o senhor doutor verá!

— Sim, sim, é natural. Daquela massa é que eles se fazem por cá. O sogro, em demasia conhecido, dá homem por si, sim senhor, é boa tática! — Despedia gargalhadas jubilosas, batendo fortes palmadas nos joelhos. — É um patusco, aquele Maximiano! E comem-na, vocês verão!...

Voltava-se para a roda dos frequentadores da botica velha, que iam rareando à proporção que a *nova* crescia em créditos e fama, o que trazia o Domingos estomagado.

O caso de o Manuel Duarte responder num processo correccional em que o juiz lhe dera por pena o tempo decorrido na cadeia, antes do julgamento, isto fundado no exame e na autópsia feitos pelo Vilhegas, com patente desconsideração ao Ramalho, suscitara contendas várias nos partidários de um e de outro campo, e rompimento de hostilidades.

Da parte da velha falava-se com indignação e sem reбуço no procedimento do juiz, peitado pelo conselheiro, e de todos os mais que haviam entrado no conluio. O delegado, um pobre rapaz sem vontade, espécie de serventuário do juiz, torcia-se, mas não fazia nada que fosse contra as sus indicações.

Daí descomponendas nos jornais por uma parte e por outra, mas principalmente pelo lado do Maximiano, feitas pelo Teles em redundâncias de estilo a que o Dr. Pinto respondia em chalaça. Nessa tarde caturrava com o Neves³⁶², que não queria estar mal com uns nem com outros — *«por causa da engrenagem dos governos»* — dizia.

— Você desculpe, eu não quero dizer mal do seu primo, mas esta de certificar que um homem que leva com um marmeiro na cabeça e morre em seguida de uma meningite, não é em resultado de pancadas, é de cabo de esquadra.

— O senhor doutor bem vê, ele depende do sogro...

— Deixe lá, há coisas que se fazem só de vontade. Ele é seu primo, é verdade, mas isto brada aos céus...

— Pois decerto, ora essa!... À vontade, senhor doutor; entre amigos não há cerimónias, que eu, aqui para nós, o que quero é que o meu primo Emídio vá a ministro. Depois é só eu lá chegar...

— Com certeza... Pelo menos director da instrução! — ria entre dentes.

— Eu cá não quero muitas grandezas. Tamanha é a nau tamanha é a tormenta. Para

³⁶² caturrava com o Neves] caturrava elle com o Neves [1903]

mim basta-me um lugarzito que me dê tanto como o do Manuel Viegas³⁶³, uns mil reizitos³⁶⁴ por dia... e mais esse mal sabe assignar o seu nome.

— Não é muito, é até razoável — respondeu com sarcástica seriedade o doutor — mas diga-me, ó Neves, por que razão se assinavam os seus primos Viegas e agora são Vilhegas?! Olhe que isto dá-me que pensar...

— O Emídio começou a assignar-se assim lá nos estudos, depois os outros fizeram o mesmo.

— Diga-me dessas; é o que se chama uma *nobreza de repuxo*... Eles têm razão, o nome fica mais bem soante; isto de Viegas lembra pobreza, gente sem representação...

— Pois é por isso; ele como está metido na política!

— Não tem outro remédio.

Não se fartava de troçar o pobre homem, com aplauso de toda a roda.³⁶⁵

Na botica nova não era menor a azáfama de parlatório e coscuvilhices azedas.

Quase sempre era o Teles, como senhor da casa e mais versado em literaturas e oratória fácil, quem tomava a palavra para declamar contra os adversários.

Achava ele, no último artigo de arromba, «que ninguém de boa-fé deixaria de seguir essa glória da terra, esse homem que, nos pináculos do fastígio político, não desdenhava a pátria que o vira nascer e para a qual projectava tantos melhoramentos que fastidioso se tornaria enumerá-los. Melhor seria que o povo abrisse os olhos para ver, e então desfolhariam aos seus pés, como homenagem de corações sinceros, as flores do agradecimento... Bem se sabia o que até aí tinham feito os magnates da aristocracia, exibindo escandalosos feitos de protecção descarada aos seus adeptos, que de há muito servem de muletas ao *ilustre coxo da medicina*...»

Este era o Ramalho...

Enumerava as fantasmagorias com que o conselheiro trazia embaídos os papalvos: «telefone para todas as aldeias, estradas em todos os sentidos, luz eléctrica, um liceu, e até um americano a vapor, vários parques e jardins, e a exploração de umas águas medicinais que se esperava aparecessem na Senhora do Monte...

De jornal em punho o Teles lia ao seu auditório atento e aprovador, de que era principal figura o padre Matias, que dizia com um certo ar de compunção que

³⁶³ Viegas] Vilhegas [1903]

³⁶⁴ mil reizitos] dois mil reizitos [1903]

³⁶⁵ [Na edição de 1934 esta frase está sinalizada como discurso directo, iniciando com travessão. No entanto, pelo contexto se percebe que é um comentário da narradora e não da personagem.]

ultimamente adoptara:

— Está bem, *sôr* Teles, mas veja lá se o povo percebe... Seria melhor dizer aí que *esse coxo da medicina*, o tal materialista que não conhece Deus nem o Diabo, não frequenta os sacramentos e para encobrir a sua irreverência se finge filantropo à moda nova, tratando somente do corpo e deixando a alma perder-se e cair nas profundas do inferno!...

— Isso não; olhe que o povo gosta dele e deve-lhe muito. E, escorado pelo abade, ninguém poderá chamá-lo herético³⁶⁶ por não ser um frequentador assíduo da igreja.

— Pois aí é que está o ponto. Os que não são por nós são contra nós. Acabaram-se os tempos da transigência culposa. Que o povo saiba que tem um abade sem fé!...

— Homem, não diga isso; eu sou um crente, mas olhe que uma das páginas mais negras da humanidade é sem duvida a da Inquisição e de todas as perseguições feitas em nome da religião...

— Pois sim, sim, você também... é um poeta. O que se quer é força, é energia; se faltasse o Santo Ofício³⁶⁷, não se perderiam senão as que caíssem no chão, como o outro que diz...

— Isso é retrogradar, padre. Muito ensino, muita luz, é do que carece o povo.

— Você parece que me está a sair jacobino!...

— Deixe ser, antes disso do que retrogradar³⁶⁸... — respondeu o Teles, com uma importância empertigada de chefe, vendo-se assim considerado na terra pela íntima amizade que o ligava ao Emídio.

E, no entanto, nem ele nem o padre Matias conseguiam manter o equilíbrio de opiniões e ideias que o Maximiano conservara sempre, sem levantar atritos.

O primeiro não liberto ainda do ideal de progresso que o fizera em Coimbra o redactor de um jornal republicano em que toda a mocidade intelectual e livre expusera as suas opiniões progressivas; o outro, mudado nos últimos meses, transformado não se sabia bem porque influências estranhas...

Havia um certo tempo, desde umas visitas amiudadas que fizera à capital do distrito e de umas conferências que tivera, dizia-se à boca pequena, com o chefe da sua diocese, considerado o protector do reaccionarismo regional, que o cura mudara tão completamente que se dizia que o tinham voltado do avesso.

³⁶⁶ herético] hereje [1903]

³⁶⁷ se faltasse o Santo Ofício] se viesse a Inquisição [1903]

³⁶⁸ retrogradar] retrógado [1903]

Seguira o conselho do Maximiano, que, em ar de chalaça, como dizia tudo, o avisara um dia:

«Olhe que isto de *padres liberais* é uma asneira. Já ninguém os quer. Deixe para os tolos dizerem o que pensam... Fale com o bispo se quer ser o nosso abade... As coisas mudaram muito nos últimos dez anos... Nós só referendamos o que os bispos querem.»

O padre meditara; e naquela sua maneira impulsiva e violenta de atacar as situações, marchara para a cidade, confessara as suas culpas numa confissão geral, e desfizera-se em arrependimentos, que a bênção do bispo santificara.

Do antigo e expansivo cura de aldeia, gritando aos quatro ventos a sua revolta ao dogma, a contrariedade da vida que forçado adoptara, o desprezo com que calcava as mais comezinhas noções da honestidade vulgar e consagrada, pouco ou nada restava, aparentemente.

Sempre sério, olhos no chão, viver regrado e quase ascético, toda a violência daquele temperamento de campónio mal desbastado se voltava agora, como arma de dois gumes, tornando-o um fanático perigoso, que aos próprios amigos incomodava ouvir.

Entre as beatas já era tido por santo, e não faltava pobre velha senil que não afirmasse que aquela reviravolta miraculosa tinha sido visão que tivera na missa, entre o cálice e a hóstia.

Aproveitando a ocasião e para se tornar efectivo e mais assíduo na convivência do grupo com o qual contava subir até ao lugar ambicionado, lembrou-se o padre Matias de implantar naquele meio, até aí refractário a beatérios, graças ao bom do abade, a devoção ao Coração de Jesus.

Falou com o seu chefe, que lhe louvou particularmente o seu zelo e o aconselhou a interessar em tão meritória obra o pároco da freguesia, porque era da melhor disciplina cristã não relegar os superiores.

O cura sorriu: conhecia o bondoso velho que seguia a letra do evangelho cuidando cumprir seu dever de padre, não reparando, na sua simplicidade de primitivo, quanto se distanciava do catolicismo triunfante... Tinha a certeza de que o abade não anuiria ao seu intento, e isso convinha-lhe para a intriga em que o queria ilaquear.

Assim foi. Consultado sobre a urgência de se abrir uma subscrição entre os fiéis para a compra da imagem do Coração de Jesus, o velho não aquiesceu a essa opinião e respondeu ao cura:

«Que bem mais do que de novas imagens precisavam os paroquianos de quem os

socorresse em tanta fome e miséria como havia por esses casebres...»

Voltou o padre Matias a conferenciar com o bispo, agravando com untuosas e velhacas palavras de desculpa o procedimento do pároco, acrescentando insidioso³⁶⁹: «que, graças a Nosso Senhor, as damas fiéis se tinham cotizado entre si e a imagem estava encomendada ao santeiro de mais fama».

Quando chegou à matriz a imagem, reluzente de vermelho e oiro, atarracada e sem elegância nem sombra de espiritualidade estética, o abade mandou-a colocar no altar-mor, visto a recomendação do prelado, sem relutância nem entusiasmo.

Achava disparate³⁷⁰, com tantos santos que havia na igreja e até na arrecadação, quando tantas obras de urgência eram necessárias, desde o telhado até ao altar do Santíssimo, estar a despendar dinheiro com novas imagens, mas resignava-se à vontade superior³⁷¹.

Passados dias viera o padre Matias ter com ele para conferenciarem sobre a festa de inauguração que se devia fazer em breve, com toda a pompa, e pedir-lhe o seu auxílio moral e boa vontade para a nova devoção tão cheia de indulgências e promessas divinas, pela qual o senhor bispo tanto se interessava e nela tanto fiava para a regeneração da humanidade.

O pobre velhote, alma lavada, coração virgem de rancores, respondeu ao cura: «que interessar-se por essa nova irmandade não podia, pois que estava velho e cansado. Mas à festa prestaria o seu concurso como a outra qualquer que particularmente os seus paroquianos quisessem fazer. No entanto, sempre lhe dizia à boa parte que melhor se lhe antolhava que protegessem as confrarias existentes e que de tanta utilidade corporal seriam, por exemplo³⁷², a do Santíssimo, a da Misericórdia tão digna de protecção para sustentar o hospital e o asilo, e a da Senhora do Carmo tão útil aos seus associados, e tão antiga, tão portuguesa! Deixasse aquela, invenção de uma ordem riquíssima e poderosíssima, que só era boa para gente ostentosa e sem obrigações, ou para frades e freiras que pouco mais têm que fazer que desfiar rezas».

Quando à tarde contou o sucedido em casa, a irmã mais velha, que mal se mexia na cadeira onde a paralisia a tinha presa, levantou do livro que lia os olhos embaciados de presbita, e avisara: «que na sua opinião mal andara usando tanta franqueza com o cura;

³⁶⁹ procedimento do pároco, acrescentando insidioso: «que] procedimento do pároco — mas que [1903]

³⁷⁰ Achava disparate] Achava aquilo disparate [1903]

³⁷¹ altar do Santíssimo, estar a despendar dinheiro com novas imagens, mas resignava-se à vontade superior] altar do Santíssimo [Na edição de 1934 consta «estava a despendar dinheiro», mas pelo contexto da frase «estar» parece adequar-se melhor.]

³⁷² por exemplo] como por exemplo [1903]

bem sabia que ele o odiava e lhe ambicionava o lugar!...

— Cá lhe fica quando eu morrer; deixe a mana estar que o não levo. Não me dê Deus outros cuidados. Quero mas é descansar, quando a minha vez vier...

— O mano bem sabe — tornou ainda³⁷³ com a sua voz mansa — que o cura é impaciente. Bem sabe de que gente ele vem, que o pai nunca achou obstáculos ao seu querer...

— Ora, mana! Não se faça eco desses boatos!... Dado mesmo que o pai fosse, como dizem, companheiro do Braga, pai, no assalto à casa do Olival, que culpa tinha o filho?

— Não sei se tem culpa, mas o caso é ter aquele sangue...³⁷⁴ E que se fosse só o roubo da casa do Olival!...

— Pois sim, pois sim, não vamos agora esmiuçar a história dos que Deus já lá tem e a quem já pediu contas... O rapaz até hoje não tem sido mau — leviano, doidito, verduras da mocidade... Até bem mudado está ele, nem já parece o mesmo que era!

— Pois é o que me espanta, é o que me dá cuidado; a natureza dum pessoa mudar assim dum dia para o outro, só por grande milagre, mano António!... E os milagres vão tão raros, que até parece Nosso Senhor já os não querer fazer!

— Ora, Joanhina, desde que lhe veio esse tolhimento e a mana se pôs só a ler e a pensar³⁷⁵, já me parece que de todo perdeu a confiança na humanidade; até às vezes se me afigura que já descrê mesmo da Providencia divina!?!...

— Nem uma nem outra. Cada vez creio mais na humanidade, que bem guiada e educada não pode ser má. A Providencia nos acudirá neste angustioso transe, em que tudo parece andar fora do seu lugar, em que os pobres, sem ninguém que os dirija para o bem, pensam na vingança tremenda que fere às cegas bons e maus, culpados e inocentes. Mas também me convenci de que a hipocrisia é o pior inimigo do homem justo!... Lembre-se o mano do que lá diz Frei Luís de Sousa: «Oh abismo de toda a verdade!... Quão medonho monstro é a aparência!»

Olhava o abade estarrecido de espanto, do ar iluminado de pitonissa que a irmã mais velha tomara desde que não se levantava³⁷⁶ da cadeira senão para ser levada em braços para a cama.

³⁷³ tornou ainda] tornou ella ainda [1903]

³⁷⁴ Não sei se tem culpa, mas o caso é ter aquele sangue...] Tinha culpa, tem culpa de ter aquelle sangue [1903]

³⁷⁵ desde que lhe veio esse tolhimento e a mana se pôs só a ler e a pensar] desde que a mana tolhida se pôs a ler e a pensar [1903]

³⁷⁶ desde que não se levantava] que, paralytica, não se levantava [1903]

Desde criança que se habituara a respeitar essa irmã poucos anos mais velha do que ele, mas que à morte da mãe tomara a direção da família e fora quem os criara e educara, tendo sempre grande amor à leitura e aos livros que em casa dos antigos viscondes, de quem o pai fora zeloso e honrado administrador, encontrara sempre às ordens. Mas nunca, como naquele dia, compreendeu quão fundos eram os seus raciocínios³⁷⁷.

Valeu-lhe para acabar o mal-estar de tal conversa, a irmã mais nova, que da cozinha, onde fazia uns bolos, ouvira do que se tratava e viera também dizer:

— Queira Deus, queira Deus que o mano se não metesse em alguma!... Não sabe que o padre Matias anda agora metido com todos os beatos? Não sabe que o senhor bispo o confessou e absolveu?!... Ora Deus queira!... Este homem é um *barbeiro abafado*, ora porque não faz o mano como eles?...

— É verdade, senhor abade — acabou por intrometer-se a criada, que há anos da Misericórdia tinha vindo³⁷⁸ ao desmamar para a sua companhia e falava como da família —, já me disse a mulher do António da Capelinha que é raro o dia em que ele não vai a casa da viúva do Marques; que é quem protege³⁷⁹ a irmandade e quer trazer para cá um colégio de jesuítas e irmãs de caridade para o hospital.

— Vê o mano?!... Ricos, protegidos do senhor bispo, e com os jesuítas a aconselhá-los, o que será de nós?!...

— Há-de ser o que Deus quiser, mas não-de contar comigo — respondeu o abade, com uma ruga na fronte. Depois terminou alegremente, levantando-se da cadeira onde se assentara defronte da irmã. — Mas deixem-se vocês de lamentações e vamos ao nosso jantar. São bem capaz de me terem deixado esturrar as sopas, suas faladoras. É aviar, que ainda vou a Maceira ver um rapaz que lá está com um tifo e que aqueles brutos não querem tratar. À tardinha hei-de estar de volta para examinar os pequenos da doutrina, à noite a lição do filho do José sapateiro que tem o exame à porta, coitado!... Hoje é um dia cheio e ainda vocês me vêm maçar com essa história de beatos e Coração de Jesus!... Nem que Jesus nos não tivesse já dado o coração no Evangelho; eram lá precisas aquelas maluqueiras, que até contradizem a palavra do Senhor!...

— Ai mano, não diga essas coisas, credo! Se o ouvem!...

³⁷⁷ compreendeu quão fundos eram os seus raciocínios] compreendeu quão fundos eram os pensamentos da inteligente senhora [1903]

³⁷⁸ que há anos da Misericórdia tinha vindo] que no costume patriarcal das boas casas antigas tinha vindo [1903]

³⁷⁹ que é quem protege] que é ella quem protege [1903]

— Deixe ouvir, dê-nos a mana os bolos e deixe o resto por minha conta.

Tinha sido um bom dia para o abade: ³⁸⁰Quando assim o reconhecia³⁸¹ e satisfeito se assentava à mesa comendo as suas sopas, é que muita lagrima pudera enxugar, é que muita dor, muita miséria, conseguira suavizar. Era por isso que o povo o estimava como a um pai, e era por ele, por Josefina, pela viscondessa e pelo Dr. Ramalho, todos colaboradores de uma grande obra de simples beneficência prática, que a eleição do Maximiano, apesar de tudo quanto usava gravata lavada, no dizer do Teles, o seguir, estava muito tremida. Isto, sem contar os caseiros das três grandes casas da comarca: a dos Melos, a dos viscondes e a dos Ataídes, da Fradosa, ainda seus parentes, que todos à uma, por ordem dos patrões, levavam votos ao visconde... se o bispo não indicasse o contrário³⁸².

³⁸⁰ [*Fecho de parágrafo na edição de 1934.*]

³⁸¹ Quando assim o reconhecia] Quando elle assim o achava [1903]

³⁸² levavam votos ao visconde... se o bispo não indicasse o contrário] levavam votos ao visconde. [1903]

XV

Como se previa, e apesar dos esforços desesperados³⁸³ do partido maximianista a que se tinham agregado todos os *trunfos* da terra, ainda nessa luta eleitoral fora o visconde o vencedor. Mas não desanimava nem afrouxava o entusiasmo dos vencidos, porque o governo, após as eleições e apesar da maioria nas câmaras, caíra vergonhosamente com a publicidade de uns casos de empenhos e empregos por de mais escandalosos.

Dissolvidas as câmaras pelo novo gabinete, esperava-se que o governo em ditadura marcasse data para eleições, e para elas trabalhavam já com afã.

Os partidários do visconde pleiteavam, mais por honra da firma do que pelo interesse que tinham no triunfo³⁸⁴, visto que o chefe a pouco e pouco se ia desinteressando da política³⁸⁵, não faltando mesmo já quem afirmasse que era combinação com o Maximiano, senão pouca vontade de gastar dinheiro... Afirmações estas tão gratuitas quanto mostravam o desconhecimento completo do carácter do visconde, tão incapaz de se prestar a uma traição assim grosseira como era incapaz de vestir uma camisa manchada ou uma casaca fora da moda; tão incapaz de antepor o dinheiro aos seus compromissos como era incapaz de faltar a um dever de cortesia ou de acrescentar as suas colecções com um objecto de que não pudesse autenticar a procedência. Não obstante, era certo e bem certo que o entusiasmo da política lhe passara como até ali lhe tinham já passado muitos outros. Volúvel, apaixonado e entusiasta, era um destes caracteres que não se dão a meio, e com a violência passional com que se entregam a um desejo ou capricho, com o mesmo arrebatamento o abandonam sem piedade nem recordação.

Ficara, pois, deputado, como ficaria sempre enquanto o recenseamento não fosse falsificado ou se desse um caso que não previam, pela força numérica dos caseiros das três casas grandes da comarca e pela vontade espontânea do povo da vila que mais lhe queria, apesar de todos os seus defeitos, do que ao Maximiano, muito perto deles para suas qualidades e defeitos³⁸⁶. A notícia de ter vencido recebeu-a com a mesma risonha indiferença com que receberia a da derrota.

³⁸³ dos esforços desesperados] da lucta desesperada [1903]

³⁸⁴ que tinham no triunfo] que verdadeiramente a lucta já lhes despertava [1903]

³⁸⁵ se ia desinteressando da política] ,também, se tinha desinteressado da política [1903]

³⁸⁶ muito perto deles para suas qualidades e defeitos] que não tinha pretensões nem desejos ambiciosos a realisar-lhes [1903]

Outro era agora o seu empenho, outra a sua ambição e cuidado.

Como o Inverno se passara assim na vila decorria o Verão, que esse ano não chegou a ter o bulício e o animado convívio dos precedentes.

Ao conselheiro, agora no partido governamental, não convinha afastar-se muito das altas regiões onde se jogam os interesses políticos; era ocasião de aceitar o pretexto que a mulher francamente lhe fornecia com o seu ódio confessado à província em geral e muito particularmente à terra do marido, para se deixar ficar por Sintra e Cascais onde a sua roda continuava a mesma vida do Inverno³⁸⁷.

O Vilhegas, casado de fresco, viera apenas com a senhora, no princípio da estação, visitar os pais e irmãos de quem se fizera protector e respeitoso amigo, seguindo a máxima do sogro: «os parentes pobres³⁸⁸ não se desprezam — empregam-se».

E era o que ia fazendo, tendo já à sua conta uma não pequena parte de responsabilidade pelo dinheiro esbanjado inutilmente pelos governos³⁸⁹.

Mandara ainda pedir licença aos Melos para os visitarem, querendo seguir à risca os preceitos do conselheiro, que não gostava de levantar atritos, principalmente com gente rica; mas tanto Josefina como o marido pretextaram doença para os não receber. A maneira por que se apressara em arranjar casamento que lhe servisse os planos ambiciosos dava-lhes a prova de quanto eram justificadas as desconfianças de João e quase a certeza de que a morte da filha a causara ele mostrando por forma que ainda não conheciam³⁹⁰ que era a fortuna que visava³⁹¹ quando mostrava um tão ardente amor.

Hortênsia, durante a sua estada na vila, aborrecia-se francamente, agora que já casada não encontrava na conversa com o marido os atrativos picantes do galanteio, e para uma sã e honesta intimidade espiritual nem um nem outro tinham alma nem educação. Afirmava categoricamente ao Motazinho e ao Teles e mais às Sosas e às Cunhas, que lhe formavam a limitada corte — que se o Emídio quisesse podia ficar; ela³⁹² *«pas possible... A mamã esperava-a para irem juntas para Cascais e não podia trocar por nenhuma a companhia da mamã, que demais a mais escolhera a praia chic, onde se reúne a corte e com ela toda a haute-gomme... Cela va sans dire...»*

³⁸⁷ terra do marido, para se deixar ficar por Sintra e Cascais onde a sua roda continuava a mesma vida do Inverno] terra do marido. [1903]

³⁸⁸ os parentes pobres] de que os parentes pobres [1903]

³⁸⁹ inutilmente pelos governos] criminosamente neste paiz [1903]

³⁹⁰ por forma que ainda não conheciam] d'alguma maneira, que ainda não conheciam, [1903]

³⁹¹ que visava] que elle visava [1903]

³⁹² ela] emquanto a ella [1903]

A Cândida também conseguira que o Braga a não obrigasse a vir passar o Verão³⁹³, tendo demais a mais o *chalet* em obras, que lhe não podia dar o conforto a que estava habituada. E o visconde, a pretexto de que o ar das montanhas não é aconselhado aos cardíacos, convenceu a viscondessa em procurar para a mãe uma estância onde passasse sossegada os grandes calores de Julho a Outubro, mais perto da casa e das comodidades da capital.

Apenas João e Isabela voltaram³⁹⁴, depois de uma visita larga a Inglaterra e de alguns doces dias de Inverno italiano passados a reverem juntos o que ambos já conheciam e admiravam.

Mas nem um nem outro animavam a terra: «dois bichos — no dizer espevitado das Sousas — que nem sabiam para que lhes servia o dinheiro e a educação...»

Indiferentes a tais opiniões, um e outro começavam a pôr em prática o sonho de altruísmo que juntos tinham architectado. No meio da sua grande felicidade um como pungir de remorsos lhes amargurava o espírito, achando injusta a vida que a uns coloca tão alto, bafejados pela fortuna em calentoso ninho, e a outros faz rastejar tão baixo pela estrada poeirenta da miséria e da dor.

Há muitos, ricos como eles, que sentem no silêncio das suas almas piedosas o agror da comparação, e gozando do desafoço da própria vivença não podem fechar os olhos inteiramente da realidade. Mas, incapazes de juntar a acção ao pensamento, traduzem essa piedade que os devia tornar úteis obreiros na grandiosa obra que o futuro reclama dando esmolas, protegendo um ou outro, associando-se à caridade farfalhuda e acomodaticia, fazendo o que se convencionou chamar o *bem filantrópico*, e não passa de fórmula egoísta para assossegat aturvados ânimos em sobressaltos...

João e Bela intentavam pôr em prática o seu ideal humanitário, não dando esmolas para entreter o vício da pobreza mas educando indivíduos que, conscientes do seu valor e dos seus direitos e deveres, se acerquem da mesa lauta que a natureza e a ciência³⁹⁵ reservam aos que juntarem ao esforço material de obreiros a inteligência e a educação idealista e equilibrada entre a tradição e o progresso³⁹⁶.

Ajudada pelo Dr. Ramalho e pelo velho abade, já Isabela tinha organizado um razoável serviço de inspecção à miséria, que nas populações rurais é tanto ou mais

³⁹³ a vir passar o Verão] a vir alli passar o verão [1903]

³⁹⁴ voltaram] se estabeleceram alli [1903]

³⁹⁵ ciência] indústria [1903]

³⁹⁶ a inteligência e a educação idealista e equilibrada entre a tradição e o progresso] a inteligência e a educação. [1903]

desoladora do que é nas cidades. Visitados pela doença e pela morte amiudadas vezes, curtindo fomes e frios sem alimento nem abrigo, quase inconscientes e irresponsáveis pela ignorância profunda em que se abismam, mais do que a entes humanos se podem comparar a bravos animais do monte...

Adaptando provisoriamente para hospital e para escolas duas velhas casas pertencças da família, esperava em breve completar esses benefícios criando oficinas, instituindo a creche, juntando ao asilo-escola para crianças, um asilo para velhos, mas governado de maneira a não fazer dos desditosos que se obstinam em viver uma espécie de revoltados contra a própria beneficência que os força à prisão.

Entretanto ia João pondo em execução o seu plano de um bairro operário, com casas simples mas não desprovidas do encanto que só a arte pode dar, bem saneadas e arejadas, com janelas e portas bem largas e com seu jardimzinho à frente e pátio interior onde se faziam as construções próprias para acomodação dos animais, que em toda a população rural fazem parte integrante e importantíssima da família e com ela vivem na mais perigosa e abjecta promiscuidade³⁹⁷.

João, todo radical e violento, como o avô materno que não transigira nunca com opiniões e preconceitos alheios, queria dispensar o concurso de toda essa miserável gente da vila³⁹⁸, que de sobra conhecia, e entender-se só com aqueles que devia melhorar, massa ainda pura para bom fabrico³⁹⁹. Mas nisso não concordavam Isabela nem o abade e o próprio Ramalho, antes mais hábil lhes parecia utilizar elementos existentes para a organização imediata de uma escola onde rapazes e raparigas aprendessem ofícios e misteres que os habilitassem a ganhar a vida no futuro. Para isso foram convidadas as pobres Sebastianas, que serviriam como professoras de bordados e roupa branca, o que fez com que a Aurora Costa, invocando a amizade da Pilar, viesse pedir também um emprego — pois o pai ganhava pouco e a família era muita. Sabia talhar alguma coisa, se bem que nunca tivesse sido ensinada, e fazia flores e bordados muito especiais em cascas e aparas...

Isabela teve um sorriso de amargurada censura a tão pouco prática educação e disse-lhe «que sim, que a utilizaria como ajudante de uma professora de corte que mandara procurar em Lisboa, e que, mais tarde, se essa senhora não quisesse ficar ou ensinasse outra qualquer coisa, a Aurora, em sabendo bem, tomaria o seu lugar».

³⁹⁷ parte integrante e importantíssima da família e com ela vivem na mais perigosa e abjecta promiscuidade] parte integrante e importantíssima da família. [1903]

³⁹⁸ de toda essa miserável gente da vila] de toda essa gente da villa [1903]

³⁹⁹ aqueles que devia melhorar, massa ainda pura para bom fabrico] aquellos que devia melhorar. [1903]

«Mas — lembrava lhe ainda — precisava duma senhora que a auxiliasse no trabalho de escrituração e contas que tais empreendimentos necessitam, um trabalho material que não requer grandes conhecimentos e sim escrupulosa meticulosidade e uma letra razoável. Se quisesse, podia ficar já nesse lugar.»

A Aurora corou e confessou, vexada, que escrevia muito mal e que de contas sabia pouco; piano é que tocava alguma coisinha, se fosse preciso ensinar...

«Não — respondeu-lhe a outra também vexada porque, naturalmente bondosa, nunca fazia sentir a ninguém a sua inferioridade —, piano não precisava, porque pretendiam educar para o trabalho e para a vida, e o piano, como qualquer outro instrumento ou arte, só se queria cultivado em pessoas de raríssima vocação e ensinado por professores que soubessem bem a fundo a sua arte⁴⁰⁰, aliás era uma inutilidade. Mas experimentasse ela estudar um pouco de contas e português e depois com a prática faria o resto.»

O abade andava radiante: aquilo sim, aquilo é que era a verdadeira religião, que fervorosamente praticava. Mal de manhã dizia a missa conventual, abalava para os campos a farejar desgraça que pudesse⁴⁰¹ minorar. E doente que encontrasse ou criancita a mandar para a escola, ou futura mãe⁴⁰² a reclamar cuidados de sábia higiene, tudo era logo⁴⁰³ apontado na carteira, com o alvoroço de quem aponta rendoso negócio a aproveitar e que não deve esquecer.

Práticas que fazia aos domingos todas versavam sobre a conveniência de se instruírem e trabalharem, que era assim que Deus queria o seu povo. «Casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão — dizia na sua frase chã, simples como a sua alma e fácil de compreender por todos os humildes que lhe frequentavam a igreja. — Ora vocês trabalhando e tendo saúde têm que comer. Aos domingos, se se entretiverem a estudar um pouco, a lerem bons livros para não ficarem uns brutos como os animais que os servem, se cultivarem as suas flores no quinchoso ou nos vasos da janela, que isso não é pecado nenhum, desamparam as tabernas e não se metem em rixas e bulhas, que só dão mau pão⁴⁰⁴. Olhem vocês que o que Deus quer é a alegria e a felicidade de nós todos; deixai dizer quem prega o contrário...»

Na sua santa inconsciência, que bem preocupava as irmãs, deixava que o cura se

⁴⁰⁰ que soubessem bem a fundo a sua arte] bem habilitados [1903]

⁴⁰¹ pudesse] podessem [1903]

⁴⁰² futura mãe] mulher [1903]

⁴⁰³ tudo era logo] era logo [1903]

⁴⁰⁴ que só dão mau pão] que não dão bom pão [1903]

assenhoreasse a pouco e pouco das obrigações da paróquia que traziam bem-estar e lucro, que as outras as ia desempenhando sempre o velho. Era agora o padre Matias⁴⁰⁵ quem dizia a missa das onze e esperava na sacristia a passagem das senhoras que se habituavam a encontra-lo a essa hora⁴⁰⁶ para tratarem dos negócios espirituais em que as entretinha. Era ele que as confessava e lhes insuflava o gosto pela devoção do mês de Maria, tão habilmente escolhida para esse dólido mês de Maio em que as rosas desabrocham perfumando a atmosfera, e os corações moços deliquescem em ânsias de consoladora ternura... Era quem lhes fazia as novenas e lhes levava as filhas à primeira comunhão, em processional teoria, criando entre o pretensiosismo burguês o culto profundamente materialista, sob o aspecto místico da nova religião, cada vez mais afastada do idealismo de Cristo⁴⁰⁷.

E gabava se para o Teles:

— Você verá quem vem para a festa do Sagrado Coração! É uma bomba que há-de estoirar aí.

— Quem é então?

— Se lho disser fica sabendo mais do que eu...

— Ora diga lá, ande, bem sabe que sou de confiança. É alguém que eu conheça?

— É alguém que nos dá a certeza de nunca mais cá meterem o bico no concelho...

— Ah!... É o André de Ataíde?...

— Adivinhou ou alguém lho disse. Apre! Tem custado, mas agora é que é definitivamente nossa a vitória.

— O recenseamento já não estava mau...

— Mas o grande caso ainda não é esse...

— Então qual é?

— Não digo; confio em você mas o seguro morreu de velho...

— Olhe que isso até me ofende! Sendo eu de confiança do Egídio, que até me fará seu secretário particular logo que seja ministro, nem sei agora o que pensar dos seus segredos.

— Vá lá, não se zangue. O caso é que não só vem o André Ataíde com o padre Sancho como trazem os dois missionários que têm levantado toda essa província com a

⁴⁰⁵ Era agora o padre Matias] Era agora elle, o padre Mathias [1903]

⁴⁰⁶ a encontra-lo a essa hora] a encontrá-lo alli [1903]

⁴⁰⁷ criando entre o pretensiosismo burguês o culto profundamente materialista, sob o aspecto místico da nova religião, cada vez mais afastada do idealismo de Cristo] era o indispensável em tudo [1903]

sua palavra temerosa!⁴⁰⁸

— O que vejo é que você mudou de todo! Há pouco mais de um ano que era todo liberalão e até tinha raiva a esse André da Fradosa por causa de ter causado a morte ao filho, com a beatice. Lembra-se?

— Agora vejo as coisas melhor... O Pedro era um asno, quem no mandou falar antes de tempo? Herdasse⁴⁰⁹ primeiro que depois de senhor da fortuna⁴¹⁰ é que podia cantar...

— Mas você era o primeiro que dizia que era uma jóia⁴¹¹, um carácter esplêndido, e que foi o pai quem o matou com as más ideias reaccionárias.

— Não se queria sujeitar às ideias do pai e neste mundo⁴¹² quem quer ser independente de mais acontece-lhe assim. Dizem⁴¹³ que foi o pai que o matou, ora!, quem sabe se não foram as pândegas lá de Paris⁴¹⁴.

— Oh homem, já lhe ouvi dizer, e a muita gente mais, que o Pedro era até um rapaz honesto e sério, como dizem que é o sobrinho, que foi companheiro e amigo íntimo do João de Melo...

— Pois sim, era até honesto de mais porque chegava a ser parvo com as tais franquesas. E daí, que mal lhe faziam os padres e as irmãzinhas lá em casa? Deixasse. Hão-de ir para muito longe os tais meninos educados nas ideias modernas!

— Homem, parece⁴¹⁵ que o voltaram de pernas para o ar. Parece até impossível que um homem como você era mudasse tanto⁴¹⁶! Isto até me faz mal, creia. Tomara que o Vilhegas me arranjasse um lugar lá por Lisboa, porque aqui abafa-se. Hão-de tornar esta terra inabitável. Eu, que me preso de ser liberal e tenho confiança que a ciência e a instrução hão-de transformar o mundo, sinto-me manietado e impotente, com os nervos tangidos num sobressalto diante do reaccionarismo triunfante.

— E você cuida que lá por Lisboa não é o mesmo?... Está enganado, pergunte ao Vilhegas, quem é que la manda agora.

— Mas a par disso há muito quem se liberte, há maneira mesmo de se reagir sem

⁴⁰⁸ !] !... [1903]

⁴⁰⁹ Herdasse] Casasse [1903]

⁴¹⁰ da fortuna [1903] da fortuna da prima [1903]

⁴¹¹ que era uma jóia] que elle era uma jóia [1903]

⁴¹² Não se queria sujeitar às ideias do pai e neste mundo] Não se queria sujeitar, pois neste mundo [1903]

⁴¹³ Dizem] Diz [1903]

⁴¹⁴ quem sabe se não foram as pândegas lá de Paris] Foram mas foi as pândegas lá de Paris. [1903]

⁴¹⁵ Homem, parece] Oh Sr. Padre Mathias, olhe que parece [1903]

⁴¹⁶ mudasse tanto] se mudasse assim [1903]

todavia ser um revoltado. Aqui sufoca-se!⁴¹⁷

— Pois sim, faça você versos, que eu cá trato vida conforme calha. E deixa-me ir à prosa, que é como quem diz à vida, que a morte é certa. Preciso de encontrar sem falta aquele velho tonto do abade que sai de madrugada e só recolhe à noite. Há-de ganhar muito em se meter com a ralé, deixe, assim como o Ramalho e a tal inglesa e o marido, que querem fazer desses animais gente⁴¹⁸!...

— E porque não?

— Eu cá não entendo o Teles! Se aprova aquelas lindas ideias — que lhes hão-de dar na cabeça, verá! — porque não vai com eles?!⁴¹⁹

— Olhe, senhor padre Matias, a dizer a verdade, a minha simpatia intelectual têm-na toda. Não vou com eles porque sou amigo do Emídio e tenho necessidade de subir, de ser mais alguma coisa do que simples boticário de aldeia, porque me sinto com inteligência e capacidade para isso. — Para galopim eleitoral têm cá o Domingos⁴²⁰ desde que você o passou, com a tropa toda, para o seu lado...

Torcia o bigode, irónico, enquanto o cura, para não responder, protestava pressa e ia dizendo entre dentes:

— Pois sim, rala-te! Tem mais juízo do que tu com as tuas filosofias⁴²¹...

Foi a correr para apanhar o abade na igreja depois de recolher do enterro de uma pobre viúva, que deixava quatro filhos sem outro património mais do que o dia e a noite. Preferia falar-lhe ali, de surpresa, antes do que em casa, onde os olhos de D. Joana o obrigavam a morder-se numa impotência de remordimento culposo.

Tão feliz que foi a tempo de o abordar já quando recolhia, tiradas as vestes cultuais, e, de passagem, piedosamente, se ajoelhara nos degraus do altar-mor.

Pedia-lhe o seu consentimento e concurso para que nova e mais luzida festa se fizesse ao Coração de Jesus, coincidindo com a comunhão das meninas, que andava preparando...

— Que sim — respondera o velho, farto de ouvir reprimendas da irmã mais nova e de perceber os sustos em que vivia D. Joana —, que prestaria o seu concurso de boa vontade. Como era servir a Deus, de qualquer maneira lhe agradava...

⁴¹⁷ um revoltado. Aqui sufoca-se!] um revoltado. [1903]

⁴¹⁸ fazer desses animais gente] destes brutos gente livre [1903]

⁴¹⁹ — Eu cá não entendo o Teles! Se aprova aquelas lindas ideias — que lhes hão-de dar na cabeça, verá! — porque não vai com eles?!] — «Você é *nephelibata*, oh Telles! Eu cá não o entendo. Pois se aprova aquellas *lindas ideias*, — que lhes hão-de dar na cabeça, verão! — vá com elles. [1903]

⁴²⁰ simples boticário de aldeia, porque me sinto com inteligência e capacidade para isso. — Para galopim eleitoral têm cá o Domingos] simples boticário de aldeia. Para isso têm cá o Domingos [1903]

⁴²¹ filosofias] republicanices [1903]

— Mas, senhor abade, é que nós tínhamos ideia de convidar os dois santos missionários que têm levantado a sua voz autorizada até na Sé, diante do senhor bispo, para virem fazer algumas práticas e preparar as crianças, e moralizar esse povo tão desenfreado...

Aquí deu um salto o velho abade e, olhando o cura de alto a baixo, respondeu-lhe com uma voz vibrante, que o tornava respeitável, apesar da sua estatura quase a dobrar e da sua pobre batina no fio:

— Mal me parece, senhor cura, que venham a esta terra, onde só há ovelhas mansas, esses caçadores de terríveis lobos, para, em vez dos seus pastores naturais, as conduzirem a melhor pastio. Se para missionários têm vocação, para que preferem estas boas terras onde todos adoram Nosso Senhor Jesus Cristo e na sua lei vivem, e abandonam tanto infiel à negra ignorância e idolatria?!...

— Não temos que discutir o procedimento de quem anda na graça de Deus e dos seus altos Prelados! Prouvera a Nosso Senhor que iguais méritos me fizessem a mim tão admirado e estimado como eles são!⁴²²

— Mas a boa gente desta terra é que não precisa de quem lhe faça práticas, antes lhe faz mingua quem lhe dê pão... Eu não consinto na vinda dos missionários.⁴²³

— Senhor abade, senhor abade — gritou o cura desvairadamente, vendo-se contrariado por quem até aí lhe não tolhera o passo.

— O que é? — respondeu o velho com serena grandeza.

— Veja o que faz, olhe que o senhor bispo aprova a nossa ideia e ele saberá quem nos contraria.

— O senhor bispo, como meu superior, pode afastar-me da minha igreja, mas não pode, enquanto eu estiver sentado naquela cadeira de pároco, obrigar-me a receber hipócritas que desvirtuam a palavra de Cristo e conduzem o povo ao mais horrível paganismo. A isso não me obrigará ele... nem ninguém!⁴²⁴

⁴²² — Não temos que discutir o procedimento de quem anda na graça de Deus e dos seus altos Prelados! Prouvera a Nosso Senhor que iguais méritos me fizessem a mim tão admirado e estimado como eles são!] — «Nós não temos nada com isso; prouvera a Deus que eguaes méritos me fizessem a mim tão admirado e estimado como elles. [1903]

⁴²³ — Mas a boa gente desta terra é que não precisa de quem lhe faça práticas, antes lhe faz mingua quem lhe dê pão... Eu não consinto na vinda dos missionários.] — «Pois sim, mas esta gente é que não precisa de quem lhe faça práticas, antes lhe faz mingua quem lhe dê pão... [1903]

⁴²⁴ — O senhor bispo, como meu superior, pode afastar-me da minha igreja, mas não pode, enquanto eu estiver sentado naquela cadeira de pároco, obrigar-me a receber hipócritas que desvirtuam a palavra de Cristo e conduzem o povo ao mais horrível paganismo. A isso não me obrigará ele... nem ninguém!...] — O sr. bispo, como meu superior, pode afastar-me da minha igreja, mas não pode, enquanto eu estiver sentado naquella cadeira de parocho, obrigar-me a receber intrujões que só

— Previno-o mais uma vez, senhor abade!... Olhe que lá diz o ditado: «com teu amo não jogues as peras».

— Podem tirar-me o pão, mas ninguém me obrigará a falsear a minha consciência.

— Aqui não há consciência, há desobediência — gritou fora de si o violento e ambicioso padre⁴²⁵.

— Vá, senhor cura; demais sei eu o que o senhor é e o que pretende. Diga ao senhor bispo que estes braços trémulos de velho, cansados de se levantarem em súplicas ao Deus piedoso e bom que nos deixou o testamento do Evangelho, ainda terão forças para pegar na enxada e ganhar o pão honradamente para mim e para os meus.

— Senhor abade, não me canse a paciência — rouquejou o cura, vendo o sacristão e o sineiro pararem assombrados à porta da sacristia.

— Paciência de mais tenho eu tido, senhor cura, e já me basta de lhe ouvir as hipocrisias e fingimentos. Nunca por nunca, fique sabendo, enquanto eu for pároco desta terra, não-de ouvir os meus paroquianos quem os desnorteie e aflija em vez de lhes dar a consolação duma vida resignada e cristã! Eu é que sou o seu Pároco, eu é que hei-de escolher o pastio para o meu rebanho, não me sujeito a imposições!...⁴²⁶

O padre Matias saiu a deitar lume pelos olhos — na expressão ingênua do sacristão — e nessa mesma noite partiu aforradamente para Fradosa, a conferenciar com o fidalgo e com os missionários seus hóspedes.

Três dias depois teve o abade a resposta às suas palavras⁴²⁷, na notícia de que a missa lhe era tirada, ficando suspenso enquanto não respondesse às acusações que lhe eram feitas: desprezar o culto divino, tratar tão-somente do bem corporal, entravar com seus discursos e oposição toda a iniciativa dos bons católicos para uma salutar propaganda religiosa... A seu tempo seria chamado para se defender.

— Defender-me eu? — dizia, mal segurando a carta nas pálidas e vacilantes mãos. — Defender-me de quê, se de nenhum mal me acusa a consciência?!... Vil raça de víboras!...⁴²⁸

— Então que lhe dizia eu, mano?! Se o seu defeito é ser franco!...

querem desvirtuar a palavra de Cristo e conduzir o povo ao barbarismo. A isso não me obrigará elle, nem ninguém!... [1903]

⁴²⁵ gritou fora de si o violento e ambicioso padre] gritou fora de si. [1903]

⁴²⁶ os desnorteie e aflija em vez de lhes dar a consolação duma vida resignada e cristã! Eu é que sou o seu Pároco, eu é que hei-de escolher o pastio para o meu rebanho, não me sujeito a imposições!...] os desnorteie e afflija. [1903]

⁴²⁷ Três dias depois teve o abade a resposta às suas palavras] Três dias depois teve a resposta à sua justa objurgatória [1903]

⁴²⁸ a consciência?!... Vil raça de víboras!...] a consciência?!... [1903]

— Pois fui e não estou arrependido; tiram-me a igreja, tiram-me as obrigações, mas tenho as devoções...

— E obrigações também, querido amigo — disse Isabela, que tinha entrado, chamada pela criada do abade que num pulo a fora prevenir daquela grande aflição.

Abraçou os velhos soluçantes, tentando em vão conter as lágrimas que a pungitiva cena lhe repuxava aos olhos.

Por fortuna não tardou que João acorresse ao seu chamamento e, para maior consolo dos velhos, acompanhado pelos pais. Josefina, não querendo abandonar as amigas nessa hora de provação. António de Melo, muito grave, pesando bem as palavras da carta que o abade lhe entregara.

— Mas o que é isto — dizia João, animadoramente —, há aqui quem chore e esmoreça por ser perseguido pela verdade e pela fé justa e bela, em nome da hipocrisia e da ambição!...⁴²⁹ Ora vamos, tia Joana — desde criança que assim chamava a velhinha, que bem como sobrinho o amara sempre —, isso nem me parece seu! O nosso abade já o não é da paróquia! Pois ainda bem, que melhor nos pode servir⁴³⁰ e ao povo que tanto ama. Tiram-lhe a igreja, tem a escola; tiram-lhe a missa, tem a comunhão espiritual dos infelizes. Não acompanhará os mortos que vão para a vala comum mas ajudará⁴³¹ a bem morrer os que não têm que deixar em testamento...

— Vamos, senhor padre António — ajudou Isabela —, mais do que nunca o seu concurso nos é preciso, mais do que nunca é urgente que se dedique à nossa obra de redenção.

— Nada de lágrimas! Felizmente não lhe podem fazer mal.⁴³² Procurávamos um director para o asilo, temo-lo felizmente agora, e o melhor que podíamos esperar.

— Não é a falta de dinheiro que nos mortifica, Joãozinho, é a desconsideração...

— É ver aquele patife que agasalhámos ao nosso seio como uma víbora⁴³³ tomar o lugar do nosso irmão, como se já estivesse morto! — soluçou a outra irmã.

— Deixe, mana, que isso não me magoa. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, que eles serão consolados!...⁴³⁴ E vamos mas é tratar de sair

⁴²⁹ por ser perseguido pela verdade e pela fé justa e bela, em nome da hipocrisia e da ambição!...] por ser perseguido em nome da hipocrisia e da ambição!... [1903]

⁴³⁰ já o não é da paróquia! Pois ainda bem, que melhor nos pode servir] já o não é da parochia, melhor nos pode servir [1903]

⁴³¹ os mortos que vão para a vala comum mas ajudará] os mortos que vão para a vala, ajudará [1903]

⁴³² Nada de lágrimas! Felizmente não lhe podem fazer mal.] Nada de lágrimas, que felizmente não lhe tiram o pão. [1903]

⁴³³ patife que agasalhámos ao nosso seio como uma víbora] maroto [1903]

⁴³⁴ pela justiça, que eles serão consolados!...] pela justiça. [1903]

desta casa, que desde hoje deixa de pertencer-me.

— Ora até que enfim! — disse João, sorrindo. — É a única coisa razoável a fazer. As senhoras que arrumem as suas coisas e ficam já esta noite na nossa casa, deixando a residência para o senhor abade novo!...⁴³⁵

— Não! Prefiro que me alugue⁴³⁶ a primeira casa que se acabou no nosso bairro. Pois não sou eu agora um operário, um trabalhador, como aqueles a quem as destinamos?!

— Concedido e aprovado! A casa que era destinada ao professor é sua enquanto se não fizer outra mais ao seu gosto.⁴³⁷

⁴³⁸— Essa é boa de mais, meus filhos!... — dizia com as lágrimas nos olhos o bom e ingénuo velho.

— Será a mais bela e simbólica festa de inauguração da nossa obra, que podíamos sonhar! Há males que vêm para bem!...

— Deus marca o destino com sabedoria, e os nossos olhos mortais não vêem para além da hora presente, limitada e triste!...

— A violência que hoje nos choca como uma injustiça há-de trazer felicidade à nossa obra, porque prova a justiça superior que a há-de fazer triunfar — disse gravemente Isabela.

A velha criada entrando de repelão não pôde impedir a entrada em tropel de alguns vizinhos e amigos a quem o sacristão segredara o caso e que protestavam energicamente contra o facto brutal, ameaçando o cura a quem todos apontavam como único responsável. O mulhierio em baixo começava a ferver em revoltas mal contidas.

E no meio da balbúrdia que se ia estabelecendo com visível aflição do velho abade, todos se calaram de súbito vendo aparecer o Teles, que o apertou nos braços, dizendo em voz clara, embora trémula de comoção:

— De hoje para o futuro, no pouco que eu valer têm-me ao vosso lado para a grande obra do futuro!...

⁴³⁵ — Ora até que enfim! — disse João, sorrindo. — É a única coisa razoável a fazer. As senhoras que arrumem as suas coisas e ficam já esta noite na nossa casa, deixando a residência para o senhor abade novo!...] É preciso trabalharmos todos para hoje mesmo irem para nossa casa e deixarem a residência para o *sr. cura*... [1903]

⁴³⁶ Não! Prefiro que me alugue] Não, prefiro que me alugue [1903]

⁴³⁷ — Concedido e aprovado! A casa que era destinada ao professor é sua enquanto se não fizer outra mais ao seu gosto.]

— «Concedido e aprovado, e será a melhor festa de inauguração que podíamos sonhar!

— «Chega a ser symbolico concordou — Isabella gravemente — e hade dar-nos ventura, porque prova a justiça da nossa causa. [1903]

⁴³⁸ [O texto desde este diálogo até ao final do capítulo foi acrescentado na edição de 1934.]

Comovidamente João e Isabela apertaram-lhe a mão. E o Teles, abraçado e aclamado por todos, sentiu-se feliz na reacção honesta da sua alma que as baixas intrigas e ambições não tinham conseguido dominar definitivamente.

XVI

Ia o Inverno quase no fim, e, apesar de não estar frio, os últimos dias tinham vindo tão chuvosos e tristes que a viscondessa se conservava junto do fogo num enregelamento de alma tiritante de abandonada e tediosa.

O que lhe custara esse último Verão, passado sem os meses⁴³⁹ de verdadeiras férias na casa de província em que tinha nascido e onde lhe andavam esparsas as melhores saudades da sua vida, diziam-no bem o empalidecimento das suas faces, o amortecimento dos seus belos olhos de peninsular. A melancolia que a princípio fora uma ligeira sombra, como nuvem que se esgarça e dilui em céu puro, começava a avolumar-se, carregando-lhe a expressão e avelhentando-a quase.⁴⁴⁰⁻

⁻⁴⁴⁰Naquela hora triste que precede a noite, quando o céu enlvidece com a última claridade de um dia que se arrastou pardacento e mole, os pregões⁴⁴¹ num rouquejar de miséria atiram para a vida o último soluço e os que passam açodados sob a chuva têm o ar de sombras que se esgueiram e desaparecem misteriosamente na noite, a viscondessa sentia-se tão desoladamente só, tão abandonada de gosto e desejo que pouco mais tinha da vida além do brilho dos olhos, que conservava presos no faiscamento do brasido.

Havia meses que se apossara dela uma dessas tristezas vagas⁴⁴² e sem causa aparente, que nenhum divertimento consegue afugentar e que já na medicina é tida como prognóstico de doença que é das mais teimosas e caprichosas que atacam as almas e os cérebros rudemente experimentados pelo trabalho ou pelo sofrer.

É que a paixão de Bela e João, observada e sentida de perto, como se a sua alma lhe fosse abrigo, levava-lhe todo um ano numa sobreexcitação, numa alegria que a volvera criança, que a fizera viver essa época única da sua existência em que amara, fora amada e sonhara a vida um róseo sonho sem o despertar frígido da realidade mesquinha⁴⁴³.

Ao lado da amiga, aconselhando-a, acompanhando-a e vivendo o deslumbramento dos seus sonhos de noiva apaixonada, o seu espírito chegaria, talvez, a possuir-se da

⁴³⁹ esse último Verão, passado sem os meses] esse último Verão que passara, sacrificada, sem ir gosar os seus meses [1903]

⁴⁴⁰⁻⁴⁴⁰ e avelhentando-a quase. Era a impressão que teria quem lhe pudesse ver o ar mortiço, o quebramento de forças e de vontade que a tinha alli em frente do fogão, — um livro aberto no regaço, os olhos presos na chamma que se avivava ou amortecia, seguindo caprichos de formas e phantasias de desenhos vários. Naquela hora triste [1903]

⁴⁴¹ e mole, os pregões] e mole, e nas ruas encharcadas o gaz começa a reflectir-se em largas manchas espelhadas, os pregões [1903]

⁴⁴² Havia meses que se apossara dela uma dessas tristezas vagas] Cahira, havia mezes, n'uma d'essas tristezas vagas [1903]

⁴⁴³ sem o despertar frígido da realidade mesquinha] sem despertar, que julgou a realidade [1903]

ideia de que era um ressurgir da sua própria felicidade perdida em sombra num passado distante, como de outra existência...⁴⁴⁴

Depois, com o casamento deles, a solidão fizera-se-lhe mais completa, a sua alma caíra mais fundo na indiferença duma existência que não tinha uma finalidade superior⁴⁴⁵.

É certo que não abandonara o que chamava os seus deveres de mulher de sociedade, tendo camarote em S. Carlos, indo às primeiras representações, frequentando as festas elegantes, dando o seu nome para todos os divertimentos de caridade, recebendo semanalmente numas reuniões íntimas a que ia toda a Lisboa, ela que não tinha intimidade com ninguém.

Mas tudo isso o fazia por hábito, com o espírito alheado e desinteressado daquela vida em que o corpo se lhe fatigava e a alma ficava retraída e tiritante de frio⁴⁴⁶.

Não obstante — tão grande é em nós essa forma adquirida pelo uso que se chama hábito de mocidade!⁴⁴⁷ —, conseguia comunicar às suas festas uma alegria de que estava bem longe, tendo⁴⁴⁸ espírito e inteligência bastantes para intelectualizar mesmo essas reuniões, que havia dois Invernos estavam na moda e para as quais se metia empenhos para ser convidado, como se fosse a iniciação da suprema elegância ser recebido naquele interior aristocrático e culto⁴⁴⁹.

Na verdade, a severa compostura do seu porte e a graça exangue do seu sorriso diziam bem com o rico mobiliário herdado e que o visconde acrescentava sempre num entusiasmo de apaixonado bricabraquista.

Entre os pesados cadeirões com pés de garra, os tamboretos de veludo lavrado, os panos de Arrás forrando as paredes onde os avós se alinhavam em solenes atitudes, os reposteiros armoriados, os bufetes e contadores, numa uniformidade de estilo que era a maior preocupação do visconde, essa nobre figura de mulher dum ancestral perfume como que completava o conjunto.

No entanto, a verdadeira alma de todas aquelas festas era o próprio visconde, que

⁴⁴⁴ e vivendo o deslumbramento dos seus sonhos de noiva apaixonada, o seu espírito chegaria, talvez, a possuir-se da ideia de que era um ressurgir da sua própria felicidade perdida em sombra num passado distante, como de outra existência...] e guiando-a em todo o complexo assumpto do enxoval, o seu espírito chegaria, talvez, a possuir-se da ideia de que era sua aquella felicidade. [1903]

⁴⁴⁵ uma finalidade superior] um fim [1903]

⁴⁴⁶ o corpo se lhe fatigava e a alma ficava retraída e tiritante de frio] o corpo se lhe fatigava [1903]

⁴⁴⁷ — tão grande é em nós essa forma adquirida pelo uso que se chama hábito de mocidade!] tão grande é em nós essa força! — adquirida pelo uso [1903]

⁴⁴⁸ tendo] e tinha [1903]

⁴⁴⁹ aristocrático e culto] aristocrático [1903]

nos últimos tempos mudara as suas predileções e hábitos, a quase ser outro homem. Conservava-se sempre no salão junto das senhoras, indo de fugida e contrariado à sala de jogo, respondendo distraidamente a quem o abordasse para negócios, rindo das intrigas políticas que o rodeavam numa sociedade sem base nem estabilidade, vivendo dos caprichos momentâneos do mundo efêmero⁴⁵⁰.

Tornara-se o ídolo das mulheres, que lisonjeava nos seus gostos e caprichos, discutindo modas, organizando festas onde podiam exhibir o encanto dos sorrisos e o luxo dos vestidos copiados dos grandes retratos de mestres, escolhendo as músicas com que as fazia dançar, e não deixando com o seu exemplo fugir⁴⁵¹ os rapazes para as salas de fumo, sendo enfim a alma de toda uma sociedade que vive para se divertir.

Tinha ditos de espírito que faziam época, e a pessoa que distinguisse uma vez tinha a certeza de estar em evidência, pelo menos oito dias.

Mas eram ainda as mulheres as suas mais sinceras admiradoras, porque lhes deviam momentos de orgulho satisfeito, porque as envaidecia e lisonjeava sem o dizer, só porque era um homem de espírito que se divertia e se mostrava alegre junto delas.

Por isso sorriam numa tácita desculpa, quando os descontentes e os adversários boquejavam sobre a sua grande intimidade com o Braga usurário, que aproveitava a situação política do visconde para fazer o seu jogo e aumentar a fortuna, sem embargo do fausto em que a Cândida vivia.

Também esta se tomara a mulher da moda, em que todos falavam, que as modistas vestiam como figurino, que os homens cortejavam, que as outras invejavam, procurando-a e convidando-a, não obstante, para todas as festas, porque seria uma falta de actualidade imperdoável não mostrar entre as flores das grandes jarras da China, os espelhos de Veneza e os biombos laqueados, esse busto de mulher que se desnudava com orgulho e tinha soberbas atitudes de mármore antigo.

Sorria, sentia-se feliz, quase bondosa à força de felicidade naquele meio elegante e fútil que correspondia a todas as aspirações do seu espírito sem elevação⁴⁵². Se nele tivesse nascido, se não tive consumido a infância no sonho ardente de todos os gozos que o dinheiro pode trazer a uma alma que de vaidades vive, não teria sido a mesma Cândida que empurrara para a sepultura a que lhe fora mais do que irmã com a

⁴⁵⁰ negócios, rindo das intrigas políticas que o rodeavam numa sociedade sem base nem estabilidade, vivendo dos caprichos momentâneos do mundo efêmero] negócios e política [1903]

⁴⁵¹ e não deixando com o seu exemplo fugir] e não deixando fugir [1903]

⁴⁵² do seu espírito sem elevação] do seu espírito [1903]

inconsciência do seu egoísmo e a ambição desnorteada do seu desejo.⁴⁵³

Desvanecida a antipatia que a princípio inspirara à viscondessa, tomara-se à força de delicadezas e blandícias a sua amiga mais íntima, quase da família, um dos atractivos das suas festas. E nesse convívio aprendera o segredo de usar o luxo com a indiferença elegante, que raro alcançam os ambiciosos que a fortuna visitou tarde, já depois de a miséria lhes ter imprimido a marca de vulgaridade.

Mas o que lhe dava felicidade era exactamente o que contrariava a viscondessa, que se sentia cada vez mais alheia a um meio onde tudo é falso embora brilhante, onde só se cuida de aparências; numa sociedade que se acotovela desrespeitosa na ambição de gozar e subir, desprezando almas e somente se curvando ao dinheiro e ao poder.⁴⁵⁴

Daí aquele eterno sorriso, aquele deixar correr a existência sem lágrimas nem alegrias, que lhe dava o ar mortiço e igual de quem anda por hábito no mundo, sem energia nem desejo de correr à feira de interesses e lutas que desvaria quase todos.

Sentia-se só. Faltava-lhe a companhia de Isabela Burns, cujo espírito arejado e vivo se tornara uma necessidade do seu coração. A sua doce e nobre alma, feita para compreender os mais elevados ideais, tinha um sentido real da vida que a tornava uma excelente companhia, traço, porventura, da sua educação prática e forte.⁴⁵⁵ Era uma meridional pelo queimor do sangue, pela vivacidade da frase e pela paixão; mas tinha a dar-lhe a forma viável no mundo o altivo bom senso, que a tornava um destes caracteres⁴⁵⁶ que as mesquinhas contrariedades não quebrantam e à força de persistente energia realizam o que no dizer da maior parte não passa de utopias de sonhadores.

As suas cartas vinham cheias de entusiasmo pelos trabalhos já executados e vibrantes de esperança pelo muito que ainda tencionavam fazer. Por elas a Vis condessa

⁴⁵³ mais do que irmã com a inconsciência do seu egoísmo e a ambição desnorteada do seu desejo.] mais do que irmã. Perversamente egoísta e ambiciosa, era tão culpada por isso como pela belleza fatal que a tornara uma força da natureza. Filha do meio, herdeira d'um sangue que o álcool envenenara, adulada em vez de severamente orientada pela educação, era como bella e orgulhosa flor cujo pé mergulhado no pântano de morte e podridão nutre o encanto das suas pétalas. [1903]

⁴⁵⁴ Mas o que lhe dava felicidade era exactamente o que contrariava a viscondessa, que se sentia cada vez mais alheia a um meio onde tudo é falso embora brilhante, onde só se cuida de aparências; numa sociedade que se acotovela desrespeitosa na ambição de gozar e subir, desprezando almas e somente se curvando ao dinheiro e ao poder.] A Viscondessa é que não era feliz n'um meio onde tudo é falso mas brilhante, onde só se cuida de apparencias, numa sociedade que se acotovela desrespeitosa na ambição de gosar e subir, numa sociedade que despreza almas e somente se curva ao dinheiro e ao poder. [1903]

⁴⁵⁵ A sua doce e nobre alma, feita para compreender os mais elevados ideais, tinha um sentido real da vida que a tornava uma excelente companhia, traço, porventura, da sua educação prática e forte.] Porque, se é verdade que Bella tinha uma doce e nobre alma feita para comprehender os mais elevados ideaes, no seu espírito deixara fundo traço a educação prática que recebera. [1903]

⁴⁵⁶ que a tornava um destes caracteres] que a tornava um espírito pratico, um d'estes caracteres [1903]

soubera⁴⁵⁷ da intriga que tornara o velho abade uma vítima das invejas e ambições do cura, e por elas também soubera das reviravoltas da política, das traições e mesquinhas vinganças que rodeavam os seus amigos.⁴⁵⁸ O que podiam fazer numa terra assim ilaqueada, dominada pelo ultramontanismo triunfante, com a protecção interesseira do Maximiano⁴⁵⁹, que sem embargo se apregoava ainda um velho e convicto liberal?!... Por ela, sem força nem vontade para lutar, decerto que desistiria logo, limitando-se⁴⁶⁰ a fazer o bem compatível com as suas forças. Mas Isabela protestava. «Que lhe importava que todos esses burgueses roídos de ambições e mesquinhos de interesse preferissem continuar a viver na ignorância e na falsidade?! À sua ignorância e ao seu egoísmo opunha o futuro⁴⁶¹ com a fundação da sua escola de enfermeiras para a qual o tio lhe abria já um crédito no banco de Londres. A ilustração e a inteligência combateriam a rotina e a ignorância⁴⁶². Quando tivesse no seu instituto enfermeiras bastantes, educadas segundo os preceitos da ciência e da higiene moderna, os médicos que representam a ciência e são como que os fiadores da vida de seus irmãos não teriam coragem para lhes preferirem outras, mas sem ilustração ou curso que as faça úteis colaboradoras na obra da ciência⁴⁶³. Esperava fazer em Portugal a luminosa obra que em Inglaterra realizou Miss Florence Nightingale, assim vivessem... E com respeito a asilos e escolas o seu projecto era o mesmo... A não ser que neste país já se tivesse obliterado por completo a noção da justiça, claro que os mais bem apercebidos para a luta é que seriam preferidos...»

Maria Helena duvidava... tinha já visto tanto e sentia-se tão desanimada de triunfos que a politiquice e a tramóia⁴⁶⁴ eleitoral não bafejassem, que, sem querer, o espírito

⁴⁵⁷ Por elas a viscondessa soubera] Fora por elas que a viscondessa soubera [1903]

⁴⁵⁸ e por elas também soubera das reviravoltas da política, das traições e mesquinhas vinganças que rodeavam os seus amigos] e fora por ellas também que lhe constara a entrada para o hospital e para o asylo da Misericórdia das irmãs hospitaleiras, tornados assim succursaes de conventos e collegios, com pretexto de beneficência... [1903]

⁴⁵⁹ O que podiam fazer numa terra assim ilaqueada, dominada pelo ultramontanismo triunfante, com a protecção interesseira do Maximiano] O que podiam os seus amigos fazer numa terra assim ilaqueada, com a protecção interesseira do Maximiano [1903]

⁴⁶⁰ desistiria logo, limitando-se] desistiria limitando-se [1903]

⁴⁶¹ À sua ignorância e ao seu egoísmo opunha o futuro] Ela oppunha-lhe o futuro [1903]

⁴⁶² A ilustração e a inteligência combateriam a rotina e a ignorância.] , opporia a illustração e a intelligencia à rotina e a ignorância. [1903]

⁴⁶³ os médicos que representam a ciência e são como que os fiadores da vida de seus irmãos não teriam coragem para lhes preferirem outras, mas sem ilustração ou curso que as faça úteis colaboradoras na obra da ciência] com ellas se apresentariam a todos os médicos dos hospitaes portugueses e veria então a Maria Helena se esses homens, que representam a sciencia e são como que os fiadores da vida de seus irmãos, teriam coragem, ainda os mais reaccionários para lhes preferirem outras, ainda que bondosas, mas sem illustração ou curso que as faça uteis collaboradoras na obra da sciencia [1903]

⁴⁶⁴ tramóia] mariolada 1903]

caía⁴⁶⁵ na descrença que aliena tantos corações honestos, que quebra tanta iniciativa proveitosa!⁴⁶⁶

Quedava se naquele vago cismar que era agora a sua melhor distracção, quando uns passos apressados pararam à porta e uma voz perguntou de fora:

— Minha senhora, minha senhora, posso entrar?

— Entra.

E Rosalina, a criada de quarto, uma trigueirita alegre que adorava a ama, entrou dizendo vivamente:

— Parece-me que entrou agora a Sr.^a D. Bela! Vi-a chegar...⁴⁶⁷

— Que tolice! — duvidou, entre alegre e desconfiada⁴⁶⁸.

— Tenho a certeza! — afirmava a rapariga, expansivamente, feliz em trazer uma alegria assim à sua boa senhora⁴⁶⁹.

Enquanto ia à janela⁴⁷⁰ ver se descobria alguma coisa que confirmasse a noticia, Rosalina acendia o candeeiro velado pelo *abat-jour* de seda rosa e dispunha com uma certa ordem os livros e retratos que se amontoavam sobre o grande bufete do centro.

Mas a porta abriu-se logo e a voz clara de Isabela chamou:

— Maria Helena, estás aqui?!...

Por um momento as duas estiveram abraçadas, beijando-se e rindo com aquele riso chalrante de mulheres novas que se estimam e se vêem depois de grande ausência.

— Boa surpresa! Como se resolveram?... — perguntava, custando-lhe ainda a acreditar.

Foi preciso que Bela recebesse primeiro os cumprimentos de Rosalina e lhe desse notícias circunstanciadas dos seus, que tinham ficado de saúde e mandavam recados; que se desembaraçasse depois do chapéu e da grande capa de cetim preto⁴⁷¹ e passasse ligeira os dedos pelos cabelos, a ajeitá-los⁴⁷², para responder às perguntas insistentes da amiga.

— Não imaginas como vínhamos alegres pela alegria da surpresa que te vínhamos

⁴⁶⁵ caía] se lhe entravava [1903]

⁴⁶⁶ !] . [1903]

⁴⁶⁷ — Parece-me que entrou agora a Sr.^a D. Bela! Vi-a chegar...] — «É a senhora D. Bella, apeou-se agora, vae entrar... [1903]

⁴⁶⁸ entre alegre e desconfiada] entre alegre e desconfiada, a viscondessa [1903]

⁴⁶⁹ uma alegria assim à sua boa senhora] uma alegria assim [1903]

⁴⁷⁰ Enquanto ia à janela] Enquanto ella ia á janella [1903]

⁴⁷¹ de cetim preto] de viagem [1903]

⁴⁷² ajeitá-los] consertá-los [1903]

dar!...⁴⁷³ — dizia pouco depois. — Durante a viagem não falámos noutra coisa, o João e eu.

— É verdade, e o João onde está?

— Foi arranjar quarto no Aliança, enquanto eu vim dizer-te que tínhamos chegado. Não consentiu que me demorasse⁴⁷⁴ porque entendeu que nós estávamos ansiosas por nos abraçarmos. Era verdade, não era?

Voltou-se toda, pondo as mãos nos ombros da amiga.

⁴⁷⁵— Mas o que ideia foi essa de iram para o hotel? Então não contaram com esta casa?!

— O João tem que fazer e é mais central. É só o tempo de esperar pelo tio, que tem a casa fechada.

— Mas o que é isso, Bela?! Estás duma gordura espantosa! — notou a viscondessa⁴⁷⁶.

Rindo muito, a outra sentou-se com a maneira pesada e desgraciosa da mulher grávida, e respondeu:

— É verdade, *carrée*, como diria M.^{elle} Hortense, duma gordura que nos enche de esperanças e de felicidade.

— Oh Bela, e não me dizias nada?!

— Era⁴⁷⁷ a maior surpresa projectada.

— Como eu vou amar esse pequenino anjo que é teu, que é do João, que há-de também ser um pouco meu, não é assim? E não dizeres nada! É capaz de lhe teres já feito enxoval sem eu ter pensado em coisa alguma. Quem o dera ver!, de quanto tempo, para quando vem?

Sorria para a amiga, pegando-lhe na mão, enchendo-a de carinhos maternais, aproximando um tamborete para descansar os pés, voltando o *écran* para lhe tirar o calor do rosto, perguntando coisas, falando sempre na criancita que lhes viria encher a existência. Vibrava⁴⁷⁸ na aproximação dessa maternidade que a tornava quase mãe, a ela que sofrera sempre da esterilidade que a deixara em irremediável solidão, quando, por desiludida, o amor do marido lhe desaparecera.

⁴⁷³ da surpresa que te vínhamos dar!...] que tu sentirias [1903]

⁴⁷⁴ enquanto eu vim dizer-te que tínhamos chegado. Não consentiu que me demorasse] e mandar para lá as malas, enquanto eu vim dizer-te que tínhamos chegado. Quiz ir ajudá-lo, mas não consentiu [1903]

⁴⁷⁵ [Esta fala e a seguinte foram acrescentadas na edição de 1934.]

⁴⁷⁶ espantosa! — notou a viscondessa.] espantosa!

⁴⁷⁷ Era] Isto era [1903]

⁴⁷⁸ Vibrava] , vibrando [1903]

Bela sorria pacificamente, numa grande beatitude de felicidade íntima. A voz tornara-se-lhe mais grave, pontoada de grandes silêncios extáticos, por vezes irritada, outras, à menor contrariedade, chorando nervosamente por coisa nenhuma.

— Isto — contava, risonha, à amiga — faz andar o João sempre em cuidados, e parece que mais me estima ainda pelo que eu soffro.

— Mas soffres muito, muito? Porque mo não dizias? É preciso consultar algum médico.

— Para quê? Daqui a três⁴⁷⁹ meses todos os incómodos serão passados...

— Como és corajosa, bravo! Não sentes então nenhum receio?

— Para falar com franqueza, lembra-me às vezes que posso morrer e isso faz-me passar um calafrio pela espinha. Não me importaria morrer se fosse infeliz, mas sinto-me tão amada, que na verdade seria estúpida a morte. Desejava tanto ter filhos⁴⁸⁰, que já me ia tardando esta gravidez, que me deixou mais de um ano na expectativa... Nem eu queria dizer o desgosto que tinha para não torturar o João!... Estou sossegada⁴⁸¹; anima-me o pensamento de que há tantas mulheres que têm filhos sem perigo, que é impossível que a mim me não aconteça o mesmo!⁴⁸² Quando vejo os pastores trazerem à tarde para casa os cabritinhos e cordeiritos, que as mães tiveram no campo entregues a si mesmas, sem trabalhos nem perigos... penso que nós não devemos ser menos protegidas pela sábia natureza. É uma coisa tão natural esta!...

— Pois é, e tu hás-de ser muito feliz, verás!⁴⁸³ Dizem os médicos que a vida sedentária e a má educação física da mulher é que trazem todos os perigos à mãe dos nossos dias, ora contigo não se dá isto⁴⁸⁴.

— É verdade. Todos os tratadistas o dizem.

— Já vê!... Não há perigo para ti.⁴⁸⁵

— No fim de contas, é uma questão de sorte. Quantos animais soffrem e morrem também!... No entanto, não vale a pena pensar nisso, é uma pequena percentagem.

— Serás feliz, tenho a certeza!⁴⁸⁶ Quem me dera já ver o focinho tontinho do nosso bebé! Eu que gosto tanto de crianças, como hei-de amar esse que é nosso!...

⁴⁷⁹ três] cinco [1903]

⁴⁸⁰ Desejava tanto ter filhos] Demais tendo tanto desejo de ter filhos [1903]

⁴⁸¹ Estou sossegada] Mas agora estou sossegada [1903]

⁴⁸² !] .

⁴⁸³ !] . [1903]

⁴⁸⁴ dos nossos dias, ora contigo não se dá isto] dos nossos dias. [1903]

⁴⁸⁵ — Já vê!... Não há perigo para ti.] — «Já vê; então não há perigo para ti, que tiveste uma educação physica bem dirigida e ainda hoje tens uma vida activa. [1903]

⁴⁸⁶ Serás feliz, tenho a certeza!] Ora, tu has de ser feliz, tenho a certeza. [1903]

Acho-lhes tanta graça quando são pequeninos e fecham as mãozinhas em murro, e riem, e fazem caretas!...

— Que estúpida coisa não teres filhos! E tantas mulheres que os não desejam, que os aborrecem até... Vêm-lhes como castigo!

— Pobres deles!

— A propósito, que interessante há-de ser o desespero de M.^{elle} Hortense⁴⁸⁷ quando perder a sua elegância de fada!

— Faço ideia!

— Não os tornaste a ver?

— Só de longe, felizmente.

— O Vilhegas está empregado?

— Quem o poderia estar melhor?! Médico no hospital, especialista em doenças de senhoras, consultório elegante na Rua Nova do Carmo, deputado, lente, e dizem que o primeiro indigitado para ministro...

— Tudo é possível neste país.

— Ele é, incontestavelmente, inteligente.

— Mas também, incontestavelmente, um videirinho⁴⁸⁸, sem carácter nem escrúpulos.

— Todas as qualidades de triunfo... O que se diz por lá de política e do Duarte?⁴⁸⁹

— Que não fazia caso dos amigos, que não respondia às cartas de empenhos, e que, por esse motivo, se vão passar os últimos *fiéis*. Com o auxílio do *vosso rico primo* da Fradosa, aquilo ficou nas mãos dos maximianos, mas agravado pelo fanatismo que o padre Matias vai atiçando...

— E o nosso abade? Devia ser uma cena desoladora a da saída da residência!

— Se te parece, há quarenta anos que ali viviam! Já a tinham como propriedade sua. A tia Joana portou-se com heroicidade. O velho chorava de dor e de alegria, levado em triunfo por toda aquela boa gente do povo que chorava e gritava. As mulheres faziam uma bulha!... Se houvesse ali quem quisesse dirigi-las, o cura⁴⁹⁰ havia de passar um mau bocado.

⁴⁸⁷ [Na edição de 1903 consta «Hortense» e na edição de 1934 «Hortensia». Considerando a utilização de «M.^{elle}», conforme já explicado na página 132, nota 322, optou-se por manter «Hortense».]

⁴⁸⁸ videirinho] vil [1903]

⁴⁸⁹ — Todas as qualidades de triunfo... O que se diz por lá de política e do Duarte?] O que se diz por lá de política e do Duarte? [1903]

⁴⁹⁰ o cura] parece-me que o cura [1903]

— Já lá vi duas revoltas interessantíssimas na vila⁴⁹¹, uma por causa do fisco, outra de uns maninhos que queriam tirar ao povo — sorriu a viscondessa.

— Mas o bom do abade⁴⁹² não queria violências; coitado! Ele que é todo paz!... A irmã mais nova é que esteve com os sentidos perdidos imenso tempo.

— Parece impossível como há coragem para fazer uma intriga assim tão infame.

— Pois há, e lá vive satisfeito e poderoso o cura, agora senhor abade⁴⁹³, que tudo manda. A tal festa ao Coração de Jesus foi um verdadeiro desafio à velha crença tradicionalista do nosso santo amigo⁴⁹⁴, as crianças da comunhão todas de branco e fita azul à cinta, coroadas de rosas como senhoras de Lourdes, os missionários gritando improperios... As damas de fitinha escarlate no feito... uma verdadeira revista de forças.

— E o povo?

— Deixou passar, indiferente e desinteressado.

— Ah! este povo português que parece já não ter sangue que lhe suba às faces com vergonha... E ainda vocês sonham com o futuro! Com este povo que só vive pelo único interesse material de existir e comer, o que hão-de realizar!⁴⁹⁵

— Falta-lhe educação. Não desanimemos, que talvez alguma coisa se faça ainda. O que me consola, naquele caso do da Fradosa, é que o Pedro há-de vingar a morte do tio e secundar a nossa obra... Por enquanto é segredo entre nós. É um belo carácter.

— Basta que seja o que foi o tio, coitado⁴⁹⁶! Dizes então que o Duarte deixa de ter partido?!...

— Parece, quando o *Dómingos* lhe fugiu!... O outro dia fez-se encontrado com o João e começou por lhe dizer que estava muito mal, passara toda a noite a *conspirar* para ver se lhe passava a constipação.

— É mesmo dele!

— Mas sabes o que queria? Que empregássemos filho *Dómingos* Júnior na farmácia do nosso hospital, o tal que não fez *inzame* porque se lhe tolheu a fala nas *golas*.

— E vocês? — perguntou em frouxos de riso.

⁴⁹¹ Já lá vi duas revoltas interessantíssimas na vila] Já lá vi duas revoltas d'essas, interessantíssimas [1903]

⁴⁹² Mas o bom do abade] Mas o nosso bom abbade [1903]

⁴⁹³ o cura, agora senhor abade] o sr. abbade [1903]

⁴⁹⁴ um verdadeiro desafio à velha crença tradicionalista do nosso santo amigo] um verdadeiro desafio [1903]

⁴⁹⁵ Com este povo que só vive pelo único interesse material de existir e comer, o que hão-de realizar!] Com este povo que só parece já viver pelo único interesse material de existir e comer!... [1903]

⁴⁹⁶ o tio, coitado] o tio, coitado, que bem infeliz foi [1903]

— É claro que recusámos.⁴⁹⁷ Ficou desesperado e não há mal que não diga de todos nós.

— Agora que está senhor do bolo, ninguém lhe chega à importância.

— É verdade, o Teles portou-se bem na ocasião da saída do velho abade. Mas o Vilhegas acudiu logo e arranjou-se colocação não sei em quê. Enfim!... É dos menos maus e a sua ambição não se serve do crime para vencer.⁴⁹⁸

— Em todo o caso⁴⁹⁹ eu é que ganhei com tudo isso. Ficarei livre de uma vez para sempre dos influentes políticos?!... Poderei pensar na minha terra e na minha casa sem o pesadelo que me amargurava o tempo que lá estava, o melhor do meu ano?!...

— Não sofres então com o triunfo dos maiximianos!... — perguntou-lhe Isabela por troça.

— Oh filha, quanto lho desejava há muito !

— Pois nem ele, nem principalmente a mulher, pensam ter-te dado tanta satisfação.

— Bem sei. Nem admiro que não compreendam o meu sentir. Somos tão diferentes! A política, esta nauseante política portuguesa de empenhos e partidinhos, fez-se para gente com o seu feitio. Custava-me ver o nome do Duarte baralhado no mesmo jogo. Prefiro vê-lo outra vez o *árbitro da elegância*...

— Um novo Petrónio deste baixo império... — riu ainda Bela.

— Sim, visto por um binóculo às avessas, como tudo é por cá... Sabes que a Cândida é também considerada a elegante máxima de Lisboa?! Tem feito sucesso. Se a visses este ano em Sintra, numa festa de caridade vendendo bilhetes na barraca da beleza, estava realmente um deslumbramento; a verdadeira personificação do belo. O triunfo mais completo da matéria sobre o espírito...

— Na barraca da beleza ! Como então?!... Não me contaste isso.

— Não me lembrou realmente. Era uma barraca que o Duarte dirigia e ornamentou consagrada ao amor como supremo criador da beleza universal...

— E a Cândida é que estava nessa barraca?...

— Escolheram para lá as mais bonitas, mas era incontestavelmente a mais

⁴⁹⁷ É claro que recusámos.] Dissemos-lhe que não. [1903]

⁴⁹⁸ — É verdade, o Teles portou-se bem na ocasião da saída do velho abade. Mas o Vilhegas acudiu logo e arranjou-se colocação não sei em quê. Enfim!... É dos menos maus e a sua ambição não se serve do crime para vencer.]

— «É verdade, o que é o Telles, sabes?

— «Inspector não sei de quê... [1903]

⁴⁹⁹ Em todo o caso] É espantoso!... Em todo o caso [1903]

formosa⁵⁰⁰.

— E o que vendiam?

— Objectos de arte, flores...

— Dás-te muito com ela!

— Dou, afinal é uma boa rapariga que só tem o defeito da vaidade, desculpável um tanto em quem tem de que a ter...

— Não me parece, mas enfim!... Visita-te amiudadas vezes?

— Coitada, aproveita todos os momentos que lhe deixam livres, que não são muitos, para me acompanhar.

— E tu... gostas muito dela?

— Muito, não! Este gostar de alma que se sente compreendida e compreende, não!⁵⁰¹ Mas gosto mais do que de outras a quem dou o nome de amigas. É muito delicada, muito serviçal, muito meiga. Depois, é um encanto vê-la, está cada vez mais formosa. Aqui tens o seu último retrato.

Tirou uma moldura de cristal de sobre um contador⁵⁰² com incrustações de madrepérola e mostrou uma linda fotografia da Cândida, largamente decotada, arrastando uma longa cauda de rainha.

— É lealmente bonita, mas uma formosura fria que me assusta —olveu Bela, entregando o retrato.

— É porque a conheces mal. A mim sucedeu-me o mesmo, sentia até uma espécie de repulsa que nem me deixava ser justa⁵⁰³.

— Enfim... cá estou⁵⁰⁴ para a ver e modificar as minhas opiniões.

— É verdade, ainda não te perguntei nada lá de casa. Josefina como está? Ainda muito queixosa da morte da filha?

— Sempre o mesmo. Estimam-me muitíssimo e eu como que preencho o grande vácuo que a infeliz criança⁵⁰⁵ deixou no coração de todos. Mas a casa está tão cheia dela que eu mesma me desespero com tal morte.

— E não a conheceste! Era encantadora⁵⁰⁶, tudo quanto possas imaginar de mais gracioso e intelectual. A morte dum filho deve ser para enlouquecer!

⁵⁰⁰ era incontestavelmente a mais formosa] era incontestavelmente ella a mais formosa [1903]

⁵⁰¹ !] . [1903]

⁵⁰² contador] contador índio [1903]

⁵⁰³ repulsa que nem me deixava ser justa] repulsão [1903]

⁵⁰⁴ cá estou] eu cá estou [1903]

⁵⁰⁵ infeliz criança] infeliz [1903]

⁵⁰⁶ Era encantadora] Era uma criança encantadora [1903]

— E deve!... Só eu pensar que me pode morrer o meu filho, e mais ainda não vive senão dentro em mim, parece-me que endoideço!...

— Bem, mas não se deve agora falar em coisas tristes, faz-te mal. Teu tio, já o viste?

— Não! Imagina onde estará por este belo tempo dos cães beberem de pé?

— Aonde?

— Em Sintra! Já para lá telegrafámos. Sabes que vive agora no hotel, aborrecido de se ver só em casa, enfastiado de aturar criados. Mobilou três quartos e lá está com o velho Dick.

— Confessou-me o outro dia que está realmente aborrecido de viver só e muito resolvido a fazer-te a vontade indo para a província... Ofereci-lhe a nossa casa, agora desabitada e... já me pareceu mais longe de aceitar esse projecto⁵⁰⁷.

— Quem me dera que assim fosse! Era completamente feliz se os tivesse junto de mim. Vive-se tão bem longe de todas estas mesquinhas existências inferiores!...⁵⁰⁸

— «Lá por mim, se não vou não é por falta de vontade. Agora dizem-me que o clima é mau para mamã... Não creio muito, mas não quero tomar a responsabilidade. Compreendes?!

— Tua mãe é de lá, sempre lá se deu bem!...⁵⁰⁹ Coisas do mundo. E o Duarte como está?

— Creio que bem, ainda hoje o não vi. Ao almoço não apareceu, mandando pedir desculpa por ter de sair cedo.

— Não sabes onde foi?

— Não sei.

— É-te indiferente isso?

— Quase...

— Mas o que o retém tanto por fora?

— Talvez ainda a política, talvez os negócios. Sabes que a sua última mania é o bricabraque?

— Sempre foi um coleccionador inteligente.

— Mas agora é negociante. Tem comprado coisas de um alto valor artístico,

⁵⁰⁷ já me pareceu mais longe de aceitar esse projecto] já me pareceu mais longe d'isso [1903]

⁵⁰⁸ Vive-se tão bem longe de todas estas mesquinhas existências inferiores!...] Se te lá apanhasse ti e a elle, era completamente feliz, vive-se tão bem longe de tudo e de todos!... [1903]

⁵⁰⁹ Tua mãe é de lá, sempre lá se deu bem!...] Pois, na verdade, tua mãe é de lá, sempre lá se deu bem!... [1903]

pequenas maravilhas de arte que nos mostram⁵¹⁰ toda a grandeza e magnificência do nosso país!... É prodigioso o que havia e o que ainda existe por aí!

— Tem tudo cá em casa?

— Pouco. O mais precioso e o indispensável para decorar segundo as suas ideias de artista e de estudioso. Não me interesso como possuidora por essas riquezas que a maré do seu capricho e do seu dinheiro amontoa ou espalha. Dói-me a consciência só de pensar que o melhor tem seu caminho para o estrangeiro — e nós sem um verdadeiro museu de arte em Portugal!... Preferia que o Duarte não negociasse, comprasse só para si. Em todo o caso, antes disso do que a política...

— Estimas que deixasse a política pelo bricabraque, mas aposto que não gostarias que a abandonasse por uma mulher...

A viscondessa sorriu com amarga ironia.

— Por uma... meu marido!?!... Creio que não conhece o singular nesse género.

Bela teve um franzir de lábios — que queria ser um sorriso — e um gesto de imperceptível desânimo, enquanto a amiga continuou:

— Bem sabes que vivemos de modo que não se compreenderiam os ciúmes. Exijolhe apenas a delicadeza de não me tornar ridícula e o dever de não amargurar os últimos dias de minha mãe...⁵¹¹⁻

— Já não o amas, Maria Helena?

— Creio que não, minha filha! Há muito que me esqueci de conjugar o verbo... — concluiu com um riso forçado.

— Não fales assim! Não posso crer que se viva sem amor! Sem que a gente se entregue toda inteira a esse pensamento único e absorvente, que tudo faz esquecer e perdoar, que nos transforma por completo e nos dá num sorriso o esquecimento de todo o passado e a resignação para o futuro.

— Falas como quem ama e é amado. O teu entusiasmo seria capaz de me fazer vibrar em saudade se eu ainda vivesse!

— Oh! Maria Helena, esse estado de alma não é natural!...

⁻⁵¹¹— Mas espera — mudou rapidamente a viscondessa —⁵¹², nós aqui a conversar, a conversar, e afinal, isto devem ser horas de jantar. Olha, já oito! Como o tempo corre quando se está bem; querida Bela, que alegria me deste hoje! Estava num destes

⁵¹⁰ mostram] suggerem [1903]

⁵¹¹⁻⁵¹¹ os últimos dias de minha mãe... Mas espera [1903]

⁵¹² — Mas espera — mudou rapidamente a viscondessa —,] — Mas espera, [1903]

estagnamentos de alma em que alegrias e tristezas passam pelo nosso espírito como gota de água correndo sem o molhar sobre um pano enxuto... Vieste sacudir-me deste torpor, fizeste-me um bem que nem tu sabes!

Ao tempo que se levantava para dar ordem de servirem o jantar, um ruído de vozes fê-la parar na expectativa e a porta, abrindo-se, fez-lhe soltar uma exclamação de alegria ao deparar com o Dr. Ramalho.

— Meu Deus, mas hoje então é o dia das surpresas agradáveis? — dizia cumprimentando. E perguntava à amiga se sabia que o doutor estivesse também em Lisboa.

— Viemos juntos.

— Porque me não disseste?

— Para ser surpresa completa. Espera, parece-me que oiço a voz do João.

— Estou morta por o ver.⁵¹³

João não se fez esperar⁵¹⁴, apareceu à porta, sorridente, já de mão estendida para cumprimentar a prima, que o abraçou numa grande ternura maternal.

— Agora, para a mesa, que já é tarde para estômagos de viajantes — disse encaminhando-se para a casa de jantar.

— E teu marido?

— São oito e um quarto, não apareceu é porque janta fora.

Os dois homens e Bela entreolharam-se e seguiram-na sem mais falar no assunto.

— Amanhã é que teremos de jantar mais cedo — disse, quando já sentados á mesa — para não perdermos nada da Duse. É claro que vão connosco.

— Oh filha, cá por mim e pelo João se não tiveres lugar não te apoquentes. Eu já a vi em Milão, em Paris e em Madrid, conheço-a em todo o seu reportório.

— Mas não fazes sacrifício em vê-la, não?

— Isso não, pelo contrário. É sempre um saboroso prazer ouvir uma grande artista.

— Então iremos juntas.⁵¹⁵

⁵¹³ — Estou morta por o ver.] — «Vamos, que estou morta por o ver. [1903]

⁵¹⁴ João não se fez esperar] Mas João não se fez esperar [1903]

⁵¹⁵ — Então iremos juntas.] — «Então iremos. [1903]

XVII

Quando os viscondes, com João e Bela, entraram na frisa⁵¹⁶, a sala tinha o aspecto buliçoso e alegre das grandes noites de enchente. Já no vestíbulo os homens quase se esmurravam, apesar de aparências de cortesia, junto do cubículo do bengaleiro que não tinha mãos a medir para guardar abafos e bengalas.

Alguns, mais impacientes, não duvidavam empurrar as senhoras que aguardavam os maridos para entrar na sala, com o desplante dos homens⁵¹⁷ quando o egoísmo os mostra tal qual os têm feito séculos de supremacia social e que torna idênticos em todas as classes os processos que usam para se desembaraçarem de importunos.

Toda essa multidão, partindo do vestíbulo, se escoava pelas portas e corredores, apressando-se a ocupar o seu lugar antecipadamente obtido e acariciado como sonho que a fortuna realizara. O pitoresco e o brilho desses espectáculos, muito caros e de pouco interesse para o vulgo, acentuavam-se nas poucas noites em que a Duse se apresentava ao público de Lisboa, ávido de se mostrar à altura da civilização que lá fora consagrara a grande atriz.

Não havia lugares inferiores, as casacas e os *smokings* cruzavam-se⁵¹⁸ nos corredores do terceiro andar como nos do primeiro, e senhoras conhecidas na sociedade, que não tinham podido obter melhores lugares, riam de se encontrarem nas varandas com artistas, principalmente literatos novos, cujas bolsas não lhes abonavam mais cómodo lugar para satisfazer a necessidade intelectual de ouvir e ver genial artista. Para elas era uma festa⁵¹⁹ com sabor a extravagância, essa invasão elegante em todo o teatro.

A cada momento se abriam portas de camarotes, e mulheres vestidas de gala⁵²⁰, refulgentes de pedrarias, vinham encostar ao parapeito carmesim da balaustrada os braços enluvados. O ruído das conversas enchia a casa de um rumorejar de colmeia e os leques agitavam-se como asas palpitantes de falenas nocturnas⁵²¹ que a luz atrai e

⁵¹⁶ entraram na frisa] entraram na sua frisa no D. Amélia [1903]

⁵¹⁷ com o desplante dos homens] com o desplante que geralmente usam os homens [1903]

⁵¹⁸ Não havia lugares inferiores, de cima a baixo todos representavam um preço que não admitia a blusa do operário e o vestidinho domingueiro da costureira ou o coco dos pequenos burgueses, bem indiferentes de resto a acontecimentos artísticos, para os quaes lhes falta a educação esthetica. As casacas pretas cruzavam-se [1903]

⁵¹⁹ Para elas era uma festa], faziam uma festa picante [1903]

⁵²⁰ mulheres vestidas de gala] e mulheres meio-vestidas de gala [1903]

⁵²¹ falenas nocturnas] loucas phalenas nocturnas [1903]

queima. Sentia-se uma atmosfera amornada⁵²² de Primavera, que já floria os primeiros lilases e enverdecia as árvores do passeio sem embargo da chuva que todo esse Inverno se mostrara, com raros intervalos, irritante pela persistência.

Os homens na plateia voltavam as costas ao proscénio, passavam em revista as espectadoras, punham o monóculo e acariciavam o bigode, sorrindo, satisfeitos, do mundo e de suas pessoas. Outros discutiam política, liam os jornais da tarde, ou amodorravam-se nas cadeiras ao lado das esposas.

Como nessa tarde fora a primeira tourada da época, terminada⁵²³ sob uma forte bátega de água, espessa como fumo, que num abrir e fechar de olhos evacuara a praça, contavam-se incidentes picarescos da volta sob a chuva violenta que não admitia chapéus e cegava os que na luta por americanos e carros tinham ficado vencidos, tendo de esperar em qualquer abrigo de porta ou resolver-se a aguentar o peso da água a caminho de suas casas. Discutia se Guerrita, que não estivera nas suas melhores tardes de *sorte*; falava-se na Duse, que alguns já tinham visto lá fora, que outros ardiam por ver, dispostos a acharem extraordinária essa notabilidade que uma fama universal precedia. Messias de uma arte nova, toda feita de verdade flagrante, comovendo com lágrimas e alegrando com risos copiados da sua maneira de sentir a vida. Os seus gritos arrancados à própria dor, os seus gestos usados nas cenas reais em que a superioridade intelectual da artista apreendera e estudara a matéria dominadora.⁵²⁴

Sarah, a sacerdotisa-magna, amada sobre todas, vinha aos lábios dos fanáticos como um desafio à trágica italiana. Os que as conheciam, a ambas, discutiam apaixonadamente, ora dando a supremacia àquela que na sua voz cantada no ritmo da frase, no choro contido a custo, conseguia⁵²⁵ hipnotizar a multidão, vencer o bom senso e requer a verdade, subjugar os profanos e os descrentes até que o seu frágil corpo se estorcesse⁵²⁶ em gritos que arrepanham a alma, que a esfrangalham numa lancinante expectativa atirando-lhes⁵²⁷ aos pés, frenética de aplausos, para se não dar em lágrimas e contorções de histeria.

Outros desdenhavam a francesa, vantajosamente apresentada a um povo que vive

⁵²² amornada] quente [1903]

⁵²³ terminada] que terminara [1903]

⁵²⁴ Os seus gritos arrancados à própria dor, os seus gestos usados nas cenas reais em que a superioridade intelectual da artista apreendera e estudara a matéria dominadora.], gritos arrancados às suas próprias dores, gestos usados nas scenas reaes em que a superioridade intellectual da artista apreende e estuda no corpo da mulher que a matéria despoticamente reivindica. [1903]

⁵²⁵ conseguia] consegue [1903]

⁵²⁶ estorcesse] estorça [1903]

⁵²⁷ atirando-lhes] e lha atiram [1903]

intelectualmente da França, copiadador servil dos seus modelos, e aclamavam como a maior de todas a mulher de verdade que a Duse se mostra, fazendo do palco uma escola de anatomia da alma⁵²⁸.

Na frisa da direita, onde a viscondessa e a amiga se sentavam entre os maridos, discutira-se arte, evocaram-se nomes e situações em que os artistas favoritos se excediam a si próprios, e Bela lembrara Novelli, o seu artista preferido, que mais ainda do que a Duse⁵²⁹ realizava o supremo ideal da arte moderna, a verdade, que é para os nossos espíritos fatigados de sentir e sofrer pela imaginativa o oásis onde nos comprazemos em descansar das orgias poéticas e românticas de há vinte anos.

Mas o visconde não se sentia nessa noite disposto a conversas que exigissem esforço de maior atenção. A meia voz⁵³⁰, numa visível sobreexcitação de nervos que se mascarava em risos, notava figuras, recordava escandalozinhos que andavam na boca de todos, contava casos que faziam sorrir os companheiros, principalmente na descrição dos *raouts* que esse Inverno inaugurara o Maximiano e onde os jornais do *high-life* diziam encontrar-se quanto há de mais selecto na *nossa* melhor roda.

— «A *nossa* é dos jornalistas⁵³¹ — ria com soberano desprezo. — O que os faz enternecer é a abertura do bufete à meia-noite e a possibilidade de um empregozinho disfarçado...

— Temos então o Maximiano singrando com vento de feição no mar largo das grandezas?! Como a conselheira não exultará com a civilização britânica das suas reuniões da moda!... — comentou João.

— Plantio de estaca⁵³², ainda está longe da floração...

— É ridícula esta gente na sua mania imitadora! — disse, séria, a viscondessa. Nem o nosso meio, nem a educação, nem as fortunas comportam essas festas inventadas pela aristocracia de Londres, que em divertimentos como em negócios não pode esbanjar tempo, e que num mesmo dia têm que assistir a muitas reuniões, sob pena de deserção.

— Mas se o nosso feitio é de perpétuos imitadores, que se lhe há-de fazer? Já nos não contentámos em imitar a França, invadimos agora a nossa *pérfida aliada*, que qualquer dia reclama por indemnização e contribuição de guerra qualquer das nossas

⁵²⁸ da alma] em que a sua alma escalpella com a precisão científica de um operador retalhando fibra a fibra o corpo que a doença ou a morte lhes trouxeram à mesa das operações [1903]

⁵²⁹ o seu artista preferido, que mais ainda do que a Duse] o artista que para ella, mais ainda do que a Duse [1903]

⁵³⁰ A meia voz] , e a meia voz [1903]

⁵³¹ A nossa é a dos jornalistas] A *nossa* é a delles, jornalistas [1903]

⁵³² Plantio de estaca] É plantio d'estaca [1903]

possessões... Com perdão de V. Ex.^a, minha querida prima inglesa!...

— Só *meio inglesa*, meu caro visconde, e não tiro disso motivo de orgulho...⁵³³

— Pois nem todos dirão o mesmo. Quantas pessoas desejariam ter uma costelazinha de qualquer país estrangeiro para maior lustre e *chic* dos seus nomes!...

— Não vi ainda a Cândida — reparou a viscondessa. — Não vira?

— Há-de vir, mais tarde, com os ares de soberana que se arroga...

— O camarote está vazio.

— Mais uma razão. Se ela não viesse já o Braga o teria ocupado, para não perder tudo. Embora a dormir tirava o seu rico dinheiro a limpo.⁵³⁴

— Pobre homem! Vocês riem-se dele e afinal é um bom marido, que faz tudo que a mulher deseja.

— Ó prima, essa opinião é a das meninas Costas e Sousas, que se desesperam de o não ter conquistado⁵³⁵ — sorriu João à convicta lamentação da viscondessa.

— Nem com todas teria a mesma docilidade. A Cândida é uma força viva que não convém alienar a quem se arrisca por caminhos de que só a política conhece as encruzilhadas.

Esta, como todas as outras frases do visconde, saíra-lhe cortante de ironia, tão amarga, por intencional, que João e Bela se entreolharam surpresos da revelação. O ciúme escancarava-lhe a alma que o estudo e o hábito da sociedade⁵³⁶ tinham conseguido conter na reserva que a essas ligações exige a hipocrisia social.

Ingenuamente, a viscondessa continuou:

— Não acredito nada do que dizem as más-línguas profissionais.⁵³⁷ Para que fosse verdade o ministro da fazenda estar ao dispor do Braga pelo interesse que a Cândida lhe inspira, seria preciso que ela o animasse nas suas pretensões!...⁵³⁸

— Sei la, mulheres!...

— Nem todas são o mesmo. Apesar de *coquette*, creio bem que a Cândida é honesta.

⁵³³ e não tiro disso motivo de orgulho...] e não tiro disso motivo de orgulho superior ao de ser portuguesa... [1903]

⁵³⁴ Embora a dormir tirava o seu rico dinheiro a limpo.] Não encontrando a quem o passar, o que não seria fácil a estas horas, viria elle mesmo, para tirar o seu rico dinheiro a limpo. [1903]

⁵³⁵ Costas e Sousas, que se desesperam de o não ter conquistado] lá da terra, por isso se desesperam de o não ter conquistado [1903]

⁵³⁶ escancarava-lhe a alma que o estudo e o hábito da sociedade] escancarava aquella alma que o estudo e o hábito [1903]

⁵³⁷ Não acredito nada do que dizem as más-línguas profissionais.] Não acredito nada d'isso que dizem; [1903]

⁵³⁸ que ella o animasse nas suas pretensões!...] que ella o animasse. [1903]

Para cortar a conversa que lhe indispunha os nervos e como que os tornava cúmplices no engano em que a amiga se ridicularizava, Isabela perguntou se não era a baronesa da Amieira que entrara na frisa correspondente à sua. Tomando habilmente a deixa, o visconde desviou a conversa cintilante de espírito, exuberante de risos, que, bem observados, se sentiriam falsos e contrafeitos.

De instante a instante os seus olhos interrogavam, manifestamente impaciente, o camarote fronteiro, fechado até aí⁵³⁹ com uma persistência desesperadora.

Eram quase horas de começar o espectáculo quando a fisionomia se lhe iluminou num júbilo ilimitado ao ver a Cândida aparecer, como que surgindo de entre as rendas da capa de baile, triunfante de beleza, irisante de pedrarias, numa opulência de trajar que atraiu todos os olhares. Da plateia muitos cumprimentos e sorrisos a procuraram como votivo incenso que se eleva do pó até ao trono das divindades, numa oferta de idolatria.

E o visconde de Alvora dizia bem alto a um grupo de amigos, cofiando o bigode e empertigando-se na ponta dos pés: «que jurava aos deuses ser a mulher mais linda que em sua vida conhecera! Isto depois de ter viajado por toda a Europa e ter chegado de Espanha enjoado, positivamente, de ver caras belas! Palavra de honra, meninos!...»

A campainha eléctrica deu o sinal de se levantar o pano, e os homens, excepcionalmente, apressaram-se a ocupar o seu lugar antes de começar o espectáculo, o que fez com que a trágica pudesse logo ser ouvida desde a primeira cena. Desempenhava nessa noite o papel de Magda, a mulher soberba de independência e energia que a traição e a infâmia do homem, em vez de quebrantar em baixeiras de vítimas, faz erguer num protesto de indignação.

A actriz, soberana da Arte, dominando em todos os países onde o capricho de artista a leva, sublime boémia, que o mundo aclama exaltado, faz vivo, arquejante de interesse, esse tipo simbólico da mulher de que a sociedade fez uma revoltada e que uma vez lançada fora do ramerrão comezinho da existência burguesa, impossível se lhe torna a vida entre os seus, cujas ideias a amesquinham e irritam, que ela própria escandaliza com as suas palavras e modos, de pessoa que conhece dos preconceitos sociais o bastante para avaliar a sua hipocrisia.

Quando a Duse (Magda, a grande cantora) entra já fatigada da luta embora coroadada de louros em que o dinheiro lhe não faz minguar, mas sofrendo da miséria afectiva em

⁵³⁹ aí] alli [1903]

que se vê, como filha espúria de um mundo feito de harmonia e amor, e vem recorrer à família, como fonte inesgotável de carinho, apenas encontra estranheza e hostilidade...

É então que a artista se revela extraordinária do sentimento, flagrantíssima de psicologia feminina, mais ainda do que nas cenas violentas de paixão, reconhecendo quanto difere da pequena irmã que na sua ingenuidade lhe mostra o que já fora e nunca mais poderá ser, fatal ciência do mal que uma vez adquirida não mais se pode esquecer nem limpar da memória.

Magda pensa com horror no brutal egoísmo do amante que, fugindo como covarde à responsabilidade do crime, o faz recair esmagadoramente sobre os ombros mais fracos da mulher, que deixa de ser cúmplice para se tornar vítima.

A Duse, encarnada nesse papel, deixa de ser uma pessoa que representa a ficção alheia para mostrar a sua própria alma⁵⁴⁰ elevada e transfigurada pelo próprio esforço e talento. Tão depressa é carinhosa e doce, junto da irmã⁵⁴¹, recebendo-lhe as confidências, revivendo nela o seu passado de pureza e sentindo a devastadora mágoa dos factos irremediáveis; como⁵⁴² irónica e vaidosa da leviandade que escandaliza as burguesas puritanas que frequentam a casa dos pais. Cheia de nobre dignidade quando recusa o marido que lhe impõe o abandono do próprio filho em respeito ao mundo, é extraordinária de paixão quando responde com o seu desprezo de mulher que só o talento, e um feliz acaso da natureza que lhe deu uma garganta privilegiada, salvaram da miséria e da vergonha de que tantas outras, por desajudadas, se não podem mais erguer. Que lhe importa uma sociedade à qual nada deve?!...

Mas não se tem impunemente uma generosa alma de mulher sequiosa de afectos simples, não se é uma ingénua de que a vida fez uma sincera revoltada; o grito de dor e de remorso que lhe arranca a súbita morte do pai é tão humano e desesperadamente sentido que se fica na duvida se é realmente para aplaudir se para retirar respeitosamente, com a comoção própria de quem assiste a um drama de família.

Logo no primeiro acto, que terminou com ruidosa manifestação, chamadas e aplausos delirantes, o visconde saiu com João, mas apareceu pouco depois, já só, no camarote da Cândida, que o Braga prudentemente deixara, protestando urgentes negócios que o chamavam ao jardim de Inverno, a falar com uns amigos.

Retirados para a penumbra do camarote, reconhecia-se, pelo gesticular frenético do

⁵⁴⁰ para mostrar a sua própria alma] para se mostrar ella mesma [1903]

⁵⁴¹ Tão depressa é carinhosa e doce, junto da irmã] Tão depressa é carinhosa e doce, como mãe que encontra um filho perdido, junto da irmã, [1903]

⁵⁴² como] logo, [1903]

visconde, que era de importância a conversa em que ele punha todo o ardor da paixão e em que ela o ouvia sem deixar de sorrir vagamente no seu sorriso incolor de estátua⁵⁴³.

A baronesa da Amieira vira Isabela e perguntara duvidosa a Mr. William, que a cumprimentava na passagem, «se realmente era ela, a querida criança?!»...

À sua afirmação retrucou expansiva que lhe reclamava a companhia até à frisa dos viscondes. «Há quanto tempo não via a Belazinha! E mesmo Maria Helena havia muito se não encontrava senão em casa, e ela ultimamente tinha tido outros deveres nas suas noites.»

À entrada deles na frisa, onde já estavam o João e o Dr. Ramalho, a conversa animou-se com a discussão da tese debatida no drama, que a baronesa achava de grande exagero. «Casada, a Magda seria uma mulher recebida na sociedade, respeitada por todos; mais tarde pensaria no filho...»

Bela contestava com indignação, exaltava-se mesmo e parecia-lhe até impossível que a baronesa, sinceramente desprezadora de preconceitos, ainda tivesse tão injustas ideias, aplaudisse tal hipocrisia.

— O que quer, minha querida?! Embora se sinta que é injusto, é mais cómodo pensar como toda a gente... Para que serve discutir e protestar?!... Se o mundo é o que é e não o que devia ser!

— Mas é dever nosso, dos que pensamos conforme a razão e aspiramos à justiça, protestar, lutar pela futura moral mais de harmonia com a inteligência⁵⁴⁴ — respondeu-lhe João sinceramente.

— Admiro estes seus sobrinhos, Mr. William, são dois verdadeiros apóstolos, cheios de fé e de energia.

— Por isso hão-de triunfar, numa época em que essas duas qualidades falham⁵⁴⁵.

— Também já o conquistaram, já lhe insuflaram no ânimo o fogo sagrado da nova religião?

— Parece... e aconselho-a, baronesa, se tem amor ao actual estado de coisas, a fugir destes terríveis evangelizadores. São perigosos exactamente porque são convictos, o que é raro.

— Crê que se vença porque se tem fé, tio? Eu, não!⁵⁴⁶ Se assim fosse não veríamos triunfando tantos cínicos que abraçam qualquer religião, como qualquer ideia que lhes

⁵⁴³ estátua] imagem [1903]

⁵⁴⁴ pela futura moral mais de harmonia com a inteligência] pelo futuro [1903]

⁵⁴⁵ numa época em que essas duas qualidades falham] verá [1903]

⁵⁴⁶ !] ; [1903]

convenha aos seus fins.

— Esses triunfam, é certo⁵⁴⁷, mas a sua obra desmorona-se rapidamente, como edifício construído sobre lama. Só a obra dos verdadeiros crentes, dos sinceros, é que pode resistir e frutificar. Crês que fosse a ambição, o orgulho e a mentira dos padres que fizeram do cristianismo uma religião? Não, foi a humildade, a sinceridade e fé dos convictos... É por isso que creio no futuro da vossa empresa e aconselho a baronesa a fugir se não quer tornar-se também uma convicta...

— Tomo o seu conselho, meu caro amigo!⁵⁴⁸ Nada, que não quero dar aos meus conhecimentos o espectáculo grotesco de fazer dançar nos meus salões os criados da lavoura nem de medir pela mesma bitola a moral da cozinheira e a da grande dama...

— A baronesa a fingir-se o que não é! Todos sabemos que não há ninguém melhor para os seus inferiores — contraditou Maria Helena.

— Tratá-los bem, trato, mas julgá-los meus iguais, com direitos e deveres como nós, isso, filho, é muito grande inovação para uma velha como eu.

— Mas não é isso o que nós desejamos! Pelo contrário, o que é necessário é marcar cada um o seu lugar, sendo credor do respeito alheio, tão superior no seu ofício como nós no nosso.⁵⁴⁹

— Sim, eu vejo que a razão está do vosso lado. Mas... eu afinal de contas ainda me não dei mal com o mundo como ele está.

— Para que V. Ex.^a tenha essa consoladora filosofia, quantos terão sofrido misérias inconfessáveis, quantos terão amaldiçoado mil vezes a hora em que nasceram!...

— Ora, querida Bela, se fôssemos todos a pensar assim, não estaria aqui ninguém dos que deram o seu dinheiro para ver a Duse.

— Porque não? Se nós viemos e pudemos dar um preço exagerado, porque temos necessidades de espíritos educados e possuímos fortuna para realizar o nosso gosto, justo é que os que menos têm igualmente possam frequentar divertimentos mais baratos e mais em harmonia com os seus gostos e conhecimentos.

— Aí esta em contradição, logo não somos todos iguais, vê?!...

— Jesus, que confusão! Não queremos todos iguais, o que queremos é que todos

⁵⁴⁷ Esses triunfam, é certo] Esses não têm fé em coisa nenhuma. Triumpham, é certo [1903]

⁵⁴⁸ Tomo o seu conselho, meu caro amigo!] Pois vou-me já, tomo o seu conselho, meu caro [1903]

⁵⁴⁹ — Mas não é isso o que nós desejamos! Pelo contrário, o que é necessário é marcar cada um o seu lugar, sendo credor do respeito alheio, tão superior no seu ofício como nós no nosso.] — Mas não é isso, cada um no seu lugar, mas credor do nosso respeito, tão superior no seu ofício como nós no nosso. [1903]

tenham possibilidade de ser felizes⁵⁵⁰, o que é diferente! Queria a minha amiga que eu, porque detesto os bailes, os passeios, os divertimentos em que há muita gente, obrigasse os outros, que só assim se divertem, a tornarem-se anacoretas? Imagina que não há muita gente, muitíssima mesmo, que preferisse a uma récita⁵⁵¹ da Duse uma corrida de toiros?!... Até aqui, entre muitos que vieram por luxo, porque é moda vir ao teatro por maior preço quando vem uma celebridade estrangeira...

— E há-de ser cara, porque se for pelos preços da casa já não tem o mesmo merecimento. Quando penso no Novelli a representar para as cadeiras, neste mesmo teatro⁵⁵² — disse a viscondessa.

— É verdade, até nós viemos cá sempre para protestar, lembras-te?⁵⁵³ — respondeu Bela.

— Protesto compensado pelo prazer de ver representar como poucas vezes se pode ver!⁵⁵⁴

— Mas tudo isso não me chega a convencer de que seja o vosso o mais cómodo caminho.

— Que seja o mais cómodo não dizemos, mas sim que é o melhor.⁵⁵⁵

— O que importa o bem dos outros, no fim de contas? Gente que está habituada a sofrer não lhe custa tanto... Melhor é contentar-se cada um com a sorte que tem.

— Quando a má for para os outros...

— Claro!⁵⁵⁶ — Ria desabusadamente. — Vejam a Cândida⁵⁵⁷ se precisa pensar no trabalho ou na ignorância dos pobres, na felicidade ou na infelicidade do próximo, para ser hoje a mulher mais linda de Lisboa. Não digo uma *professional beauty* porque a frase é importante de mais para a nossa modéstia e mesmo porque não tenho a mania de M.^{me} Vilhegas.

— Ó baronesa, mas de que serve ser-se unicamente formosa... Há uma superioridade transitória.⁵⁵⁸

⁵⁵⁰ o que queremos é que todos tenham possibilidade de ser felizes] queremos todos felizes [1903]

⁵⁵¹ uma récita] um recital [1903]

⁵⁵² neste mesmo teatro] aqui mesmo, pelo centenário da Índia! [1903]

⁵⁵³ para protestas, lembras-te?] para protestar [1903]

⁵⁵⁴ — Protesto compensado pelo prazer de ver representar como poucas vezes se pode ver!] — «Além do prazer de ver representar como poucas vezes na vida se pode ver! [1903]

⁵⁵⁵ — Que seja o mais cómodo não dizemos, mas sim que é o melhor.] — «Isso não é, mas o melhor. [1903]

⁵⁵⁶ !] . [1903]

⁵⁵⁷ Vejam a Cândida] Vejam alli a Cândida [1903]

⁵⁵⁸ unicamente formosa... Há uma superioridade transitória.] bello sem mais nada? [1903]

— Ora de que serve, Mr. William, agrada aos outros!⁵⁵⁹ Repare⁵⁶⁰, veja se no meio de tanta cara vulgar, de tanto rostozinho miúdo de cloróticas caiadas, não é um prazer para os olhos deparar com aquele tipo de perfeita beleza clássica!...⁵⁶¹ — repostou com leviandade.

— «É uma opinião de artista. Mas é tão frágil o reinado da beleza material — disse por fim o Ramalho, que até aí se tinha conservado silencioso.

— É certo, mas enquanto dura a beleza é uma superioridade como outra qualquer⁵⁶² — respondeu a viscondessa, mas de modo tão singelo, que todos se entreolharam na dúvida, se seria uma iludida ou uma cínica.

Só Isabela, que a conhecia bem, poderia afirmar a sua completa ignorância de um facto que para ninguém já era mistério. Ciúmes, dor pungente de coração ofendido, sabia que os não teria, porque o amor pelo marido lhe desaparecera há muito com o desprezo que lhe inspirara a leviandade do seu carácter, mas esperava, como até aí tinha tido⁵⁶³, respeito bastante para a não inferiorizarem convivências equívocas, para a não obrigar hipocritamente a ter relações que deprimiam a sua dignidade de mulher honesta.

Por isso Isabela, sentindo todo o amargor da situação, sofria pela amiga tão intimamente que o resto do espectáculo o passou desatendida. A sua alma⁵⁶⁴ finamente temperada se enlevava sempre na compreensão de todas as grandes manifestações de arte, e alheada de si mesma⁵⁶⁵ já seguira uma vez, como em êxtase, o desenrolar desse mesmo drama, só grande pelos intérpretes, quando o papel da mulher se subalternizava e quase desaparecia, vendo Novelli, no papel do intransigente e rígido coronel, toma a toda a cena, encher de assombro todos os espíritos, com a verdade trágica da sua dor e da sua morte, sentia-se alheada na perturbação do drama real que passava a seu lado⁵⁶⁶.

Desatendida também passou o intervalo do segundo acto, que lhes trouxe à frisa inúmeros conhecidos, fatigada de cumprimentos e conversas a que não ligava sentido, com os olhos a fugirem-lhe para a Cândida, que avultava em proporções quase trágicas, nova Lady Macbeth maculada pela mentira e pela traição, laivada pelo sangue das suas

⁵⁵⁹ !] . [1903]

⁵⁶⁰ Repare] Repare n'ella [1903]

⁵⁶¹ beleza clássica] beleza [1903]

⁵⁶² é uma superioridade como outra qualquer] é um merecimento como outro qualquer. Uma superioridade como a do talento ou a da bondade. [1903]

⁵⁶³ mas esperava, como até aí tinha tido] mas esperava d'elle [1903]

⁵⁶⁴ o resto do espectáculo o passou desatendida. A sua alma] o resto do espectáculo o passou desatendida, apesar do interesse que a artista lhe despertava, a ella cuja alma [1903]

⁵⁶⁵ e alheada de si mesma] a ella que alheada de si mesma [1903]

⁵⁶⁶ da sua morte, sentia-se alheada na perturbação do drama real que passava a seu lado.] da sua morte. [1903]

vítimas, aquelas que mais acariciadoras achegava ao coração...⁵⁶⁷

Quando entrou finalmente no quarto do Aliança teve a sensação de alívio que sente o dormente acordado do pesadelo esmagador.

— Estou cansada — dizia desapertando o vestido e cobrindo os ombros com uma capa para chegar à varanda, onde João fumava um resto de cigarro —, estou fatigada de arte, de luzes, de barulho, de gente. Sobretudo de gente!...⁵⁶⁸

— Ou isto ou o sossego da nossa casa! — respondeu João, passando-lhe o braço pela cinta, fatigado também de impressões, aborrecido de mentiras e convencionalismos.

— Que longe já estamos dessa miséria — acrescentou⁵⁶⁹ reclinando a cabeça no ombro do marido. — Parece que vivemos em outro mundo...⁵⁷⁰

— Num mundo que tu criaste, no reino da felicidade pelo amor e pelo bem, querida.

— Tenho tantas saudades da nossa casa, que me parece que saímos⁵⁷¹ há muito de lá. E tu?

— Também eu, muitas, da nossa casa, da nossa família, das nossas flores, de todas as coisas que lá nos interessam... E, sobretudo, da alegria e do descanso que têm os nossos espíritos, crentes na obra redentora que encetámos e da qual chego a duvidar cá por fora ouvindo o riso escarninho de todos estes egoístas epicurianos, ou sinceramente desiludidos, como a Maria Helena...

— Dessa é que tenho pena... quem me dera podê-la levar para a nossa *república* de bons! O que terá feito o nosso velhinho agora assoberbado com todo o trabalho?

— Coitado! O que terá andado do hospital para o asilo, do asilo para as obras!... Que fortuna foi obrigarem-no a sair da igreja! É assim muito mais útil à sociedade.

— Não há nada para certos caracteres se depurarem e redobram de energia como as injustas perseguições. Outros desanimam na luta e ficam com a vontade quebrada, como a pobre Maria Helena.

— Eu acho-a na mesma, filha!⁵⁷²

— Não acho eu, que a conheço bem de dentro!⁵⁷³ Desespera-me aquela indiferença resignada que até lhe fecha os olhos para o procedimento do marido com a Cândida.

⁵⁶⁷ ...] . [1903]

⁵⁶⁸ !...] . [1903]

⁵⁶⁹ acrescentou] acrescentou ella [1903]

⁵⁷⁰ ...] . [1903]

⁵⁷¹ Tenho tantas saudades da nossa casa, que me parece que saímos] Tenho já tantas saudades da nossa casa, que parece que sahi [1903]

⁵⁷² !] . [1903]

⁵⁷³ Não acho eu, que a conheço bem de dentro!] Não acho eu, [1903]

— Que é infamíssima, como sempre. Quanto mais a conheço mais se confirma para mim a opinião que formou dela a Engrácia. Na sua ingenuidade de ignorante viu melhor do que nós todos. Quando lhe vejo o impudor, afigura-se-me que a Pilar a aponta ao meu ódio.

— Ódio, não!⁵⁷⁴ Ao teu desprezo, João.

— Tivesse eu a *certeza*, querida, que não sei só teria coragem de só *desprezar*. Quanto daria por essa certeza, quanto!

— Não devias dar nada. A responsabilidade dos criminosos é limitada, ninguém tem o direito da vingança e tão-somente o da defesa⁵⁷⁵.

— Oh, minha querida, isso não é bom teoricamente, mas criminosos como a Cândida, embora irresponsáveis, são um perigo social.

— Mais do que ela são criminosos os Vilhegas ambiciosos e os viscondes no seu papel de corruptores hipócritas⁵⁷⁶. E mais do que eles todos é criminosa a sociedade que os acolhe e os cobre com a sua cumplicidade, que faz deles ornamento respeitável da sua vida.

— Tens razão!⁵⁷⁷ Mas a morte da Pilar foi um repêlo do destino, tão brutal, tão cruel, que ainda me faz ter ideias de vinganças, se penso que houve culpados!... A sangue-frio concordo, a sua morte não será vingada porque a vida se encarregará disso e nem ela mesma o desejaria⁵⁷⁸. De que serve esmagar uma víbora num campo juncado delas? Exemplos nunca emendaram ninguém nem eu creio no arrependimento, sublime ilusão de Cristo. Cada um é filho do seu meio e da sua ascendência, produto híbrido que só a educação e a remodelação da sociedade poderia orientar para o bem.

— Jesus! Lá vai o meu João ao extremo!... — respondeu Bela rindo mansamente à sua exaltação e afagando-o carinhosa. — Não vale desanimar, talvez de produtos pouco contaminados desta floração pantanosa ainda alguma coisa se possa retirar para o novo campo saneado e moralizado. Continuemos nós a trabalhar, é o nosso dever e cada um cumprindo o seu já faz muito.⁵⁷⁹

— Tudo isso para eu confessar que foi um acto de boa política aceitar

⁵⁷⁴ !] ; [1903]

⁵⁷⁵ é limitada, ninguém tem o direito da vingança e tão-somente o da defesa] é tão limitada, que ninguém tem o direito da vingança [1903]

⁵⁷⁶ de corruptores hipócritas] de fina hipocrisia [1903]

⁵⁷⁷ !] , [1903]

⁵⁷⁸ porque a vida se encarregará disso e nem ela mesma o desejaria] porque ella mesma o não desejaria; [1903]

⁵⁷⁹ saneado e moralizado. Continuemos nós a trabalhar, é o nosso dever e cada um cumprindo o seu já faz muito.] saneado e moralizado [1903]

bondosamente a colaboração da pequena Costa e das Sebastianas, não é verdade?!...

— Coitadas!⁵⁸⁰ Essas não fazem muito mal ao mundo. Mas o que me interessa sobretudo é a pobre Maria Helena. O que dirá⁵⁸¹ em sabendo das relações do marido com a Cândida?

— O que há-de dizer? A situação na sociedade em que vivem está tão vulgarizada que não lhe dará a mínima importância.

— Não creio! É vulgar sim, tanto que nem chega a ser escândalo, mas é estúpido para uma mulher honesta que tem invencível repugnância pela mentira reconhecer que tem vivido rodeada delas. Pobre Maria Helena! Quando a vejo tão desgraçada, não sendo feliz nem fazendo feliz o marido, podendo-o ser tanto com quem a ama e... ia jurá-lo!⁵⁸² Ela ama também!

— Que ideia!... Tu julgas que a Maria Helena seria capaz de atrair o marido?!

— Sossega o teu sangue moiro... — riu francamente Bela — atrair não, mas se houvesse o divórcio tudo se liquidava bem.⁵⁸³

— É um triste remédio.

— Mas sempre era remédio, e assim é a condenação irremediável das mulheres honestas.

⁵⁸⁴— E pensas que a Maria Helena gosta de alguém?

— Não penso, tenho a certeza que o Dr. Ramalho só a ela vê no mundo e que ela tem por ele uma simpatia...

— Não!... Já não são novos!...

— João, querido!... A tua mocidade é injusta!

— E a tua, meu amor velhinho?!... — E ria docemente numa infinita ternura.

— Nós, as almas femininas, somos mais compreensivas... mais velhas!

Calaram-se ambos olhando o céu cintilante de estrelas, que um vento fresco limpava de nuvens. Pelo Chiado passavam apressados os retardatários que tinham ido cear aos restaurantes. Raros garotos apregoavam ainda os jornais da noite húmidos de tinta e

⁵⁸⁰ !], [1903]

⁵⁸¹ O que dirá] O que dirá ella [1903]

⁵⁸² !], [1903]

⁵⁸³ — Que ideia!... Tu julgas que a Maria Helena seria capaz de atrair o marido?!

— Sossega o teu sangue moiro... — riu francamente Bela — atrair não, mas se houvesse o divórcio tudo se liquidava bem.]

— «O dr. Ramalho?

— «Sim. Se houvesse divórcio tudo se liquidava bem. [1903]

⁵⁸⁴ [Esta fala e as seguintes, até à que começa por «— Nós, as almas femininas», foram acrescentadas na edição de 1934.]

cheirando fortemente a papel impresso; um cauteleiro gritava numa melopeia triste: «é o 3499⁵⁸⁵, amanhã anda à roda! Quem se habilita?... É o 3499. Quem quer ser rico sem trabalhar tem o 3499, três mil... quatrocentos... e noventa e nove...», repetia na cantilena que todo o dia tinha gritado pela cidade, que arrastava pela noite fora como um pungir de saudade e de vaga esperança...

— Toda a psicologia⁵⁸⁶ dolorosa de um povo, vivendo de aventuras e de milagres, está no pregão daquele cauteleiro⁵⁸⁷, inconsciente do bem e do mal, cego como o destino que deu a sorte grande um dia a este povo corajoso e submisso para, após longos anos de baldões, séculos de áureas misérias, chegar à suprema inconsciência de hoje — comentou João, como quem resume o vago sentir inconsciente das coisas.⁵⁸⁸

Quem quer ser rico sem trabalhar?...⁵⁸⁹ Isto é, quem quer viver para gozar de lodos os luxos e comodidades, sem comprar com o seu labor o direito de possuí-las? Trabalhar, para quê?!⁵⁹⁰ Se foi a *sorte* que nos guiou à conquista do mundo; se é a *sorte*, a cega roda da fortuna que girando sobre si mesma nos pode dar a fruição dos gozos sem o cansaço do trabalho? Se é a sorte, o arbítrio, o empenho, que eleva os nulos aos primeiros lugares, e se é na esperança de ela ser favorável uma vez, que todos, desde o operário que arranca à sua miséria os vinténs para a cautela até aos ricos que põem nas despesas obrigatórias um bilhete da loteria grande, têm a vaga esperança de um dia a sorte lhes ser favorável!... A fatalidade, a *sorte*, o destino, o fado são palavras⁵⁹¹ de desânimo e resignação passiva, palavras que trazem impressas em si mesmas a porção de sangue mozárabe que por cá ficou...

A pouco e pouco toda a vida da cidade parou, suspensa por um pouco, enquanto não começavam os varredores o seu trabalho a preparar a vida do dia seguinte⁵⁹².

As estrelas punham tremores nervosos na impassibilidade do céu, uma aragem leve lembrava que a Primavera ainda de todo não escorraçara o Inverno... João e Bela sentiam-se tranquilizar, como que adormentados de espírito, longe do mundo que os irritava, muito alto sobre a cidade adormecida, muito unidos pelo pensamento e pelo

⁵⁸⁵ [Foram eliminados os dois pontos entre o três e o quatro, de acordo com a norma actual.]

⁵⁸⁶ — Toda a psicologia] Toda a psicologia [1903]

⁵⁸⁷ está no pregão daquele cauteleiro] ali estava no pregão do cauteleiro [1903]

⁵⁸⁸ inconsciência de hoje — comentou João, como quem resume o vago sentir inconsciente das coisas.] inconsciência de hoje. [1903]

⁵⁸⁹ Quem quer ser rico sem trabalhar?...] — «Quem quer ser rico sem trabalhar? [1903]

⁵⁹⁰ [Fecho de parágrafo na edição de 1934.]

⁵⁹¹ o destino, o fado são palavras] o destino, são palavras [1903]

⁵⁹² a preparar a vida do dia seguinte] de forçados [1903]

sentir, a caminho duma perfeita harmonia futura⁵⁹³.

⁵⁹³ sobre a cidade adormecida, muito unidos pelo pensamento e pelo sentir, a caminho duma perfeita harmonia futura] sobre a cidade adormecida. [1903]

XVIII

Querida Isabela

Como se passaram quinze dias desde que me deixaste, não sei!... Sei apenas que te escrevo hoje num destes momentos de profundo quietismo que a vida nos traz após as maiores desgraças. Desgraças?!... Que eu não posso bem chamar assim ao facto sucedido hoje, com a mais *elegante* simplicidade, e que, ao receberes esta, já não será novidade para vocês porque todos os jornais falam nele — a fuga da Cândida e do Duarte.

Qual o motivo que os levou a este escândalo, não sei; posso apenas dizer-te que ainda ontem estivemos em S. Carlos, que ela me beijou afectuosamente à despedida e que o Duarte me acompanhou a casa. Depois... partiram no expresso para Paris, ao que dizem!...⁵⁹⁴

Sinto-me enojada de tanta baixeza de carácter e de tanta hipocrisia! Enojada, e vexada também, um pouco, pelo papel ridículo que me obrigaram a desempenhar em toda essa vergonhosa comédia⁵⁹⁵. Nunca o Duarte tinha descido a impor-me as suas amantes para amigas íntimas — faltava-me essa vulgar consagração mundana!... É de morrer a rir, e a chorar.

Agora compreendo tudo: os sorrisos que acolhiam os meus elogios à Cândida, as frases com dois sentidos da baronesa, as palavras trocadas a meia voz, até a tua má vontade para ela e a raiva do João; o vosso aborrecimento súbito e que tão poucos dias os conservou aqui, tudo eu compreendo e tudo eu vejo... um pouco tarde⁵⁹⁶.

Sabes⁵⁹⁷ melhor do que ninguém o que tem sido a minha vida; conheces-me, pois tens a minha alma, palpitante de sofrimento, agasalhada no teu coração de verdadeira e única amiga. É portanto escusado vir com rodeios. Demais isto é um facto consumado, uma coisa indiscutível: — meu marido fugiu para França com *uma das minhas amigas íntimas!*⁵⁹⁸ Eis a singela e fatal verdade.

E eu não encontro, Isabela, no fundo da minha alma, nada, absolutamente nada, que me faça sofrer deste abandono. Orgulho, parece que já o não tenho! Ofensa da mulher,

⁵⁹⁴ !...] . [1903]

⁵⁹⁵ intriga] comédia [1903]

⁵⁹⁶ e tudo eu vejo... um pouco tarde] e tudo eu vejo agora!... [1903]

⁵⁹⁷ Sabes] Tu sabes [1903]

⁵⁹⁸ !] . [1903]

que veio a minha casa, que me beijou, que era a primeira a dizer mal dele — quando eu nada me importava de procurar saber a sua vida íntima — confesso-te, querida, que não chego a recebê-la. Desprezo-a e lamento-a; desculpá-la-ia talvez, se fosse sincera no seu afecto; mas não é, não! Uma *coquette* vulgar que vai seguindo o seu capricho ou — o que é pior — a sua ambição. Não me ofendeu, porque eu vivo como estranha nesta sociedade convencional. Conheço demasiadamente *este mundo* para que me prenda nas suas redes de hipocrisias. Vim do conchego dulcíssimo da minha família patriarcal para este meio desmanchado e fútil, que só me deu amarguras em paga do que lhe trouxe — o meu coração virginal, a minha alma ingenuamente entusiasta, a minha mocidade ingénua!...⁵⁹⁹

Ninguém sentira como eu a vida assim vazia, assim desconsolada, assim inútil! Viver não é nenhum bem para mim, a morte também nada me diz... Que posso encontrar na cova? — A eterna paz do não ser, o sono do esquecimento dos outros e de mim mesma... — Isso encontrei na vida. Nada me interessa, senão aparentemente, e a ninguém interesse senão a ti, oh minha doce amiga, e à pobre velhinha que é minha mãe! Olha, o que eu não tenho podido sofrer com este escândalo, em que o meu nome será murmurado entre sorrisos escarninhos e lamentos falsos, como falso é tudo isto, tem ela sofrido, a desgraçadinha! Adoeceu de mágoa e de surpreendida, porque não sabia as relações em que eu estava com o Duarte. Tu só, querida Bela, foste a minha confidente das horas amarguradas de luta e revolta, tu só presenciaste e ungieste com o bálsamo consolador da amizade as feridas sangrentas do meu coração; por isso, minha filha, só a ti sei confiar a minha alma em farrapos. Se eu podia ter dito à minha pobre mãe o inferno de sofrimentos em que vivi?!... Para sofrer⁶⁰⁰ mais ainda: — que o coração das mães sofre duplamente as amarguras dos filhos!

Foi o que me afligiu no escândalo de hoje. Se o Duarte não fosse um vaidoso, que não acreditava no meu desprendimento dele, podia ter-me confessado que queria deixar-me para ir com a minha *amiga*, e eu, crê, ter-lhe-ia dito:⁶⁰¹

«Vai! Que me importa isso? Com essa ou com outra é-me indiferente, mas despede-te de minha mãe, da pobre senhora tão velhinha e doente que morrerá dum primeiro

⁵⁹⁹ !...] . [1903]

⁶⁰⁰ Para sofrer] Para ella soffrer [1903]

⁶⁰¹ Foi o que me afligiu no escândalo de hoje. Se o Duarte não fosse um vaidoso, que não acreditava no meu desprendimento dele, podia ter-me confessado que queria deixar-me para ir com a minha *amiga*, e eu, crê, ter-lhe-ia dito:] Foi isto unicamente o que hoje me afligiu. Se elle me tivesse dito que me queria deixar para ir com a minha *amiga* eu, crê, ter-lhe-ia dito: [1903]

desgosto. Tem dó dela que é também teu sangue,⁶⁰² ajuda-me na mentira santa em que a tenho deixado viver sossegada.»

Oh! Se ele tivesse feito isto, de joelhos lhe beijaria as mãos, agradecida o cobriria de bênçãos. Mas não, nenhuma delicadeza, nenhuma bondade naquela alma egoísta!⁶⁰³

Avalia o que eu sofri com a cena que hoje se passou!

À hora do almoço o Duarte não apareceu, mas isso era tão vulgar que eu nem perguntei por ele ao criado respondendo à minha mãe: «Teve que fazer e saiu mais cedo, naturalmente...» Mas o Bernardo adiantando-se: «Se V. Ex.^a me dá licença direi que o senhor visconde mandou o José arranjar as malas e encarregou-me de dizer a V.^{as} Ex.^{as} que partia para o estrangeiro.»

Imaginas bem como eu fiquei pelo sobressalto em que vi a minha mãe! Ante o meu olhar de censura o pobre Bernardo, coitado!, daria tudo por não ter dito tal coisa, mas era muito tarde! Tentei ainda convencê-la de que sabia daquela viagem, que tinha sido combinada comigo, mas quê?! Os jornais deram logo a notícia tão transparentemente velada que tudo foi inútil. Coitadinha! Se a ouvisses dizer-me:

«Eras então infeliz e nada dizias, filhinha?!...»

Foi uma censura e um agradecimento, porque compreendeu⁶⁰⁴ a minha delicada intenção. Não pude mais! — As lágrimas que há tantos anos lhe escondia vieram todas juntas cair-lhe no coração de mãe amantíssima.

O que foram esses momentos não tentarei descrever-te. Sente-os tu com o teu coração de mulher — que o sentimento tão amavelmente maternisa. Depois disto, compus a fisionomia o melhor possível para aparecer⁶⁰⁵ *com dignidade* às *amigas* pressurosas que vieram, sob variados e engenhosos pretextos, buscar assumpto para entreter a sociedade... Estive quase tentada a dizer que não recebia, que me deixassem para sempre; mas a mamã aconselhou, pediu-me quase, para que respeitasse as conveniências. *Oh, as conveniências!*... Como as desprezo e me importam pouco, e como tenho sido escrava delas!

Consegui⁶⁰⁶ fazer recolher à cama a minha adorada mãezinha, que o seu organismo abalado por tantos desgostos e doenças já não podia mais. Achei-lhe febre e mandei chamar o médico. Saiu agora mesmo depois de lhe dar um calmante, que a adormeceu

⁶⁰² que é também teu sangue] — ao menos tem esse sentimento bom — [1903]

⁶⁰³ !] . [1903]

⁶⁰⁴ porque compreendeu] que ella bem percebeu [1903]

⁶⁰⁵ compus a fisionomia o melhor possível para aparecer] compôz a phisionomia para apparecer

⁶⁰⁶ Consegui] Logo à noite consegui [1903]

no mais infantil dos sonos. Que delícia dormir assim! Como o seu pobre rosto serenado sorri santamente! E hei-de vê-la acordar, amanhã, para sofrer!... Oh Isabela, Isabela, que não sei o que deseje!...

A minha pobre cabeça perde-se de todo neste inferno de dúvidas e sobressaltos. E como não posso dormir, venho repartir contigo as minhas lágrimas, que a tua amizade tomaria como indigno egoísmo se as guardasse todas para mim, não é verdade? No silêncio da casa adormecida sinto-me mais só, mais abandonada que nunca, e por isso encontro ainda algum consolo em conversar com o único espírito meu irmão. Recordo com infinita ternura as horas de paz que a tua amizade me tem dado. Lembras-te da primeira vez que nos encontrámos? Parece que te estou a ver: muito fina, duma elegância um pouco infantil, um sorriso de bondade divina na tua boca graciosa. Convalescias duma perigosa doença e eu arrastava os desesperos da minha felicidade *manquée*. Só uma doente de corpo e uma doente da alma iriam procurar a solidão religiosa da natureza, por aquele princípio de Primavera, no Bussaco, quase Inverno ainda! Talhadas uma para a outra, as nossas almas reconheceram-se logo. Os mesmos passeios, as mesmas predilecções pelos largos horizontes, os mesmos embevecimentos panteístas diante da natureza. Já nos tínhamos encontrado tanta vez na Cruz Alta, procurando o mar no poente longínquo e querendo vê-lo na rósea claridade do céu... no Calvário, na Memória, recordando tempos passados, admirando a gravidade pachorrenta da sentinela, divagando pelas ruas cheias de sombra por todo esse cantinho paradisíaco, mais belo ainda na solidão de tebaida em que o encontrávamos. A nossa conversa primeira tida ali na Fonte Fria, ao compasso da água murmurante, sob a copa das árvores seculares, foi íntima e confiada como se nos conhecêssemos desde o berço. Sob a reserva das minhas maneiras, que fundo de ingenuidade encontraste! Na infantilidade dos teus risos, que bom senso e conhecimento da vida tu já tinhas! Bem se podia prever a equilibrada e corajosa mulherzinha que soube fazer da sua casa um verdadeiro refúgio de almas, que da fortuna que tão felizmente lhe caiu nas mãos fez uma salutar obra de progresso, de combate pela justiça!

Querida, querida Isabela, recordar as lágrimas que me viste chorar durante aquela consoladora convivência de meses é quase um prazer. Então, ainda eu sofria, então, ainda eu vivia⁶⁰⁷. Hoje... é isto que vês.

Lembro-me agora, com uma nitidez desesperante, das tuas palavras sensatas quando

⁶⁰⁷ ainda vivia] ainda eu vivia [1903]

se faltava em me divorciar⁶⁰⁸: «Para quê?... Em Portugal não há divórcio; apenas temos o desquite, que é a prisão maior para as mulheres. Não vale a pena ir contra a opinião geral que condena a mulher separada do marido, para tão pequeno resultado.»

Como a opinião dos indiferentes me importava pouco, lembravas-me então a minha família, a minha mãe. A minha mãe!... Por ela consenti em ficar amarrada de pés e mãos a esta situação quase infame para mim. E queres saber? Nesse tempo ainda ela poderia suportar o golpe, agora... não sei o que se dará. Tremo pela sua vida tão abalada!

Não me queixo de ti, minha jóia, podias porventura imaginar que seria *ele* o primeiro a despedaçar escandalosamente as cadeias, que só foram pesadas para mim?

Que estúpido destino o meu! Aos dezassete anos, cheia de entusiasmos e de infantis curiosidades, deixo-me convencer que era o amor⁶⁰⁹ o que sentia por meu primo. Amor igual ao que ele me confessava em frases, que eu então imaginava só ditas para mim, santas como o seu afecto exclusivo!...⁶¹⁰

Um belo casamento o nosso: — fortunas iguais, famílias iguais, paixão, alegrias, festas, nada faltou!...

Mas que profunda diferença entre esse rapaz vaidoso, fútil, sempre morto por se divertir, com um fundo de egoísmo e de hipocrisia atroz, e a rapariga cheia de sonhos, amante e infantilmente crédula que eu então era! E tudo lhe perdoava, tudo nele me parecia tolerável, porque o amava e o julguei sincero. Enganou-me como se pode enganar uma criança de seis anos, até que o acaso se encarregou de me abrir os olhos à verdade brutalíssima da vida. Em tantos anos de casada não houve um só dia em que eu desconfiasse da lealdade do seu carácter, e não houve um só dia em que ele me não enganasse vergonhosamente. Ao compreender a miséria da minha vida estava mulher para o sofrimento e para as revoltas íntimas. Outra mais passiva ter-se-ia resignado⁶¹¹, algumas fariam o mesmo que ele, outras ainda encontrariam nas vaidades mundanas a filosofia cínica a que usam chamar *savoir vivre*. Eu era uma selvagem, não me resignei, e fugi como um animal ferido para a solidão magnífica da natureza, resolvida a tudo acabar pela separação. Encontrei a tua amizade santa e ela me obrigou a compreender a vida e a resignar-me na aparência. Os teus poucos anos de rapariga educada no mundo e

⁶⁰⁸ em divórcio] em me divorciar [1903]

⁶⁰⁹ que era o amor] que era amor [1903]

⁶¹⁰ como o seu afecto exclusivo!...] como o seu affecto. [1903]

⁶¹¹ Ao compreender a miséria da minha vida estava mulher para o sofrimento e para as revoltas íntimas. Outra mais passiva ter-se-ia resignado] Depois de saber isto estava mulher, uma passiva ter-se-hia resignado [1903]

para viver no mundo souberam aconselhar a mulher que apenas tinha vivido pela alma. Disseste-me que fingisse — fingi! Que ninguém devia ver as minhas lágrimas — e ninguém as viu senão tu!

⁶¹²Mas que frieza tumular foi a nossa vida desde então! O capricho que lhe inspirei esvaíra-se como fumo, naquela alma inconstante. O sincero afecto que eu lhe dedicara tinha morrido sem que eu soubesse como. O que então mais sofria em mim era o que já não tenho hoje, o orgulho, a vaidade de mulher nova e bonita!⁶¹³

Que inútil vida de isolamento a minha!⁶¹⁴ Se eu tivesse um filho — a suprema aspiração da minha alma — então teria ainda esperança de ser feliz, assim!... Mas se o tivesse, que dor eu teria vendo-o desprezar o pai⁶¹⁵, porque o desprezaria decerto, e nada se pareceria com ele.

Desgraçado!⁶¹⁶ Não lhe tenho nenhum ódio. Ódio só tenho à sociedade que me liga eternamente a um homem que me despreza e a quem igualmente desprezo. Só isso me faz ainda vibrar os nervos numa revolta! Hás-de perguntar para que queria eu a liberdade dada pela lei, visto que já nada espero do mundo?...

Não sei. Era livre, ao menos; não tinha o meu nome ligado ao dele — já era alguma coisa!

Olha, Isabela, quando criança sonhei uma vez que ia por uma estrada cheia de sol e poeira. Caminhava, caminhava num desconsolo de cansaço e solidão. Muita gente passava por mim e corria para a frente empurrando-me e deixando-me cada vez mais desconsolada. Os campos em volta eram duma aridez desolante, nem um pedaço de paisagem verde, nem uma sombra onde pudesse descansar os olhos mortificados. No fim de tanto andar, que os pés em sangue já se recusavam a continuar a marcha, encontrei a sombra raquítica duma árvore, caí extenuada e ali fiquei sem pensar em mais nada. Das pessoas que tinha visto, muitas voltavam abatidas e tristes, outras corriam ainda para a frente, lindas de esperança e alegria...

Vendo-me tão abandonada, os conhecidos chamavam-me, os outros olhavam-me lamentosos, e eu, indiferente a uns e a outros, não me levantava, cansada para sempre desse caminho árido. Levantar-me, para que?

Atrás sabia eu que nada havia bom, para a frente não tinha coragem de procurar

⁶¹² [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

⁶¹³ !] . [1903]

⁶¹⁴ Que inútil vida de isolamento a minha!] Que vida a minha! [1903]

⁶¹⁵ teria vendo-o desprezar o pai] sentiria vendo-o desprezar seu pae [1903]

⁶¹⁶ Decerto!] Decerto, [1903] [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

saber.

A minha vida é isto, Bela: fecho os olhos e deixo-me adormecer na desgraça — que me falta a coragem para procurar existência melhor!...

⁶¹⁷Não sei se compreenderás esta carta, que não tenho coragem de reler. Vai nela toda a minha alma ansiante acolher-se ao teu coração honesto. Diz-me que vivo, que eu já não sei o que isso é!

Adeus. Lembra-te sempre da tua

Maria Helena

P. S. — Esta carta escrita ontem vai tal qual a senti e a pena a traço; não a rasgarei para te dar mais uma prova de quanto confio no teu afecto. A mamã está mais sossegada e com a sua saúde volta-me a coragem e o sangue-frio para ver claramente a situação que meu marido me deixou.

Vou aproveitar definitivamente a liberdade que me dá. É⁶¹⁸ quase um alívio, depois de tantos anos de servidão. ⁶¹⁹Parece impossível que uma coisa destas se dê e a gente continue a viver e a prender-se a novas coisas como se aquelas não tivesse existido! É como o morrer de alguém muito amado: Antes de se dar o facto pensamos que tudo deixará de existir.

Vem a morte e, sem a gente mesmo dar por isso, tudo se ajeita à vida e continua a existência como dantes...

O Dr. Ramalho, que tem sido incomparável de dedicação, acaba de sair daqui⁶²⁰ e afiançou-me que em três dias a mamã poderá acompanhar-me. Sairemos então desta casa que é dele e que devo deixar sem a mais leve saudade... Sem saudades?... Não sei que têm estas coisas inanimadas que nos rodeiam para assim nos custar a separação, mesmo quando apenas foram testemunhas de mágoas... Do que é seu fará o que entender; o que nós temos chega para a nossa vida, largamente, numa casa que é do meu dote. «O bom filho à casa torna...», não é? Volto à minha primeira fase de menina. Sinto-me tão serena que já me parece que sou feliz. Espero a tua resposta para sair daqui. Até breve!

Abraça o João e os pais e recebe muitos beijos da tua do coração

⁶¹⁷ [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

⁶¹⁸ É] Há [1903]

⁶¹⁹ [O excerto que começa aqui e vai até ao final do parágrafo seguinte foi acrescentado na edição de 1934.]

⁶²⁰ O Dr. Ramalho, que tem sido incomparável de dedicação, acaba de sair daqui] O dr. Ramalho acaba de sair d'aqui [1903]

A entrada sobressaltada de João, com os jornais onde lera o escândalo da *alta roda* bem claramente expresso por iniciais e certas indicações arrancou Isabela ao absorto meditar em que a fizera cair a leitura da carta⁶²².

Não que a surpreendesse ou interessasse a fuga do visconde e da Cândida, realizada com a mais moderna e despoetizada simplicidade, à saída de um espectáculo, onde a mulher cumprimentara afectuosamente a amante, entrando para um cómodo expresso que os afastava de um meio mesquinho que mal correspondia aos seus gostos e desejos de gozo, para os levar a uma civilização requintada, vivendo luxuosamente no vicio de que fez um sacerdócio, esbanjando dinheiro, actividades e energias vitais, no desesperado empenho de usufruir a existência intensamente, como quem não pode dispor do incerto dia de amanhã.

⁶²³Era um destes casos do dia que apenas despertam o interesse pela evidência dos nomes que desempenham os principais papéis e que fazem convergir para uma determinada e mínima parte da sociedade a atenção de todos, despertando risos, ódios, desprezo ou pena, conforme o temperamento e a orientação de cada um.

⁶²⁴O que lhe feria o espírito, o que a entristecia era essa carta que lhe ficara aberta nas mãos trémulas, sangrenta de sinceridade, eloquente na sua acusação, como um grito de vítima esmagada sob as rodas triunfais do carro doirado donde os preconceitos sociais ditam as suas leis.

Arrependia-se de ter aconselhado a amiga à inerte resignação, que é uma transigência; arrependia-se de a não ter mesmo incitado a desprezar toda a hipócrita consideração mundana e tornar-se sinceramente o que os seus nervos e o seu lúcido critério lhe diziam que fosse: uma revoltada!⁶²⁵

Os anos que Maria Helena levava na paciente resignação de uma voluntária

⁶²¹ o que nós temos chega para a nossa vida, largamente, numa casa que é do meu dote. «O bom filho à casa torna...», não é? Volto à minha primeira fase de menina. Sinto-me tão serena que já me parece que sou feliz. Espero a tua resposta para sair daqui. Até breve!

Abraça o João e os pais e recebe muitos beijos da tua do coração

Maria Helena]

o que nós temos chega para a nossa sustentação mais do que modesta. Sinto-me tão serena que já me parece que sou feliz. O que me aconselhas que faça? Espero a tua resposta para sahir d'aqui.

Abraça o João e recebe muitos beijos da tua do coração:

Maria [1903]

⁶²² em que a fizera cair a leitura da carta] em que a carta a fizera cahir [1903]

⁶²³ [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

⁶²⁴ [Abertura de parágrafo na edição de 1934.]

⁶²⁵ !] . [1903]

sacrificada pesavam-lhe como um crime próprio; porque Isabela, como todos os conscientes, caminhava das trevas para a luz com segurança, desprezando hoje o que ontem ainda a amedrontava, vendo a pequenez das coisas que a maioria respeita, demolindo no seu próprio espírito os ídolos sociais e criando novos ideais de justiça, de bondade e de obrigações para com os outros e para com a própria existência que não temos direito de sacrificar à dor, por conveniências de egoísmo alheio.

— O que se há-de fazer? — perguntou João, depois de ler a carta, acostumado a encontrar na mulher o primeiro conselho que orienta e vence o sobressalto, dispondo-nos à luta.

— Mandar um telegrama a Maria Helena para que venha imediatamente para sua casa. Como ela diz.⁶²⁶ É onde ficará melhor.

— Vou mandar o telegrama e parto logo à noite.

— Vamos ambos!...

— Desculpa, mas tu não vais, queridinha, tenho medo por ti e pela chegada do nosso pequenino hóspede.⁶²⁷

— Estou em cuidado na Maria Helena, que nunca se viu só a tratar dos seus negócios.

— Descansa em mim, verás que mereço a tua confiança, minha vaidosa! Para ti há um dever agora superior a todos, que é o de olhares pelo nosso filhinho!...⁶²⁸

Ela sorriu ao sorriso dele, erguendo a cabeça, que apenas lhe chegava ao ombro, para receber na boca o beijo que lhe oferecia amorosamente.

O sol entrava pela porta de vidros que descia para o jardim, onde as rosas se abriam à primeira carícia da Primavera, e nimbava-os de luz numa transfiguração milagrosa de vida.

Fora ali, naquele mesmo quarto, pela transparência daquela mesma janela, na impassível cumplicidade das coisas, que a Pilar assistira, por uma lúcida noite de lua, ao desmoronar de todas as suas ilusões. Fora dali que vira, com seus próprios olhos, a

⁶²⁶ Mandar um telegrama a Maria Helena para que venha imediatamente para sua casa. Como ela diz.] Acho que devemos mandar um telegrama a prevenir a Maria Helena de que partimos no primeiro comboio, para a trazermos para a sua casa. [1903]

⁶²⁷ — Vou mandar o telegrama e parto logo à noite.

— Vamos ambos!...

— Desculpa, mas tu não vais, queridinha, tenho medo por ti e pela chegada do nosso pequenino hóspede.]

— «Mando já o telegrama, mas a prevenir só da minha ida; tu não vaes, queridinha, tenho medo por ti e pela chegada do nosso pequenino hóspede. [1903]

⁶²⁸ minha vaidosa! Para ti há um dever agora superior a todos, que é o de olhares pelo nosso filhinho!...] minha vaidosa. [1903]

traição dessa mesma Cândida que continuava, atraindo sempre, o seu caminho de viciosa e ambiciosa perfídia.

Mal poderiam imaginar, olhando o belo sol primaveril que se escoava pela folhagem das árvores, caindo em chuva d'oiro, buliçoso e alegre, nas ruas areadas e na relva dos canteiros, que fora exactamente nesse quarto, encostando-se a essa mesma janela, que o Vilhegas se consumira na dúvida, por uma trágica e revolta noite de Inverno que vergastava as árvores desguarnecidas, sobre a causa da doença e do horror que por ele e pela cúmplice manifestara a noiva moribunda!...

Fora grande o escândalo em Lisboa pela fuga do visconde, repercutindo-se fortemente na vila onde tantos interesses os ligavam a todos.

Havia quem acusasse violentamente a Cândida pela leviandade de que dera provas; outros tornavam o visconde como único responsável de todo o mal, não havendo considerações que tolhessem a livre crítica dos seus antigos partidários, que se consideravam vítimas duma traição política⁶³⁰.

Houve também quem arrastasse por todas as baixeiras o nome do Braga, ambicioso e usurário, a quem o caso não dera maior abalo, o que parecia indignar os homens sérios e convulsionar em risos chocarreiros as meninas, que não lhe perdoavam tê-las ignorado⁶³¹.

Não faltou até quem perfidamente quisesse atingir a viscondessa, que viera acolher-se aos muros amigos da velha casa e se fechara resolutamente na mais completa reserva⁶³².

A pretexto da doença de D. Genoveva escusara-se⁶³³ às visitas dos que pressurosos acorrem sempre onde há desgraças, pelo gosto de insectos poisando com delícia sobre cadáveres e podridões⁶³⁴.

Esse afastamento, que em boa lógica não devia fornecer pasto à malevolência, era o que mais a expunha às considerações dos que nenhuma idealização afasta da mesquinha curiosidade das vidas alheias e mais irritava as opiniões que tão agrememente se referiam já aos primos.

O menoscabo das suas pessoas calava fundo no orgulho daquela gente e fazia desembestar saraivadas de doestos pelas salas e lojas, com estúpida superioridade do boticário Domingos José da Silva, apoiado pela mana Josefa, que procurava em vão no

⁶²⁹ [Tanto na edição de 1903 como na de 1934, este capítulo está numerado como sendo o XVIII; no entanto, trata-se de uma repetição, visto o capítulo XVIII iniciar na página 195.]

⁶³⁰ não havendo considerações que tolhessem a livre crítica dos seus antigos partidários, que se consideravam vítimas duma traição política] e visto que, definitivamente, tinha deixado a política, já não havia considerações que tolhessem a livre crítica dos seus antigos partidários [1903]

⁶³¹ que não lhe perdoavam tê-las ignorado] que a propósito segredavam coisas, pelos modos, nada edificantes [1903]

⁶³² na mais completa reserva] na mais completa reserva, porque ao tempo que o caso se dera estava o Ramalho em Lisboa e com João as acompanhara alli. [1903]

⁶³³ escusara-se] escusara-se ella [1903]

⁶³⁴ pelo gosto de insectos poisando com delícia sobre cadáveres e podridões] não pela natural piedade de corações bem formados mas pelo gosto de insectos poisando com delícia sobre cadáveres e podridões [1903]

príncipe Rodolfo caso similar e bradava: «não ter nunca visto uma ingratidão assim...»

O padre Matias, grave e conspicuamente, como lhe pedia a sua nova encarnação, bordava comentários filosóficos sobre o caso, que caíam no ânimo dos ouvintes como sentenças de pregador. Fazia-os notar o orgulho e ingratidão desses hereges, comparada à lhanza proverbial do conselheiro, que era um talento: «a melhor cabeça do país! Nem eles sabiam apreciar o bem que tinham com tal protector, um homem de vastíssimos conhecimentos e de uma prodigiosa faculdade assimiladora...», coisas que ouvira ao Teles numa noite em que tivera que se defrontar em discussão acalorada com um antigo companheiro de casa, algo desdenhoso pelos méritos da Excelência.

«Sim!⁶³⁵ Comparassem⁶³⁶ o que tinham ganho os seus partidários, desde o Teles secretário particular e inspector das escolas, até ao Neves vantajosamente empregado na fiscalização do álcool, ganhando dinheiro sem sair de casa nem fazer mais do que assinar o nome no fim de cada mês. E os adversários?! Nada tinham obtido com a sua dedicação política, recebendo por paga o desprezo da *fidalg*a que achara maior prazer na degradante companhia dos *esfarrapados*, seguindo as pisadas da tal *inglesa*, e do orgulhoso padre a quem o senhor bispo tivera que expulsar do grémio cristão...»

Entretanto ia a viscondessa retemperando as forças, e o seu espírito tão dolorosamente abalado a pouco e pouco se ia alevantando no sadio regime moral das verdadeiras dedicações, das amizades sem móvel interesseiro que a rodeavam e que são no seu escol a maior compensação da desgraça⁶³⁷.

Bela afirmava que a queria ver feliz e para isso não lhe bastava o sossego de espírito⁶³⁸; precisava também de tonificar o organismo, despir, como quem arremessa do corpo uns miseráveis andrajos, os hábitos de cidadã que do campo só ama e conhece as avenidas sombreadas dos jardins e quintas de regalo. Havia de ser ela, uma *estrangeira*, como a chamavam na vila⁶³⁹, quem lhe faria as honras da paisagem, que já conhecia como os seus dedos, quem lhe mostraria os mais doces caminhos afogados de musgos que o sol toniza em toda a brilhante gama de verdes, quem a acompanharia por essa serra que os castanheiros vestem alternando com os pinhais sombrios o seu belo verde luzente; ela quem lhe ensinaria os sítios onde a água corre fresca e leve entre arrendados

⁶³⁵ !], [1903]

⁶³⁶ Comparassem] Comparassem eles [1903]

⁶³⁷ amizades sem móvel interesseiro que a rodeavam e que são no seu escol a maior compensação da desgraça] amizades sem móvel interesseiro. [1903]

⁶³⁸ afirmava que a queria ver feliz e para isso não lhe bastava o sossego de espírito] afirmava peremptoriamente que a queria ver feliz e que não lhe bastava para isso o socego de espírito [1903]

⁶³⁹ Havia de ser ela, uma *estrangeira*, como a chamavam na vila] Seria ella, uma *estrangeira* [1903]

de avencas e fetos, chorada pelas pedras bárbaras do monte.

«Ah como é linda e como eu desconhecia esta serra donde me vem a vida, que me faltava!... Ah, o encanto de ser livre, de viver a meu gosto, sem o confrangimento da vontade alheia!» — pensava por vezes⁶⁴⁰, tendo readquirido, no pouco tempo que decorrera, o encanto do riso sem constrangimento, a alegria das cores perdidas na descrença e na melancolia, que envenenam o espírito e o sangue.

Com⁶⁴¹ a saúde e a serenidade vinha-lhe o desejo de trabalhar, de ser útil, de acrescentar à iniciativa dos primos a energia da sua actividade e da sua inteligência. Isto alegrava Isabela, que assim a via ressurgir para a vida e para a felicidade como se milagre fosse, e de boa vontade lhe ia confiando as múltiplas obrigações, que nos derradeiros tempos de gravidez já lhe custavam a desempenhar

Planeavam novos estabelecimentos, gizavam melhorias nos existentes, queurgia completar para que a obra fosse verdadeiramente justa e útil.

⁶⁴²—Era necessário que as crianças arrancadas à miséria, à promiscuidade animal e à ignorância encontrassem ao entrar na vida o ambiente próprio a uma existência mais conforme à educação recebida, pois as suas almas, chamadas a uma compreensão mais elevada dos deveres e dos direitos, também adquiria uma sensibilidade maior que as tornava mais vulneráveis à dor.

Não queriam que as crianças saídas dos seus asilos e escolas entrassem nas próprias famílias como elementos inadaptáveis de perturbação e desordem, como sucede a tantos que uma caridade inteligente protege por vaidade e por interesseiro luxo.⁻⁶⁴²

Para evitar esse mal é que tinham criado, como continuação da maternidade, do asilo e do hospital⁶⁴³, as escolas oficinas, onde rapazes e raparigas adquiriam aptidões para seguirem o caminho traçado pela própria inteligência e gosto, tendo junto real a

⁶⁴⁰ Ah como é linda e como eu desconhecia esta serra donde me vem a vida, que me faltava!... Ah, o encanto de ser livre, de viver a meu gosto, sem o confrangimento da vontade alheia!» — pensava por vezes] Ah como esse paiz é lindo e como até ahi o tinha desconhecido, assim como tinha ignorado o encanto de ser livre, de viver ao seu gosto, sem ser confragida pela vontade alheia! — pensava ella, remoçada, [1903]

⁶⁴¹ Com] E com [1903]

⁶⁴²⁻⁶⁴² Queriam todos que a criança de pequenina arrancada à miséria e à dor não tivesse que voltar para a vida mais infeliz do que nunca, com a alma vulnerável a todas as amarguras, a todas as faltas, que mais sentirá depois de ter conhecido o aconchego e asseio da roupa, a delícia de uma cama limpa, a fortuna de comer sem ter sentido o estômago crisar-se com fome, o luxo das ablações e dos sabonetes, tendo adquirido, pelo simples uso de singelíssimos hábitos de hygiene, necessidades materiaes, impossíveis de satisfazer entre a miséria dos seus, tendo aberto o espírito a horisontes largos, que a tornarão na própria família uma estrangeira, victima indefesa da philanthropia usada luxuosamente por quem nada se importa da desgraça alheia. [1903]

⁶⁴³ como continuação da maternidade, do asilo e do hospital] como continuação do asylo e do hospital [1903]

real e com o próprio trabalho o pequeno capital com que fazer face aos primeiros embates da luta, chegados que sejam à idade de serem livres e tratar de si.

De todo o país tinham já vindo modelos de indústrias acompanhados por quem as ensinasse⁶⁴⁴, porque Isabela punha muito de fantasia e de arte na maneira prática de ver e apreciar a vida e toda a orientação da obra vinha da sua alma de redenção e do seu alto espírito educado⁶⁴⁵.

Mas para o trabalho de administração propriamente dita, para seguir pacientemente o fio encetado, esperando que o tempo lhe trouxesse o resultado benéfico, não tinha maior paciência. Não, para isso era melhor Maria Helena e o próprio Dr. Ramalho, encarregando-se de cálculos meticolosos, sempre sereno e bondoso, sob a calma e aparência de reserva, que encobria tanto entusiasmo e tanta vida esmagada pelas circunstâncias adversas⁶⁴⁶.

O velho abade, que não descansava um instante, descobrindo meio de ser útil em toda a parte, aumentando cada dia o asilo, enchia⁶⁴⁷ a creche de pequenos, que vinham entregar-lhe sem receio, desde que constara que não se olhava a procedência nem se esperava idade para admissão, que se dispensava dinheiro e enxoval, não só às desgraçadas que os homens abandonam com um filho nos braços e a fome a brutalizá-las ferozmente, numa sociedade cheia de reservas hipócritas, como às próprias casadas, cujos homens⁶⁴⁸ mal podem sustentar o rancho esfomeado que pede pão, com o produto da sua enxada de cavador ou das ferramentas oficinais.

Trouxessem-lhe os pequeninos entezinhos⁶⁴⁹ a criar e a proteger, que a todos igualmente abria os braços e o coração, novo apóstolo dos deserdados, casto como uma virgem, puro como criança de um ano, ardendo em fogo sagrado de espiritual fraternidade, como um novo São Vicente de Paula⁶⁵⁰.

João triunfava com o seu lindo bairro operário — o encanto de Mr. Burns, que ajudava todos com o seu lúcido critério e vastos conhecimentos, aconselhando,

⁶⁴⁴ as ensinasse] as pudesse ensinar alli [1903]

⁶⁴⁵ e apreciar a vida e toda a orientação da obra vinha da sua alma de redenção e do seu alto espírito educado] e apreciar a vida. [1903]

⁶⁴⁶ aparência de reserva, que encobria tanto entusiasmo e tanta vida esmagada pelas circunstâncias adversas] aparência de reserva. [1903]

⁶⁴⁷ enchia] enchendo [1903]

⁶⁴⁸ às desgraçadas que os homens abandonam com um filho nos braços e a fome a brutalizá-las ferozmente, numa sociedade cheia de reservas hipócritas, como às próprias casadas, cujos homens] a desgraçadas sem marido infelizes que os homens abandonam com um filho nos braços e a fome a brutalizá-las ferozmente, como a casa das cujos homens [1903]

⁶⁴⁹ os pequeninos entezinhos] pequenos entes fracos [1903]

⁶⁵⁰ espiritual fraternidade, como um novo São Vicente de Paula] espiritual fraternidade [1903]

fornecendo capitães, e comprando, por fim, terrenos incultos que repartia com igualdade em foros⁶⁵¹ que terminariam pela posse, em tempo marcado para a remissão. Lembrava ao sobrinho a utilidade de uma indústria que aproveitasse e desenvolvesse energias e aptidões, que fosse o complemento do trabalho rural, como a escola deve completar o asylo, seguido da aprendizagem para a prática⁶⁵².

O tempo caminhava e com ele cresciam as impaciências e cuidados, que mais ou menos todos sentiam por ver chegar o momento em que Bela, enfim livre dos incômodos e do mal-estar que em vão tentava disfarçar, lhes desse o pequenino anjo que tantos braços esperavam para acalentar, que tantos carinhos encontraria à sua chegada ao mundo.

Antônio de Melo e Josefina sentiam-se remoçar aguardando o primeiro neto, como outrora tinham esperado com alvoroço a vinda do primeiro filho. A velha Engrácia descrevia às amigas o enxoval que esperava o seu menino e não se continha sem mostrar cada peça de roupa que das artísticas mãos da mãe e da viscondessa saía, como modelo de outros mais, que a Aurora Cunha fazia executar na escola⁶⁵³.

Maria Helena contava as horas e os dias e em cada noite que se despedia não deixava de recomendar: que a fossem prevenir do que houvesse⁶⁵⁴.

Uma madrugada, enfim, Isabela queixou-se mais. João, nervoso, correria ao quarto da mãe, que lhe dizia em modo de consolação: coitadinha, havia de sofrer muito⁶⁵⁵, mas então!? Tivesse paciência, quem lhes dera que sofresse muito mais, que era para se despachar depressa.

Pobre João! Queria sorrir⁶⁵⁶ da prática filosofia da mãe, queria convencer-se da justeza das suas observações, mas custava-lhe tanto ver Bela muito pálida, silenciosa, encostando-se aos móveis a cada assalto das dores, arrumando o enxoval na cestinha forrada de seda azul — pois se seria um rapaz, todos sabiam!... — sorrindo-lhe com resignação e coragem, entre dois gemidos abafados!...⁶⁵⁷

Ele mexia em tudo, arrumava também, pensava em muitas coisas, excitado, atordoando-se um pouco, dando ordens, e pretendendo ser o que tinha mais sangue-frio para pensar em todas as coisas. Para o provar repetia mil vezes que fossem chamar a

⁶⁵¹ foros] arrendamentos [1903]

⁶⁵² para a prática] prática [1903]

⁶⁵³ na escola] no asylo [1903]

⁶⁵⁴ que a fossem prevenir do que houvesse] que havendo qualquer coisa a fossem prevenir [1903]

⁶⁵⁵ havia de sofrer muito] soffria, soffria muito [1903]

⁶⁵⁶ Queria sorrir] Elle queria sorrir [1903]

⁶⁵⁷ !...] . [1903]

comadre, e que não se esquecessem também de ir ao palácio prevenir Maria Helena, e a casa do Dr. Ramalho, isto já quando todos estavam em casa e rodeavam a doente.

Enquanto ao tio, lembrou Bela que o não prevenissem e encarregassem o abade de o levar para longe, nalguma visita às propriedades que adquirira e que andava melhorando.

O dia passou lentamente e a noite ia-se prolongando na expectativa dolorosa.⁶⁵⁸ João já desanimava, perdia a energia, pareciam-lhe eternas aquelas horas, e, disfarçadamente, a cada gemido de Bela, limpava uma lágrima silenciosa que lhe vinha aos olhos.

Só mais tarde, já quando no horizonte aclarava o céu de uma rósea aurora primaveril, é que, numa convulsão de dores e de gritos, a criança nasceu numa acalmia súbita do sofrimento e da ansiedade geral⁶⁵⁹.

Josefina chorava de alegria recebendo o embrulho precioso que a parteira lhe pusera nos braços, indo palavrosa e desembaraçada tratar da mãe, que já sorridente e feliz perguntava se era rapaz ou rapariga⁶⁶⁰.

Todos falavam a um tempo, em voz baixa. Havia risos felizes olhando João, que não queria crer que fosse um menino — nem já lhe importava, nem mesmo que morresse — o que queria era a mãe com vida, livre daquele sofrimento horroroso⁶⁶¹, a mulher que amava com todos os transportes de amante, que o sentimento paternal não podia extinguir e tão-somente complementar.

Viviam ambos, felizmente! E que engraçado que era o gorducho, e tão feiozinho com a carita inchada de recém-nascido, mas tão engraçado ao seus olhos, e tão amado também!

O restabelecimento foi rápido, e com a saúde voltou a Bela a sua energia e bom humor. A criancita crescia a olhos vistos, querida e amimada⁶⁶² por todos, só lhe chegando aos braços na hora marcada para mamar. Mas então o seu orgulho de mãe satisfazia-se bem com a alegria animal do pequenino glutão, que era bem seu, duas vezes seu, pelo sangue rubro de que o alimentara em seu seio e pelo branco leite correndo dos seus peitos como fonte de vida, de alegria e de amor.

No meio da satisfação geral somente D. Genoveva sofria da doença incurável que

⁶⁵⁸ O dia passou lentamente e a noite ia-se prolongando na expectativa dolorosa.] Sofreu ella muito todo o dia; [1903]

⁶⁵⁹ a criança nasceu numa acalmia súbita do sofrimento e da ansiedade geral] a criança nasceu [1903]

⁶⁶⁰ se era rapaz ou rapariga] — se era rapaz [1903]

⁶⁶¹ com vida, livre daquele sofrimento horroroso] com vida [1903]

⁶⁶² querida e amimada] querido e amimado [1903]

trazia a filha em sobressalto e da ferida que o seu orgulho sentira com o escândalo dado pelo visconde, agravado a seus olhos pela notícia que lera nos jornais de que um grande leilão liquidaria em breve o palácio de Lisboa recheado de magnificência e preciosidades, um verdadeiro museu de arte e mobiliário, como se não reuniria tão cedo outro na capital e que se habituara a amar como fazendo parte da sua própria existência, que já não tinha força para se enraizar em novos interesses⁶⁶³.

Sentia-se ferida na sua vaidade vendo o nome do genro, que era o seu próprio⁶⁶⁴, lançado assim à curiosidade pública, baralhado na confusão da sociedade como o de qualquer bricabraquista interesseiro ou pretensioso. Achava que a viscondessa se devia opor a tal venda, e era baldado o esforço do velho abade para lhe fazer compreender as vantagens que da presente situação advinham à filha, senhora enfim de viver ao seu gosto na serenidade de uma existência sem obrigações, que intimamente desprezava.

Muito agarrada aos velhos preceitos em que fora criada⁶⁶⁵, à boa senhora era custosa a conformação com essa maneira simples de ver as coisas, que se lhe antolhava por mais⁶⁶⁶ desprezadora das leis da sociedade a que pertenciam.

A seu ver não devia Maria Helena ter saído de sua casa, do seu mundo; não deveria ter desprezado os parentes e amigos que em Lisboa lhe fariam uma corte de lamentosa simpatia⁶⁶⁷, anatematizando o procedimento do visconde.

Custava-lhe, realmente, a compreender que se preferisse a solidão daquele grande palácio provinciano⁶⁶⁸ ao convívio das relações mundanas. Não atingia o motivo que levava a filha a cortar relações com toda a gente que mais ou menos a distrairia⁶⁶⁹. Dir-se-ia que era ela a criminosa, ela a que tinha motivos para se envergonhar e fugir!⁶⁷⁰

Depois, essa maneira de fazer bem educando, em vez de se reservar o direito de caridade aos dependentes eternos, não lhe agradava!⁶⁷¹

Decididamente⁶⁷² já não compreendia nada do mundo, nem a gente nova se parecia

⁶⁶³ na capital e que se habituara a amar como fazendo parte da sua própria existência, que já não tinha força para se enraizar em novos interesses] na capital [1903]

⁶⁶⁴ que era o seu próprio] que era o seu próprio como tia [1903]

⁶⁶⁵ preceitos em que fora criada] códigos nobiliarchicos [1903]

⁶⁶⁶ mais] demais [1903]

⁶⁶⁷ de lamentosa simpatia] de lamentos [1903]

⁶⁶⁸ palácio provinciano] palácio [1903]

⁶⁶⁹ levava a filha a cortar relações com toda a gente que mais ou menos a distrairia] levava a filha a, mesmo alli, cortar relações com toda a gente que mais ou menos a distrahiriam [1903]

⁶⁷⁰ !] . [1903]

⁶⁷¹ educando, em vez de se reservar o direito de caridade aos dependentes eternos, não lhe agradava!] educando os filhos do povo para serem tanto ou mais do que os nobres, não lhe quadrava. [1903]

⁶⁷² Decididamente] — Decididamente [1903]

com a velha!⁶⁷³ — concluía pegando no croché de lã grossa com que se entretinha a fabricar saias e casacos para as criancitas pobres, na convicção íntima de que era assim que se praticava o *bem*: distribuir esmolas a uns e a outros conforme o capricho e a simpatia de cada qual, sem livros e sem escolas... «Escolas para quê?! Só se era para os criados se julgarem mais senhores do que os próprios patrões...»⁶⁷⁴ A seus olhos, o mundo tinha-se voltado do avesso; se até o velho abade passava sem dizer missa e respondera com o desprezo às acusações que da câmara eclesiástica lhe tinham mandado!...

Valia-lhe o Dr. Pinto, a irmã mais nova do abade e as Cunhas para lhe fazerem a partidinha do *whist* e lhe irem contando os casos da vila; era o que a distraía um pouco depois das rezas obrigatórias e da leitura, feita pela dama de companhia, de toda a grinalda romântica do princípio do século passado.

Com a aproximação do Inverno seguinte a sua saúde ressentira-se⁶⁷⁵ e muitos dias havia já em que a filha a não podia deixar. Habituada aquele affecto sempre pronto e tocante, acostumara-se também a vê-la sacrificada sem um murmúrio e aceitava como obrigatório o que só o amor lhe oferecia.

Num desses dias, em que, por Maria Helena não poder sair de casa⁶⁷⁶, Bela a fora visitar, viu com surpresa⁶⁷⁷ que uma carruagem parava ao portão e um homem se apeava, fechando-a logo cuidadosamente. Ia passar sem procurar conhecer o visitante, mas sabendo que a amiga não tinha segredos para ela e pressentindo desgosto ou incómodo que a sua interferência podia talvez, evitar, resolveu dirigir-se ao desconhecido.

Sem saber porquê, pensou no visconde e lembrou-se que seria porventura estrangeiro rico seduzido pelas maravilhas de arte expostas no catálogo do leilão, que preferisse comprar a propriedade em globo e para isso necessitasse a assinatura da viscondessa.

Tudo isto lhe atravessou o cérebro apenas no tempo preciso para se lhe dirigir perguntando o que desejava.

Muita habituada a conhecer a sociedade a que pertence qualquer indivíduo pelo

⁶⁷³ velha!] velha [1903]

⁶⁷⁴ [Inseridas aspás na edição de 1934.]

⁶⁷⁵ ressentira-se] ressentira-se-lhe [1903]

⁶⁷⁶ não poder sair de casa] não sahir [1903]

⁶⁷⁷ com surpresa] com surpresa, à sahida, [1903]

exame rápido de toda a sua pessoa, Bela verificou⁶⁷⁸, no olhar em que o envolveu por completo, que nada faltava ao traje, consagrado pelo figurino britânico⁶⁷⁹, de um homem rico em viagem.

Não sabendo muito bem em que língua devia falar a um homem que o cosmopolitismo parecia ter marcado fortemente tirando-lhe a distinção de qualquer nacionalidade, perguntou em francês o que desejava.

Ele parou, cumprimentando. Era um homem de que se não poderia bem precisar a idade porque, se o busto se endireitava numa arrogância de juventude, o cabelo e o bigode grisalhos davam-lhe uma aparência de velhice precoce.

A pele de um amarelo verdoso denunciava longos anos de vida nos trópicos e as pregas mal disfarçadas junto aos olhos, de uma inteligente viveza, acusavam uma longínqua mocidade mal aproveitada em vigílias e prazeres ou esgotadoramente trabalhosa. A boca, onde fortes dentes ainda brilhavam, tirava ao rosto toda a expressão de bondade, franzida num ríctus de ironia.

— V. Ex.^a poder-me-á dizer se a senhora viscondessa está? — perguntou em vez de responder⁶⁸⁰, no mais correcto português, acompanhando a frase do seu riso escarinho, como quem esperava gozar do espanto da interlocutora.

Bela pensou: Bom⁶⁸¹, já sei que é brasileiro que deixou a pátria e com ela o sotaque da pronúncia e que vive cá pela Europa muito ao seu gosto.

Conhecia o tipo geral, principalmente de Paris⁶⁸², que é para todo o legítimo brasileiro o resumo das perfeições humanas, a terra prometida onde vão terminar todos os seus sonhos de ambição... E respondeu sem se desconcertar:

— A senhora viscondessa tem a mãe tão perigosamente enferma, que me parece inútil qualquer pedido de atenção. Mas se não é caso urgente, V. Ex.^a esperará...

Reprimindo sob o seu eterno sorriso um gesto de impaciência, respondeu:

— Perdão, o caso não admite a menor delonga.

— Então, asseguro a V. Ex.^a que minha prima não tem segredos para mim e pode confiar-me a sua pretensão. Neste momento é inteiramente impossível obter dela uma audiência.

— Em todo o caso, repito, o que tenho a dizer-lhe não admite delongas...

⁶⁷⁸ verificou] constatou [1903]

⁶⁷⁹ consagrado pelo figurino britânico] consagrado britannico [1903]

⁶⁸⁰ perguntou em vez de responder] respondeu [1903]

⁶⁸¹ Bela pensou. Bom] Mas Bella pensou: — bom [1903]

⁶⁸² Conhecia o tipo geral, principalmente de Paris] Conheço o typo geral, tão poucos existem, por cá! Principalmente em Paris [1903]

— Entraremos, pois, porque me parece que o mistério se liga à urgência e V. Ex.^a me confiará a sua missão, subindo eu depois a comunicar-lha. É o único remédio que vejo...

— Efectivamente... — respondeu, curvando-se — não há grande inconveniência em dar contas a uma amiga da senhora viscondessa da minha espinhosa e misteriosa missão.

Isabela baixou a cabeça e passando à frente fê-lo subir alguns degraus e entrar na sala, de que fechou cautelosamente a porta. Sentou-se junto a uma mesa e indicou-lhe uma cadeira a que ele preferiu encostar-se, ficando de pé.

Tudo isto tinha sido feito com tanta serenidade e gentileza natural, tão sem sombra de preterição ou vaidade, que o estrangeiro, evidentemente apreciador e habituado a julgar os mais raros exemplares da graça feminina, não pôde deixar de manifestar no sorriso o encanto que o subjugava.

— V. Ex.^a dirá... — começou Bela para terminar o silêncio.

— Não sei bem como principiar, pois é estranho, em verdade, o motivo que me traz... — disse um pouco embaraçado.

— Em todo o caso... — sublinhou com ironia.

— Sim, em todo o caso o tempo urge e eu não posso deixar de dizer a V. Ex.^a o que vinha pedir à dona da casa. Em primeiro lugar, minha senhora, é da mais rudimentar cortesia dizer-lhe o meu nome. Chamo-me Pedro de Albuquerque. Isto decerto nada lhe diz porque estes grandes apelidos andam em todas as caras cá no nosso país...

— Ah! V. Ex.^a é português?

— Não e sim! Sou realmente português de origem, e brasileiro de adopção. Mas como qualquer dos dois países me agrada menos do que Paris, foi lá que fixei residência. E foi lá também que conheci há alguns meses uma pessoa, um homem que... por certo ainda deve interessar vivamente à amiga de V. Ex.^a.

— Não me parece que exista hoje algum homem em Paris que desperte interesse à minha prima — respondeu friamente⁶⁸³.

— Um homem que foi, que é ainda, porque no nosso belo país não há o divórcio⁶⁸⁴, o seu próprio marido — continuou sem deixar o tom de ironia que lhe era habitual.

— A minha amiga dispensa bem a liberdade conferida pela lei, sentindo-se moralmente divorciada desse homem.

⁶⁸³ respondeu friamente] respondeu ella friamente [1903]

⁶⁸⁴ não há o divórcio] não há a lei redemptora do divórcio [1903]

— E no entanto, veja V. Ex.^a o que são as coisas! Eu venho exactamente trazer esse homem moribundo e pedir para ele a piedade da esposa — respondeu imperturbável.

Bela levantou-se firme, crescida de orgulho e indignação.

— Nunca lha pedirá, senhor! Não lho consentiria eu!⁶⁸⁵

— Pelo amor de Deus, não me obrigue a ser indelicado, insistindo...

— Não! É um abuso, uma violência. Há um homem que traiçoa vilmente sua mulher, que a despreza, sendo-lhe inferior, que a sujeita a todas as vergonhas e que por fim lhe atira com o nome à lama das ruas com o descaramento de um bandido que deixa no cofre, donde roubou os valores, o seu cartão-de-visita...

— Minha senhora, o homem que fez isso tudo⁶⁸⁶ está hoje morto e o desgraçado que lhe trago não tem de família mais ninguém, além da esposa!⁶⁸⁷ É justo que junto a ela se acolha...

— Justo porquê? Esse homem deixou de ter família desde que foi o próprio a desprezá-la. Com que direito a procura agora?!

— V. Ex.^a não me deixou explicar, não é ele que pede. Somos nós, os seus amigos, ou antes, os seus companheiros — emendou a um gesto de Bell — que resolvemos tirá-lo de Paris onde não poderia viver entregue a criados...

— Há muitas casas de saúde onde vantajosamente o poderiam internar.

— Oh, mas seria escandaloso, um homem com o nome dele, tendo família, pátria, fortuna...

— Oh, o rico sentimentalismo masculino! Tudo o que ele fez, então, não destruiu aos olhos de V. Ex.^{as} raízes que prendem um carácter leal e honesto?... —gargalhou com nervosa ironia.

— Não seria bem feito, mas é tão vulgar...

— Será, mas na minha opinião, família já a não tem porque a desprezou e insultou. Pátria já não a merece. Fortuna gastou a com as suas leviandades. Portanto, nenhum direito assiste aos seus amigos de vir exigir da esposa um novo e doloroso sacrifício.

— Mas, tenha V. Ex.^a, embora, razão falando sob um aspecto de alta moralidade que não é compreensível a toda a gente⁶⁸⁸, o que é certo é que também se pode chamar uma

⁶⁸⁵ — Nunca lha pedirá, senhor! Não lho consentiria eu!] — «Nunca lha pedirá, senhor. [1903]

⁶⁸⁶ mas esse homem] o homem que fez isso tudo [1903]

⁶⁸⁷ !] . [1903]

⁶⁸⁸ falando sob um aspecto de alta moralidade que não é compreensível a toda a gente] moralmente fallando [1903]

crueldade deixar morrer no abandono o marido⁶⁸⁹, tendo a esposa fortuna...

— Não sei o que a minha amiga faria se fosse chamada aqui, creio que seria bastante generosa para se sacrificar mais uma vez. Sou eu, compreende V. Ex.^a, eu que não quero, que não consinto que ela saiba esta traição que lhe querem fazer à sua generosidade, à nobreza do seu carácter! — respondeu com violência.

— Perdão, minha senhora, mas sou eu que não desisto. Não sairei daqui sem obter a resposta da própria dona da casa. Não posso reconhecer em V. Ex.^a o direito de me expulsar — replicou, já alterado também, sentindo no embate de vontades crescer-lhe as violências de um carácter enérgico e acostumado a vencer⁶⁹⁰.

— Falo-lhe em nome da justiça, senhor! Sei muito bem que os que vivem nessa brilhante e desvairada vida de prazeres e divertimentos conhecem desta palavra só o que dizem os códigos. Mas acima deles há uma ideia superior, um critério mais justo a que não creio que o seu espírito se tenha já fechado completamente. Milhares de homens e mulheres honestas e trabalhadoras morrem por dia de miséria e de abandono, longe da pátria, escarnecidos pelo destino, abandonados de todos e de tudo. E ninguém corre ansioso a protegê-los, a levá-los nos braços cuidadosamente para os ir depor na sua pátria, para lhes ir deitar a cabeça moribunda no seio das famílias!⁶⁹¹ E há um homem como este, que não teve virtude nenhuma, que não fez senão mal com o seu egoísmo, de quem a própria inteligência foi na sociedade um elemento corruptor, que da vida usufruiu todos os gozos sem nenhum sacrifício⁶⁹² e não há lágrimas que não repuxem aos olhos, nem lenços de fina seda que não abafem gemidos! O que o senhor e os seus amigos querem fazer, impondo à mulher esse marido que a vilipendiou é, no meu critério, uma infâmia. Opor-me é o meu dever.

— Minha senhora, V. Ex.^a abusa do seu sexo sem eu lhe poder responder.⁶⁹³

— Pode responder como quiser, porque eu desprezo também as conveniências que obrigam um homem a calar uma resposta ativa a uma mulher e o deixam babujar insultos sob forma de galanteios à primeira que passa, queira ou não ouvi-los.

Subjugado, vencido, o brasileiro respondeu conciliador:

— E, no entanto, ele está lá em baixo moribundo, não contando ser recebido porque não tem já bem a noção do que se passa, mas em todo o caso devendo ser atendido.

⁶⁸⁹ deixar morrer no abandono o marido] o morrer no abandono o marido [1903]

⁶⁹⁰ carácter enérgico e acostumado a vencer] carácter enérgico [1903]

⁶⁹¹ !] . [1903]

⁶⁹² todos os gozos sem nenhum sacrifício] todos os gosos [1903]

⁶⁹³ abusa do seu sexo sem eu lhe poder responder.] abusa do seu sexo... [1903]

— E lá em cima está uma senhora, uma velhinha, que era sua tia e foi-lhe mãe, na orfandade, que é a mãe de sua mulher, e a quem não respeitou os anos nem a saúde. Também um abalo moral a poderá matar.

— Mas nesse caso?!... O que quer V. Ex.^a que se faça?

— Que o levem.

— É impossível. Para onde o levaríamos agora?

— Em Lisboa há casas de saúde.

— Não chegaria lá. É uma crueldade! — E alterando-se de novo, numa violência de quem não esperava ser contrariado, continuou: — Hei-de falar à senhora viscondessa, não saio sem isso. Ele é ainda o seu marido, o dono legal desta casa porque o marido é o legítimo administrador do casal⁶⁹⁴.

— Tem razão, senhor — disse por detrás dele a voz magoada de Maria Helena, a quem tinha chamado a atenção a carruagem estacionada à porta e Bela altercando na sala com um desconhecido, segundo lhe dissera a criada de quarto. Descendo em seguida pudera ouvir parte da discussão e compreender o sacrifício que o destino ainda lhe exigia.

A última frase do brasileiro ferira-a no seu orgulho e fora ele quem lhe ditara a interferência imediata.

Adiantando-se até ao grupo surpreso que os dois formavam, repetiu ao estrangeiro, frisando com ironia a frase:

— Tem razão, senhor. Ele é ainda meu esposo, o dono legítimo desta casa, o senhor da minha vontade... Pode fazê-lo entrar, que eu dou ordem para ser recebido como tal

— Ó Maria Helena!!... — gemeu a amiga abraçando-a, com as lágrimas a assomarem-lhe aos olhos.

— Minha senhora! — curvou-se ele, também vencido pela emoção.

— Deixa, Isabela, o sacrifício ainda não estava consumado, era necessário levá-lo ao fim⁶⁹⁵.

— Isabela?... V. Ex.^a disse?!...⁶⁹⁶

— Isabela Burns, a minha única amiga — repetiu a viscondessa maquinalmente.

— Ó Isabela, como te não reconheci logo?! — rouquejou o desconhecido estendendo os braços numa súplica.

⁶⁹⁴ o dono legal desta casa porque o marido é o legítimo administrador do casal] o dono legal desta casa [1903]

⁶⁹⁵ ainda não estava consumado, era necessário levá-lo ao fim] ainda não estava consumado [1903]

⁶⁹⁶ V. Ex.^a disse?!...] V. Ex.^a disse?!... — tornou atrás o brasileiro ferido por esse nome. [1903]

— O senhor ?! Porquê?!...

E ante o olhar apavorado do homem que a fitava numa agonia, Bela deu um grito, reconhecendo-o também.

— Meu pai?!...

— Sim, sim — repetia estupidificado pela surpresa, recuando, esverdeado e trágico, a boca contorcida pela amargura, o cabelo empastado pelo suor que lhe perolava a fronte, numa lamentável e rápida decadência física que o mostrava um velho aos olhos espavoridos das duas amigas⁶⁹⁷.

⁶⁹⁷ o cabelo empastado pelo suor que lhe perolava a fronte, numa lamentável e rápida decadência física que o mostrava um velho aos olhos espavoridos das duas amigas] o cabelo empastado, o bigode descaído n'uma lamentável decadência física [1903]

XX⁶⁹⁸

— Meu pai?! — perguntara Bela num grito que participava da angústia, da surpresa e da alegria. Um grito que dizia claramente o complicado drama psicológico que era nela a lembrança desse homem, muito amado no silêncio do seu coração, que a sociedade lhe mandava desprezar como criminoso e que a sua razão conseguira desculpar, ou mais, definir como um símbolo dessa mesma sociedade de que o julgava uma vítima⁶⁹⁹.

Passado o primeiro instante de indecisão, e enquanto a viscondessa, pouco atenta a esta cena, saíra a ordenar a instalação do doente e o seu cuidadoso transporte da carruagem, venceu em Bela o amor entusiástico que em tempo lhe inspirara aquele pai galante e pouco escrupuloso, e correndo para ele apertou-lhe calorosamente as mãos e ofereceu aos seus beijos as faces molhadas de lágrimas.

— Querida Bela! És ainda a minha filha, a mesma alma generosa e enérgica⁷⁰⁰. A caprichosa e louca fantasista que me adorava; o único amor da minha vida!... — Chorava em soluços de criança, o que lhe dava um aspecto de velhinho doce.

— Ainda bem que te encontro, papázinho, ainda bem!...

— Estimas? Oh! mas então, talvez te não dissessem, naturalmente não sabes, o motivo por que te deixei?!... — inquiriu como criminoso obrigado a confessar as culpas com a certeza de ser condenado.

— Disseram, sei tudo!... Nesse particular não me têm poupado!... — respondeu com amargura.

— Pobre filha! E não me desprezas, não me tens amaldiçoado mil vezes?

— Não; antes muitas vezes te tenho lamentado.

— E tinhas razão, que eu não fui o que quiseram dizer. Verdade seja que também nunca fui dos mais infelizes. — Agora que tinha a certeza da benevolência, voltava ao riso e à ironia, de que fizera hábito. — O que me magoava era estar longe de ti e saber que te arrancariam da alma o affecto que me tinhas.

— Isso não; em casa nunca se falou de tal.

— O tio Burns fez de conta que eu tinha morrido...

⁶⁹⁸ [Tanto na edição de 1903 como na de 1934, este capítulo está numerado como sendo o XXX; no entanto, trata-se do capítulo XX. Ver página 205, nota 629.]

⁶⁹⁹ sociedade de que o julgava uma vítima] sociedade [1903]

⁷⁰⁰ generosa e enérgica] generosa [1903]

— Pouco mais ou menos.

— E tu não me esqueceste, nem deixaste de me querer?!

— E porque é que me não escreveste, papá? Porque não quiseste saber mais de mim?

— Primeiro, não pude... Quando saí de Lisboa levava pouco dinheiro e pouca esperança... Também, tinha-me prevenido, se não encontrasse no Brasil as amizades com que contava para me tirarem de embaraços e ajudarem a recomeçar a vida, tinha o meu revólver com cinco tiros para o momento em que me saísse do bolso a última libra⁷⁰¹. Sempre considerei essa soma a mínima para dinheiro de algibeira. Depois, fui feliz, ganhei dinheiro, mudei de nome como quem muda a flor que murchou na botoeira, e *fui feliz!*... — acentuou com sarcasmo.

— E nunca mais pensaste em mim, não é verdade?

— Pelo contrário, pensei sempre em ti, mas não sabia as tuas ideias e conhecia demasiadamente as do tio. Tive medo de te alienar a sua protecção, mais proveitosa, em todos os sentidos, do que a minha.

— Como pudeste estar tanto tempo sem saber de mim, sem me veres?!...

— E no entanto tens sido tu o meu único afecto verdadeiro no mundo! Mas, que queres, nasce-se afectivo como se nasce poeta. Os cuidados sentimentais são a poesia do coração, e eu, minha queridinha, nunca passei de vil prosador. Este mesmo amor que te consagro e é sentido como não tive outro na vida, creio bem que é ainda uma forma do meu egoísmo. A vaidade do artista que se vê criador de uma obra perfeita, porque estás perfeita, sabes? Não te reconheceria, não! Cresceste pouco, vamos. Prometias tanto! Quando te deixei eras uma mulherzinha. E estás forte, com um ar soberano que te fica bem⁷⁰² — falava nervosamente, passando com volubilidade da ternura quase ingénua de um velho pai afectuoso ao riso fútil de um homem do mundo, dizendo banais cumprimentos a uma senhora, outrora conhecida criança. — Mas que casa tão escura! Não te vejo bem, vem aqui à janela.

A filha deixava-se conduzir docilmente, encantada também de reaver esse pai que tanto amara e admirara na infância e que tanto a fizera sofrer depois⁷⁰³.

Caminharam para o largo vão da janela onde três cadeiras cabiam a par e levantando o antigo reposteiro deixaram penetrar na sala o reflexo doirado do último

⁷⁰¹ do bolso a última libra] da carteira a última nota de cinco mil réis [1903]

⁷⁰² E estás forte, com um ar soberano que te fica bem] E estás gorda, forte [1903]

⁷⁰³ sofrer depois] soffrer [1903]

raio de sol poente, que foi movimentar as graciosas pastorinhas que num grupo de velho Saxe ensaiavam um alegre baile campestre.

As talhas de porcelana china de um brilhante vidro cor de chocolate e fantástica floração ressaltaram do fundo pálido da parede donde se dependurava, em magnífico quadro, o corpo sangrento de São Sebastião⁷⁰⁴, virando para o céu um olhos de angustiada esperança, enquanto o sangue corria rubro das feridas feitas pelas frechas que se dependuravam, ou espetavam ao acaso no corpo magro de adolescente⁷⁰⁵.

Em baixo, os criados com infinitas precauções arrancavam de entre as mantas de viagem e traziam em braços um corpo tão emagrecido e um rosto de tão mortal palidez, que Bela recuou sufocando uma exclamação.

— É o visconde! — respondeu o pai à sua muda pergunta.

— Está morto?

— Pouco lhe falta... Um cancro no estômago. Mataram-no os últimos dois meses de Paris, gozados com o desespero de quem se vê arruinado e... abandonado.

— E a Cândida?!

— Diz a *senhora viscondessa*, como por lá a apresentava.

— E trouxeste-o à mulher, pai! — censurou gravemente.

— Foi uma inspiração divina⁷⁰⁶ para te encontrar... — gracejou com leviandade.

— Porque o deixou ela, sabes?

— Naturalmente porque o saberia arruinado física e monetariamente. Supomos, porque, orgulhoso como era, não se queixou a ninguém quando chegou de Luchon, de onde ela tinha partido com um príncipe russo, com tantos rublos e servos como cabelos brancos.

— Que desgosto e que desilusão para a sua grande vaidade!...

— Não os manifestou senão lançando-se em Paris à mais extenuante vida de deboche.

— O que não posso é atingir o motivo por que, moribundo, o tiraram de lá.

— Resolvemos isso, os amigos e compatriotas, para honra de todos nós. Foi uma fuga aos *reporters*. Querias que à sua morte tudo se dissesse e publicasse nesses jornais ávidos de escândalos, para a gargalhada dessa Paris que tanto se diverte da vida como da morte? Demasiadas ocasiões temos lá fora para sermos faltados... malevolamente.

⁷⁰⁴ São Sebastião] homem [1903]

⁷⁰⁵ adolescente] martyr [1903]

⁷⁰⁶ inspiração divina] fortuna [1903]

— Levassem-no para Lisboa.

— Não chegava lá. Aqui ficamos a meio caminho, além de querermos evitar escândalos.

— Nesta casa, aquele homem!...

— Por pouco tempo, descansa.

Calaram-se, subjogados pelo espectro da morte que passava na sala de fora representada pelo visconde, crescido pela extrema magreza, os braços deitados ao pescoço de dois criados, quase suspenso, parando a cada passo apunhalado pelas dores.

— Acompanha-o. Eu vou a casa chamar o João e dar leite ao pequeno.

— O João, o pequeno?!...

— Sim, eu casei com um primo da viscondessa e temos um filho, um neto teu, é verdade...

— Ah, mas então!? Ele também sabe o que fui? Quererá que me fale?

— Sabe!⁷⁰⁷ O João sabe tudo o que eu sei. Nem eu me casaria sem lhe contar a minha vida anterior. É o melhor carácter que existe. Vou buscá-lo.

— Espera, Bela, e... e... teu tio?

— Vive cá também.

— Então?!... Não me deixará estar contigo... Deve desprezar-me muito — tornou outra vez angustiado pela dúvida.

— Não sei! Nunca falámos em tal, já te disse. Logo se combina tudo com o João.

A viscondessa estava na antecâmara do quarto que rapidamente mandara preparar para o marido e era o único que havia no rés-do-chão, o quarto da rainha, chamado assim porque uma ali dormira outrora, de passagem pela vila, uma das soberanas do constitucionalismo⁷⁰⁸.

Ao fundo uma larga alcova quase cheia pelo leito baixo de cabeceira preciosamente arrendada, encimado pelo dossel doirado de que se desprendiam as cortinas em pálida seda a que o tempo amortecera o colorido. Fora, era a sala; forrada em seda Pompadour, decorada luxuosamente no mais puro e autêntico Luís XV, o mobiliário mais do gosto do visconde, como se as preciosidades da forma e o florido do desenho falassem ao seu espírito ligeiro, ainda que brilhante, falho daquela sobriedade e rectidão próprias a quem encara a vida a sério. E fora um acaso, filho da comodidade, que fizera com que a

⁷⁰⁷ Sabe! O João sabe tudo o que eu sei. Nem eu me casaria sem lhe contar a minha vida anterior.] Sabe, o João sabe tudo. Nem eu casaria sem isso. [1903]

⁷⁰⁸ de passagem pela vila, uma das soberanas do constitucionalismo] de passagem pela villa.

viscondessa escolhesse para o rodear na morte que se anunciava banal de sofrimento atroz, todo o brincado fútil desse estilo, a dissimetria na aparência tão simétrica, a sobreposição de ornatos heterogêneos no detalhe e tão harmônicos e belos no conjunto, cópia fiel de uma época e uma sociedade assombrosamente grande pelo luxo, e pelo espírito, vista a distância, e tão pequena, tão mesquinha de preocupações e sombria de crimes, tão estranhamente formada de caracteres frisando entre si o mais absurdo contraste.

Era exactamente nessa moldura de luxo e requintada elegância, entre raridades que têm o seu quê de libertino pela sensualidade das suas linhas, como pelas histórias galantes que sugerem, que morreria o belo homem que fora o visconde, egoísta e ambicioso⁷⁰⁹, tudo e todos sacrificando ao capricho de um momento; símbolo de uma outra sociedade, menos bela e mais banal por certo, mas como a outra eivada de erros, preconceitos e crimes, como a outra vivendo atordoada pelas próprias gargalhadas e festas, sem atender à multidão que rola na som rola como vasa de esgoto, torva de dor e de miséria, a clamar vingança.

Longe estava a viscondessa de tais pensamentos ao escolher esses quartos só porque eram na extremidade da casa, afastados dos aposentos de D. Genoveva, que assim ficaria perfeitamente livre de saber o drama que tragicamente se epilogava ali.

Uma certa repugnância a conservava afastada do marido, que os criados deitavam e faziam gemer doloridamente a cada abalo, apesar de todas as precauções.

Bernardo, o mais antigo serviçal da casa, soluçava sustentando-lhe a cabeça esvaída. Conhecera-o desde criança, tão alegre, tão entusiasta e generoso, e no fim de tantos desgostos dados aos seus, via-o assim voltar feito cadáver, apenas vivo para sofrer! Na angústia dos olhos saídos das órbitas, espantados e envidraçados pela dor, fitos com dureza nos que o rodeavam, podia ler-se, com horror, toda a imensa saudade da vida que nunca lhe fora amarga.

Na aparência serena e digna, a viscondessa sentia no travor da boca o horror do momento que via aproximado e que sinceramente nunca lhe desejara.

Com a previdência das pessoas habituadas a doenças, nada lhe esqueceu, nenhum detalhe faltou à instalação rapidamente feita: a lamparina para a noite, o fogão aceso para tornar habitável essas casas longo tempo abandonadas; até não esquecer mandar chamar o velho abade e o Dr. Ramalho, como amigos fiéis, sempre prontos a

⁷⁰⁹ egoísta e ambicioso] fazendo da vida apenas um jogo, egoísta e ambicioso [1903]

acompanhá-la na tristeza como na alegria. E tudo ordenara com rapidez, sem precipitação e sem barulho, como era próprio do seu carácter, da sua educação⁷¹⁰.

Pedro de Avelar, depois de ter visto a filha atravessar ligeiramente o pátio, dirigiu-se ao quarto do doente e ali se instalou, pedindo à viscondessa que se retirasse.

Doía-lhe o aspecto daquela mágoa, que inutilmente viera acrescentar à soma não pequena das que a vida dera já a essa mulher, que tinha como toda a gente direito a ser feliz e que da sua superioridade apenas conseguira tirar motivos para agudo padecer.

Se o egoísmo falava e o absolvía da crueldade, mostrando-lhe que só assim poderia ter encontrado a filha, a mesma felicidade que desse encontro lhe advinha e que lhe fazia mergulhar o espírito num calentoso banho de ternura, adoçava-lhe o coração e fazia-o sofrer do sofrer alheio, o que noutra qualquer momento da vida lhe não aconteceria.

O seu temperamento amolgado pelas necessidades da vida fizera-o um céptico. Muito novo ainda, tivera que defrontar-se com as misérias e mentiras sociais, numa luta de interesses e ambições em que todos os desejos de justiça e lealdade lhe foram fenecendo, tornados ridículos como utopias de poeta, que é o mais sangrento e ofensivo epíteto que descobriu a soberana mediocridade para lançar em rosto a um homem inteligente que deseja acompanhar o trabalho com a iniciativa própria.

Torcendo-se sobre si mesmo como planta trepadeira que não encontra apoio, procurara no egoísmo e na sátira, no orgulho e no desprezo pelos outros, visar⁷¹¹ todo o rancor e nojo que lhe inspirava essa sociedade triunfante pela hipocrisia, pela banalidade, pela ausência de ideal e pelo roubo legalmente feito.

Encontrando a filha encontrara mais do que um afecto, encontrara a própria consciência obliterada por tantos anos vividos num meio que se habituara a julgar com desprezo longe da pátria e da família, trabalhando pelo prazer de ter dinheiro para gastar, aspirando pela fortuna para o gozo material e egoístico.

Pensando, revivia todo o passado aventuroso cortado de dissabores e lutas que para outros teriam sido a morte e que para ele não tinham passado de meros acidentes e episódios de uma história que lhe era quase indiferente recordar.

Na meia-luz em que estava o quarto e no relativo sossego em que o doente caíra, cansado pela viagem, todo esse passado revivia, toda a inutilidade da sua existência

⁷¹⁰ como era próprio do seu carácter, da sua educação] como ella sabia fazer as coisas [1903]

⁷¹¹ visar] vasar [1903] [*Crê-se que possa ter existido um lapso na edição de 1934, considerando o sentido que se pretende transmitir na frase.*]

avultava como um remorso aos próprios olhos. Fora uma força perdida na natureza, um criminoso moral, porque não utilizara a inteligência e a energia lutando contra o erro, mas sujeitando-se a ele, transigindo, embora lhe negasse a superioridade, e com o riso causticante lhe quisesse fugir à cumplicidade.

Preocupava-o o julgamento do genro, aterrorizava-o quase o desprezo do velho inglês. O que tinha então diferente dentro de si⁷¹², que voz era que lhe falava de tão diferente maneira?

Tão absorvido estava que não reparou que os criados tinham sido substituídos pelo velho abade e que o médico observava o doente, que de quando em quando gemia, desesperado, não reconhecendo ninguém, falando indistintamente nos amigos de Paris.

Só quando Bela o veio buscar para a sala, onde João e a viscondessa os esperavam, é que voltou a si de um sonhar que lhe cavara rugas na fronte.

— Então? — perguntou um tanto contrafeito pela dúvida.

— Vamos, o João quer ver-te.

— O que diz ele?!...⁷¹³

Pegando-lhe na mão, levou-o sem responder.

João caminhou para ele, mal a mulher franziu o reposteiro e se afastou para o deixar passar. Maria Helena levantou-se.

— Papá — disse Bela com vivacidade —, este é que é o João, que te ama tanto como eu!...⁷¹⁴ Abraça-o.

— Se me dá licença, com que prazer o farei, João!

Foi com verdadeira ternura que os dois se abraçaram, como se o amor de Isabela os tivesse ligado pelos mesmos laços afectuosos.

É que João tinha realizado⁷¹⁵ o ideal do casamento, que precisa, para dar a felicidade ansiosamente procurada pelo homem e pela mulher que o acaso de uma simpatia física ou de um cálculo grosseiro passageiramente ligou, que os dois se completem sem se absorverem, que as almas se transmitam mutuamente o seu sentir e o seu querer, sem que o espírito e a iniciativa própria sejam absorvidas, para que o fraco se não torne o mártir da vontade do mais forte.

Pouco depois, na sala de jantar de uso íntimo onde a viscondessa mandara servir, já senhora de si, naquele bem-estar e quase alegria que se apodera logicamente dos que,

⁷¹² O que tinha então diferente dentro de si] O que tinha elle então [1903]

⁷¹³ O que diz ele?!...] O que diz? [1903]

⁷¹⁴ !...], [1903]

⁷¹⁵ realizado] realisado com ella [1903]

cansados de ver sofrer, saem por momentos de junto dos doentes, conversava, contava coisas, procurava mesmo mostrar a sua graça um pouco mordente.

— Ganhei muito dinheiro no Brasil — dizia — mas enquanto a fortuna me enchia os cofres de dinheiro suado por milhares de desgraçados, que existem para o único prazer dos felizes, eu não filosofava sobre estas pequenas bagatelas sociais, claro! Sonhava, como todo o brasileiro que se presa de civilizado, em voltar à Europa, em habitar Paris. Paris, minha Belazinha — dizia descascando com subtil delicadeza uma laranja doirada, que lhe pôs galantemente no prato —, é a segunda pátria de todo o brasileiro que se honra. Portugal é a terra de galegos, embora seja o dos nossos pais, embora seja a mais bela, embora seja o país que mais nos ama como irmãos, embora o Brasil seja ainda para o português a velha terra amada, refúgio de Portugal, onde se vive e fica como se nossa fosse, não a defraudando como colonizadores vulgares que, fortunas feitas, ala para suas casas! com a riqueza das terras que lhes deram asilo...

— Ó papá, mas tu devias escrever isso, que é realmente justo, talvez se pudesse fazer alguma coisa... — respondeu Bela sempre sincera, sempre misturando o idealismo com a prática.

— Escrever para quê?! Cuidas que se convencem povos com livros?... Demais, que autoridade têm os portugueses para protestar contra a franco-mania brasileira, se é mal que de cá lhes foi no sangue?!...

— Pois sim, mas deve-se mostrar o mau caminho para que se emendem, cá e lá... Amar a França, compreende-se⁷¹⁶, mas pô-la acima de nós mesmos não deve ser, até por decoro próprio.

— Pois sim, filha, mas vai-lho⁷¹⁷ lá dizer! Ninguém te lerá, minha encantadora ingénua! Manda-lhes romances franceses, fala-lhes de Paris, diz-lhes coisas em nome do *cérebro do mundo civilizado*, como ridiculamente alcunharam aquela deslumbrante cidade, que mais não tem que fazer senão pensar a sério em alguma coisa!... Fala-lhes dessa Paris⁷¹⁸ que se diverte e que todos por lá adoramos, e que não é a verdadeira Paris, não é a que trabalha e pensa, não é a capital da França intelectual e superior, mas a Paris galante que se prostitui como mulher fácil, a Paris que nos dá nos seus livros o requinte da desmoralização elegante, a Paris enfim que adoram os estrangeiros, como eu, que lá

⁷¹⁶ compreende-se] comprehende-se, porque tem virtudes e superioridades para isso, [1903]

⁷¹⁷ vai-lho] vae-lhes [1903]

⁷¹⁸ [Em ambas as edições, nesta ocorrência e nas seguintes deste parágrafo, Paris é referida no masculino, tendo-se alterado para feminino: «dessa Paris», «não é a verdadeira Paris», etc. Por outro lado, no parágrafo seguinte, em ambas as edições consta «essa Paris» no feminino.]

vivi anos inconfessáveis de prazer ilegal...

— E durante esses anos era uma vez uma filha, não pensaste mais em mim!... Que terrível corruptora é na verdade essa Paris!...

— Não te rias, querida! Eu pensava em ti, pensava até muito... Confesso que não era sempre, vá lá... mas julguei-te por muito tempo em Inglaterra, feita uma boa e forte *miss* tratada a bifés em sangue, serena, alegre sem entusiasmo, flirtando como quem desempenha um sacerdócio; tal qual como as inúmeras *misses* que na minha vida tenho encontrado pelo mundo, jogando o *tennis* ou subindo montanhas, dançando ou lendo ingénuas novelas, montando a cavalo ou trabalhando, com o mesmo chapelinho *canotier* ou boina de exploradoras, o mesmo cinto, os mesmos *yesses*. Confesso-te que pensando em ti talqualmente, um certo frio de *douche* aplacava os meus entusiasmos paternais.

— Repara que me insultas, papá, nos meus foros de inglesa, que exactamente tem usado todos esses horrores — repreendeu fingindo-se indignada.

João ria francamente da descrição caricatural, e a própria viscondessa franzira os lábios num meio sorriso.

Vendo-se aplaudido, Pedro de Avelar excedia-se a si mesmo em graça esfusante, tendo, como muita gente de espírito, a inferioridade de o querer ter sempre, fazendo disso a sua obrigação social.

— Ora tu não passas de uma inglesa falsificada. Soubeste tirar da tua ascendência britânica todas as vantagens e desprezaste os ridículos...

— Obrigada pelo cumprimento, papázinho!

— Não tinha reparado que o era, e não quero que por isso te enchas de vaidade, aliás teria que me haver com a indignação de teu marido...

— Oh! ela é incapaz de ter mais... — troçou João.

— Então não me desacredita este homem!... deixa estar que te hei-de castigar!

— Vê lá! não sejas rigorosa, que vais contrariar as tuas teorias...

— Ó Maria Helena, tu não me defendes deste bloqueio de ironias?

— O melhor é bater em retirada perante a força numérica.

— É prudente o conselho! Continua então a tua história, papá, julgando-me *inglesa vulgaris de Lynneu*; não me procuraste mais...

— Enganas-te. Um dia, resolutamente, embarquei para Inglaterra a procurar o tio Burns, que é como quem diz procurar-te a ti, salvo as diferenças. E o que imaginas tu que me disseram por lá os importantes *gentlemen* inquiridos, estendendo os beiços em

prolongados oh, oh!?, «que o tio viajava contigo por países exóticos e constava até residir agora na África». À volta de tão desconsoladora viagem julguei-te perdida para sempre, porque vá la um homem imaginar em que parte do mundo, em que país de bárbaros vive um inglês que procura comoções que lhe afugentem o *spleen*, e regiões inéditas para uma jovem *miss* que conhece o globo como qualquer conhece a sua terra? Foi então que encontrei em Paris o visconde. Não me conheceu sob a encadernação nova de *brasileiro* a valer, e acreditou nas minhas antigas e frequentes viagens a Portugal onde conhecia tudo. Mas como fugia de falar na pátria, pôde apenas apurar que era este o país exótico onde o tio Burns te tinha vindo esconder.

— Pobre tio William, ele que nunca teve desejo de me contrariar em coisa alguma!... És injusto para o santo homem⁷¹⁹, tão bom, tão honrado!

— Injusto?! Não sou, tenho por ele a maior consideração. E, no entanto, foi a sua feroz honradez que me precipitou no abismo em que te perdi, Bela — respondeu com amargura.

— Ele que te perdeu!? Não creio, é incapaz de fazer mal a ninguém.

— Se me tivesse respondido com o auxílio a uma carta suplicante que lhe escrevi antes de irremediavelmente perdido, tinha-me salvo. Tenho um medo atroz aos homens ricos e intransigentemente honrados porque não compreendem as necessidades alheias e chegam a ser cruéis, como ele foi.

— Quem sabe se não acreditou na extremidade em que lhe escreveste, papá?! Não o julgues pelas aparências...

— Enfim, aconteceu o que tinha de acontecer e não lhe quero mal, basta ter feito de ti o que és.

— Talvez nem recebesse a tua carta.

— Está bem! Não faltemos mais nisso. Precisamos falar do presente, deixemos o passado ao passado — e continuou no tom ligeiro do costume. — Quando soube pelo visconde que tu vivias em Portugal, pensei em voltar a Lisboa, fazer barulho de honradez, pagar as dívidas e reabilitar-me legalmente. Isto para te poder reaver e contar com o teu afecto, que a reabilitação aos olhos da sociedade é-me completamente indiferente. As dívidas que me pesavam na consciência eram as que tinha a boa gente honesta que me entregara o seu dinheiro confiando-me a sua fortuna por confiarem em mim. A esses, que não eram muitos, nem dos mais altamente colocados, já mandei

⁷¹⁹ o santo homem] elle, papá, [1903]

entregar os seus créditos acrescentados com os juros. Os outros que me entregaram os seus capitais na crença de que a minha habilidade lhes traria lucros fabulosos não me preocupam. Foi a sua cumplicidade que me atirou para essa vida de desperdícios e loucuras em que tudo é justo se trazer dinheiro; foi a sua ambição que tentou a minha e foram eles os que depois de me verem atrapalhado me saltaram em cima para que me afogasse mais depressa. Foram os que, maledicentes e vis, publicaram a minha infâmia, não vendo que publicavam a própria, porque homens como eu só podem existir quando existem criaturas como eles. Por isso não me preocupei nunca com tais credores, nem sinto remorso absolutamente nenhum pelas suas perdas... No entanto, far-se-á o que teu tio exigir para que eu possa viver junto de vós.

Um silêncio pesado, apenas interrompido pelo serviço leve do criado que trazia o café e os licores, sucedeu a esta conversa.

Bruscamente a porta abriu-se e Rosalina, a criada de confiança da viscondessa, entrou, pálida e assustada, dizendo que o visconde morrera.

«Com certeza tinha morrido — explicava atabalhoadamente — porque se levantara da cama, atirara fora as travesseiras e pusera-se em pé no meio do quarto. Depois, sozinho, afastando os que o queriam ajudar, fora meter-se na cama e deitara-se de costas, muito direito, como até aí não poderá ainda fazer. Parecia já morto...»

Levantaram-se e correram ao quarto, mas tudo tinha já voltado ao relativo sossego de uma câmara de moribundo, onde, se pode dizer, os minutos estão contados pelos gemidos.

A noite passou, e com ela os dias, porque a doença caminhava lentamente, o estômago desfazia-se em veneno, naquele vômito negro e sanguíneo que momentaneamente alivia os padecentes; mas não tinha chegado ainda o fim.

O Dr. Ramalho⁷²⁰ provocava-lhe esse alívio momentâneo lavando-lhe o estômago com infinita delicadeza, na sua grande piedade pela dor. Sofreu⁷²¹ da impotência a ciência perante certos males que torturam a humanidade, levando-a fatalmente à morte, e contra os quais esbarram — e sabe Deus se deixarão algum dia de esbarrar —, todo o saber e boa vontade do médico.

Bela e João tinham falado ao tio em Pedro de Avelar, e, apesar de todo o seu passado de impoluta honradez, do seu puritanismo quase cruel, tanta era a confiança no julgamento dos dois, que o velho inglês delegou nas suas mãos a solução do caso.

⁷²⁰ Dr. Ramalho] Ramalho [1903]

⁷²¹ Sofreu] soffrendo [1903]

Quem sabe quantas vezes não teria o honrado velho lamentado o rigorismo que julga os outros pelo próprio carácter e não admite as atenuantes das circunstâncias, da educação, da hereditariedade, e as próprias diferenças etnográficas do meio em que nasceu e viveu o delinquente? Psicólogo profundo, habituara-se a desculpar o pai observando em Bela, melhorados⁷²² pela educação e pela alta concepção do bem que herdara da mãe, os mesmos caracteres diferenciais que os tinham afastado primeiro e depois feito desprezar o sobrinho.

O que num indivíduo lhe parecera defeitos imperdoáveis poderá vê-los reviver no outro tornados virtudes e na maior honra e orgulho do educador⁷²³.

Bela, feita árbitra da questão, que mais de perto a tocava, foi de opinião que o pai se não reabilitasse. «Para quê — dizia ela — se não é o respeito pessoal pela sociedade que o leva a isso e tão somente o egoísmo? Para quê entregar esse dinheiro, ganho por um trabalho que nada lhes devia, e que iria ser esbanjado, como dinheiro de jogo, inútil ou criminosamente?!»

Respondendo à viscondessa, que se inclinava pela reabilitação, Bela opinava ainda:

— É um preconceito, Maria Helena, e é preciso revoltarmo-nos contra eles. Não sou eu hoje exactamente o que seria amanhã se meu pai fosse proclamado a mais ilibada das criaturas? O facto deu-se e a nossos olhos, de todos os que tenham consciência, tem a sua desculpa lógica. O que poderá ganhar a humanidade com o dinheiro entregue a quem dele só tirará motivo de inútil gozo, em existências perfeitamente parasitárias, aos cúmplices de todo o mal que o vitimou?...

— E aos que mais severamente me julgaram e abocanharam o meu nome, diz... — respondeu o pai.

— E o que vale a honra que se compra a dinheiro, querida?

— A Bela tem razão, prima — terminou João. — É preciso que se faça desse sentimento que nobilita o homem uma ideia mais alta. E é para uma nova maneira, mais humana, mais justa, e menos monetária, de a compreender, que é preciso dirigir a humanidade.

— A fortuna que o papá arranjou e com a qual poderia comprar a imaculada honradez, sujeitando-se a uma romântica reabilitação, melhor poderia ser utilizada na obra de regeneração que nós intentamos.

⁷²² melhorados] melhorados, é certo [1903]

⁷²³ virtudes e na maior honra e orgulho do educador] virtudes [1903]

— Ah! Já sei, vocês querem fazer de mim uma edição barata do *Trabalho*?⁷²⁴

— Não te rias, papá; então não te interessas pela obra que visitaste com tanto gosto, dando conselhos e propondo modificações tão justas, e para a qual ofereceste já todo o teu apoio?!...

— Não te zangues, Belazinha, é que ainda me não me habituei a ser um homem sério, um *representativo* útil à humanidade...

— Tu dizes isso, mas eu bem sei que és bom, muito bom mesmo, e que a tua alma habituada ao riso escarninho também conhece as lágrimas... Não é verdade que hoje choravas com o nosso Pedrito ao colo quando ele disse — pela primeira vez para ti: *abô*?!... — E apertou-lhe a cabeça entre as mãos dando-lhe um beijo na testa, enquanto ele sorrindo de satisfação íntima respondia:

— Não me desacredites fazendo-me passar por sentimental choramingas.

— Não! Só quero⁷²⁵ é que sejas sincero e que não queiras passar por pior do que és. Sofres do vício da sociedade que se compõe de tantos Tartufos do bem como do mal... O teu luxo de espírito é mostrar-te pior do que és, confessa!

— Tens razão. À força de viver convosco hei-de modificar-me e tenho esperança de que terei ainda no futuro a mesma crença que os anima, de que a humanidade é boa e de que é possível agrupar-se em sociedade, dando a todos igual quinhão de alegria e bem-estar, tendo a mentira como um crime e desprezando a hipocrisia por inútil... O vosso amor me fará um crente, fazendo-me participante duma felicidade que nunca tive.

Nessa noite o visconde piorou. Já pouco falava; era com os olhos e levantando um dedo de cima das almofadas a que se agarrava com o desespero de náufrago que se sente submergir, que manifestava o desejo de qualquer coisa.

Indiferente, desde o princípio, a tudo que o rodeava, parecia não ter reconhecido a viscondessa ou se a reconheceu o seu espírito já andava muito longe para poder ligar factos que a doença lhe tinha feito recuar até às brumas do passado esquecido.

O que nele vivia ainda era a matéria que se decompunha, a matéria triturada pela dor e para o gozo da qual tinha vivido a existência inteira.

Na alcova, João e o Dr. Ramalho⁷²⁶ procuravam sossegá-lo; junto da chaminé conversavam em voz sumida Pedro de Avelar e o abade; ao pé da mesa onde tinham colocado a lamparina, Isabela e a viscondessa trocavam a meia voz algumas palavras.

⁷²⁴ do *Trabalho*?] do *Lucas*, do *Trabalho*? [1903]

⁷²⁵ Não! Só quero] Não, só o que quero [1903]

⁷²⁶ Dr. Ramalho] Ramalho [1903]

De quando em quando, o doente, que já não tolerava a posição horizontal, passava pelo sono com a fronte apoiada à rima de travesseiras que lhe aguentavam o corpo: então calavam-se todos, obedecendo ao gesto de Bernardo, que, fielmente, como animal inferior que não julga o dono, se conservava aos pés da cama atento ao menor gesto, ao mais leve volver de olhos angustiados.

Contrastando⁷²⁷ com esse silêncio como uma gargalhada num enterro, vinha duma sala próxima o retinir alegre do relógio doirado em que um velho *Tempo* marcava horas e quartos, batendo com um martelinho de oiro no timbre de prata, e mais triste se fazia esse velar sem esperança à cabeceira de um moribundo, sofrer⁷²⁸ na impotência de lhe dar alívio, a não ser na morte, no irremediável da morte, contraste da vida e sua lógica sucessão e ao qual o espírito orgulhoso do homem procurou sempre fugir, senão materialmente porque a matéria não admite ilusões, ao menos pela revolta do espírito criando a imortalidade⁷²⁹.

Uma dor mais intolerável acordava o visconde dessa rápida sonolência, e com o sofrimento voltava um pouco de vida ao quarto em sombra.

— Como ele sofre! — murmurou a viscondessa.

— Ainda o amas?

— Não, creio bem que não, mas tenho dó dele, não o queria ver sofrer assim, é horrível!

— Vem daí. O que ganhas em estar sob a pressão desta longa tortura?

— Não!⁷³⁰ Parece-me que estando eu aqui não morrerá tão depressa...

— Que tolice! Para que queres que viva⁷³¹?

— Sei lá!... É uma loucura, mas ainda penso que há esperança...

— Ora, Maria Helena, isso não é teu. Não sabes o que é um cancro, não sabes que o que ali está já pouco é mais do que podridão de cadáver?...

— Sim, sei isso tudo, mas não posso ter essa visão clara e sem ilusões nem esperanças, que tu tens...

Passados instantes, tornou a viscondessa:

— O que me esperará ainda depois disto, Bela?! Minha mãe estava hoje tão nervosa, parece que dalguma coisa suspeita.

⁷²⁷ Contrastando] Por vezes, contrastando [1903]

⁷²⁸ sofrer] que se vê sofrer [1903]

⁷²⁹ criando a imortalidade] criando a imortalidade para elle [1903]

⁷³⁰ !], [1903]

⁷³¹ que viva] que elle viva [1903]

— Isso sim, naturalmente é a estranheza que lhe causa o movimento desusado cá por baixo, talvez um pouco de sobressalto pelas tuas frequentes ausências.

— Custa-me tanto representar serenidade quando estou com ela! Ontem perguntou-me se estava alguém de fora cá em casa.

— E tu?

— Disse-lhe que não estava ninguém, e não foi mentira, não é verdade?

— Mentira... não foi. — E pensou consigo: «para ti, ele não deve ser *ninguém* e a mágoa que imaginas sentir não é a da alma ferida no seu amor, é a piedade natural por tudo quanto é sofrer...»

Uma dor mais violenta fez o moribundo levantar-se numa crispção de todos os membros e os seus olhos fixaram-se no *fauteuil* onde já tinha passado alguns momentos, quando a cama se lhe tornava intolerável potro de tortura.

O Dr. Ramalho e João levantaram-no em peso e ajudados por Bernardo assentaram-no na cadeira.

O corpo que a doença devastara e reduzira a um pobre esqueleto contorcido, procurou na mais absurda posição o descanso a que aspirava; a cabeça descaiu-lhe para trás indo encontrar apoio sobre uma cómoda *Boule* em que o Bernardo se apressara a colocar uma almofada, o tronco torcia-se e as pernas ficavam direitas, cobertas de edredons e mantas.

Então começou o estertor, um rouquejar ansiante que já não era de vida, a boca aberta, os olhos fixos, os dedos enclavinando-se em movimentos nervosos e inconscientes, o rosto macerado onde os beiços se arroxavam, de um amarelo de palha tão acentuado, que mais parecia máscara de morto modelada em cera velha. Naquela hora pacificada já pela inconsciência da morte, as linhas do seu perfil alongavam-se doloridamente, tornando-o a reprodução fiel do quadro que na sala apresentava a última agonia de um santo.

Ao primeiro grito de Bernardo todos se tinham levantado e acercado do grupo.

— É escusado fazer-lhe nada — disse o médico a meia voz —, já não ouve nem vê.

— Apertou-me agora a mão — respondeu o criado soluçante.

— São contracções musculares independentes da vontade. Felizmente já não sofre.

O estertor prolongou-se até á madrugada, depois fechou os olhos e caiu em modorra só cortada pelo arfar espacejado. Apesar da certeza de que não via nem ouvia andava-se devagar no quarto, falava-se a meia voz como se o ruído da vida ainda pudesse incomodar aquele quase cadáver, tornado motivo de curiosa piedade para todos.

Maria Helena pensava em toda a sua vida sacrificada por ele, na sua própria mocidade agonizante⁷³², na pavorosa luta do coração que aspira pela vida, fechado num corpo que se vê envelhecer... Para ela também já não havia mais nada, dizia-lhe a razão; mas qualquer coisa muito adentro da sua alma se revoltava e lhe fazia antever a esperança de que a vida lhe daria ainda a porção de alegrias a que tinha direito, e das quais, avaramente, lhe regateara pequenas migalhas...

Quando o sol entrava já pela janela mal fechada, pondo raios de oiro em todas as frinchas por onde se escapava, João abriu as portas e o quarto inundou-se de luz, uma alegria radiosa de manhã⁷³³ fazendo da mais leve poeira um luminoso cântico à vida.

E foi na glória de um sol triunfante, criador, purificador e bom, que a vida deixou de alimentar esse corpo de homem que tantos ódios e paixões levantara, que tantas ambições servira e que apenas deixava aos corações que o rodeavam, mais ou menos feridos pelo seu egoísmo, a vulgar piedade que se tem por todo o sofrimento físico dos vencidos⁷³⁴.

⁷³² agonizante] agonizante, como elle [1903]

⁷³³ manhã] manhã de inverno [1903]

⁷³⁴ sofrimento físico dos vencidos] soffrimento physico [1903]